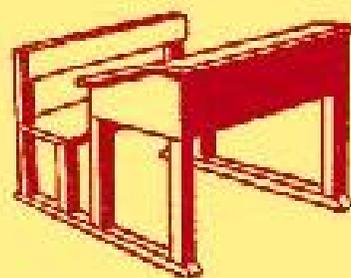




coração

EDMONDO DE AMICIS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

EDMONDO DE AMICIS

coração

Um livro para jovens

tradução NILSON MOULIN

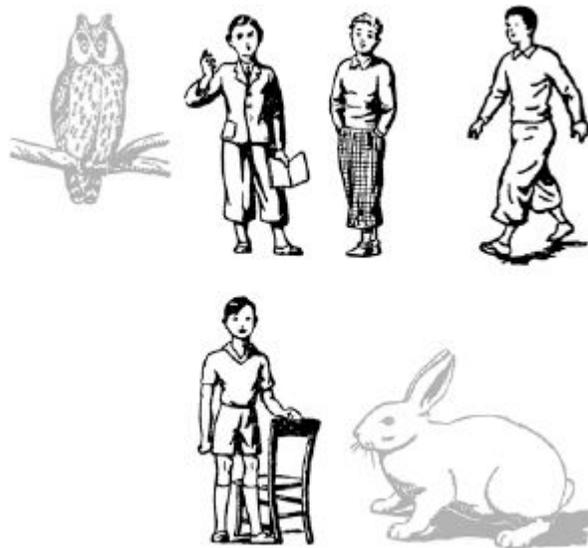
posfácio ANTONIO FAETI

ilustrações SERROTE

COSACNAIFY

Este livro é dedicado em especial aos jovens do primeiro grau, aqueles entre nove e treze anos, e poderia ser intitulado: *História de um ano escolar, escrita por um aluno da terceira série* ^{1} *de uma escola municipal da Itália.* E, ao dizer que foi escrita por um aluno da terceira série, não quer dizer que tenha sido escrita propriamente por ele, tal como está impressa. Ele ia anotando num caderno, do jeito que sabia, aquilo que havia visto, sentido, pensado, dentro e fora da escola. E, no fim do ano, seu pai corrigiu aquelas anotações, cuidando para não alterar as ideias, e conservar, tanto quanto possível, as palavras do filho. Então, quatro anos depois, já no Ensino Médio, o menino releu o caderno e acrescentou alguma coisa pessoal, valendo-se da lembrança ainda fresca das pessoas e das coisas. Agora, jovens, leiam este livro: espero que gostem dele e que lhes faça bem.

OUTUBRO



O primeiro dia de aula

17, segunda-feira

Hoje é o primeiro de aula.^{2} Passaram como um sonho aqueles três meses de férias no interior! Minha mãe me trouxe de manhã à Escola Baretti para me matricular na terceira série: eu pensava no campo e vim de má vontade. Todas as ruas formigavam de garotos e garotas; as duas livrarias estavam cheias de pais e mães que compravam mochilas, pastas e cadernos e, diante da escola, tinha tanta gente amontoada que o bedel e a guarda municipal se esforçavam para manter a porta livre. Perto da porta, senti um toque no ombro: era meu professor do ano passado, sempre alegre, com seus cabelos ruivos espetados, que me disse: “E aí, Enrico, estamos separados para sempre?”. Eu sabia que sim, mas aquelas palavras me deram pena. Foi difícil entrar. Senhoras, senhores, mulheres do povo, operários, oficiais, avós, empregadas, todos segurando garotos numa das mãos e as cadernetas escolares na outra, atravancavam o salão de entrada e as escadarias, fazendo um barulho parecido com o do saguão de um teatro. Revi com prazer aquele grande vestíbulo no térreo, com as portas das sete salas, onde passei quase todos os dias durante três anos. Havia uma multidão, as professoras iam e vinham. Minha professora da primeira série me cumprimentou da porta e disse: “Enrico, este ano você vai pro andar de cima; não vou ver você nem passar por aqui!”, e me olhou com tristeza. Em volta do diretor estavam mulheres muito ansiosas porque não havia mais vagas para seus filhos, e tive a impressão de que ele estava com a barba mais branca do que no ano passado. Encontrei colegas crescidos, mais gordos. No térreo, onde já tinham feito a distribuição das turmas, havia meninos das primeiras séries que não queriam entrar nas salas e brigavam feito cavalos. Era preciso empurrá-los para dentro à força; e alguns fugiam das carteiras. Outros, quando viam os parentes indo embora, começavam a chorar, e eles deviam

voltar para consolá-los ou levá-los para casa, e as professoras se desesperavam. Meu irmão pequeno foi colocado na turma da professora Delcati e eu, na do professor Perboni, no primeiro andar. Às dez horas, estávamos todos na sala: cinquenta e quatro, só quinze ou dezesseis de meus companheiros do quarto ano, entre eles Derossi, aquele que tira sempre o primeiro lugar. Me pareceu tão pequena e triste a escola, ao pensar nos bosques, nas montanhas onde passei o verão! Lembrava também do meu professor do ano passado, tão bom, que ria sempre conosco e tão pequeno que parecia um colega, e me doía não o ver mais por ali, com seus cabelos ruivos espetados. Nosso professor é alto, sem barba, com cabelos grisalhos e compridos, e tem uma ruga reta na testa; tem um vozeirão e nos olha fixamente, um depois do outro, querendo ler dentro de nós, e nunca sorri. Eu dizia para mim mesmo: “Eis o primeiro dia. Nove meses mais. Quanto trabalho, quantas provas mensais, quanta canseira!”. Precisava mesmo encontrar minha mãe na saída e corri para beijar as mãos dela. Ela me disse: “Coragem, Enrico! Vamos estudar juntos”. E voltei para casa contente. Porém, não tenho mais meu professor, com aquele sorriso bom e alegre, e a escola não me parece bonita como antes.

O nosso professor

18, terça-feira

Até de meu novo professor passei a gostar, depois desta manhã. Durante a entrada, quando ele já estava sentado em seu lugar, apareciam de vez em quando na porta da sala alguns alunos do ano passado para cumprimentá-lo; quando passavam punham a cara, e diziam: “Bom dia, senhor professor”. “Bom dia, senhor Perboni.” Alguns entravam, roçavam sua mão e saíam correndo. Via-se que gostavam dele e teriam preferido seguir com ele. Perboni respondia: “Bom dia”. Apertava as mãos que lhe estendiam, mas não olhava nenhum; permanecia sério a cada saudação, com sua ruga reta na testa, virado para a janela, e olhava para o telhado da casa em frente; e, em vez de alegrar-se com aqueles cumprimentos, parecia sofrer. Em seguida nos olhava, um depois do outro, atento. Enquanto ditava, desceu para passear no meio dos bancos e, ao ver um rapaz que tinha o rosto todo vermelho de bolinhas, parou de ditar, segurou o rosto dele entre as mãos e o observou. Depois, perguntou o que tinha e pôs uma das mãos na testa dele para ver se estava quente. Naquele instante, um jovem atrás dele levantou-se e começou a imitar o professor. Perboni se virou de repente; o rapaz riu e ficou ali, de cabeça baixa, esperando o castigo. O mestre pousou a mão na cabeça dele e disse: “Não faça mais isso”. E nada mais. Voltou para a mesa e terminou o ditado. Quando acabou de ditar, olhou-nos por um momento em silêncio. Depois disse, devagarzinho, com sua voz grossa, mas gentil: “Escutem. Temos de passar um ano juntos. Vamos tentar fazer isso numa boa. Estudem e se comportem. Não tenho família: minha família são vocês. No ano passado, ainda tinha minha mãe: ela morreu. Fiquei sozinho. Só tenho vocês no mundo, não tenho outro afeto, nenhuma preocupação exceto vocês. Vocês têm de ser meus filhos. Gosto de vocês, e vocês precisam gostar de mim. Não queria punir ninguém. Demonstrem ser

garotos de bom coração: nossa escola será uma família e vocês serão meu consolo e orgulho. Não lhes peço uma promessa vazia: tenho certeza de que, no fundo do coração, já me disseram que sim. E agradeço a todos”. Naquele momento entrou o bedel para dar o fim. Saímos todos caladinhos das carteiras. O jovem que tinha se levantado chegou perto do professor e disse com voz trêmula: “Senhor professor, me perdoe”. O professor deu um beijo na testa dele e disse apenas: “Vai, meu filho”.

Uma desgraça

21, sexta-feira

O ano começou com uma desgraça. Indo para a escola, hoje de manhã, eu repetia para meu pai as palavras do professor, quando vimos a rua cheia de gente se espremendo na porta da escola. Meu pai logo exclamou: “Uma desgraça! O ano começa mal!”. Entramos com dificuldade. O salão grande estava apinhado de pais e de jovens, que os professores não conseguiam puxar para as salas, e todos estavam virados para o gabinete do diretor, e ouvia-se dizer: “Pobre rapaz! Pobre Robetti!”. Acima das cabeças, no fundo da sala cheia de gente, via-se o capacete de um guarda-civil e a careca do diretor; depois entrou um senhor com uma cartola e todos disseram: “É o médico”. Meu pai perguntou a um professor: “O que aconteceu?”. “Uma roda passou no pé dele”, respondeu. “Arrebentou o pé dele”, disse outro. Era um menino da segunda série que estava indo para a escola pela rua Dora Grossa quando viu um garoto da primeira série, fugindo da mãe, cair no meio da rua, a poucos passos de um ônibus que vinha para cima dele, correu corajosamente e salvou-o puxando pela mão. Mas, não tendo tempo de tirar o pé, a roda do ônibus passou por cima. É filho de um capitão de artilharia. Enquanto nos contavam isso, uma senhora entrou no recinto feita doida, rompendo a multidão: era a mãe de Robetti, que tinham mandado chamar; uma outra senhora correu ao encontro dela e lhe apertou os braços no pescoço, soluçando: era a mãe do menino salvo. Ambas se atiraram na sala e ouviu-se um grito desesperado: “Ó, meu Giulio! Meu filho!”. Naquele momento, parou uma carruagem diante da porta e pouco depois surgiu o diretor com o menino nos braços, que apoiava a cabeça em suas costas, com o rosto branco e olhos fechados. Ficaram todos mudos: ouviam-se os soluços da mãe. O diretor pálido parou um momento e levantou um pouco o rapaz com os dois braços para mostrá-lo a todo mundo. E então,

professores, professoras, pais, jovens, murmuraram juntos: “Bravo, Robetti!”, “Bravo, pobre menino!”, e lhe mandavam beijos. As professoras e os rapazes que estavam em volta dele beijaram-lhe as mãos e a cabeça. Ele abriu os olhos e disse: “Minha pasta!”. A mãe do menino salvo mostrou-a, chorando, e lhe disse: “Eu levo pra você, meu anjo querido, eu levo pra você”. E sustentava a mãe do ferido, que cobria o rosto com as mãos. Saíram, ajeitaram o jovem na carruagem, que saiu em disparada. E aí todos entraram de novo na escola, em silêncio.

O garoto calabrês

22, sábado

Ontem à tarde, enquanto o professor dava notícias do coitado do Robetti, que vai ter de andar com muletas, o diretor entrou com um novo aluno, um jovem de rosto moreno, cabelos pretos, sobrancelhas espessas e próximas; vestindo roupas escuras, usando cinto de couro preto. Depois de falar no ouvido do professor, o diretor foi embora, deixando ao lado dele o garoto, que nos olhava com aqueles grandes olhos negros, parecendo assustado. Aí o professor pegou-o pela mão e disse à turma: “Vocês podem ficar contentes. Hoje, entra nesta escola um italianinho nascido em Reggio di Calabria, a mais de oitocentos quilômetros daqui. Recebam bem este irmão vindo de longe. Ele nasceu numa terra gloriosa, que deu à Itália homens ilustres, e lhe dá trabalhadores fortes e soldados corajosos; ele chega de uma das mais lindas regiões de nossa pátria, onde existem grandes florestas e grandes montanhas, habitadas por um povo cheio de engenho e coragem. Aprendam a gostar dele, de modo que não se sinta longe da cidade onde nasceu; mostrem a ele que um jovem italiano, em qualquer escola italiana onde entre, encontra irmãos”.^{3} Dito isso, levantou-se e apontou na parede, num mapa da Itália, o ponto onde fica Reggio di Calabria. Depois, chamou em voz alta: “Ernesto Derossi!”, aquele que é sempre o primeiro. Derossi se levantou. “Venha até aqui”, disse o professor. Derossi saiu da carteira e ficou ao lado da mesa, de frente para o calabrês. “Como primeiro da escola”, disse-lhe o mestre, “dê um abraço de boas-vindas, em nome da turma, ao novo companheiro; o abraço dos filhos do Piemonte ao filho da Calábria.” Derossi abraçou o calabrês, dizendo com sua voz clara: “Bem-vindo!”, e deu-lhe um beijo na bochecha, com força. Todos aplaudiram. “Silêncio!”, gritou o professor, não se bate palmas na escola! Mas se via que estava contente. E também o calabrês. O professor lhe indicou onde sentar e

o acompanhou até a carteira. E disse ainda: “Lembrem-se bem disso que lhes digo. Para que isso pudesse acontecer, que um jovem calabrês se sentisse em casa aqui em Turim e que um jovem de Turim se sentisse em casa lá em Reggio di Calabria, nosso país lutou durante cinquenta anos e trinta mil italianos morreram. Vocês têm de se respeitar, devem amar uns aos outros; mas, se algum de vocês ofendesse este companheiro por não ter nascido em nossa província, se tornaria indigno de erguer os olhos quando passa uma bandeira tricolor”. Assim que o calabrês se acomodou no lugar, seus vizinhos lhe deram canetas e uma gravura, e um outro jovem, da última fila, mandou-lhe um selo da Suécia.

Meus companheiros

25, terça-feira

O jovem que mandou o selo para o calabrés é de quem eu mais gosto, chama-se Garrone, o mais velho da turma, tem quase quatorze anos, cabeça grande, ombros largos; é bom, se vê quando sorri; mas parece que sempre pensa feito homem. Agora, já conheço vários de meus colegas. Outro de quem gosto é Coretti, que usa uma camiseta de cor chocolate e um boné de pelo de gato: sempre alegre, filho de um vendedor de lenha que foi soldado na guerra de 1866, no pelotão do príncipe Umberto^{4} e dizem que tem três medalhas. Nelli, um pobre corcunda, gracioso e com rosto magro. Tem outro muito bem-vestido, que vive tirando fiapos da roupa e se chama Votini. Na carteira em frente à minha, senta um rapaz a quem chamam de Tijolinho, pois o pai dele é pedreiro; rosto redondo feito maçã, com um nariz em forma de bola; tem uma habilidade especial, sabe imitar focinho de coelho e todos pedem para fazer isso e ficam rindo; usa um chapeuzinho de pano que carrega no bolso como um lenço. Ao lado de Tijolinho senta-se Garoffi, uma criatura longa e magra, com nariz de bico de coruja e olhos miudinhos, sempre mexe com penas de escrever, figurinhas e caixas de fósforos, e escreve a lição nas unhas, para ler escondido. Tem também um senhorzinho, Carlo Nobis, que sempre parece muito soberbo e fica entre dois rapazes com quem simpatizo: o filho de um ferreiro, enfiado numa jaqueta que chega até o joelho, tão pálido que parece doente, ar assustado e nunca sorri; e outro de cabelo ruivo, que tem um braço seco^{5} que carrega amarrado ao pescoço, o pai dele foi para os Estados Unidos e a mãe vende verduras. Também é um tipo curioso meu vizinho da esquerda, Stardi, pequeno e troncado, sem pescoço, um briguento que não fala com ninguém e parece entender pouco, mas fica atento ao professor sem piscar, com testa enrugada e dentes cerrados: se falam com ele enquanto o professor está

dando aula, não responde da primeira e da segunda vez; na terceira, dá um pontapé. E ao lado dele tem um cara de pau, tristonho, chamado Franti, que já foi expulso de outra escola. Temos também dois irmãos, vestidos iguais, que são muito parecidos e ambos usam um chapéu estilo calabrês, com uma pena de faisão. Porém, o mais bonito de todos, o mais inteligente, que será de novo o primeiro este ano, é Derossi; e o professor, que já percebeu isso, sempre faz perguntas para ele. Mas eu gosto de Precossi, o filho do ferreiro, aquele de jaqueta comprida, que parece doente; dizem que apanha do pai; é muito tímido e toda vez que pergunta algo ou encosta em alguém diz: “Me desculpe”, e olha com olhos bondosos e tristes. Mas Garrone é o mais velho e o melhor.

Um episódio de generosidade

26, quarta-feira

E ele se fez conhecer justamente nesta manhã, o Garrone. Quando entrei na escola – meio tarde, porque a professora da primeira superior me parou para perguntar a que horas podia passar lá em casa para nos encontrar –, o professor ainda não tinha chegado, e três ou quatro garotos atormentavam o pobre Crossi, o de cabelo ruivo, que tem um braço seco e cuja mãe vende verduras. Provocavam-no com as réguas, jogavam cascas de castanha na cara dele e o chamavam de aleijado e de monstro, imitando-o, com seu braço pendurado no pescoço. E ele sozinho no fundo da carteira, pálido, ouvia, olhando para um e para outro com olhos suplicantes, para que o deixassem em paz. Porém, os outros debochavam dele cada vez mais, e ele começou a tremer e ficar vermelho de raiva. De repente, Franti, aquele bruto, subiu numa carteira e, fingindo carregar dois cestos nos braços, macaqueou a mãe de Crossi, quando vinha buscar o filho na porta, porque agora está doente. Muitos começaram a rir bem alto. Aí, Crossi perdeu a cabeça, pegou um tinteiro e jogou-o na cabeça dele, mas Franti desviou-se e o tinteiro foi bater no peito do professor que entrava.

Todos voltaram para seus lugares e fizeram silêncio, com medo.

O professor, pálido, subiu no estrado e, com voz perturbada, perguntou:

– Quem foi?

Ninguém respondeu.

O professor gritou de novo, subindo o volume:

– Quem é?

Então Garrone, com pena do pobre Crossi, deu um salto e disse decidido:

– Fui eu.

O professor olhou para ele, observou os alunos admirados, e disse com voz tranquila:

– Não foi você. – E logo depois. – O culpado não será punido. Que se levante!

Crossi levantou-se e disse, chorando:

– Me bateram e me insultaram, perdi a cabeça, joguei...

– Sente-se – disse o professor. – De pé aqueles que o provocaram.

Quatro se levantaram, de cabeça baixa.

– Vocês – disse o professor – insultaram um companheiro que não os provocava, debocharam de um desgraçado, bateram num fraco que não pode se defender. Cometeram uma das ações mais baixas, mais vergonhosas que pode macular uma criatura humana. Velhacos!

Dito isso, desceu entre as carteiras, pôs uma das mãos no queixo de Garrone, que tinha os olhos baixos, fez que os levantasse, fixou os olhos nos dele e disse: “Você é uma alma nobre”.

Garrone aproveitou o momento, murmurou não sei o que no ouvido do professor, e este, virando para os quatro culpados, disse bruscamente: “Perdoe vocês”.

Minha professora da primeira série

27, quinta-feira

Minha professora manteve a promessa, passou lá em casa hoje, no momento em que eu estava para sair com minha mãe, para levar roupa-branca a uma mulher pobre, indicada pela *Gazzetta*. Há um ano ela não aparecia. Todo mundo fez festa. É sempre a mesma, miúda, com um véu verde ao redor do chapéu, bem-vestida e mal penteada, pois não tem tempo de se cuidar, um pouco mais desbotada que no ano passado, com alguns cabelos brancos e a tosse de sempre. Minha mãe lhe disse: “E a saúde, professora? A senhora não se cuida o suficiente!”. “Não importa”, respondeu com seu sorriso alegre e melancólico. “A senhora fala alto demais”, acrescentou minha mãe, “se cansa demais com seus alunos.” É verdade, sempre dá para ouvir a voz dela; me lembro de quando frequentava suas aulas: fala, fala sempre para que os garotos não se distraiam e não senta um instante. Eu tinha certeza de que viria, porque nunca se esquece de seus alunos; guarda os nomes deles durante anos; nos dias de provas mensais, corre para perguntar ao diretor que notas tiraram; espera por eles na saída, e pede que lhe mostrem as redações para ver se progrediram; e muitos vêm ainda encontrá-la no Ensino Médio, já com calças compridas e relógio. Hoje mesmo voltou correndo da Pinacoteca, aonde levava seus alunos, como antigamente, porque os levava todas as quintas ao museu e explicava tudo. {6} Coitada, emagreceu mais ainda. Mas fica sempre animada, se entusiasma quando fala da escola. Quis rever a cama onde me viu muito doente dois anos atrás, e que agora é de meu irmão; olhou-o um pouco e não conseguiu falar. Teve de sair rápido para visitar um garoto de sua turma, filho de um seleiro, com escarlatina; e carregava um pacote de folhas para corrigir, a tarde inteira trabalhando e ainda tinha de dar uma aula particular de aritmética para uma comerciante, antes de anoitecer. “Bem, Enrico”, disse, ao ir

embora, “você continua gostando de sua professora, agora que já resolve problemas difíceis e faz redações longas?” Me beijou e disse lá do fim da escadaria: “Não se esqueça de mim, Enrico!”. “Ó minha boa professora, nunca, nunca vou esquecê-la, mesmo quando eu for grande, vou lembrar sempre da senhora e irei encontrá-la entre seus alunos; e toda vez que passar perto de uma escola e ouvir a voz de uma professora, terei a impressão de ouvir sua voz e voltarei a pensar em sua escola, onde aprendi tantas coisas, onde vi a senhora tantas vezes doente e cansada, sempre compreensiva; desesperada, quando alguém pegava o jeito errado de escrever; trêmula, quando os inspetores nos examinavam; feliz, quando fazíamos boa figura; sempre boa e amorosa feito uma mãe. Nunca, nunca vou me esquecer da senhora, minha professora querida.”

Num sótão

28, sexta-feira

Ontem à noite, com minha mãe e minha irmã Silvia fomos levar roupa-branca para a mulher pobre recomendada pelo jornal: levei o pacote, Silvia tinha o jornal com as iniciais do nome e o endereço. Subimos até o último andar de um prédio baixo, e seguimos por um longo corredor, onde havia muitas portas. Minha mãe bateu na última: apareceu uma mulher ainda jovem, loura e pálida, que logo me pareceu ter visto antes, com o mesmo lenço azul-turquesa que tinha na cabeça. “É a senhora que apareceu no jornal?”, perguntou minha mãe. “Sim, senhora, sou eu.” “Bom, viemos lhe trazer algumas roupas-brancas.” E a mulher agradecia e abençoava, sem parar. No entanto, num canto do quarto vazio e escuro, vi um jovem ajoelhado em frente a uma cadeira, com as costas viradas para nós e que parecia escrever: e escrevia, com o papel em cima da cadeira, com o tinteiro no chão. Como conseguia escrever naquela escuridão? Enquanto dizia isso a mim mesmo, eis que de repente reconheço os cabelos ruivos e a jaqueta de fustão de Crossi, o filho da verdureira, aquele do braço seco. Disse isso baixinho a minha mãe, enquanto a mulher arrumava a roupa. “Calado!”, respondeu minha mãe. “Pode ser que se envergonhe de ver você fazendo caridade para a mãe dele, não o chame.” Mas, naquele momento, Crossi se virou, eu fiquei sem jeito, ele sorriu e aí minha mãe me deu um empurrão para que fosse abraçá-lo. Nós nos abraçamos, ele se levantou e me pegou pela mão. “Aqui estou eu”, dizia naquele instante a mãe, “sozinha com este garoto, o marido nos Estados Unidos há seis anos e eu ainda por cima doente, que nem posso mais andar pelas ruas vendendo verdura para ganhar alguns centavos. Não nos restou nem uma mesinha para meu pobre Luigino fazer os exercícios da escola. Quando eu tinha a bancada na portaria, ao menos podia escrever nela. Agora, me levaram tudo: até a luz para estudar

sem estragar os olhos. E ainda agradeço poder mandá-lo à escola, pois a prefeitura dá os livros e cadernos. Pobre Luigino, que gostaria tanto de estudar! Coitada de mim!” Minha mãe deu tudo o que tinha na bolsa, beijou o garoto e quase chorava, quando saímos. E bem tinha razão em me dizer: “Veja aquele menino como é obrigado a trabalhar, você tem todo o conforto e ainda acha que o estudo é dureza! Ah! Meu Enrico, há mais mérito no trabalho de um dia dele do que no seu de um ano inteiro. A esses deviam dar os primeiros prêmios”.

A escola

28, sexta-feira

Sim, caro Enrico, o estudo é duro para você, conforme disse sua mãe: ainda não o vejo ir para a escola com entusiasmo e com aquele rosto sorridente que eu gostaria. Você continua reagindo. Escute aqui: pense um pouco que coisa miserável, desprezível seria o seu dia se você não fosse para a escola. De mãos cruzadas, depois de uma semana, havia de pedir para voltar, devorado pelo tédio e pela vergonha, enjoado com seus brinquedos e sua existência. Todos, todos estudam agora, Enrico meu. Pense nos operários que vão à escola de noite depois de ter trabalhado o dia inteiro; pense nas mulheres, nas garotas do povo que vão à escola domingo, após trabalhar uma semana inteira; nos soldados que pegam nos livros e cadernos quando voltam exaustos dos treinamentos. Pense nos meninos mudos e cegos que estudam mesmo assim; e até nos prisioneiros, pois também eles aprendem a ler e escrever. De manhã quando sai, pense que naquele exato momento, na sua cidade, outros trinta mil rapazes vão como você se trancar durante três horas numa sala e estudar. Mais ainda! Pense nos inúmeros garotos que, mais ou menos na mesma hora, vão à escola em todos os países; veja-os com a imaginação, como andam, andam, pelos becos das aldeias calmas, pelas ruas das cidades barulhentas, ao longo das margens de mares e lagos, onde, sob um sol ardente, entre neblinas, de barco pelos países cortados por canais, a cavalo pelas grandes planícies, de tobogã sobre a neve, por vales e colinas, através de bosques e torrentes, subindo por sendeiros solitários das montanhas, sozinhos, em duplas, em grupos, em filas compridas, todos com livros debaixo do braço, vestidos de mil maneiras, falando mil línguas das mais remotas escolas da Rússia, quase perdidas entre geleiras, até as últimas escolas da Arábia sombreada por palmeiras, milhões e milhões, todos aprendendo as mesmas coisas de cem formas diferentes, imagine este vastíssimo formigueiro de jovens de cem povos, este movimento imenso de que você faz parte, e pense: “Se este movimento acabasse, a humanidade recairia na barbárie”. Esse movimento é o progresso, a esperança, a glória do mundo. Portanto, coragem, pequeno soldado do imenso exército. Seus livros são suas

armas, sua turma é seu esquadrão, o campo de batalha é a terra inteira e a vítima é a civilização humana. Não seja um soldado covarde, meu Enrico.

Seu pai

O PEQUENO PATRIOTA DE PÁDUA

CONTO MENSAL

29, sábado

Não, não serei um *soldado covarde*, mas iria para a escola com muito mais vontade se o professor lesse todos os dias um conto como o de hoje de manhã. Todo mês, disse, ele vai escrever um, vai nos entregar por escrito, e será sempre o relato de uma ação bonita e verdadeira, realizada por um garoto. O *pequeno patriota de Pádua* é o título deste. Eis os fatos. Um navio a vapor francês partiu de Barcelona, na Espanha, para Gênova, na Itália. A bordo, viajavam franceses, italianos, espanhóis e suíços. Dentre outros, havia um garoto de onze anos, malvestido, sozinho, que estava sempre isolado, feito um animal selvagem, observando a todos com olhar zangado. E tinha razões para observar a todos com olhar zangado. Dois anos antes, seu pai e sua mãe, camponeses nos arredores de Pádua, o venderam ao chefe de uma companhia de saltimbancos. Este, depois de lhe ensinar diversos malabarismos à força de socos, pontapés e jejuns, fizera com que viajasse pela França e pela Espanha, sempre batendo nele e num regime de fome. Chegando a Barcelona, não aguentando mais as pancadas e a fome, reduzido a uma condição de dar pena, fugiu de seu algoz e correu para pedir proteção ao cônsul da Itália. Comovido, ele conseguiu fazê-lo embarcar naquele navio, entregando-lhe uma carta para o chefe da polícia de Gênova, que teria de devolvê-lo aos pais, os mesmos que o tinham vendido como um animal. O pobre garoto estava cheio de cicatrizes e doente. Recebeu uma cabine na segunda classe. Todos olhavam para ele; alguns lhe faziam perguntas, mas ele não respondia, parecendo odiar e desprezar a todos, por causa das privações e surras que o haviam tornado duro e triste. Três viajantes, insistindo com as perguntas, conseguiram que soltasse a língua e, em poucas palavras toscas, mistura de dialeto vêneto, espanhol e francês,

ele contou sua história. Não eram italianos aqueles três viajantes, mas entenderam e, um pouco por compaixão, um pouco porque excitados pelo vinho, deram dinheiro a ele, brincando e provocando-o para que contasse outras coisas. E, quando algumas senhoras entraram na sala, naquele momento, os três, para se exibir, deram-lhe ainda mais dinheiro, gritando: “Pegue isso! E mais isso!”, fazendo barulho com as moedas em cima da mesa. O garoto juntou tudo, agradecendo à meia-voz, com seu jeito esquivo, porém pela primeira vez com um olhar sorridente e afetuoso. Depois se empoleirou na cabine, puxou a cortina e ficou quieto, pensando em suas coisas. Com aquele dinheiro podia saborear algo gostoso a bordo, depois de dois anos com dificuldades para comer. Podia comprar uma jaqueta logo que chegasse a Gênova, depois de dois anos se vestindo com trapos e, se levasse dinheiro para casa, poderia até ser acolhido pelos pais com um pouco mais de humanidade do que se chegasse de bolsos vazios. Para ele, aquilo era uma pequena fortuna. E pensava nisso, tranquilo, atrás da cortina de sua cabine, enquanto os três viajantes conversavam, sentados à mesa das refeições, no meio do salão da segunda classe. Bebiam e falavam de suas viagens e dos países que tinham visto e, de conversa em conversa, acabaram falando da Itália. O primeiro começou a queixar-se dos hotéis, outro das ferrovias e, enfim, todos juntos, animando-se, puseram-se a criticar tudo. Um teria preferido viajar para a Lapônia; outro dizia só ter encontrado ladrões e bandidos na Itália e o terceiro, que os empregados italianos não sabem ler. “Um povo ignorante”, repetiu o primeiro. “Sujo”, acrescentou o segundo. “La...”, exclamou o terceiro, e queria dizer ladrão, mas nem pôde terminar a palavra: uma chuva de notas e de moedas de meia lira caiu sobre suas cabeças e nas costas, espalhando-se pela mesa e pelo chão com um barulho infernal. Os três se levantaram furiosos, olhando para cima, e receberam ainda um tanto de moedas na cara. “Tomem seu dinheiro de volta”, disse com desprezo o garoto, pondo a cara para fora da cabine, “não aceito esmolas de quem fala mal do meu país.”

O limpador de chaminés

1º. de novembro

Ontem, fui até a escola feminina, vizinha à nossa, para entregar o conto do garoto de Pádua à professora de Silvia, que gostaria de ler aquele relato. São setecentas garotas! Quando cheguei, elas começavam a sair, todas alegres com os feriados de Todos-os-Santos e Finados. Diante da porta da escola, do outro lado da rua, via-se, com um braço apoiado no muro e a testa no braço, um limpador de chaminés, bem pequeno, de cara suja de preto, com um saco e sua raspadeira de fuligem, chorando e soluçando sem parar. Duas ou três garotas da segunda série se aproximaram dele e disseram: “Por que você está chorando desse jeito?”. Ele não respondeu e continuou a chorar. “Diga o que tem, por que chora”, repetiram as meninas. E então ele afastou o braço do rosto – uma cara de menino – e disse, chorando, que tinha trabalhado na limpeza de várias casas, onde ganhara trinta moedas, mas perdera todas, haviam caído pelo furo de um bolso – e mostrava o bolso furado – e não se atrevia a voltar para casa sem o dinheiro. “Meu patrão vai me bater”, disse, soluçando, e voltou a cobrir o rosto com o braço, feito um desesperado. As garotas ficaram olhando para ele, todas sérias. Entretanto, tinham se aproximado outras colegas, grandes e pequenas, pobres e senhoritas, com suas pastas debaixo do braço, e uma das grandes, que usava uma pluma azul no chapéu, tirou duas moedas do bolso e disse: “Só tenho duas moedas, vamos fazer uma vaquinha”. “Eu também tenho duas moedas”, disse outra, vestida de vermelho, “com certeza vamos encontrar trinta entre todas nós.” E aí começaram a pedir: “Amália! Luigia!, uma moeda”. “Quem tem dinheiro?” “Tragam as moedas aqui!” Muitas tinham dinheiro para comprar flores ou cadernos e foram trazendo. Algumas das menores deram alguns centavos. Aquela da pluma azul reunia tudo e contava em voz alta: “Oito, dez, quinze”, mas continuava faltando.

Apareceu então uma mais velha que parecia quase uma professorinha e deu meia lira, e todas fizeram festa para ela. Ainda faltavam cinco moedas. “Agora, estão vindo aquelas da quarta série, elas devem ter”, disse alguém. Chegaram as da quarta e as moedas pipocaram. Todas faziam roda. E era lindo ver aquele pobre limpador de chaminés, no meio de todos aqueles vestidinhos coloridos e aquele vaivém de plumas, de laços, de cachos. Já tinham juntado trinta moedas e continuavam a chegar outras, e as meninas menores, sem dinheiro, abriam caminho entre as maiores, dando seus raminhos de flores, para contribuir com alguma coisa. De repente, chegou a vigilante da portaria, gritando: “A senhora diretora!”. As garotas se dispersaram em várias direções como um bando de aves. E então deu para ver o pequeno limpador de chaminés, sozinho no meio da rua, enxugando os olhos, todo contente, com as mãos cheias de dinheiro e com raminhos de flores nos botões da jaqueta, nos bolsos e no chapéu: e ainda havia flores pelo chão, a seus pés.

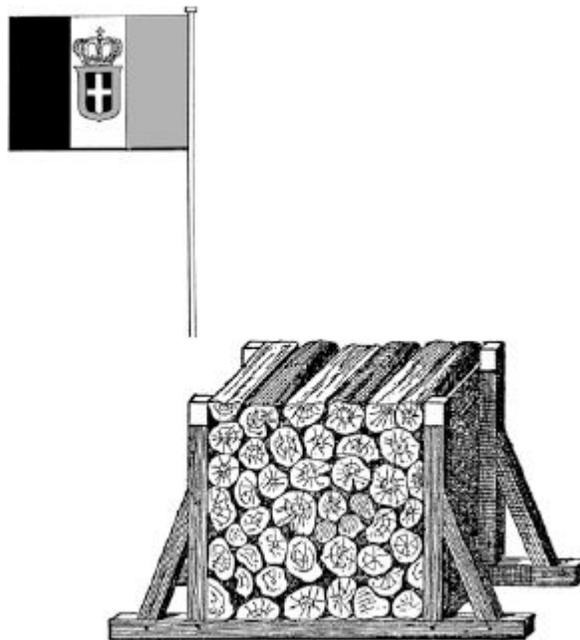
O Dia de Finados

2 de novembro

Este dia é consagrado à lembrança dos mortos. Sabe, Enrico, a quais mortos todos vocês, jovens, deveriam hoje dedicar um pensamento? Àqueles que morreram por vocês: rapazes e meninos. Quantos já morreram e quantos continuam a morrer? Alguma vez pensaram quantos pais estragaram a vida no trabalho, quantas mães baixaram à sepultura antes do tempo, consumidas pelas privações a que se condenaram para sustentar os filhos? Sabe quantos homens cravaram uma faca no coração pelo desespero de ver os próprios filhos na miséria, e quantas mães se afogaram ou morreram de dor ou enlouqueceram por terem perdido um menino? Neste dia, pense em todos esses mortos, Enrico. Pense em tantas professoras que morreram jovens, tuberculosas pelos trabalhos da escola, por amor dos meninos, dos quais não tiveram coragem de separar-se. Pense nos médicos que morreram de doenças contagiosas, desafiados corajosamente a curar garotos. Pense em todos aqueles que, nos naufrágios, nos incêndios, nas carestias, num momento de supremo perigo, cederam à infância o último pedaço de pão, a última tábua de salvação, a última corda para escapar das chamas, e desapareceram contentes com seu sacrifício, mantendo vivo um pequeno inocente. São inúmeros, Enrico, todos esses mortos. Cada cemitério encerra centenas dessas santas criaturas, que, se pudessem sair um momento da tumba, gritariam o nome de uma criança à qual sacrificariam os prazeres da juventude, a paz da velhice, os afetos, a inteligência e a vida: noivas de vinte anos, homens no auge de sua força, velhas octogenárias, jovens – mártires heroicos e anônimos da infância – tão grandes e gentis, que nem a terra poderia gerar todas as flores necessárias para seus sepulcros. Vocês são tão amados, ó jovens! Pense hoje naqueles mortos com gratidão e seja melhor e mais afetuoso com todos aqueles que lhe querem bem e que trabalham por você, caro filho meu afortunado que, no dia dos mortos, ainda não tem ninguém para chorar!

Sua mãe

NOVEMBRO



Meu amigo Garrone

4, sexta-feira

Foram só dois dias de feriado, mas me pareceu muito tempo sem ver Garrone. Quanto mais o conheço, mais gosto dele, e o mesmo acontece com os demais, exceto os prepotentes, que com ele não se entendem, pois não permite prepotências. Toda vez que um grandalhão levanta as mãos contra um miúdo, o pequeno grita: “Garrone!”, e o grande já não bate. O pai dele é maquinista da estrada de ferro; ele começou tarde a escola porque ficou doente dois anos. É o mais alto e o mais forte da turma, levanta uma carteira com uma das mãos, come o tempo inteiro, é bom. Qualquer coisa que lhe peçam, lápis, borracha, papel, apontador, empresta ou dá tudo; e não fala nem ri na escola: está sempre imóvel na carteira muito estreita para ele, com a coluna encolhida e a cabeçorra enfiada nos ombros. E, quando olho para ele, dá um sorriso com olhos meio fechados, como se dissesse: “E então, Enrico, somos amigos?”. Provoca risos, grande e forte como é, usando jaqueta, calções, mangas, tudo curto e estreito demais, um chapéu que não lhe para na cabeça, a cabeça raspada, os sapatos enormes e uma gravata torcida feito corda. Caro Garrone, basta olhar uma vez em seu rosto para se afeiçoar a ele. Todos os pequenos queriam ser seu vizinho na carteira. Sabe muita aritmética. Carrega os livros amarrados, presos por um cinturão de couro vermelho. Tem uma faca com punho de madrepérola, que encontrou no ano passado na praça de armas,^{7} e certo dia cortou o dedo até o osso, mas ninguém na escola percebeu, e nada disse em casa para não assustar os pais. Deixa dizerem qualquer coisa por brincadeira, não leva nada a mal. Porém, cuidado se lhe dizem: “Não é verdade”, quando afirma alguma coisa; aí, lança fogo pelos olhos e martela os punhos a ponto de quebrar a bancada. Sábado de manhã, deu uma moeda a um aluno da primeira série, que chorava no meio da rua, porque haviam pegado a dele e não podia mais

comprar o caderno. Agora, faz três dias que trabalha numa carta de oito páginas com enfeites nas margens, feitos à pena, para o aniversário da mãe, que muitas vezes vem buscá-lo, e é alta e forte como ele, além de simpática. O professor sempre o observa e, toda vez que passa ao lado dele, bate a mão no pescoço como se fosse um bom bezerro tranquilo. Gosto dele. Fico feliz quando aperta minha mão na sua, grandona, que parece mão de homem. Tenho certeza absoluta de que arriscaria a vida para salvar um companheiro, de que morreria para defendê-lo, isso se vê claramente em seus olhos. E, embora pareça sempre zangado com aquele vozeirão, é uma voz que vem de um coração gentil, dá para sentir.

O carvoeiro e o senhor

7, segunda-feira

Certamente, Garrone jamais teria dito aquela palavra que, ontem de manhã, Carlo Nobis disse a Betti. Carlo Nobis é presunçoso porque seu pai é um senhor importante: um senhor alto, com barba preta, muito sério, que vem quase todo dia acompanhar o filho. Ontem de manhã, Nobis brigou com Betti, um dos menores, filho de um carvoeiro, e, sem saber mais o que responder, porque estava errado, disse alto: “Seu pai é um esfarrapado”. Betti ficou vermelho até a raiz dos cabelos e não disse nada, mas lhe vieram lágrimas aos olhos e, ao voltar para casa, repetiu a palavra ao pai. E eis que o carvoeiro, um homenzinho todo preto, aparece na aula da tarde, segurando o filho pela mão, para queixar-se com o professor. Enquanto se queixava e todos estavam calados, o pai de Nobis, que carregava o casaco do filho como de hábito, já no umbral da saída, ouviu pronunciar seu nome, entrou e pediu explicações.

– É este operário – respondeu o professor – que veio se queixar porque seu filho Carlo disse ao garoto: ‘Seu pai é um esfarrapado’.

O pai de Nobis enrugou a testa e enrubesceu levemente. E perguntou ao filho:

– Você disse essa palavra?

O filho, rígido no meio da turma, de cabeça baixa, diante do pequeno Betti – não respondeu.

Então, o pai segurou-o por um braço e o empurrou até ficar cara a cara com Betti, quase se encostando, e lhe disse: “Peça desculpas”.

O carvoeiro quis se interpor, dizendo não, não. Porém, o senhor não ligou para ele, repetindo para o filho: “Peça desculpas a ele, repita minhas palavras: ‘Eu lhe peço desculpas pela palavra injuriosa, insensata, imoral

que pronunciei contra seu pai, a quem o meu tem a honra de apertar a mão”.

O carvoeiro fez um gesto decidido, como se dissesse: “Não quero”. O senhor não ligou para ele, e seu filho disse lentamente, com um fio de voz, sem erguer os olhos: “Eu lhe peço desculpas... pela palavra injuriosa... insensata... imoral, que disse contra seu pai, a quem o meu... tem a honra de apertar a mão”.

Só então o senhor deu a mão ao carvoeiro, que a apertou com força, e em seguida, com um empurrão lançou seu garoto nos braços de Carlo Nobis.

– Me faça o favor de sentá-los perto um do outro – pediu o senhor. E o mestre colocou Betti na carteira de Nobis. Depois que sentaram, o pai de Nobis se despediu e foi embora.

O carvoeiro ficou alguns instantes preocupado, olhando os dois garotos tão próximos. Depois, chegou perto do banco e fixou Nobis, com expressão de afeto e de amargor, como se quisesse lhe dizer alguma coisa, mas não disse nada. Estendeu a mão para fazer-lhe uma carícia, tampouco atreveu-se, apenas tocou-lhe a testa com seus dedos grossos. Em seguida, dirigiu-se para a saída e, virando-se outra vez para observá-lo, desapareceu. “Gravem bem aquilo que viram”, disse o professor, “esta é a lição mais bonita do ano.”

A professora de meu irmão

10, quinta-feira

O filho do carvoeiro foi aluno da professora Delcati, que hoje veio visitar meu irmão doente e nos fez rir, contando que a mãe do garoto, dois anos atrás, lhe levou em casa carvão embrulhado num avental para agradecer por ter dado uma medalha ao filho. E insistia, coitada, não queria voltar com o carvão para casa, quase chorava, até que se viu obrigada a ir embora com o avental cheio de carvão. Contou-nos também sobre outra mulher: essa levou-lhe um maço de flores muito pesado, dentro havia um punhado de moedas. Nos divertimos muito enquanto escutávamos e, assim, meu irmão engoliu o remédio, que antes não queria. Quanta paciência é preciso ter com aqueles meninos da primeira série, todos desdentados que nem velhos, que não pronunciam nem o “erre” nem o “esse”, e um tosse e outro solta sangue pelo nariz, e outro perde o sapato debaixo da carteira, e outro estrila porque se furoou com a pena, e outro chora porque comprou um caderno número dois em vez do de número um. Cinquenta numa única sala, sem saber nada, com aquelas mãozinhas sujas de manteiga e ter de ensinar todos a escrever! E carregando nos bolsos pedaços de doce, botões, rolhas de frascos, tijolos triturados, todo tipo de coisa minúscula, e a professora deve revistá-los, mas escondem esses objetos até nos sapatos. E não prestam atenção em nada: uma mosca que entre pela janela põe tudo de ponta-cabeça; e, no verão, levam para a escola até capim e besouros, que esvoaçam sem rumo ou caem nos tinteiros e depois sujam os cadernos com tinta. A professora deve bancar a mãe com eles, ajudá-los a vestir-se, enfaixar os dedos furados, recolher os bonés que caem, cuidar para que não troquem os casacos, senão depois miam e berram. Pobres professoras! E ainda por cima aparecem as mães para se queixar: como vai a senhora, e o meu menino que perdeu a caneta? Como é que o meu nunca aprende nada? Por que não dar um prêmio

ao meu, que sabe tanto? Por que não manda arrancar aquele prego do assento que rasgou as calças do meu Piero? Às vezes, a professora de meu irmão se zanga com a garotada e, quando não aguenta mais, morde um dedo, para não deixar escapar uma bofetada; perde a paciência e depois se arrepende, e acaricia o menino com quem gritou; expulsa um moleque da escola, mas engole as lágrimas de volta e fica furiosa com os parentes que põem os meninos em jejum como castigo. É jovem e grande a professora Delcati, bem-vestida, morena e irrequieta, faz tudo como se tivesse molas, e se comove com qualquer ninharia e então fala com grande ternura. “Mas pelo menos os meninos gostam da senhora”, lhe disse minha mãe. “Muitos sim”, respondeu, “mas depois, terminado o ano, a maior parte nem nos olha mais. Quando estão com os professores, quase se envergonham por terem estado conosco, com uma professora. Após dois anos de cuidados, ficamos tristes por nos separarmos de cada um deles, mas dizemos: ‘Com aquele estou tranquila: vai continuar gostando de mim’. Só que passam as férias, recomeçam as aulas, corremos para eles: ‘Ó menino, meu querido!’, e ele vira a cabeça pro outro lado.” Aqui, a professora se calou. “Mas você não vai fazer assim, não é miúdo?”, disse depois, levantando com os olhos úmidos e beijando meu irmão. “Você não vai virar a cara pro outro lado, não é mesmo? Não vai renegar sua pobre amiga.”

Minha mãe

10, quinta-feira

Diante da professora de seu irmão, você faltou ao respeito com sua mãe! Que isso não volte a acontecer, nunca mais! Sua palavra irreverente me entrou no coração como um agulhão de aço. Lembrei de sua mãe, quando, anos atrás, ficou uma noite inteira ao pé de sua cama, controlando sua respiração, chorando sangue de tanta angústia e batendo os dentes de terror, pois pensava que ia perder você, e eu temia que ela perdesse a razão e, com esse pensamento, senti nojo de você. Você, ofender a própria mãe! Sua mãe, que daria um ano de felicidade para lhe evitar uma hora de dor, que mendigaria por você, que mataria para salvar sua vida! Ouça, Enrico. Grave bem esta ideia na cabeça. Imagine que muitos dias terríveis lhe sejam destinados na vida: o mais terrível será aquele em que você perderá sua mãe. Mil vezes, Enrico, quando já for homem, forte, testado em todas as lutas, você vai invocá-la, oprimido por um desejo imenso de ouvir de novo, por um instante, sua voz e rever seus braços abertos para neles se lançar em soluços, como um pobre garoto sem proteção e sem conforto. Quanto lembrará, então, de cada amargura que lhe tenha causado e, com quantos remorsos, há de pagar todos, infeliz! Não espere serenidade na vida, se tiver deixado triste sua mãe. Você vai se arrepender, vai lhe pedir perdão, venerar sua memória – inutilmente. A consciência não vai lhe dar paz, aquela imagem doce e boa sempre terá uma expressão de tristeza e reprovação para você, que vai torturar sua alma. Preste atenção, Enrico: esse é o mais sagrado dos afetos humanos, desgraçado seja quem pisa nele. O assassino que respeita a mãe ainda tem algo de honesto e gentil no coração; o mais glorioso dos homens, que a machuque e ofenda, não passa de uma vil criatura. Que não lhe saia nunca mais da boca uma palavra contra aquela que lhe deu a vida. E se alguma outra lhe escapar, que não seja o temor de seu pai, mas o impulso da alma que se lance aos pés dela, suplicando para, com um beijo de perdão, apagar de sua testa a marca da ingratidão. Eu amo você, meu filho, você é a esperança mais cara de minha vida, mas quisera antes vê-lo

morto do que ingrato com sua mãe. Vá!, e por algum tempo não me faça mais carinhos: não poderia retribuí-los de coração.

Seu pai

Meu companheiro Coretti

13, domingo

Meu pai me perdoou, mas fiquei meio triste, e aí minha mãe me mandou dar uma volta na rua com o filho mais velho do zelador. Mais ou menos na metade do caminho, passando perto de um carro parado diante de uma loja, ouço meu nome e me viro: era Coretti, meu colega de escola, com sua camiseta chocolate e seu boné de pelo de gato, todo suado e contente, carregando um feixe de lenha nas costas. Um homem de pé na carroça lhe entregava uma braçada de lenha por vez, ele pegava e levava para a loja do pai, onde amontoava tudo bem rápido.

– O que está fazendo, Coretti? – perguntei a ele.

– Não está vendo? – respondeu, esticando o braço para pegar o carregamento. – Estou revendo a lição.

Eu ri. Mas ele falava sério e, com o feixe de lenha, começou a dizer, enquanto corria:

– Chamam-se mudanças do verbo... suas variações segundo o número... segundo o número e a pessoa...

E, depois, baixando a lenha e amontoando tudo: “Segundo o tempo... segundo o tempo a que se refere a ação...”.

E, voltando para a carroça para pegar uma outra braçada: “Segundo o modo com que a ação é enunciada”.

Era nossa lição de gramática para o dia seguinte. “Que jeito”, me disse, “aproveito o tempo. Meu pai foi atender um pedido com o empregado. Minha mãe está doente. Cabe a mim descarregar. Enquanto isso, repasso a gramática. Hoje, é uma lição difícil. Não consigo gravá-la na cabeça.” “Meu pai disse que virá aqui às sete para lhe entregar o dinheiro”, falou para o homem da carroça.

O carro foi embora. “Vem um pouco aqui na loja”, me disse Coretti. Entrei, era um salão cheio de pilhas de lenha e de feixes, com uma balança num canto. “Hoje é dia de trabalho pesado, garanto a você”, continuou Coretti. “Tenho de fazer a lição por etapas e aos poucos. Estava escrevendo as proposições, veio gente para comprar. Recomecei a escrever, aí aparece a carroça. Hoje de manhã já fiz duas viagens ao mercado de lenha na praça Veneza.^{8} Nem sinto mais minhas pernas e tenho as mãos inchadas. Estaria tranquilo se tivesse lição de desenho!”, e ia dando uma varrida nas folhas secas e nas palhinhas que cobriam o pavimento.

– Mas onde é que você faz a lição, Coretti? – perguntei.

– Certamente, não aqui – retrucou – vem ver. – E me conduziu para uma saleta atrás da loja que servia de cozinha e de sala de jantar, com uma mesa num canto, onde estavam livros e cadernos, e a lição iniciada.

“Exatamente”, disse, “deixei a segunda resposta em branco: com o ‘couro são feitos sapatos, cintos...’. Agora acrescento malas.” E, pegando da pena, começou a escrever com sua boa caligrafia. “Não tem ninguém aqui?”, ouvimos gritar da loja, naquele momento. Era uma mulher que vinha comprar feixes pequenos. “Sim, estou aqui”, respondeu Coretti. Deu um pulo, pesou os feixes, pegou o dinheiro, correu para um canto para registrar a venda num cadernão e voltou ao exercício, dizendo: “Vamos ver se consigo acabar o período”. E escreveu: “Bolsas de viagem, mochilas para soldados”. “Ah, meu café que vai estragar!”, gritou de repente e correu para o forninho para retirar a cafeteira do fogo. “É o café da mamãe”, disse, “demorei até aprender a preparar. Espere um pouco que vamos levar para ela, assim ela pode ver você e ficará contente. Faz sete dias que está de cama... Droga de verbo! Sempre queimo os dedos com esta cafeteira. Que mais tenho de acrescentar depois das mochilas para os soldados? É preciso algo mais e não descubro. Vamos ver mamãe.”

Abriu uma porta, entramos num outro cômodo pequeno: lá estava a mãe de Coretti numa cama grande, com um lenço branco em volta do pescoço.

– Aqui está o café, mãe – disse Coretti, entregando a xícara. – Este é um colega da escola.

– Ah! Muito bem, garoto! – me disse a mulher. – Veio fazer uma visita aos doentes, não é?

Enquanto isso, Coretti ajeitava as almofadas nas costas da mãe, arrumava os cobertores na cama, avivava o fogo, expulsava o gato do caixote. “Precisa de alguma coisa mais, mamãe?”, perguntou em seguida, pegando a xícara. “Tomou as duas colheres de xarope? Quando acabar, vou dar um pulo no farmacêutico. Já carreguei a lenha. Às quatro, vou pôr a carne no fogo, conforme você disse, e, quando passar a vendedora de manteiga, vou lhe dar aquelas oito moedas. Vai dar tudo certo, não se preocupe.”

– Obrigada, filho – respondeu a mulher – coitado do meu filho, vai! Ele pensa em tudo.

Ela quis que eu pegasse um torrão de açúcar e depois Coretti me mostrou um quadrinho, uma fotografia do pai, vestido de soldado, com a medalha de mérito, que ganhou em 1866 no pelotão do príncipe Umberto. O mesmo rosto do filho, com aqueles olhos vivos e o sorriso tão alegre. Voltamos para a cozinha. “Encontrei a coisa”, disse Coretti e acrescentou no caderno, “São colocados ainda os arreios nos cavalos.” O restante vou fazer mais tarde. Feliz de você que tem todo o tempo para estudar e ainda pode passear!

E sempre alegre e ágil, de volta para a loja, começou a colocar pedaços de lenha no cavalete e a serrá-los pelo meio, dizendo: “Isso é que é ginástica! Melhor do que ‘esticar os braços para a frente’. Quero que meu pai encontre toda esta lenha serrada quando voltar, ele vai ficar contente. O problema é que depois de ter serrado escrevo um ‘tê’ e um ‘ele’ que parecem cobras, como diz o professor. Que jeito? Vou dizer a ele que precisei dar socos nos braços. O importante é que mamãe fique boa logo, isso sim. Hoje, ela está melhor, graças aos céus. Vou estudar gramática amanhã de manhã, quando o galo cantar. Opa! Chegou a carroça com os troncos! Ao trabalho”.

Uma carroça carregada de toras parou em frente à loja. Coretti saiu correndo para falar com o homem, depois voltou. “Agora, não posso mais

ficar com você”, me disse. “Até amanhã. Fez bem em vir me visitar. Bom passeio! Feliz de você.”

E, depois de me apertar a mão, correu para segurar o primeiro tronco e recomeçou a saltitar entre a carroça e a loja, com o rosto fresco feito uma rosa, debaixo daquele boné de pelo de gato, e tão animado que dava prazer olhar para ele.

– Feliz de você! – me disse ele. Não, Coretti, não: mais feliz é você, pois estuda e trabalha muito, porque é mais útil a seu pai e a sua mãe, porque é melhor, cem vezes melhor e mais útil que eu, querido companheiro.

O diretor

18, sexta-feira

Coretti estava contente nesta manhã porque tinha vindo assistir à prova mensal o seu professor da segunda série, Coatti, um homenzarrão com uma farta cabeleira crespa, uma grande barba negra, dois grandes olhos escuros e uma voz de canhão que sempre ameaça os garotos de esquartejá-los e levá-los pelo pescoço até a delegacia, e faz todo tipo de careta assustadora. Porém, nunca põe ninguém de castigo, ao contrário, sorri sempre sob aquela barba, sem que se perceba. Os professores são oito, com Coatti, incluindo um suplente baixo e sem barba, que parece bem jovem. Há um professor da quarta série, capenga, agasalhado com uma grande gravata de lã, sempre cheio de dores, que arranjou quando era professor rural, numa escola úmida onde as paredes gotejavam. Outro professor da quarta é velho e muito branco, foi professor de cegos. Há outro, bem-vestido, de óculos e bigodinhos louros, a quem chamam de *advogadinho* porque, trabalhando como professor, estudou direito e conseguiu o diploma e ainda escreveu um livro ensinando como escrever cartas. Ao contrário, aquele que nos dá aula de ginástica, um soldado, andou com Garibaldi e tem no pescoço a cicatriz de uma ferida de sabre, da batalha de Milazzo. Depois, tem o diretor, alto, careca, com óculos de armação de ouro, de barba cinzenta que lhe chega ao peito, todo vestido de preto e sempre abotoado até debaixo do queixo: tão bom com os garotos que, quando entram todos tremendo na direção, chamados para uma bronca, não grita com eles, segura na mão de cada um e argumenta que não deviam agir assim, e que é necessário que se arrependam, e que prometam ser bons, e fala com tão boas maneiras e com uma voz tão doce, que todos saem de olhos vermelhos, mais confusos do que se tivessem sido punidos. Coitado do diretor: ele é sempre o primeiro a chegar, de manhã, esperando os alunos e ouvindo os pais e, quando os

professores já vão para casa, ele ainda circula pela escola cuidando para que a garotada não seja apanhada pelas carroças ou não se distraia pelas ruas, dando cambalhotas ou enchendo as mochilas de areia ou de pedras; e toda vez que aparece numa esquina, tão alto e negro, bandos de garotos escapam de todos os cantos, largando o jogo de bicos de penas de escrever e as bolinhas de gude, e ele os ameaça com o dedo em riste desde longe, com seu ar amoroso e triste. Ninguém mais o viu rir, diz minha mãe, desde que morreu seu filho, que era voluntário no exército. E ele conserva sempre o retrato do jovem, diante dos olhos, na mesinha da diretoria. E ele queria ir embora depois daquela desgraça: já tinha feito o pedido de aposentadoria à prefeitura, e o deixava sempre em cima da mesa, adiando sempre a data do envio, porque lamentava abandonar a garotada. Porém, há alguns dias, parecia decidido, e meu pai, que estava junto dele na diretoria, lhe dizia: “Pena que vai embora, senhor diretor!”, quando entrou um homem para matricular um menino, que vinha de outra escola para a nossa por ter mudado de bairro. Ao ver aquele jovem, o diretor se maravilhou – olhou um pouco para ele, olhou o retrato que mantém na mesa e tornou a olhar para o garoto, puxando-o até seus joelhos e fazendo com que erguesse o rosto. Aquele menino parecia demais com seu filho morto. O diretor disse: “Está bem”, fez a matrícula, cumprimentou pai e filho e permaneceu pensativo. “Que pena que vai embora!”, repetiu meu pai. E aí o diretor pegou seu pedido de aposentadoria, rasgou-o e declarou: “Fico”.

Os soldados

22, terça-feira

O filho dele era voluntário no exército quando morreu. Por isso, o diretor vai sempre à avenida ver desfilar os soldados, quando saímos da escola. Ontem, passava um regimento de infantaria e cinquenta jovens começaram a saltar em volta da banda, cantando e marcando o tempo com as réguas nas mochilas e nas cadernetas. Nós estávamos num grupo, na calçada, olhando: Garrone, rígido em suas roupas muito apertadas, mordida um bom pedaço de pão; Votini, aquele bem-vestido, que está sempre tirando os fiapos da roupa; Precossi, o filho do marceneiro, com a jaqueta do pai; e o calabrês, e Tijolinho, e Crossi com sua cabeça vermelha, e Franti com sua cara de pau, e também Robetti, o filho do capitão de artilharia, aquele que salvou um menino do ônibus e que agora anda de muletas. E Franti deu uma risada na cara de um soldado que mancava. Mas logo sentiu a mão de um homem nas costas, virou-se: era o diretor. “Preste atenção”, disse-lhe o diretor, “provocar um soldado quando está desfilando, o qual não pode se vingar nem responder, é como insultar um homem amarrado: é uma vilania.” Franti desapareceu. Os soldados passavam de quatro em quatro, suados e cobertos de pó e os fuzis cintilavam ao sol. O diretor disse: “Vocês devem gostar dos soldados, meninos. São nossos defensores, aqueles que morreriam por nós, se amanhã um exército estrangeiro ameaçasse nosso país. Também eles são jovens, têm poucos anos mais que vocês e também vão à escola. E existem pobres e ricos entre eles, como entre vocês, e vêm de todas as partes da Itália. Observem, quase se pode reconhecê-los pelo rosto: passam sicilianos, sardos, napolitanos, lombardos. Este é um regimento velho, daqueles que combateram em 1848. Os soldados não são mais os mesmos, mas a bandeira é sempre a mesma.^{9} Quantos já morreram por nosso país, em volta daquela bandeira, vinte anos antes de vocês

nascirem!”. “Ali está ela”, disse Garrone. E, de fato, via-se não muito longe a bandeira, que marchava à frente, acima da cabeça dos soldados. “Façam uma coisa, meus filhos”, disse o diretor, “façam a saudação dos alunos, com a mão na testa, quando passarem as três cores.” A bandeira, carregada por um oficial, passou diante de nós, dilacerada e desbotada, com as medalhas penduradas na haste. Pusemos a mão na testa, todos juntos. O oficial olhou para nós sorrindo e nos restituiu a saudação com a mão. “Muito bem, garotos”, disse alguém atrás de nós. Era um velho que trazia na lapela do paletó a fita azul da campanha da Crimeia:^{10} um oficial aposentado. “Muito bem”, disse, “fizeram uma coisa bonita.” Nesse meio-tempo, a banda do regimento virava no final da avenida, cercada por uma turba de garotos e cem gritos alegres acompanhavam os estalidos das trombetas feito um canto de guerra. “Muito bem”, repetiu o velho oficial, olhando para nós, “quem respeita a bandeira quando pequeno, saberá defendê-la quando adulto.”

O protetor de Nelli

23, quarta-feira

Ontem, Nelli também observava os soldados; pobre corcunda, tinha uma expressão especial, como se pensasse: “Nunca poderei ser um soldado!”. Ele é bom, estuda, mas é tão magrinho e desanimado, tem dificuldade para respirar. Usa sempre um avental comprido de pano preto e brilhante. Sua mãe é uma mulher miúda e loura, vestida de preto, e sempre vem buscá-lo quando acabam as aulas, para que não saia naquela confusão, no meio dos outros, e o acaricia. Nos primeiros dias, por essa desgraça de ser corcunda, muitos garotos debochavam dele e lhe batiam nas costas com as mochilas. Porém, ele nunca se revoltava, e nada contava à mãe, para não lhe dar a dor de saber que seu filho era motivo de zombaria dos colegas. Debochavam dele, ele chorava e ficava em silêncio, apoiando a testa na carteira. Um dia, porém, Garrone deu um salto, dizendo: “O primeiro que encostar em Nelli vai levar um pescoção que vai dar três cambalhotas!”. Franti não ligou, recebeu o pescoção e o amigo deu mesmo três pulos e, depois disso, ninguém mais tocou em Nelli. O professor colocou Garrone perto dele, na mesma carteira. Tornaram-se amigos. Nelli afeiçoou-se muito a Garrone. Assim que chega à escola, logo procura por ele. Não vai embora sem dizer: “Tchau, Garrone”. E o mesmo faz Garrone com ele. Toda vez que Nelli deixa cair a pena ou um livro debaixo da carteira, para que não faça esforço para se inclinar, Garrone logo se dobra e lhe entrega o livro ou a pena. E, no final, o ajuda a guardar as coisas na mochila e a vestir o casaco. Por isso Nelli gosta dele e sempre o observa e, quando o professor o elogia, fica contente, é como se elogiasse a ele próprio. Nelli, finalmente, deve ter dito tudo a sua mãe: sobre as provocações e tudo o que lhe faziam sofrer e, também, do colega que o defendeu e de quem passou a gostar, pois eis o que aconteceu hoje de manhã. O professor me mandou entregar ao diretor o plano de aula

meia hora antes do final, e eu estava na diretoria quando entrou uma senhora loura e vestida de preto, a mãe de Nelli, que disse: “Senhor diretor, na turma de meu filho há um jovem que se chama Garrone?”. “Sim”, respondeu o diretor. “Poderia ter a bondade de chamá-lo aqui, pois quero lhe dizer uma palavra?” O diretor chamou o bedel e o mandou até a sala e, um minuto depois, lá estava Garrone na porta, com sua cabeçona raspada, todo admirado. Assim que o viu, a senhora correu até ele e lhe deu tantos beijos na cabeça, dizendo: “Então você é Garrone, o amigo de meu filho, o protetor de meu pobre menino, é você, bravo rapaz, é mesmo você, tão querido!”. A seguir, procurou nos bolsos e na bolsa e, não encontrando nada, arrancou do pescoço uma correntinha com uma cruz, colocou-a sob a gravata de Garrone e disse: “Fique com ela, use-a para se lembrar de mim, querido, lembrança da mãe de Nelli, que lhe agradece e o abençoa”.

O primeiro da turma

25, sexta-feira

Garrone desperta afeição em todos e Derossi, admiração. Ganhou a medalha de ouro, será sempre o primeiro, ninguém pode competir com ele, todo mundo reconhece sua superioridade nas matérias. É o melhor em aritmética, em gramática, em redação, em desenho, entende tudo na hora, tem uma memória incrível, se dá bem sem esforço, parece que o estudo é um jogo para ele. Ontem, o professor lhe disse: “Você recebeu de Deus grandes dons, não precisa fazer nada além de conservá-los”. E além do mais, é alto, bonito, com essa coroa de cachos louros, ágil a ponto de saltar carteiras apoiando-se numa das mãos. E até sabe lutar espada. Tem doze anos, é filho de um negociante, anda sempre vestido de azul-turquesa com botões dourados, sempre vivo, alegre, bem-educado com as pessoas e, nas provas, ajuda a quem puder. E ninguém nunca se atreveu a lhe fazer alguma grosseria ou lhe dizer um palavrão. Somente Nobis e Franti olham-no de lado, e Votini vomita inveja pelos olhos, mas ele nem percebe. Todos sorriem para ele e o pegam pela mão ou pelo braço, enquanto recolhe as lições, com seus modos educados. Ele dá desenhos e jornais ilustrados de presente, aquilo que ganha em casa. Desenhou para o calabrês um pequeno mapa da Calábria. E oferece as coisas rindo, sem poses, feito um grande senhor, sem preferências por ninguém. Impossível não o invejar, não se sentir menos que ele em qualquer coisa. Ah! Até eu, como Votini, o invejo. E, às vezes, sinto uma amargura, quase um certo despeito contra ele, quando tenho dificuldade para fazer a lição de casa e penso que, àquela altura, ele já deve ter acabado, tudo certo e sem esforço. Mas, depois, quando volto para a escola e o vejo tão bonito, sorridente, triunfante, e ouço como responde, franco e seguro, às perguntas do professor, e o quanto é cortês e o quanto gostam dele, aí o amargor some do meu coração e me envergonho de ter tido

tais sentimentos. Gostaria de estar sempre perto dele; gostaria de continuar todas as séries com ele; sua presença, sua voz me dão coragem, vontade de trabalhar, alegria, prazer. O professor entregou o conto mensal, que vai ler amanhã, para ele copiar: *O pequeno vigia lombardo*. Hoje de manhã, ele o copiava, comovido, de olhos úmidos e boca trêmula, e eu olhava para ele, como era belo e nobre! Com que prazer teria dito de cara, francamente: Derossi, em tudo, você vale mais que eu! Você é um homem comparado comigo! Eu o respeito e admiro!

O PEQUENO VIGIA LOMBARDO

CONTO MENSAL

26, sábado

Em 1859, durante a guerra pela libertação da Lombardia, poucos dias depois das batalhas de Solferino e de San Martino,^{11} vencida pelos franceses e italianos contra os austríacos, numa bela manhã de junho, um pequeno grupo de cavalaria ligeira de Saluzzo marchava em passo lento por uma estrada solitária, rumo ao inimigo, explorando os campos atentamente. Conduziam aquele destacamento um oficial e um sargento, e todos olhavam ao longe, para a frente, com os olhos fixos, mudos, preparados para ver, de um momento para outro, brilharem no meio das árvores as fardas brancas da vanguarda inimiga.^{12} Assim, chegaram a uma casinha rústica, diante da qual se encontrava um garoto solitário, de uns doze anos, que descascava um pequeno ramo com uma faca, para fazer um bastão; de uma das janelas da casa tremulava uma bandeira tricolor; dentro, não havia ninguém. Os camponeses, depois de içarem a bandeira, fugiram com medo dos austríacos. Assim que viu os cavaleiros, o garoto jogou fora o bastão e levantou o boné. Era um lindo jovem, de rosto atrevido, com olhos grandes e azul-celeste, cabelos louros e longos, estava em mangas de camisa e mostrava o peito nu.

– O que está fazendo aqui? – perguntou-lhe o oficial, freando o cavalo. – Por que você não fugiu com sua família?

– Não tenho família – respondeu o garoto. – Sou órfão. Vivo de bicos. Fiquei aqui para assistir à guerra.

– Viu austríacos passando?

– Não, faz três dias que não passam.

O oficial ficou pensativo, pulou do cavalo e, deixando os soldados virados para o inimigo, entrou na casa e subiu no telhado... Era uma casa baixa, do telhado só se via um pedaço do campo. “É preciso subir nas árvores”, disse o oficial, e desceu. No terreiro em frente, erguia-se um freixo altíssimo e fino, que balançava sua copa contra o azul. O oficial ficou meio preocupado, olhando para a árvore e para os soldados; depois, de repente, perguntou ao menino:

– Ei, garoto, você enxerga bem?

– Eu? – respondeu ele. – Sou capaz de ver um passarinho a um quilômetro e meio de distância.

– Seria capaz de subir naquela árvore?

– Essa aí? Eu? Em meio minuto alcanço a ponta.

– E poderia me dizer o que avistar lá de cima, se há soldados austríacos daquele lado, nuvens de poeira, fuzis brilhantes, cavalos?

– Claro que sim.

– O que deseja para me fazer este favor?

– O que desejo? – respondeu, sorrindo. – Nada. Imagine! E afinal... se fosse para os alemães, de jeito nenhum, mas para os nossos: eu sou lombardo!

– Ótimo. Então suba.

– É só o tempo de tirar os sapatos. Tirou os sapatos, apertou o cinto do calção, jogou o boné no capim e abraçou o tronco do freixo.

– Pensando bem... – exclamou o oficial, como se quisesse impedi-lo, tomado por um temor imprevisto.

O garoto se virou para ele, com seus lindos olhos azuis, num ato interrogativo.

– Nada – disse o oficial –, pode subir.

O menino subiu feito um gato.

– Olhem para a frente – gritou o oficial para os soldados.

Em poucos instantes, o garoto chegou ao topo da árvore, agarrado no tronco, com as pernas entre as folhas, mas de busto descoberto, e o sol lhe

batia na cabeça loira, que parecia de ouro. O oficial mal o distinguiu, tão pequeno estava lá em cima.

– Observe em linha reta e ao longe – gritou o oficial.

O menino, para ver melhor, soltou a mão direita da árvore e colocou-a na cabeça.

– O que está vendo? – perguntou o oficial.

O garoto inclinou o rosto em direção a ele e, fazendo-se porta-voz da mão, respondeu:

– Dois homens a cavalo, na estrada branca.

– A que distância daqui?

– Oitocentos metros.

– Estão em movimento?

– Parados.

– O que mais consegue ver? – perguntou o oficial, após um momento de silêncio. – Observe à direita.

O garoto olhou à direita.

Depois disse:

– Perto do cemitério, entre as árvores, brilha alguma coisa. Parecem baionetas.

– Dá pra ver gente?

– Não. Devem estar escondidos no trigal.

Naquele momento, um assovio de bala, muito agudo, passou no ar, indo morrer atrás da casa.

– Desça, garoto! – gritou o oficial. – Eles viram você. Já chega, pode descer.

– Não tenho medo – respondeu o menino.

– Desça... – repetiu o oficial. – O que mais pode ver, à esquerda?

– À esquerda?

– Sim, à esquerda.

O jovem virou a cabeça: aí, outro assovio, mais agudo e mais baixo que o primeiro, cortou o ar. O garoto tremeu todo.

“Desgraçados!”, exclamou. “Virei um alvo para eles!” A bala tinha passado perto dele.

– Para baixo! – gritou o oficial, imperioso e irritado.

– Já vou descer – respondeu. – Mas a árvore me esconde, não duvide. Quer saber à esquerda?

– À esquerda – respondeu o oficial –, mas é melhor descer.

– À esquerda – gritou o menino, esticando o corpo naquela direção – onde há uma capela, consigo ver...

Um terceiro disparo raivoso passou no alto e quase de imediato viram o garoto desabar, segurando-se um instante no tronco e nos ramos, e logo, precipitando-se de cabeça com os braços abertos.

– Maldição! – gritou o oficial, acorrendo.

O menino bateu no chão de costas e permaneceu estendido, de braços abertos, deitado. Um jorro de sangue lhe brotava do peito, à esquerda. O sargento e dois soldados pularam dos cavalos; o oficial se inclinou e lhe abriu a camisa: a bala tinha entrado no pulmão esquerdo. “Morreu!”, exclamou o oficial. “Não, está vivo!”, respondeu o sargento. “Ah! Coitado! Bravo rapaz!”, gritou o oficial, “Coragem! Coragem!” Mas, enquanto lhe dizia coragem e lhe apertava o lenço na ferida, o garoto revirou os olhos e abandonou a cabeça: estava morto. O oficial empalideceu e olhou-o fixamente um instante. Então, acomodou-o com a cabeça sobre o capim. Ergueu-se e ficou olhando para ele. Imóveis, o sargento e os dois soldados também o observavam: os demais estavam virados para o inimigo.

– Coitado! – repetiu tristemente o oficial. – Pobre e corajoso garoto!

Em seguida, aproximou-se da casa, retirou da janela a bandeira tricolor, estendeu-a como um pano fúnebre sobre o pequeno morto, deixando seu rosto descoberto. O sargento recolheu ao lado do morto os sapatos, o boné, o bastãozinho e a faca.

Ficaram em silêncio ainda um momento, até que o oficial se virou para os soldados e disse: “Vamos chamar uma ambulância: morreu como soldado e assim será sepultado”. Dito isso, mandou um beijo com a mão para o

morto e gritou: “A cavalo!”. Todos pularam na sela, o destacamento se reuniu e seguiu seu caminho.

Poucas horas depois, o pequeno morto recebeu suas honras de guerra.

Ao pôr do sol, toda a linha de vanguarda dos italianos cavalgava em direção ao inimigo e, no mesmo caminho percorrido durante a manhã pelo destacamento de cavalaria, marchava em duas fileiras um grande batalhão de *bersaglieri*^a que, poucos dias antes, manchara de sangue a colina de San Martino.^b A notícia da morte do garoto já havia corrido entre os soldados antes que deixassem o acampamento. O caminho, flanqueado por um riacho, passava a poucos passos da casa. Quando os primeiros oficiais do batalhão viram o pequeno cadáver estendido aos pés do freixo e coberto com a bandeira tricolor, saudaram-no com a baioneta; e um deles inclinou-se na margem do riacho, que estava toda florida, arrancou duas flores e jogou nele. Então, todos os *bersaglieri*, à medida que iam passando, arrancaram flores e jogaram-nas para o morto.

Em poucos minutos, o garoto ficou coberto de flores, e todos os oficiais e soldados lhe mandavam uma saudação ao passar: “Bravo, pequeno lombardo!”, “Adeus, rapaz!”, “Para você, lourinho!”, “Viva!”, “Glória!”, “Adeus!”. Um oficial jogou para ele sua medalha de honra ao mérito, outro foi beijar-lhe a testa. E as flores continuavam a cair sobre seus pés nus, no peito manchado de sangue, na cabeleira loura. E ele continuava dormindo no capinzal, envolto em sua bandeira, com o rosto branco e quase sorridente, pobre garoto, como se ouvisse aquelas exclamações e estivesse contente por ter dado a vida pela sua Lombardia.

Os pobres

29, terça-feira

Dar a vida pelo próprio país, como o garoto lombardo, é uma grande virtude; mas você, meu filho, não negligencie as pequenas virtudes. Hoje de manhã, caminhando a minha frente, quando voltávamos da escola, você passou ao lado de uma pobre mulher, que segurava entre os joelhos um menino pálido e doente e lhe pediu uma esmola. Você olhou para ela e não deu nada, mesmo tendo dinheiro no bolso. Escute, meu filho. Não se acostume a passar indiferente perante a miséria que estende a mão e, menos ainda, diante de uma mãe que pede uma moeda para um menino. Pense que aquele menino talvez tivesse fome, pense no sofrimento daquela mulher. Imagine o soluço desesperado de sua mãe, se um dia tivesse de lhe dizer: “Enrico, hoje, não posso lhe dar nem o pão”. Quando dou uma moeda a um mendigo e ele me diz: “Deus conserve sua saúde e a de seus filhos!”, você não pode compreender a doçura que me provocam no coração tais palavras, a gratidão que sinto por aquele pobre. De verdade, me parece que aquele bom augúrio me ajuda a conservar a saúde boa por muito tempo, e volto para casa contente, e penso: Oh! Aquele pobre me deu muito mais do que eu a ele! Bom, faça que eu sinta às vezes aquele mesmo voto de boa sorte recebido por você. Tire pouco a pouco uma moeda de sua bolsinha para deixá-la cair na mão de um velho sem sustento, de uma mulher sem pão, de um menino sem mãe. Os pobres amam a esmola dos jovens porque não os humilha e porque os jovens, que precisam de todos, se parecem com eles: veja que há sempre pobres em volta da escola. A esmola de um homem é um ato de caridade; mas a de uma criança é, ao mesmo tempo, um ato de caridade e um carinho, percebe? É como se de sua mão caíssem juntos uma moeda e uma flor. Pense que não falta nada a você e que, enquanto você quer ser feliz, a eles basta não morrer. Pense que é um horror, no meio de tantos edifícios, pelas ruas onde passam carruagens e meninos vestidos de veludo, existirem mulheres, crianças que não têm o que comer. Não ter o que comer, meu Deus! Meninos como você, bons como você, inteligentes, que, no meio de uma grande cidade, não têm o

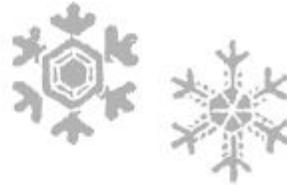
que comer, feito feras perdidas num deserto! Oh, nunca mais, Enrico, nunca mais passe na frente de uma mãe que mendiga sem pôr uma moeda na mão dela!

Sua mãe

^a *Il bersagliere*: soldado atirador. [Notas em asterisco são do tradutor.]

^b No livro *Álbum di Solferino e San Martino* [1972], De Amicis descreve essa batalha de forma heroica, em tom grandiloquente. Esse registro tornou-se dominante não só na obra desse autor, mas pelas necessidades políticas do processo de unificação da Itália (antes e depois de 1870).

DEZEMBRO



1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	18	27	36	45	54	63	72	81	90
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

O traficante

1º., quinta-feira

Meu pai quer que todos os dias livres eu traga um colega da escola para casa ou então vá me encontrar com algum deles, para ficar amigo de todos. Domingo vou passear com Votini, aquele bem-vestido, que está sempre se alisando e que tem tanta inveja de Derossi. Por enquanto, hoje veio aqui em casa Garoffi, aquele alto e magro, com nariz de bico de coruja e olhinhos espertos, que parecem fuçar tudo. É filho de um farmacêutico. É bastante original. Ele conta sempre o dinheiro que tem no bolso, conta nos dedos, rápido rápido e faz qualquer multiplicação sem a tabela pitagórica. E junta dinheiro: já tem uma caderneta de poupança na Caixa Escolar. Desconfiado, jamais gasta um centavo e, se cai um centavo debaixo das carteiras, é capaz de procurá-lo durante uma semana. Faz como as gralhas, diz Derossi. Tudo aquilo que encontra, penas estragadas, selos usados, alfinetes, vela derretida, cata tudo. Há mais de dois anos coleciona selos e já tem uma centena de cada país num grande álbum, que venderá ao livreiro, quando estiver completo. Enquanto isso, o livreiro lhe dá cadernos porque ele leva muitos garotos para sua loja. Na escola, está sempre traficando, todo dia vende objetos, loterias e faz escambo. Depois, se arrepende da troca e quer suas coisas de volta; compra por dois e revende por quatro; joga com as peninhas de aço^a e nunca perde. Revende jornais velhos ao dono da loja de tabaco e tem um caderninho onde anota seus negócios, todo cheio de somas e subtrações. Na escola, só estuda aritmética e se quer a medalha de primeiro da classe é só para entrar grátis no teatro de marionetes. Gosto dele: me diverte. Brincamos de mercado, com pesos e balanças: ele sabe o preço exato de tudo, sabe lidar com os pesos e faz embrulhos de papel rapidinho, como os lojistas. Diz que, assim que nosso curso terminar, vai montar um negócio, um comércio novo, inventado por ele. Ficou todo

contente porque lhe dei selos estrangeiros e me disse, com detalhes, por quanto se revende cada um para coleções. Meu pai, fingindo ler o jornal, ficava escutando e se divertia. Ele tem sempre os bolsos cheios de suas minimercadorias, que tapa com uma comprida capa preta, e parece continuamente preocupado e muito ocupado, feito um negociante. Porém, o que mais aprecia é a coleção de selos: é seu tesouro, fala sempre dele, como se houvesse de ganhar uma fortuna. Os colegas o chamam de avarento, de usurário. Não sei. Ele é legal, me ensina muitas coisas, me parece um homem. Coretti, o filho do revendedor de lenha, diz que ele não entregaria seus selos nem para salvar a vida de sua mãe. Meu pai não acredita nisso. “Espere antes de julgá-lo”, me disse, “ele tem essa paixão, mas tem coração.”

Vaidade

5, segunda-feira

Ontem, fui passear na alameda de Rivoli com Votini e seu pai. Ao passar pela rua Dora Grossa, vimos Stardi, aquele que dá pontapés nos bagunceiros, imóvel na frente de uma vitrine de livraria, de olhos fixos num mapa. E quem sabe há quanto tempo estava ali, porque ele estuda até quando caminha: mal nos cumprimentou, aquele bronco. Votini estava bem-vestido, até demais: usava botinas de couro pespontadas de vermelho, uma jaqueta bordada com pompons de seda, um chapéu de castor branco e relógio. E se exibia. Mas sua vaidade, desta vez, ia acabar mal. Depois de corrermos um bom pedaço da avenida, deixando seu pai, que andava devagar, muito atrás, sentamos num banco de pedra, junto de um garoto vestido modestamente, que parecia cansado e pensava, de cabeça baixa. Um homem, que devia ser pai dele, ia e vinha sob as árvores, lendo a gazeta. Sentamos. Votini ficou entre mim e o garoto. E logo se lembrou de que estava bem-vestido e quis se mostrar e provocar inveja no vizinho.

Levantou um pé e me disse: “Viu minha botina de oficial?”. Falou isso para chamar a atenção do outro, que nem ligou. Então, baixou o pé e mostrou seus pompons de seda, falando comigo enquanto olhava para o garoto de soslaio, disse que não gostava daquilo e havia de trocar por botões de prata. O garoto tampouco olhou para os pompons.

Aí, Votini começou a rodar na ponta dos dedos o belíssimo chapéu de castor branco. Porém, o garoto, parecendo fazer de propósito, nem se dignou a dar uma olhada para o chapéu.

Votini, que começava a ficar bronqueado, puxou o relógio, abriu-o, me mostrou o mecanismo. O vizinho continuava sem virar a cabeça. “É de prata dourada?”, perguntei-lhe. “Não”, respondeu, “é de ouro.” “Mas não é todo de ouro”, contestei, “deve ter um pouco de prata.” “Nada”, rebateu; e, para

obrigar o jovem a olhar, pôs o relógio na cara dele e disse: “Diga você, olhe, não é todinho de ouro?”.

O garoto respondeu secamente:

– Não sei.

– Ops! – exclamou Votini, com raiva – Quanta soberba!

Enquanto dizia isso, chegou o pai, que ouviu a frase; olhou fixamente o garoto e disse brusco ao filho: “Cala a boca!”. E, inclinando-se no ouvido dele, acrescentou: “É cego!”.

Votini pulou em pé, tremendo, e olhou o rosto do garoto. Tinha pupilas vítreas, sem expressão, um olhar morto.

Votini ficou arrasado, sem palavras, olhando para baixo. Enfim, balbuciou: “Desculpe... não sabia”.

Mas o cego, que tudo entendera, disse com um sorriso benévolo e melancólico: “Não tem problema”.

Bom, é vaidoso, mas Votini não tem coração ruim. Não riu mais durante o resto do passeio.

A primeira neve

10, sábado

Adeus, passeios na Rivoli!^{13} Chegou a boa amiga da garotada! Eis a primeira neve! Desde ontem à noite, caem flocos densos e grandes, como flores de jasmim. De manhã, era um prazer observar a neve cair contra as vidraças e se acumular nos beirais: até o professor olhava esfregando as mãos. E todos estavam contentes, pensando em jogar bolas uns nos outros e no gelo que virá depois e no fogo dentro de casa. Somente Stardi não ligava, absorvido na lição, com os punhos apertados contra as têmporas. Que beleza, que festa foi na saída! Todos pulando pela rua, aos gritos e abraços, enchendo as mãos de neve e dando saltos como cachorrinhos na água. Os pais que esperavam lá fora carregavam guarda-chuvas brancos, a guarda municipal usava elmos brancos, todas as nossas mochilas, em poucos instantes, ficaram brancas também. Todos pareciam fora de si de tanta alegria, até Precossi, o filho do marceneiro, aquele pálido que nunca ri e Robetti, o que salvou o menino do ônibus, coitado, que saltitava com suas muletas. O calabrês, que nunca tinha posto a mão na neve, fez uma bola e começou a comê-la feito um pêssego. Crossi, o filho da verdureira, encheu a mochila; e Tijolinho explodiu de rir, quando meu pai o convidou para ir a nossa casa no dia seguinte: tinha a boca cheia de neve e, sem cuspir nem engolir, havia engasgado e não respondia. Até as professoras saíam da escola correndo, rindo: mesmo minha professora da primeira série, coitada, corria pelo meio da neve, protegendo o rosto com seu véu verde, e tossia. Enquanto isso, centenas de meninas da escola vizinha passavam fazendo barulho e galopando sobre aquele tapete cândido, enquanto professores e funcionários gritavam: “Para casa! Para casa!”, engolindo flocos de neve e de bigodes e barba embranquecidos. E eles também riam daquela bagunça dos alunos que festejavam o inverno...

Vocês festejam o inverno... mas existem muitos meninos que não têm roupas, nem sapatos, nem lenha para se aquecer. São milhares aqueles que descem até os vilarejos, depois de tanto caminhar, carregando nas mãos ensanguentadas pelo gelo um pedaço de lenha para esquentar a escola. Há centenas de escolas quase cobertas pela neve, nuas e téticas como espeluncas, onde os jovens sufocam com a fumaça ou batem os dentes com o frio, olhando aterrorizados os flocos brancos que caem sem parar, que se amontoam sobre suas cabanas distantes, ameaçadas pelas avalanches. Vocês festejam o inverno. Pensem nos milhares de criaturas para quem o inverno traz miséria e morte.

Seu pai

Tijolino

11, domingo

Tijolino veio hoje, vestido de caçador, usando roupas velhas do pai, ainda brancas de cal e gesso. Meu pai desejava mais que eu que ele viesse: como ficou contente! Assim que entrou, tirou o chapéu de pano, molhado de neve e o guardou num bolso. Foi adiante com aquele passo descuidado de operário cansado, virando para os lados o rosto redondo feito maçã, com seu nariz de bolota. E, quando entrou na sala de jantar, deu uma olhada nos móveis, fixando os olhos num quadrinho que representa Rigoletto, um bufão corcunda,^{14} repetiu o “focinho de coelho”. É impossível controlar o riso, quando ele faz essa careta. Começamos a brincar com pedaços de madeira, ele possui uma extraordinária habilidade para fazer torres e pontes, que parecem ficar de pé por milagre, e trabalha muito sério, com a paciência de um adulto. Entre uma torre e outra, contou-me sobre sua família: eles moram num sítão, seu pai está aprendendo a ler num curso noturno, a mãe vem da cidade de Biella. E deve gostar dele, porque está pobrementemente vestido, mas agasalhado do frio, com as roupas bem remendadas, com o laço da gravata benfeito por sua mãe. Diz que o pai é um homem forte, um gigante, que tem dificuldade ao passar pelas portas; uma boa pessoa, que chama sempre o filho de “coelhinho”. Este, ao contrário, é miúdo. Às quatro horas, tomamos lanche juntos, pão e uva-passa, sentados no sofá e, quando nos levantamos, não sei por quê, meu pai não quis que eu limpasse o encosto da cadeira, que Tijolino havia manchado de branco com sua jaqueta; segurou minha mão e limpou ele próprio depois, escondido. Ao jogar, o garoto perdeu um botão do casaco de caçador e minha mãe o pregou, ele enrubesceu e ficou olhando enquanto minha mãe costurava, maravilhado e confuso, prendendo a respiração. Depois, mostrei-lhe um álbum de caricaturas e, sem se dar conta, ele imitava as caretas tão bem que até meu

pai ria. Estava tão contente quando foi embora, que esqueceu de pôr na cabeça o boné de pano e, quando chegou ao pé da escada, para mostrar sua gratidão, me fez de novo aquela careta. Ele se chama Antonio Rabucco, tem oito anos e oito meses...

Sabe, meu filho, por que não quis que você limpasse o sofá? Porque limpá-lo, enquanto seu colega podia ver, era quase uma crítica. E isso não teria sido legal. Primeiro, porque não o fez de propósito e, depois, porque o fez com a roupa do pai, cheia de gesso por causa do trabalho. E o que se faz trabalhando não é sujeira: é poeira, é cal, é tinta, é tudo aquilo que você quiser, menos sujeira. O trabalho não suja. Nunca diga de um operário que volta do trabalho: “Está sujo”. Você deve dizer: “Traz nas roupas os sinais, as marcas do trabalho”. Lembre-se disso. E continue gostando de Tijolinho, primeiro porque é seu colega e, depois, por ser filho de um operário.

Seu pai

Uma bola de neve

16, sexta-feira

E continua nevando. Presenciei uma história feia, hoje de manhã, por causa da neve, ao sair da escola. Um grupo de garotos, assim que chegou ao Corso, começou a jogar bolas com aquela neve aguada, que faz bolas sólidas e pesadas como pedras. Passavam muitas pessoas nas calçadas. Um senhor gritou: “Parem, meninos!”, e exatamente aí se ouviu um grito agudo do outro lado da rua e deu para ver um velho que tinha perdido o chapéu e cambaleava, cobrindo o rosto com as mãos e, ao lado dele, um garoto que gritava “Socorro! Socorro!”. Logo apareceu gente de todos os lados. Ele havia sido atingido por uma bola num dos olhos. A garotada debandou, fugindo igual a flechas. Eu estava na frente da livraria, onde meu pai tinha entrado, e vi muitos colegas chegarem correndo, se misturarem no meio dos outros, fingindo olhar a vitrine. Garrone estava entre eles, com seu pão no bolso, e também Coretti, o Tijolino, e ainda Garoffi, o dos selos. No entanto, tinha se reunido uma multidão em volta do velho, além de um guarda, e outros adultos corriam de um lado para outro, perguntando: “Quem foi? Foi você? Digam quem foi!”, e olhavam para as mãos dos garotos, para ver se estavam molhadas de neve. Garoffi estava ao meu lado: percebi que tremia e tinha a cara branca feito um morto. “Quem foi? Qual de vocês?”, continuavam gritando. Aí, ouvi Garrone dizendo baixinho para Garoffi: “Vamos, vai se apresentar, seria covardia deixar que alguém pagasse por você”. “Mas não fiz de propósito!”, respondeu Garoffi, tremendo feito uma folha. “Não interessa, faça o seu dever”, repetiu Garrone. “Mas não tenho coragem!” “Coragem, eu vou com você.” E os guardas e outros gritavam cada vez mais alto: “Quem foi? Quem foi? Uma lente dos óculos entrou num dos olhos! Bandidos! Ele vai ficar cego!”. Tive a impressão de que Garoffi caía no chão. “Venha”, disse decidido Garrone, “eu defendo

“você.” E, tendo agarrado o amigo pelo braço, empurrou-o para a frente, sustentando-o como um doente. As pessoas viram e entenderam logo e muitos acorreram de punhos levantados. Porém, Garrone ficou no meio deles, gritando: “Precisam de dez adultos contra um garoto?”. Então, o grupo se deteve e um guarda municipal pegou Garoffi pela mão e o conduziu, abrindo a multidão, até uma pastelaria, aonde haviam levado o ferido. Assim que o vi, reconheci logo o velho empregado, que mora no quarto andar do nosso edifício, com seu netinho. Estava acomodado numa cadeira, com um lenço nos olhos. “Não fiz de propósito!”, dizia Garoffi soluçando, meio morto de medo. “Não fiz de propósito!” Duas ou três pessoas o empurraram violentamente na loja, gritando: “Cabeça para baixo! Peça desculpas!”, e o derrubaram no chão. Mas logo uma voz decidida disse: “Não, senhores!”. Era o nosso diretor, que tinha visto tudo. “Uma vez que teve a coragem de se apresentar”, acrescentou, “ninguém tem o direito de maltratá-lo.” Ficaram todos calados. “Peça desculpas”, disse o diretor a Garoffi. Em lágrimas, Garoffi abraçou os joelhos do velho e este, procurando sua cabeça com a mão, acariciou-lhe os cabelos. Então, todos disseram: “Vai, garoto, vai, volta para casa!”. E meu pai me arrancou da multidão e me disse, no caminho: “Em situação parecida, você teria coragem de cumprir seu dever, de confessar sua culpa?”, respondi que sim. E ele: “Me dê sua palavra de coração e de honra que faria isso”. “Eu lhe dou minha palavra, meu pai!”

As professoras

17, sábado

Hoje, Garoffi estava morto de medo, esperando uma grande bronca do professor, mas ele não apareceu e, como o suplente também faltou, quem veio dar aula foi a senhora Cromi, a mais velha das professoras, que tem dois filhos adultos e ensinou a ler e a escrever a muitas senhoras que agora vêm acompanhar seus filhos à Escola Baretti. Ela estava triste, porque tem um filho doente. Assim que a viram, começaram a fazer barulho. Mas, com voz calma e tranquila, disse: “Respeitem meus cabelos brancos, não sou apenas uma professora, sou mãe”. E aí, ninguém mais se atreveu a falar, nem mesmo aquele cara de pau do Franti, que se contentou em fazer caretas às escondidas. Para a turma de Cromi, mandaram Delcati, a professora de meu irmão, e, no lugar da Delcati, aquela a quem chamam de “freirinha”, porque anda sempre vestida com roupas escuras, com um avental preto, e tem um rosto pequeno e branco, cabelos sempre escorridos, olhos bem claros e uma voz tênue, que parece sempre estar rezando. E não dá para entender, diz minha mãe: é tão suave e tímida, com aquele fio de voz sempre igual, que mal se ouve, e não grita, nunca fica brava; contudo, mantém os garotos tão quietos que mal se pode escutá-los, os menores abaixam a cabeça, bastando que ela levante o dedo para eles; sua aula parece uma missa, também por isso chamam-na de freirinha. Mas existe outra de quem gosto também: a professorinha da primeira série número três, aquela jovem com rosto corado, que tem duas lindas covinhas nas bochechas e usa uma grande pluma vermelha no chapéu e uma cruzinha de vidro amarelo pendurada no pescoço. Está sempre alegre, deixa a turma assim, sorri sempre, grita sempre com sua voz aguda, parecendo cantar, batendo a vareta na mesa e palmas para impor silêncio. Depois, quando saem, corre feito criança atrás de um ou outro para organizá-los em fila: e puxa o babador de um, abotoa o

casaco de outro para que não se resfriem, acompanha a todos até a rua para que não se atraquem, suplica aos pais para que não os castiguem em casa, dá pastilhas para aqueles que tosem, empresta suas luvas^{15} para quem sente frio. E é atormentada continuamente pelos menores que lhe pedem beijos, puxando-a pelo véu e pela mantilha: ela os deixa à vontade e beija a todos, rindo, e todo dia volta para casa despenteada e sem voz, ofegante e contente, com suas lindas covinhas e sua pluma vermelha. Também ensina desenho para as meninas e, com seu trabalho, sustenta a mãe e um irmão.

Na casa do ferido

18, domingo

O netinho do velho empregado que foi atingido no olho pela bola de neve de Garoffi está com a professora da pluma vermelha: nós o vimos hoje, na casa do tio, que o trata como filho. Eu tinha terminado de escrever o conto mensal para a semana que vem, *O pequeno escritor florentino*, que o professor me deu para copiar. E papai me disse: “Vamos ao quarto andar, para ver como está aquele senhor que machucou o olho”. Entramos num quarto quase escuro, onde o velho estava de cama, com muitas almofadas nas costas. Junto da cabeceira sentava-se a mulher dele e, num canto, o netinho brincava. O velho tinha o olho vendado. Ficou muito contente de ver meu pai, mandou-nos sentar e disse que estava melhor, que o olho não só não estava perdido como em poucos dias ficaria curado. “Foi uma desgraça”, acrescentou, “me dói o susto que deve ter passado aquele pobre garoto.” Depois nos falou do médico, que devia vir naquele horário, para cuidar dele. Exatamente nessa altura, toca a campainha. “É o médico”, diz a senhora. A porta se abre... e quem vejo? Garoffi, com seu capote, parado no umbral, de cabeça caída, sem coragem de entrar. “Quem é?”, pergunta o doente. “É o garoto que jogou a bola”, diz meu pai. E o velho, então: “Oh, coitado! Venha, você veio saber notícias do ferido, não é? Estou melhor, fique tranquilo, estou melhor, estou quase bom. Venha cá”. Garoffi, tão confuso que nem enxergava mais, aproximou-se da cama, controlando-se para não chorar, e o velho o acariciou, mas não podia falar. “Obrigado”, disse o velho, “vá dizer a seus pais que não fiquem preocupados.” Mas Garoffi não se mexia, parecendo ter algo a dizer, mas não se atrevia. “O que tem para me dizer? O que deseja?” “Eu... nada.” “Bem, adeus, até a próxima, rapaz. Vá embora com o coração em paz.” Garoffi foi até a porta, só que lá parou e se virou na direção do netinho, que o seguia e observava curioso. De repente,

tira um objeto do casaco, coloca-o na mão do menino, diz rápido: “É para você”, e escapa feito um relâmpago. O menino leva o objeto até o tio, veem que está escrito: “Te dou isto”. Olham dentro e fazem uma exclamação de surpresa. Era o famoso álbum com sua coleção de selos que o pobre Garoffi tinha trazido, a coleção de que falava sempre, na qual tinha depositado tantas esperanças, e que lhe tinha custado tantas canseiras: era o seu tesouro, coitado, era metade de seu sangue que ele dava de presente em troca do perdão!

O PEQUENO ESCRITOR FLORENTINO

CONTO MENSAL

Ele estava na quarta série. Era um gracioso florentino de doze anos, cabelo preto e rosto claro, filho mais velho de um ferroviário, que, tendo muita família e pouco salário, vivia apertado. O pai gostava muito dele e era bom e compreensivo: compreensivo em tudo, exceto no que tocava à escola. Quanto a isso, exigia muito e se mostrava severo porque o filho tinha de se preparar para conseguir logo um emprego para ajudar a família: e, para valer logo alguma coisa, era preciso esforçar-se muito em pouco tempo. Embora o jovem estudasse, o pai sempre o advertia a estudar mais. O pai já tinha idade avançada, e o excesso de trabalho também fizera com que envelhecesse antes da hora. E ainda, para prover às necessidades da família, para além do muito trabalho que lhe impunha seu emprego, pegava aqui e ali trabalhos extras de copista, passando boa parte da noite na escrivaninha. Ultimamente, havia conseguido, junto a uma editora que publicava jornais e livros em fascículos, a tarefa de escrever em etiquetas o nome e o endereço dos assinantes, ganhando três liras por lotes de quinhentas tiras de papel, escritas em caracteres grandes e regulares. Mas este trabalho o cansava e ele se lamentava bastante com a família, quando comiam. “Meus olhos estão acabando”, dizia, “este trabalho noturno me mata.” O filho disse a ele um dia: “Papai, me deixe trabalhar em seu lugar; você sabe que escrevo como você, igualzinho”. Mas o pai lhe respondeu: “Não, meu filho, você deve estudar, a escola é muito mais importante que minhas etiquetas; eu teria remorsos de lhe roubar uma hora que fosse; agradeço, mas não quero, e não se fala mais nisso”.

O filho sabia que, com o pai, nesses casos, era inútil insistir, e não insistiu. Porém, eis o que fez. Ele sabia que, à meia-noite em ponto, o pai parava de escrever, saía do escritório e ia para o quarto. Algumas vezes

escutara: quando soavam as doze badaladas do pêndulo, ouvia imediatamente o barulho da cadeira sendo afastada e o passo lento do pai. Certa noite, esperou que ele estivesse na cama, vestiu-se devagarzinho, andou às apalpadelas, voltou a acender o lampião a querosene, sentou-se à escrivaninha, onde havia um monte de etiquetas em branco e a lista com endereços, e começou a escrever, refazendo com capricho a escrita do pai. E escrevia com vontade, com um pouco de medo, e as etiquetas se amontoavam, e de tempos em tempos ele deixava a pena para esfregar as mãos, e depois recomeçava com mais vontade, de orelha em pé e sorrindo. Escreveu cento e sessenta: uma lira! Parou, então, recolocou a pena de onde a tinha tirado, apagou a luz e voltou para a cama, na ponta dos pés.

Daquela vez, ao meio-dia, o pai sentou-se à mesa de bom humor. Não havia percebido nada. Fazia aquele trabalho mecanicamente, medindo-o pelas horas e pensando em outras coisas, e só contava as etiquetas escritas no dia seguinte. Sentou-se à mesa de bom humor e, batendo nas costas do filho: “Oi, Giulio”, disse, “seu pai ainda é um bom trabalhador, acredite! Em duas horas, fiz um terço de trabalho a mais ontem à noite. A mão ainda está ágil e os olhos cumprem seu dever”. E Giulio, contente, mudo, dizia para si mesmo: “Pobre papai, além do ganho, ainda lhe dou esta satisfação, de se acreditar rejuvenescido. Bom, coragem”.

Encorajado com o resultado, na noite seguinte, ao soarem as doze, de pé outra vez e, ao trabalho. E assim fez durante várias noites. E o pai não se dava conta de nada. Somente uma vez, no jantar, saiu-se com esta: “É estranho, quanto querosene se gasta nesta casa, nos últimos tempos!”. Giulio tomou um susto, mas a conversa parou por ali. E o trabalho noturno foi em frente.

Acontece que, dormindo tão pouco à noite, Giulio não descansava o suficiente, se levantava cansado pela manhã e, ao fazer a lição da escola, era difícil ficar de olhos abertos. Certa noite – pela primeira vez – dormiu em cima do caderno. “Ânimo! Coragem!”, gritou o pai, batendo palmas, “ao trabalho.” Ele se sacudiu e retomou o dever de casa. Porém, na noite seguinte e nos dias sucessivos, foi a mesma coisa e, pior ainda, cochilava sobre os livros, se levantava mais tarde que de costume, fazia as lições a

muito custo, parecia sem vontade de estudar. O pai começou a observá-lo, depois, a preocupar-se e, por fim, passou a zangar-se com ele. Não devia ter feito isso! “Giulio, disse certa manhã, “você precisa de disciplina, não é mais o mesmo. Não estou gostando disso. Preste atenção: todas as esperanças da família se depositam em você. Não estou satisfeito, me entende?” Diante de tal crítica, a primeira realmente severa que recebia, o garoto ficou perturbado. E, “sim”, disse a si mesmo, “tem razão, assim não dá pra continuar, é preciso que a mentira acabe”. Mas, na noite daquele mesmo dia, o pai afirmou com grande alegria: “Sabiam que, neste mês, ganhei trinta e duas liras a mais que no mês passado, fazendo etiquetas!”, e, dizendo isso, tirou debaixo da mesa um pacote de doces, que tinha comprado para festejar com os filhos o dinheiro extra, o que todos receberam batendo palmas. E aí Giulio recobrou ânimo e disse em seu coração: “Não, coitado do papai, vou continuar a enganá-lo. Vou me esforçar para estudar durante o dia, mas, continuarei trabalhando de noite para você e para todos. Estou contente: trinta e duas liras a mais...”. “Mas é aquele ali”, e apontou para Giulio, “que me dá desgosto.” E Giulio recebeu a crítica em silêncio, segurando duas lágrimas que queriam sair; ao mesmo tempo, sentia uma grande doçura no coração.

E prosseguiu trabalhando com vontade. Mas o cansaço, que ia se acumulando, tornava cada vez mais difícil resistir. A situação já durava dois meses. O pai continuava criticando o filho e olhando para ele sempre magoado. Certo dia, foi se informar com o professor, que lhe respondeu: “Sim, vai levando porque é inteligente. Porém, não tem mais o empenho de antes. Cochila, boceja, anda distraído. Faz redações curtas, tudo rápido, com letra ruim. Claro, podia fazer muito, muito mais”. Na mesma noite, o pai chamou o filho num canto e disse as palavras mais duras que ele já tinha escutado. “Giulio, você vê que eu me arrebento de trabalhar pela família. Você não tem compaixão nem por mim, nem por seus irmãos, nem por sua mãe!” “Não! Não diga isso, papai!”, gritou o filho, caindo no choro e abriu a boca para confessar tudo. Mas seu pai o interrompeu, dizendo: “Você conhece as condições da família: sabe que é preciso a boa vontade e o sacrifício de todos. Veja, eu próprio devia dobrar meu trabalho. Neste mês,

contava com uma gratificação de cem liras, lá na ferrovia e, soube hoje de manhã, que não vou receber nada!”. Diante de tal notícia, Giulio engoliu a confissão que estava a ponto de lhe fugir da alma e repetiu decididamente para si mesmo: “Não, pai, não vou lhe contar nada: guardarei o segredo para trabalhar para você. Compenso de outro jeito a dor que lhe provoço: na escola, hei de estudar o suficiente para passar de ano: o que realmente importa é ajudá-lo a ganhar a vida e aliviá-lo do cansaço que o mata”.

E foi em frente: mais dois meses de trabalho noturno e cansaço diurno, de esforços desesperados do filho e de queixas amargas do pai. Mas o pior é que ele ia se distanciando do filho, só raramente falava com ele, como se fosse um filho inútil, do qual não houvesse mais o que esperar e evitava até olhar para ele. E Giulio se dava conta disso e sofria e, quando o pai lhe dava as costas, mandava um beijo escondido, levando o rosto à frente, com um sentimento de ternura piedosa e triste. E, entre dor e cansaço, ia emagrecendo e empalidecia, sendo obrigado a negligenciar os estudos cada vez mais. E percebia que algum dia teria de parar, repetindo toda noite: “Hoje à noite, não vou levantar”. Porém, ao baterem as doze horas, no momento em que devia reafirmar seu propósito, sentia remorsos se permanecia na cama por faltar com um dever, por roubar uma lira ao pai e à família. E levantava, pensando que numa noite daquelas o pai iria se levantar e o surpreender, ou ainda, acabar percebendo a mentira por acaso, contando as etiquetas duas vezes. E aí, tudo terminaria naturalmente, sem uma iniciativa sua, que ele não tinha coragem de tomar. E assim continuava.

Certa noite, ao jantar, o pai pronunciou uma palavra que foi decisiva para ele. Sua mãe observou-o e, parecendo que estava mais largado e cansado que de hábito, lhe disse: “Giulio, você está doente”. E, virando-se para o pai, ansiosamente: “Giulio está doente. Veja como está pálido! Meu filho, o que está sentindo?”. O pai lhe deu uma olhadela e disse: “É a má consciência que provoca doenças. Ele não era assim quando era um estudante aplicado e um filho querido.” “Mas ele está mal!”, exclamou a mãe. “Não estou nem aí!”, respondeu o pai.

Aquela frase foi uma punhalada no coração do pobre garoto. Então, não ligava mais para ele? O pai que antes tremia só de ouvi-lo tossir! Assim, não

gostava mais dele, não havia mais dúvidas, estava morto no coração do pai... “Não, meu pai”, disse o garoto para si mesmo, com o coração apertado pela angústia, “agora chega, sem seu afeto não posso viver. Quero você de volta, inteiro, vou contar tudo, não o engano mais, estudarei como antes: aconteça o que acontecer, desde que você volte a gostar de mim, pobre pai! Desta vez, vou manter firme minha decisão!”

Contudo, levantou de novo naquela noite, por força do hábito; e, já de pé, quis despedir-se, rever por alguns instantes, na calada da noite, pela última vez, aquela saleta onde tanto trabalhara secretamente, com o coração cheio de satisfação e ternura. E, quando se viu de novo à mesa, de luz acesa, olhando aquelas papeletas brancas em que nunca mais escreveria aqueles nomes de cidades e de pessoas que já sabia de cor, foi tomado por uma grande tristeza e, com um ato impetuoso, retomou a pena para recomeçar o trabalho de costume. Porém, ao estender a mão, tocou um livro e ele caiu. Seu sangue se agitou: se o pai acordasse! Certamente não o surpreenderia praticando uma má ação, ele mesmo estava decidido a contar-lhe tudo: todavia... Ouvir aquele passo se aproximando no escuro, ser surpreendido àquela hora, naquele silêncio, sua mãe, que iria acordar e se assustar; e pensar pela primeira vez que seu pai teria se sentido humilhado, descobrindo tudo... tudo isso quase o aterrorizava. Ele aguçou o ouvido, com a respiração suspensa... Não ouviu nenhum barulho. Espreitou pela fechadura da porta que estava atrás dele: nada. A casa inteira dormia. Seu pai não tinha escutado. Tranquilizou-se. E recomeçou a escrever. E as etiquetas iam se amontoando. Ele ouviu o passo cadenciado do guarda-noturno, embaixo, na rua deserta; depois, um barulho de carroça que cessou de repente; depois, o estrépito de uma fila de carroças que passavam lentamente; depois, um silêncio profundo, quebrado de vez em quando pelo latido distante de um cachorro. E escrevia, escrevia. Entretanto, o pai estava atrás dele: se levantara quando escutou o livro cair e esperava o momento certo. O barulho das carroças havia coberto o rumor de seus passos e o leve chiar do batente da porta: lá estava ele – com sua cabeça branca por cima da cabecinha preta de Giulio –, vendo correr a pena sobre as etiquetas e, num instante adivinhou tudo, lembrou tudo, entendeu tudo e um arrependimento

desesperado, uma ternura imensa invadiu sua alma e o manteve pregado, sufocado ali, atrás do filho. De repente, Giulio dá um grito, dois braços trêmulos haviam cingido sua cabeça. “Papai! Me perdoe, pai, me desculpe!”, gritou, reconhecendo o pai que chorava. “Me perdoe você!”, respondeu o pai, soluçando e cobrindo sua testa de beijos, “entendi tudo, sei de tudo, sou eu, sou eu quem deve pedir desculpas a você, santa criatura! Venha, venha aqui!” E o levantou, ou melhor, levou-o até a cama da mãe, também acordada, jogando-o nos braços dela: “Beije este anjo de filho que há três meses não dorme e trabalha para mim, e eu maltrato seu coração, ele que ganha o pão de comer!”. A mãe o abraçou e o estreitou contra o peito, sem poder dizer nada. Enfim, ela disse: “Vá para a cama, meu filho, vá dormir e descansar! Leve-o para a cama”. O pai pegou-o nos braços, levou-o até o quarto, colocou-o na cama, sempre ofegante e acariciando o filho, ajeitou travesseiro e cobertas. “Obrigado, papai”, repetia o filho, “obrigado. Mas agora, vá você para a cama, estou contente, vá dormir, papai.” Porém, o pai queria vê-lo dormindo, sentou-se ao lado da cama, pegou sua mão e exclamou: “Dorme, dorme, meu filho!”. E Giulio, exausto, adormeceu finalmente e dormiu várias horas, desfrutando pela primeira vez, depois de vários meses, de um sono tranquilo, alegrado por sonhos doces. E, quando abriu os olhos, pois o sol já brilhava fazia algum tempo, sentiu-a primeiro, depois a viu encostada no peito, apoiada na beira da cama, a cabeça branca do pai, que havia passado a noite assim e continuava dormindo, com a testa apertada contra seu coração.

Força de vontade

28, quarta-feira

Na minha turma, temos Stardi que teria força para fazer o que fez o pequeno florentino. Hoje de manhã, houve dois acontecimentos na escola: Garoffi, louco de contente, porque lhe devolveram seu álbum, com o acréscimo de três selos da República da Guatemala, que ele procurava havia três meses; e Stardi, que recebeu a segunda medalha. Stardi, o primeiro da turma, depois de Derossi! Ficaram todos maravilhados. Quem poderia imaginar isso, em outubro, quando o pai o levou para a escola embrulhado naquele casacão verde, dizendo ao professor diante de todos: “Tenha muita paciência porque é muito duro da moleira!”. No início, todos o julgaram um cabeça-oca. Porém, ele disse: “Ou vai ou racha!”, e começou a estudar para valer, de dia, de noite, em casa, na escola, passeando, com dentes cerrados e punhos fechados, paciente feito um boi, obstinado feito uma mula e assim, com persistência, sem ligar para as gozações e dando pontapés nos que o perturbavam, passou na frente dos demais, aquele cabeçudo. Era um zero à esquerda em aritmética, enchia a redação de asneiras, não conseguia decorar nenhum parágrafo e, agora, resolve os problemas, escreve corretamente e canta as lições como se fossem árias. E dá para adivinhar sua vontade de ferro vendo como é feito, tão tosco, cabeça quadrada e sem pescoço, com mãos curtas e grossas e aquela voz rouca. Ele estuda até nos textos de jornal e nas propagandas de teatro e, toda vez que junta dez moedas, compra um livro: já reuniu uma pequena biblioteca e, num momento de bom humor, deixou escapar que vai me levar à casa dele para vê-la de perto. Não fala com ninguém, não brinca com ninguém, está sempre na carteira com os punhos na testa, firme feito uma rocha, ouvindo o professor. Quanto deve ter batalhado, pobre Stardi! O professor disse a ele hoje de manhã, embora estivesse impaciente e de mau humor, quando

entregou as medalhas: “Bravo Stardi, quem persiste, vence”. Porém, ele não parecia orgulhoso, não sorriu e, assim que voltou para a carteira com a medalha, recolocou os dois punhos nas têmporas e permaneceu mais imóvel e mais atento que antes. Mas o melhor foi na saída, com o pai à espera dele – que realizava sangrias –, grande e parrudo como o filho, com uma carranca e um vozeirão. Ele não esperava por aquela medalha e nem queria acreditar nela, foi preciso que o professor o tranquilizasse e então começou a rir, dizendo alto: “Bravo, muito bem, meu cabeção querido, vamos!”, e olhava admirado, sorrindo. E todos os garotos em volta sorriam, exceto Stardi. Ele já andava ruminando na cabeça a lição do dia seguinte.

Gratidão

31, sábado

Seu colega Stardi nunca se queixa do professor, tenho certeza. O professor estava de mau humor, impaciente – diz você em certo tom de ressentimento. Pense um pouco quantas vezes você não foi impaciente e com quem? Com seu pai e com sua mãe, para quem sua impaciência é um crime. Tem muita razão seu professor de ser, às vezes, impaciente! Pense que há tantos anos se cansa com jovens e que, se teve muitos afetuosos e gentis, também encontrou muitíssimos ingratos, que abusaram de sua bondade e ignoraram suas canseiras. E a quem, infelizmente, no fim das contas, vocês deram mais amarguras do que satisfações. Pense que o homem mais santo do mundo, no lugar dele, por vezes, se deixaria vencer pela raiva. E, ainda, se você soubesse quantas vezes o professor vai dar aulas doente, só porque não existe mal algum tão grave que o dispense da escola, e ele anda impaciente porque sofre, e é uma grande dor ver que vocês não percebem isso ou abusam! Ame-o porque seu pai o ama e o respeita; porque ele consagra a vida ao bem de tantos rapazes que vão se esquecer dele; ame-o porque abre e ilumina sua inteligência e educa seu ânimo; porque um dia, quando você for um homem e nem eu nem ele estivermos mais no mundo, sua imagem vai lhe aparecer frequentemente como a minha e, aí, preste atenção, algumas expressões de dor e de cansaço na boa cara de homem galante que ele tem, para as quais agora você não liga, delas você há de se lembrar e vão lhe provocar pena, mesmo depois de tantos anos; e você vai se envergonhar, sentir tristeza por não ter gostado dele, por ter se comportado mal. Ame o seu professor, porque ele pertence àquela grande família de cinquenta mil professores primários, espalhados pela Itália inteira, os quais são como pais intelectuais dos milhões de jovens que crescem com você, trabalhadores sem reconhecimento e mal remunerados, que preparam para o país um povo melhor que o do presente. Não fico satisfeito com o afeto que você tem por mim, se não o tiver também por todos aqueles que lhe fazem o bem e, dentre esses, seu professor está em primeiro lugar, em seguida seus pais. Ame-o como amaria meu irmão; ame-o quando lhe dá carinho e também quando o critica, quando é justo e quando

parece injusto, ame-o quando está alegre e afável, e ame-o ainda mais quando o vir triste. Ame-o sempre. E pronuncie sempre com reverência este nome – mestre – que, depois de pai, é o mais nobre, o mais doce nome que um homem pode dar a outro.

Seu pai

^a Penas de aço para escrever: destacáveis da madeira, quando gastas pelo uso, viravam um brinquedo muito apreciado na época.

JANEIRO



O professor substituto

4, quarta-feira

Meu pai tinha razão: o professor estava de mau humor porque não se sentia bem. E, há três dias, está vindo no lugar dele o suplente, o baixinho sem barba, que parece jovem. Uma coisa horrível aconteceu hoje de manhã. Já no primeiro e no segundo dias, fizeram algazarra na escola, porque o substituto tem uma grande paciência e repetia: “Fiquem calados, fiquem calados, estou pedindo”. Mas, hoje de manhã, passaram dos limites. Faziam um zum-zum-zum que não dava para ouvir nada: e ele advertia, implorava, mas gastava saliva à toa. Por duas vezes, o diretor apareceu na porta e observou. Assim que ele ia embora, o vozerio tornava a crescer, como num mercado. Garrone e Derossi se viravam para os colegas, fazendo sinais para que sossegassem, aquilo era uma vergonha. Ninguém ligava. Só Stardi estava quieto, com os cotovelos na mesa e os punhos nas têmporas, talvez pensando em sua famosa biblioteca, e Garoffi, aquele do nariz em forma de bico de coruja e dos selos, que andava todo ocupado em fazer a lista dos assinantes da rifa, a dois centavos, de um tinteiro de bolso. Os outros zumbiam e riam, faziam barulho com pontas de penas enfiadas nas carteiras e atiravam entre si bolinhas de papel com os elásticos das meias. O suplente agarrava um pelo braço e o sacudia, deixando-o de cara para a parede: tempo perdido. Não sabia mais para qual santo pedir, implorava: “Mas por que fazem isso? Querem que eu seja criticado de todo jeito?”. Depois, batia o punho na mesa e gritava num misto de raiva e choro: “Silêncio! Silêncio! Silêncio!”. Dava pena ouvi-lo. Mas o barulho só aumentava. Franti jogou nele uma flecha de papel, alguns miavam, outros andavam aos pescoços. Era uma confusão difícil de descrever, quando, de repente, entrou o bedel e disse: “Senhor professor, o diretor está chamando”. O professor se levantou e saiu correndo, fazendo um gesto desesperado. Aí, a zoeira recomeçou

mais forte. Mas, de repente, Garrone deu um pulo com a cara transtornada e punhos fechados e gritou com voz carregada de raiva: “Parem com isso! Vocês são uns animais: abusam, porque ele é bom. Se ele quebrasse os ossos de todos, estariam com o rabo entre as pernas. Não passam de uma quadrilha de bandidos. O primeiro que fizer mais uma provocação, vou esperar lá fora e vou arrebentar seus dentes, juro, mesmo se estiver diante dos olhos do pai!”. Todos calaram a boca. Ah! Como era bonito de se ver, Garrone, com os olhos em chama! Um leãozinho furioso, parecia. Olhou um por um os mais atrevidos e todos baixaram a cabeça. Quando o suplente voltou, com os olhos vermelhos, não se ouvia mais nenhuma respiração. Ele ficou atônito. Porém, ao ver Garrone ainda todo vermelho e trêmulo, entendeu e lhe disse, com grande afeto, como teria dito a um irmão: “Obrigado, Garrone”.

A biblioteca de Stardi

Fui à casa de Stardi, que mora defronte da escola, e senti mesmo inveja ao ver sua biblioteca. Ele nem é rico, não pode comprar muitos livros; mas guarda com enorme cuidado seus livros escolares e aqueles que lhe dão os parentes, e toda moeda que ganha, a guarda e gasta no livreiro: assim, já montou uma pequena biblioteca e, quando seu pai percebeu que tinha aquela paixão, comprou para ele uma bela estante de nogueira com uma cortininha verde e mandou encadernar todos os volumes com as cores que ele mais aprecia. Assim, agora ele puxa um barbante, a cortina verde corre e se veem três fileiras de livros, todos arrumados, brilhando, com títulos dourados nas lombadas: livros de história, de viagem e de poesia, e também com ilustração. E ele sabe combinar bem as cores, põe os volumes brancos ao lado dos vermelhos, os amarelos ao lado dos pretos, os azuis junto dos brancos, de modo que se vejam de longe e façam boa figura. Depois, se diverte variando as combinações. Fez seu próprio catálogo. É como um bibliotecário. Está sempre às voltas com os livros, tirando a poeira, examinando as encadernações: precisa ver o cuidado com que os abre, com aquelas mãos curtas e grossas, soprando entre as páginas, até parecem todos novos. E eu que estraguei todos os meus! Para ele, cada livro novo que compra é uma festa enquanto o limpa, arruma-o em seu lugar e o pega de novo para olhá-lo por todos os lados e aninhá-lo feito um tesouro. Durante uma hora, não me mostrou mais nada. Os olhos lhe doíam de tanto ler. Em dado momento, passou por nós o pai, que é grande e forte como ele, com uma cabeçorra feito a dele e lhe passou a mão pela nuca, dizendo-me com aquele vozeirão: “Que me diz, hem, este rapaz merece ser pesado a ouro! Esses miolos vão produzir alguma coisa, eu lhe garanto!”. E Stardi entrecerrava os olhos com aquele carinho rude, como um grande cão de caça. Não sei; não me atrevia a brincar com ele; não parecia que ele tinha só um ano mais que eu, quando me disse: “Até a próxima”, na porta, com

aquela cara sempre amuada, pouco faltou para que lhe respondesse: “Eu o admiro”, como um adulto. Disse isso depois a meu pai, em casa: “Não entendo, Stardi não é genial, não tem boas maneiras, é uma figura quase cômica e, apesar disso, me intimida”. E meu pai respondeu: “É porque ele tem caráter”. E acrescentei: “Em uma hora que passei com ele, não pronunciou cinquenta palavras, não me mostrou um brinquedo, não riu vez alguma. Mesmo assim, gostei de ficar na casa dele”. E meu pai completou: “É porque você o estima”.

O filho do ferreiro

Sim, gosto também de Precossi; é muito pouco dizer que gosto dele: Precossi, o filho do ferreiro, aquele miúdo, apagado, que tem olhos bons e tristes e um ar de assustado. Tão tímido, que diz a todo mundo “me desculpe”; está sempre doente, mas estuda muito. O pai volta para casa bêbado de aguardente e bate nele sem razão alguma, joga seus livros e cadernos para o alto num supetão. E ele vem para a escola com vermelhões no rosto, às vezes, de cara inchada e olhos irritados de tanto chorar. Porém, que ninguém se atreva a dizer que apanhou do pai. “Seu pai bateu em você”, dizem os colegas. E ele grita logo: “Não é verdade! Não é verdade!”, para não desonrar o pai. “Esta folha não foi você quem queimou”, lhe diz o professor, mostrando a lição meio queimada. “Sim”, responde ele, com a voz trêmula, “deixei cair no fogo.” Todavia, bem sabemos que foi o pai bebum quem derrubou mesa e fogo com um pontapé, enquanto ele fazia a lição. Ele mora no sótão do nosso edifício, nos fundos: a zeladora conta tudo a meu pai, e minha irmã, Silvia, ouviu-o gritar do terraço, num dia em que o pai o derrubou escada abaixo por ter pedido dinheiro para comprar uma gramática. O pai bebe, não trabalha e a família passa fome. Quantas vezes o pobre Precossi vem para a escola sem comer nada, e mordisca escondido um sanduíche que Garrone lhe dá ou então uma maçã oferecida pela professora da pluma vermelha, que foi sua mestra da primeira série! Porém, ele nunca diz: “Estou com fome, meu pai não me dá de comer”. Às vezes, quando passa por acaso na frente da escola, seu pai vem buscá-lo, pálido, mal se aguentando nas pernas, com a cara turva com os cabelos sobre os olhos e o boné atravessado. E o coitado treme todo quando o vê na rua: mas corre a seu encontro sorrindo, e o pai parece que nem o vê, pensando em outra coisa. Pobre Precossi! Ele junta os cadernos rasgados, pega emprestado os livros para estudar a lição, prende os farrapos da camisa com alfinetes; e dá pena vê-lo fazer ginástica com aqueles sapatos em que dança dentro, com

aquelas calças que se arrastam e aquele jaquetão comprido demais, com as mangas dobradas até os cotovelos. E estuda, se dedica: seria um dos primeiros caso pudesse trabalhar tranquilo em casa. Hoje de manhã, veio para a escola com a marca de uma unhada acima da bochecha. E todos lhe diziam: “É, foi seu pai, desta vez não pode negar, foi seu pai quem fez isso. Conte ao diretor, para que o chamem na delegacia”. Mas ele se levantou todo vermelho, com a voz tremendo de desdém: “Não é verdade! Não é verdade! Meu pai não me bate nunca!”. Depois, durante a aula, caíam-lhe lágrimas na carteira e, quando alguém olhava para ele, fazia força para sorrir, para disfarçar. Coitado do Precossi! Amanhã, vão lá em casa Derossi, Coretti e Nelli, quero convidá-lo também. E quero que lanche comigo, vou dar livros para ele, botar a casa de pernas para o ar para diverti-lo, e encher seus bolsos de frutas para vê-lo contente ao menos uma vez, pobre Precossi, que é tão bom e corajoso!

Uma bela visita

12, quinta-feira

Eis uma das quintas-feiras mais lindas do ano, para mim. Às duas em ponto, vieram à minha casa Derossi e Coretti, com Nelli, o corcunda, mas o pai de Precossi não o deixou vir. Derossi e Coretti ainda riam, pois tinham encontrado Crossi na rua, o filho da verdureira – aquele com o braço seco e cabelos ruivos –, que levava para vender um grande repolho e, com o dinheiro da venda, ia comprar uma pena para escrever. Estava todo contente porque o pai tinha escrito dos Estados Unidos dizendo que estava para voltar. Que boas duas horas passamos juntos! São os dois mais alegres da turma: Derossi e Coretti, meu pai ficou encantado com eles. Coretti usava sua malha cor de chocolate e o boné de pele de gato. É um diabo, quando quer aprontar alguma, fazer alguma trapalhada. De manhã, já havia carregado nas costas meia carroça de lenha. Mesmo assim, correu pela casa toda, observando tudo e falando muito, esperto e ágil feito um esquilo e, ao passar pela cozinha, perguntou à cozinheira quanto pagamos pela lenha, seu pai vende por quarenta e cinco centimos. Fala sempre do pai, de quando foi soldado no 49º. Regimento, na batalha de Custoza, onde lutou no “quadrado”^{16} do príncipe Umberto; e ele é tão educado!^a Não importa que tenha nascido e crescido no meio da lenha: ele tem a gentileza no sangue, no coração, conforme diz meu pai. E Derossi nos divertiu muito: ele sabe geografia como um professor, fechava os olhos e dizia: “Pronto, vejo a Itália inteira, os Apeninos que se alongam até o mar Jônio, os rios que correm daqui e dali, as cidades brancas, os golfos, os seios azuis, as ilhas verdes”. E dizia os nomes certos, em ordem, rapidíssimo, como se lesse um mapa. E, ao vê-lo assim, cabeça erguida, cachos louros, olhos fechados, vestido de azul-turquesa, com botões dourados, peito estufado e bonito como uma estátua, todos ficavam em êxtase. Em uma hora, ele havia aprendido de cor

quase as três páginas que deve recitar depois de amanhã, no aniversário dos funerais do rei Vittorio. Até Nelli olhava para ele com afeto, esfregando a barra de seu avental de lona preta e sorrindo com aqueles olhos claros e melancólicos. Essa visita me fez bem, me deixou alguma coisa parecida com uma inspiração, na mente e no coração. E também gostei de ver, quando foram embora, o pobre Nelli no meio dos outros dois, grandes e fortes, que o levavam para casa de braços dados, fazendo com que ele risse como eu nunca tinha visto. De volta à sala de jantar, me dei conta de que lá não estava o quadro que representa Rigoletto, o bufão corcunda. Meu pai o havia retirado para que Nelli não o visse.

Os funerais de Vittorio Emanuele

17 de janeiro

Hoje, às duas horas, assim que entrou na escola, o professor chamou Derossi, o qual se colocou ao lado da mesa, de frente para nós, e começou a declamar com seu tom *vibrato*,^{17} elevando a voz límpida e colorindo o rosto:

“Quatro anos atrás, neste dia, a esta mesma hora, chegava ao Panteão, em Roma, o carro fúnebre levando o cadáver de Vittorio Emanuele II, primeiro rei da Itália, morto após vinte e nove anos de reinado, nos quais a grande pátria italiana, dividida em sete estados e oprimida por estrangeiros e tiranos, ressurgiu num único Estado, independente e livre; após um reinado de vinte e nove anos, que ele tornou ilustre e benévolo, com valor, lealdade, coragem nos perigos, constância nas desventuras. Chegava a carruagem fúnebre, lotada de coroas, depois de percorrer Roma sob uma chuva de flores, entre o silêncio de uma imensa multidão condoída, que viera dos quatro cantos da Itália, precedida por uma legião de generais e uma multidão de ministros e príncipes, acompanhada por um cortejo de mutilados, uma selva de bandeiras, por representantes de trezentas cidades, por tudo aquilo que simbolizava a potência e a glória de um povo; chegava diante do templo augusto onde a tumba o aguardava. Naquele momento, doze imponentes soldados de cavalaria levantaram o féretro da carruagem. Naquele momento, a Itália dava o último adeus a seu rei morto, ao velho rei que a amara tanto, o último adeus ao soldado, ao pai, aos vinte e nove anos mais afortunados e benditos de sua história. Foi um momento grandioso e solene. O olhar, a alma de todos trepidava entre o féretro e as bandeiras em luto dos oitenta regimentos do exército da Itália, erguidas por oitenta oficiais, enfileirados à sua passagem. Porque a Itália estava ali, naqueles oitenta estandartes, que recordavam milhares de mortos, rios de sangue, nossas glórias mais sagradas, nossos mais santos sacrifícios, nossas dores

mais tremendas. O féretro, erguido pelos soldados de cavalaria, passou e, então, se inclinaram todas juntas, em saudação, as bandeiras dos novos regimentos, as antigas bandeiras de Goito, de Pastrengo, de Santa Lucia, de Novara, de Palestro, de San Martino, de Castelfidardo, oitenta véus negros caíram, uma centena de medalhas bateram contra o caixão e aquele estrépito sonoro e confuso, que agitou o sangue de todos, foi como o som de mil vozes humanas, dizendo todas juntas: ‘Adeus, bom rei, leal e valoroso rei! Você viverá no coração do povo enquanto o sol brilhar sobre a Itália’. Depois disso, as bandeiras voltaram a levantar-se para o céu, e o rei Vittorio entrou na glória imortal do túmulo”.

Franti, expulso da escola

21, sábado

Apenas uma pessoa poderia rir enquanto Derossi falava dos funerais do rei, e Franti riu. Eu o detesto. É mau. Quando um pai vem à escola dar alguma bronca no filho, ele debocha; quando alguém chora, ele ri. Treme na frente de Garrone e bate no Tijolino por ser miúdo; atormenta Crossi porque tem o braço seco. Zomba de Precossi, a quem todos respeitam: goza até mesmo de Robetti, aquele do quarto ano, que anda de muletas por ter salvo um menino. Provoca todos os mais fracos do que ele e, quando briga, se enfurece e faz maldades. Naquela testa estreita, existe algo que provoca arrepios: aqueles olhos turvos, quase escondidos debaixo da viseira do bonezinho de lona. Não tem medo de nada, ri na cara do professor, rouba quando pode, mente com a maior desfaçatez, está sempre brigando com alguém, leva alfinetes para a escola a fim de espetar os colegas, arranca os botões da própria jaqueta e também os dos outros e joga tudo longe. E anda com pasta, cadernos, livros, tudo bagunçado, sujo, rasgado, a régua faltando pedaço, a pena mordida, as unhas sujas, as roupas cheias de restos de comida e rasgões das brigas em que se mete. Dizem que a mãe anda doente por causa dos problemas que ele cria, e que o pai o expulsou de casa três vezes. E, de vez em quando, a mãe vem pedir informações e sempre vai embora chorando. Ele odeia a escola, odeia os colegas, odeia o professor. O professor finge não ver suas trapalhadas e ele faz ainda pior. Tentou tratá-lo bem e ele debochou. Disse-lhe palavras duríssimas e ele cobriu o rosto como se chorasse e ria. Foi suspenso da escola por três dias e voltou mais perverso e insolente que antes. Um dia, Derossi disse a ele: “Pare com isso, você não vê que o professor sofre tanto”, e ele ameaçou espetar um prego na barriga do colega. Mas hoje de manhã, finalmente, se fez expulsar feito um cão. Enquanto o professor entregava a Garrone o rascunho de *O tocador de tambor*

sardo, o conto mensal de janeiro, para ser copiado, ele jogou no chão um petardo que explodiu, ecoando pela escola como um tiroteio. A turma inteira tomou um susto. O professor deu um pulo e gritou: “Franti! Pra fora da escola!”. E ele respondeu: “Não fui eu!”. E ria. O professor repetiu: “Fora!”. “Não saio daqui!”, respondeu. Aí, o professor perdeu as estribeiras, partiu para cima dele, agarrou-o pelo braço e o retirou da carteira. Ele se debatia, mostrava os dentes. Foi arrastado à força. O professor quase o carregou até o diretor, voltou para a sala, sentou-se à mesa, segurando a cabeça entre as mãos, com uma expressão tão cansada e aflita, que dava pena. “Depois de trinta anos de escola!”, exclamou tristemente, deixando cair a cabeça. Ninguém respirava. Suas mãos tremiam de raiva, e a ruga em linha reta que tem no meio da testa estava tão profunda, que parecia uma ferida. Coitado do professor! Todos ficaram apreensivos. Derossi se levantou e disse: “Senhor professor, não se aflija. Nós gostamos do senhor”. Então, ele se tranquilizou um pouco e disse: “Vamos recomeçar a lição, garotos!”.

O TOCADOR DE TAMBOR SARDO

CONTO MENSAL

No primeiro dia da batalha de Custoza, em 24 de julho de 1848,^b cerca de sessenta soldados de um regimento da infantaria do nosso exército, enviados a uma colina para ocupar uma casa abandonada, viram-se de repente assaltados por duas companhias de soldados austríacos que, com chuva de balas de vários lados, só lhes deram tempo de se refugiar na casa e reforçar rapidamente as portas, após terem deixado alguns mortos e feridos no campo. Trancadas as portas, os nossos correram para as janelas do térreo e do primeiro andar e começaram a mandar bala contra os atacantes, os quais, aproximando-se aos poucos, em formação de semicírculo, respondiam com vigor. Os sessenta soldados italianos eram comandados por dois oficiais subalternos e o capitão, um velho alto, seco e austero, de cabelos e barba brancos; estava com eles também um tocador de tambor sardo, um rapaz de pouco mais de quatorze anos, que mal parecia ter doze, baixinho, de rosto moreno cor verde-oliva, com dois olhos negros e profundos, cintilantes. O capitão, que estava em um quarto do primeiro andar, dirigia a defesa, lançando comandos que pareciam golpes de pistola, e não se via em seu rosto duro nenhum sinal de comoção. O tocador de tambor, meio pálido, mas firme nas pernas, havia subido numa mesa, espichava o pescoço, mantendo-se colado à parede, para olhar através da janela. E via, em meio à fumaça, pelos campos, os uniformes brancos dos austríacos, que avançavam aos poucos. A casa ficava no topo de uma subida íngreme e só tinha, do lado do declive, uma janelinha alta que pertencia a um cômodo perto do teto. Assim, os austríacos não ameaçavam a casa daquele lado, e o declive estava desimpedido: o fogo só atingia a fachada e os dois flancos.

Mas era um fogo infernal, um bombardeio de balas de chumbo que, por fora, furava as paredes e esfarinhava as telhas e, por dentro, arrebatava telhados, móveis, batentes de portas e janelas, jogando para o alto lascas de madeira e nuvens de poeira e frangalhos de louças e de vidros, sibilando, pipocando, quebrando tudo com um barulho de explodir a cabeça. Em intervalos, os soldados que atiravam das janelas caíam para trás no chão e eram arrastados para um lado. Alguns corriam de um cômodo para outro, espremendo as mãos em cima das feridas. Na cozinha, já havia um morto, com a cabeça estourada. O semicírculo dos inimigos se estreitava.

Em certo momento, viu-se o capitão, até ali impassível, fazer um sinal de impaciência e sair a passos largos daquele cômodo, seguido por um sargento. Após três minutos, o sargento voltou correndo e chamou o tocador de tambor, gesticulando para que o seguisse. O garoto o seguiu rápido por uma escada de madeira e entrou com ele num sótão sem móveis, onde viu o capitão, escrevendo com um lápis num pedaço de papel, apoiando-se na janela e, a seus pés, no chão, havia uma corda para poço.

O capitão dobrou a folha e disse bruscamente, fixando nos olhos do garoto as suas pupilas cinzentas e frias, diante das quais todos tremiam: “Tocador de tambor!”.

O jovem bateu continência.

O capitão exclamou: “Você é corajoso?”.

Os olhos do garoto relampejaram.

– Sim, senhor capitão – respondeu.

– Observe lá longe – disse o capitão, empurrando-o até a janelinha –, na planície, perto das casas de Villafranca, onde se vê um luzir de baionetas. Ali estão os nossos, imóveis. Pegue este bilhete, agarre na corda, desça pela janelinha, desça a colina, corte caminho pelos campos, chegue até os nossos e entregue o bilhete ao primeiro oficial que vir. Deixe aqui o cinturão e a mochila.

O tocador de tambor obedeceu e pôs o bilhete no bolso do peito; o sargento botou a corda para fora e segurou uma das pontas com as duas

mãos. O capitão ajudou o jovem a passar pela janela, com as costas viradas para o campo.

– Atenção – disse a ele –, a salvação do destacamento está em sua coragem e em suas pernas.

– Confie em mim, senhor capitão – respondeu o tocador de tambor, balançando-se para fora.

– Abaixei-me na descida – acrescentou o capitão, segurando a corda com o sargento.

– Fique tranquilo.

– Deus o ajude.

Em poucos instantes, o tocador de tambor chegou ao chão. O sargento puxou a corda e sumiu: o capitão pôs a cara na janela num ímpeto e viu o garoto que voava pela descida.

Já esperava ter conseguido fugir sem ser observado, quando cinco ou seis pequenas nuvens de poeira que se ergueram na frente e atrás do jovem o alertaram de que havia sido visto pelos austríacos, os quais atiravam nele desde o alto: aquelas nuvenzinhas eram terra jogada para cima pelas balas. Mas o garoto continuava correndo sem freio. De repente, estremeceu. “Morto!”, rugiu o capitão, mordendo o punho. Mas nem havia acabado de falar e viu o garoto se levantando. “Bom, foi só um tombo!”, disse para si mesmo e respirou. O tocador de tambor, de fato, recomeçou a correr a toda, mas mancava. “Uma torção”, pensou o militar. Algumas nuvenzinhas de pó se ergueram ainda em volta do menino, cada vez mais distante. Ele estava a salvo. O capitão soltou uma exclamação de triunfo. Porém, continuou a acompanhá-lo com os olhos, tremendo, porque era coisa de minutos: se não chegasse lá o mais rápido possível com o bilhete que pedia socorro imediato, cairiam mortos todos os seus soldados ou ele teria de se render, tornando-se prisioneiro com eles. O garoto corria rápido um pedaço e diminuía o passo, mancando, retomava a corrida cada vez mais cansado e, de quando em quando, tropeçava, parava. “Talvez uma bala o tenha atingido de raspão”, pensou o capitão e o incentivava, como se ele pudesse ouvi-lo. Media sem parar, com olhos ardentes, o espaço entre o garoto fugitivo e aquele brilhar

de armas que via lá longe, na planície, no meio dos campos de trigo dourados pelo sol. Enquanto isso, ouvia-se o silvar e o estrondo das balas nos cômodos de baixo, os gritos altivos e raivosos dos oficiais e sargentos, os lamentos agudos dos feridos, a destruição dos móveis e o entulho amontoando. “Vamos! Ânimo!”, gritava, acompanhando com o olhar o tocador de tambor distante, “Adiante! Corra! Parou, maldição! Ah! Recomeçou a correr.” Um oficial veio ofegante lhe dizer que os inimigos, sem interromper o fogo, sacudiam um pano branco para intimar a rendição. “Ninguém responde!”, gritou, sem tirar os olhos do garoto, que já estava na planície, mas que não corria mais e parecia arrastar-se sem forças. “Vamos! Corre!”, dizia o capitão cerrando dentes e punhos, “Caia, morra, mas chegue lá, desgraçado!” Aí, xingou pesado. “Poltrão infame, sentou!” Com efeito, o garoto cuja cabeça até então ele tinha visto sobressair no campo de trigo sumira, como se tivesse caído. Após um instante, a cabeça dele reapareceu, enfim se perdeu por trás das sebes e o capitão não o avistou mais.

Então, desceu impetuosamente: as balas voavam, a casa estava cheia de feridos, alguns dos quais giravam sobre si mesmos como bêbados, agarrando-se aos móveis. As paredes e o chão estavam coalhados de sangue: cadáveres jaziam atravessados nas portas. O tenente tinha o braço direito estourado por uma bala, a fumaça e a poeira envolviam tudo. “Coragem!”, gritou o capitão, “Firmes em seus postos! O socorro está chegando! Mais um pouco de coragem!” Os austríacos tinham se aproximado mais: já se viam rostos agitados entre a fumaça, no meio do barulho, ouviam-se seus gritos selvagens insultando, intimando a rendição, ameaçando o extermínio. Alguns soldados, cheios de medo, se afastavam das janelas; os sargentos os empurravam de volta. Mas o fogo da defesa esmorecia, a falta de coragem aparecia em todos os rostos, não era mais possível prolongar a resistência. Em dado momento, os golpes dos austríacos diminuíram e uma voz possante gritou, primeiro em alemão e depois em italiano: “Rendam-se!”. “Não!”, vociferou o capitão de uma janela. E o fogo recomeçou mais denso e furioso de ambas as partes. Outros soldados caíram. Já não era apenas uma janela que não tinha defensores. O momento fatal estava iminente. O

capitão clamava com voz murcha entre dentes: “Não venham! Não venham!”, e dava voltas furioso, torcendo a espada com a mão convulsa, decidido a morrer. Quando um sargento, descendo do sótão, deu um berro altíssimo: “Estão vindo!”, “Chegaram!”, foi o que repetiu o capitão com um grito de alegria. Ouvindo aquele berro, todos, sãos e feridos, sargentos e oficiais se lançaram para as janelas e a resistência recrudescceu outra vez. Em poucos momentos, notou-se alguma insegurança e um começo de desordem entre os inimigos. Súbito, em fúria, o capitão reuniu um grupo na entrada para atacar do lado de fora com a baioneta calada.^{18} Subiu de novo. Ao chegar, ouviram um estrondo, seguido de formidáveis hurras e viram chegando pelas janelas, em meio à fumaça, os chapéus de duas pontas dos carabineiros italianos, um esquadrão rastejando e um relampejar fulminante de lâminas voando pelos ares, sobre cabeças e costas. Aí, o grupo irrompeu de baioneta calada porta afora: os inimigos vacilaram, se desorganizaram, deram meia-volta. O terreno ficou limpo, a casa foi liberada e, pouco depois, dois batalhões da infantaria italiana e dois canhões ocuparam aquela colina.

O capitão, mais os soldados que lhe restaram, juntou-se a seu regimento, voltou a combater e foi levemente ferido na mão esquerda por uma bala perdida, no último assalto à baioneta.

A jornada terminou com a vitória dos nossos.

Mas, no dia seguinte, tendo recommençado a combater, os italianos foram pressionados, apesar da valorosa resistência, pelo enorme número de austríacos e, na manhã de 26, tiveram de pegar tristemente o caminho da retirada, rumo a Mincio.

O capitão, apesar de ferido, fez o caminho a pé e, chegando ao anoitecer a Goito, no Mincio, procurou logo seu lugar-tenente, que fora socorrido por uma ambulância, com o braço arrebentado, e devia ter chegado antes dele. Mostraram-lhe uma igreja, onde instalaram um hospital de guerra. Foi até lá. A igreja estava cheia de feridos, distribuídos em duas fileiras de camas e colchões no chão: dois médicos e vários atendentes iam e vinham, atarefados. Ouviam-se gritos sufocantes e gemidos. Assim que entrou, o capitão se deteve, olhando em volta, à procura de seu oficial.

Nessa altura, foi chamado por uma voz fraca, bem próxima: “Senhor capitão!”.

Virou-se; era o tocador de tambor.

Deitado numa cama de cavaletes – coberto até o peito com uma cortina grosseira, de xadrez vermelho e branco –, os braços de fora. Pálido e magro, mas sempre com seus olhos cintilantes, como duas gemas negras.

– Está aqui, você? – perguntou o capitão, admirado, mas firme. – Bravo. Cumpriu seu dever.

– Fiz o possível – respondeu o tocador de tambor.

– Foi ferido – disse o capitão, olhando nas camas vizinhas, à procura do oficial.

– Que fazer! – respondeu o garoto, que se encorajava a falar altivo por ter sido ferido pela primeira vez, sem o que não ousaria abrir a boca diante do capitão. – Fiz uma boa corrida agachado, mas logo me viram. Se não tivessem me atingido, teria chegado vinte minutos antes. Sorte que encontrei logo um capitão do estado-maior para entregar o bilhete. Mas foi uma descida dura, depois daquela cócega! Morria de sede, tinha medo de não chegar, chorava de raiva ao pensar que cada minuto de atraso levava alguém para o outro mundo, no alto da colina. Enfim, fiz aquilo que pude. Estou contente. Mas, se me permite, senhor capitão, está perdendo sangue.

De fato, da palma mal enfaixada do capitão caíam pelos dedos algumas gotas de sangue.

– Quer que eu aperte o curativo, senhor capitão? Me dê sua mão.

O capitão estendeu a mão esquerda e alongou a direita para ajudar o jovem a desfazer o nó e refazê-lo. Porém, o menino, soerguendo-se do travesseiro, empalideceu e teve de apoiar de novo a cabeça.

– Chega, chega – disse o capitão, observando-o, e puxou a mão enfaixada, que ele queria reter. – Cuide de si mesmo, em vez de pensar nos outros, pois mesmo coisas pequenas, se negligenciadas, podem se tornar graves.

O músico sacudiu a cabeça.

– Mas você – comentou o capitão, olhando-o atentamente – deve ter perdido muito sangue, para estar fraco assim.

– Perder muito sangue? – respondeu o menino, com um sorriso. – Mais do que sangue. Veja.

E, com um puxão, arrancou a coberta.

O capitão deu um passo atrás, horrorizado.

O jovem só tinha uma perna: a direita fora amputada acima do joelho, o toco estava vendado com panos ensanguentados.

Naquele momento, passou um médico militar, baixo e gordo, em mangas de camisa. “Ah! Senhor capitão”, disse rápido, apontando para o garoto do tambor, “eis um caso infeliz: uma perna que teria sido salva por pouco, se ele não a tivesse forçado daquele jeito maluco. Tivemos de cortar. Sem dúvida... um rapaz corajoso, eu lhe garanto: não saiu uma lágrima, nem um grito! Fiquei orgulhoso por ser um jovem italiano, palavra de honra. Este é de boa estirpe, por Deus!”

E foi embora apressado.

O capitão enrugou as grandes sobrancelhas brancas e olhou fixamente o tocador de tambor, repuxando sua coberta. Depois, devagar, quase sem se dar conta, e sempre olhando para o garoto, levantou a mão e tirou o quepe da cabeça.

– Senhor capitão! – exclamou o garoto maravilhado. – O que está fazendo? Para mim!

E então, aquele duro soldado, que nunca tinha dito uma palavra doce a um inferior, respondeu com voz incrivelmente afetuosa e doce: “Sou apenas um capitão; você, um herói”.

Em seguida, lançou-se com os braços abertos sobre o músico e lhe deu três beijos no coração.

Amor pela pátria

24, terça-feira

Já que o conto sobre o tocador de tambor comoveu corações, deveria ter sido fácil para você, hoje de manhã, redigir a redação da prova: “Por que vocês amam a Itália?” Por que amo a Itália? Amo a Itália porque minha mãe é italiana, porque o sangue que me corre nas veias é italiano, porque é italiana a terra em que estão sepultados os mortos por quem minha mãe chora e meu pai venera, porque a cidade onde nasci, a língua que falo, os livros que me educam, porque meu irmão, minha irmã, meus colegas e o grande povo no meio do qual eu vivo, a bela natureza que me circunda, tudo aquilo que vejo, estudo e admiro, é italiano. Você ainda não pode entender este afeto por inteiro! Vai senti-lo quando for adulto, quando, ao voltar de uma longa viagem, após uma longa ausência e, debruçando-se certa manhã no parapeito de uma embarcação, vir no horizonte as grandes montanhas azuis de seu país. Aí, vai senti-lo na onda impetuosa de ternura que encherá seus olhos de lágrimas e lhe arrancará um grito do coração. Vai ouvi-lo em alguma grande cidade distante, no impulso da alma que o levará pela multidão desconhecida, rumo a um operário desconhecido, de quem ouvirá, quando passar ao lado dele, uma palavra em sua língua. Vai ouvi-lo no desdém doloroso e soberbo que fará ferver o sangue, quando escutar uma injúria ao seu país da boca de um estrangeiro. Vai ouvi-lo mais violento e altivo no dia em que a ameaça de um povo inimigo levantar uma tempestade de fogo contra sua pátria, e verá então armas tinindo por todos os lados e jovens acorrendo em legiões e pais beijando os filhos, dizendo: “Coragem!”. E mães dizendo adeus aos jovens, gritando: “Vençam!”. Você vai sentir uma alegria divina, se tiver a sorte de ver retornar para sua cidade os regimentos com menos soldados, cansados, esfarrapados, terríveis, com o esplendor da vitória nos olhos e as bandeiras dilaceradas pelos projéteis, seguidos por uma escolta interminável de valorosos, erguendo bem alto as cabeças enfaixadas e os tocos de membros, em meio a uma multidão inflamada que os cobrirá de flores, de bênçãos e de beijos. Então, você vai compreender o amor pela pátria, aí, você vai vivenciar a pátria, Enrico. Ela é uma coisa

tão grande e sagrada que, se um dia eu visse você voltar a salvo de uma batalha em que tivesse combatido por ela, você que é minha carne e alma, e eu soubesse que você conservou a vida por ter se esquivado da morte, seu pai, que o acolhe com um grito de alegria quando volta da escola, iria acolhê-lo, então, com um soluço de angústia e nunca mais poderia amá-lo e morreria com aquele punhal no coração.

Seu pai

Inveja

25, quarta-feira

Quem fez a melhor redação sobre a pátria foi Derossi. E Votini que tinha certeza da medalha de primeiro lugar! Eu até conseguiria gostar de Votini, mesmo sendo vaidoso e se exibindo tanto. Porém, agora que me sento ao lado dele, não me agrada vê-lo mostrar a inveja que sente por Derossi. E como queria competir com ele; estuda, mas não consegue de jeito nenhum, pois o outro dá de dez a zero nele, em todas as matérias. E Votini rói as unhas. Até mesmo Carlo Nobis o inveja; mas é tão arrogante que, justamente por ser arrogante, não se apercebe disso. Mas Votini se deixa trair, se lamenta das notas em casa e diz que o professor comete injustiças. E, quando Derossi responde às perguntas bem rápido e corretamente, como sempre faz, ele se entristece, abaixa a cabeça, finge não ouvir ou se esforça para rir e ri amarelo. E, como todo mundo sabe disso, quando o professor elogia Derossi, todos se viram para olhar Votini, que destila veneno, e Tijolinho lhe mostra o focinho de coelho. Hoje de manhã, por exemplo, ele aprontou uma daquelas. O professor entrou na escola e anunciou o resultado da prova: “Derossi, dez e a medalha de primeiro lugar”. Votini deu um espirro bem alto. O professor olhou para ele: era fácil entender. “Votini, não deixe a víbora da inveja picar você: é uma serpente que corrói o cérebro e corrompe o coração.” Todos olharam para ele, exceto Derossi; Votini quis responder, não conseguiu: ficou petrificado, com a cara pálida. Depois, enquanto o professor dava a aula, começou a escrever com letras grandes numa folha: “Não tenho inveja daquele que ganha a primeira medalha com proteção e injustiças”. Era um bilhete que pretendia mandar para Derossi. Entretanto, percebi que os vizinhos de Derossi maquinavam entre eles, falando no ouvido um do outro, enquanto outro recortava uma grande medalha de papel, na qual tinham desenhado uma grande víbora negra. E

Votini também viu. O professor saiu por alguns instantes. Imediatamente, os vizinhos de Derossi se levantaram da carteira para entregar solenemente a medalha de papel a Votini. A turma toda se preparava para uma cena pesada. Votini já estava tremendo todo. Derossi gritou: “Deem para mim!”. “Sim, melhor”, responderam eles, “é você que deve entregá-la.” Derossi pegou a medalha, rasgando-a em pedaços. Nesse momento, o professor voltou e recomeçou a lição. Fiquei de olho em Votini: tinha ficado cor de brasa. Pegou a folha devagarzinho, como se o fizesse para se distrair, amassou-a às escondidas, botou tudo na boca, mastigou um pouco e logo cuspiu debaixo da carteira... Ao sair da escola, passando diante de Derossi, Votini, que estava meio confuso, deixou cair o mata-borrão.^{19} Derossi, gentil, pegou-o e o colocou na mochila do colega e ainda o ajudou a soltar a fivela. Votini não ousou erguer a cabeça.

A mãe de Franti

28, sábado

Votini é mesmo incorrigível. Ontem, na aula de religião, na presença do diretor, o professor perguntou a Derossi se sabia de cor aquelas duas estrofes do livro de leitura: “Onde quer que olhe, imenso Deus, te vejo”. Derossi respondeu que não, e Votini, no ato: “Eu sei!”, sorrindo, como para provocar Derossi. Mas quem saiu mordido foi ele, que nem pôde recitar a poesia porque a mãe de Franti entrou fulminante, estabanada, com os cabelos grisalhos despenteados, coberta pela neve, empurrando o filho que havia sido suspenso da escola por oito dias. A que triste cena tivemos de assistir! A pobre mulher se lançou quase de joelhos perante o diretor, juntando as mãos e suplicante: “Oh, senhor diretor, me conceda esta graça, aceite o garoto na escola! Faz três dias que está em casa, obriguei que ele se escondesse, mas Deus tenha piedade dele, se o pai descobrir o caso, acaba com o menino. Tenha piedade, que não sei mais o que fazer! Imploro do fundo de minh’alma!”. O diretor tratou de levá-la para fora. Porém, ela resistia, sempre chorando e implorando. “Oh! Se o senhor soubesse as canseiras que este filho me dá, teria compaixão! Me conceda esta graça! Espero que ele mude. Vou viver pouco, senhor diretor, tenho a morte aqui, mas queria vê-lo diferente antes de morrer porque...”, e teve um ataque de choro, “é meu filho, gosto dele, morreria desesperada. Aceite-o de volta pelo menos uma vez mais, senhor diretor, para que não continue sendo uma desgraça na família, faça isso por piedade de uma pobre mulher!” E tapou o rosto com as mãos, soluçando. Franti mantinha o rosto baixo, impassível. O diretor olhou para ele, ficou pensando um pouco, depois disse: “Franti, vá para o seu lugar”. Aí, a mulher tirou a mão do rosto e começou a agradecer sem parar, sem deixar que o diretor falasse. Dirigiu-se para a saída, enxugando os olhos e dizendo afobada: “Meu filho, se comporte bem. Que

todos tenham paciência. Muito agradecida, senhor diretor, praticou uma caridade. Quietos, hem, filho! Bom dia, meninos. Obrigada, até logo, senhor professor. E desculpem uma pobre mãe”. E, desde a porta, dando outra olhada suplicante para o filho, foi embora, puxando o xale que arrastava, pálida, curvada, com a cabeça trêmula, e ainda a ouvimos enquanto descia as escadas. O diretor olhou fixamente para Franti, em meio ao silêncio da turma, e exclamou com um tom de fazer tremer: “Franti, você mata sua mãe!”. Todos se viraram para olhar Franti. E aquele infame sorria.

Esperança

29, domingo

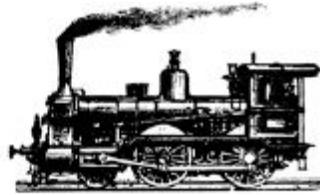
Lindo, Enrico, o entusiasmo com que você se atirou sobre o peito de sua mãe, ao voltar da aula de religião. Sim, o professor disse coisas grandiosas e emocionantes. Deus, que nos colocou nos braços um do outro, não vai nos separar para sempre; quando eu morrer, quando seu pai morrer, não vamos dizer aquelas palavras terríveis: “Mamãe, papai, Enrico, não nos veremos nunca mais!”. Vamos nos rever em outra vida, onde quem sofreu muito nesta será recompensado, onde quem muito amou na Terra reencontrará as almas que amou, num mundo sem culpa, sem pranto nem morte. Porém, temos de nos tornar dignos, todos nós, dessa outra vida. Ouça, meu filho, toda boa ação, todo gesto de carinho por aqueles que o amam, todo ato cortês com seus colegas, todo pensamento generoso é como um impulso para o alto, rumo àquele mundo. E, da mesma forma, você é elevado para esse mundo por toda desgraça e toda dor, porque cada dor é a expiação de uma culpa, cada lágrima apaga uma mancha. Faça votos de ser, todo os dias, melhor e mais amoroso que no dia anterior. Diga toda manhã: hoje, quero fazer alguma coisa que minha consciência me louve e que meu pai fique contente, algo que me faça ser querido por este ou por aquele colega, pelo professor, por meu irmão e por outros. E peça a Deus que dê forças para executar seus propósitos. Senhor, quero ser bom, nobre, corajoso, gentil, sincero: ajude-me. Faça com que, toda noite, quando minha mãe me beije pela última vez, eu possa dizer a ela: “Você está beijando, nesta noite, um garoto mais honesto e mais digno do que aquele a quem beijou ontem”. Tenha sempre em mente aquele outro Enrico, sobre-humano e feliz, que você poderá ser depois desta vida. E reze. Você não pode imaginar o bem-estar que se pode sentir, o quanto uma mãe se sente melhor, ao ver o filho de mãos juntas. Quando vejo você rezando, me parece impossível que não haja ninguém que o veja e o escute. Então, creio decididamente que existe uma bondade suprema e uma piedade infinita, eu amo você ainda mais, trabalho com mais empenho, sofro com mais força, perdooo com minh’alma inteira e penso serenamente na morte. Ó Deus, grande e bondoso! Tornar a ouvir, após a morte, a voz de minha mãe,

reencontrar minhas crianças, rever meu Enrico, meu Enrico abençoado e imortal e apertá-lo num abraço que nunca vai se dissolver, nunca mais, eternamente! Ó, reze, rezemos, vamos nos amar, sejamos bons, vamos carregar aquela esperança celeste no coração, meu filho adorado.

Sua mãe

^a Trata-se de um capítulo do “imaginário heroico” que contribuiu para a construção da unidade política do Estado italiano. Neste caso, em 1866, Umberto luta bravamente contra invasores austríacos, em defesa da pátria.

^b Na verdade, em 23 de julho. Essa batalha terminou com uma pesada derrota das forças italianas diante das tropas austríacas, superiores em número.



•••••
•••••
•••••
b r a i l l e

78

Uma medalha merecida

4, sábado

Hoje de manhã, o supervisor da escola veio entregar as medalhas, um senhor de barba branca, vestido de preto. Entrou com o diretor, pouco antes de tocar o sinal, e sentou-se ao lado do professor. Examinou muitos de nós, depois deu a primeira medalha a Derossi e, antes de entregar a segunda, ficou alguns instantes ouvindo o professor e o diretor, que falavam com ele em voz baixa. Todos se perguntavam: “A quem dará a segunda?”. “Nesta semana, quem mereceu a segunda medalha foi o aluno Pietro Precossi: pelas lições de casa, pelos exercícios, pela caligrafia, pela conduta, por tudo.” Todo mundo se virou para olhar Precossi: todos contentes. Precossi se levantou, tão confuso que nem sabia para que lado ir. “Venha aqui”, disse o supervisor. Precossi pulou da carteira e parou ao lado da mesa do professor. O supervisor olhou com atenção aquele rostinho pálido, aquele corpo mirrado, empacotado naquelas roupas frouxas e inadequadas, aqueles olhos bons e tristes, que fugiam dos seus, mas que deixavam adivinhar uma história de sofrimentos. Então, disse a ele, com voz cheia de afeto, pregando-lhe a medalha no peito: “Precossi, entrego-lhe a medalha. Ninguém é mais digno de usá-la. Não a entrego somente por sua inteligência e bem-querer, mas também por seu coração e por sua coragem, por seu bom caráter e por ser bom filho. Não é verdade”, acrescentou, virando-se para a turma, “que ele a merece por isso também?”. “Sim, sim”, responderam todos em coro. Precossi fez um movimento com o pescoço como para engolir alguma coisa e passou pelas carteiras um olhar suave, doce, que exprimia uma imensa gratidão. “Vá”, disse o supervisor, “querido garoto! E que Deus o proteja!” Era hora de sair. Nossa turma foi liberada antes das outras. Mal passamos a saída... quem vemos ali no saguão, bem na entrada? O pai de Precossi, o ferreiro, pálido, como de costume, com a

expressão turva, cabelos nos olhos, boné atravessado, mal se aguentando nas pernas. O professor o identificou logo e falou no ouvido do supervisor; este procurou Precossi e, agarrando-o pela mão, conduziu-o até o pai. O menino tremia. Também o professor e o diretor se aproximaram; muitos garotos fizeram roda. “O senhor é o pai deste jovem, não?”, perguntou o supervisor ao ferreiro, alegremente, como se fossem amigos. E sem esperar resposta: “Fico feliz pelo senhor. Veja: ele ganhou a segunda medalha, entre cinquenta e quatro colegas. Mereceu-a em redação, aritmética, em tudo. É um garoto muito inteligente e cheio de boa vontade, que tem muito futuro. Um rapaz notável, ele tem o carinho e a estima de todos; pode ficar orgulhoso dele, eu lhe garanto”. O ferreiro, que tinha ouvido de boca aberta, olhou firme para o supervisor e para o diretor, e depois fixou-se no filho, à sua frente, de olhos baixos, tremendo. E, como se lembrasse e percebesse pela primeira vez tudo aquilo que havia feito sofrer àquela pobre criança, e toda a bondade, toda a constância heroica com que ela suportara tal sofrimento, súbito mostrou no rosto certa surpresa estúpida, em seguida uma dor forte, enfim, uma ternura violenta e triste e, com um gesto rápido, segurou o garoto pela cabeça e o apertou contra o peito. Nós todos passamos diante deles: convidei-o a ir lá em casa na quinta-feira, com Garrone e Crossi. Outros o cumprimentaram, alguns lhe fizeram um carinho, outros tocaram sua medalha, todo mundo lhe disse alguma coisa. E o pai nos olhava admirado, mantendo sempre apertada no peito a cabeça do filho, que soluçava.

Bons motivos

5, domingo

Me provocou remorsos aquela medalha entregue a Precossi. Eu que ainda não ganhei nenhuma! Faz algum tempo, não estudo e não estou satisfeito comigo, e o professor, meu pai e minha mãe estão insatisfeitos. Não sinto mais prazer em me divertir, quando trabalhava com vontade e, depois, pulava da cadeira e corria para meus brinquedos, cheio de alegria, como se não brincasse há um mês. Tampouco à mesa, com a família, não me sento com a satisfação de antes. Tenho sempre uma espécie de sombra no ânimo, uma voz dentro de mim que diz continuamente: “Não vá, não vá”. À noite, vejo passar pela praça tantos jovens que voltam do trabalho cansados, mas alegres, que apertam o passo, impacientes para chegar em casa e comer, e falam alto, rindo, e batem nas costas as mãos sujas de carvão ou brancas de cal, e penso que trabalharam desde o clarear da madrugada até aquela hora e aqueles outros, inclusive menores, que passaram o dia inteiro em cima dos telhados, diante de fornalhas, no meio de máquinas e dentro d’água e debaixo da terra, comendo apenas um pedaço de pão. E sinto quase vergonha, eu, que nesse tempo todo nada mais fiz do que rabiscar quatro páginas de má vontade. Ah, estou infeliz, infeliz! Vejo que meu pai anda de mau humor e gostaria de me dizer isso, mas se controla, e espera mais, querido papai, que tanto trabalha! Tudo vem de você: tudo aquilo que vejo ao meu redor pela casa, tudo aquilo que toco, tudo o que me veste e alimenta, tudo aquilo que me educa e me diverte, tudo isso é fruto de seu trabalho, e eu não trabalho. Tudo à custa de preocupações, privações, desprazeres, esforços e eu nem me esforço! Não, é injusto demais e me dá pena. Quero começar hoje mesmo, quero estudar tanto quanto Stardi, de punhos fechados, dedicar-me com todas as forças de minha vontade e de meu coração. Quero vencer o sono à noite, pular cedo da cama, martelar o

cérebro sem cessar, combater a preguiça sem piedade, me cansar, até sofrer, ficar doente, mas, algum dia, parar de arrastar esta vidinha medíocre e apática, que me torna desprezível e entristece os demais. Ânimo, ao trabalho! Ao trabalho com energia máxima e todos os nervos! Ao trabalho, que há de me conceder um doce descanso, brincadeiras agradáveis, refeições alegres. Ao trabalho, que há de me devolver o sorriso afável do professor e o beijo bendito de meu pai.

Locomotiva

10, sexta-feira

Ontem, Precossi veio aqui em casa com Garrone. Creio que, se fossem filhos de príncipes, não teriam sido acolhidos com maior festa. Foi a primeira vez que Garrone veio, pois é meio bicho do mato e se envergonha por ser grandalhão e ainda estar na terceira série. Fomos todos abrir a porta: Crossi não veio porque seu pai, finalmente, voltou dos Estados Unidos, depois de vários anos. Minha mãe beijou logo Precossi, papai lhe apresentou Garrone, dizendo: “Este aqui não é apenas um bom garoto, é também um homem sério, um cavalheiro”. E ele baixou a cabeça raspada, rindo às escondidas comigo. Precossi usava sua medalha e estava contente, pois o pai dele voltou a trabalhar e há cinco dias não bebe, exige que fique na oficina para lhe fazer companhia e parece outra pessoa. Começamos a brincar, botei minhas coisas todas para fora. Precossi ficou encantado com o trenzinho de ferro, cuja máquina anda sozinha, quando se dá corda: nunca tinha visto uma daquelas. Devorava com os olhos os pequenos vagões amarelos e vermelhos. Dei-lhe a chavinha para que se divertisse e ele se ajoelhou para brincar e não levantou mais a cabeça. Nunca o tinha visto tão contente. Dizia sempre: “Me desculpe, me desculpe”, por qualquer coisa, protegendo com as mãos o trenzinho para que não o parássemos, voltava a pegar os vagonetes com mil cuidados, como se fossem de vidro, tinha medo de embaçá-los com a respiração, e tornava a limpá-los, observando-os por baixo e por cima, sorrindo sozinho. Nós, todos de pé, olhávamos para ele: observávamos aquele pescoço delicado, aquela orelha que, certo dia, eu tinha visto sangrar, aquele jaquetão com mangas arregaçadas, das quais saíam dois bracinhos enfermiços, tantas vezes erguidos para defender o rosto de pancadas... Nesse momento, eu teria lhe oferecido todos os meus brinquedos e todos os livros, teria tirado da boca o último pedaço de pão para entregá-lo, teria

ficado nu para vesti-lo, teria ficado de joelhos para beijar-lhe as mãos. “Pelo menos o trenzinho quero lhe dar”, pensei. Porém precisava pedir autorização a papai. Naquele instante, senti um pedaço de papel entre as mãos, olhei, estava escrito a lápis por meu pai: “Precossi gosta do trem. Ele não tem brinquedos: isso não sugere algo a seu coração?”. Imediatamente, peguei máquina e vagões e coloquei tudo nos braços dele, dizendo: “Leve, é seu”. Ele me olhou sem compreender. “É seu”, repeti, “estou lhe dando.” Aí, ele olhou para meus pais, ainda mais admirado e perguntou: “Mas por quê?”. Papai respondeu: “Enrico lhe dá porque é seu amigo, gosta de você... para festejar sua medalha”. Precossi perguntou timidamente: “Posso levar... para minha casa?”. “Claro!”, respondemos todos. Ele já estava na porta, mas não queria ir embora. Estava feliz! Pedia desculpas com a boca trêmula e ria. Garrone ajudou-o a embrulhar o trem com o lenço e, inclinando-se, fez estalar os biscoitos que lhe enchiam os bolsos. “Algum dia desses”, me disse Precossi, “venha à nossa oficina para ver papai trabalhando. Vou lhe dar alguns pregos.” Minha mãe pôs um pequeno maço de flores na jaqueta de Garrone, para dar de presente à mãe em seu nome. Garrone disse com seu vozeirão: “Obrigado”, sem levantar o queixo do peito. Mas resplandecia nos olhos toda a nobreza daquela boa alma.

Soberba

11, sábado

E pensar que Carlo Nobis limpa a manga da camisa com afetação, quando Precossi encosta nele ao passar! Ele é a soberba encarnada só porque o pai é um ricaço. Mas o pai de Derossi também é rico! Ele gostaria de ter uma carteira só para si, tem medo de que todos o sujem, olha todo mundo de cima a baixo, sempre com um sorriso de desprezo nos lábios: azar de quem pisar no seu pé, quando saímos em duplas, em fila! Por nada, joga na cara de qualquer um injúria ou ameaça, obrigando o pai a ir à escola. E o pai não deixou de lhe dar uma bela bronca quando chamou de mendigo o filho do carvoeiro! Nunca vi um pedante igual! Ninguém fala com ele, ninguém lhe diz tchau quando sai, não há desgraçado que lhe sobre ajuda alguma, quando não sabe a lição. E ele não suporta ninguém e finge desprezar sobretudo Derossi, por ser o primeiro, e Garrone, porque todos gostam dele. Mas Derossi não liga nem para o tamanho grande dele; e Garrone, quando lhe contaram que Nobis falava mal dele, respondeu: “Tem um ar soberbo tão estúpido que não merece nem um pescoção meu”. Igualmente, Coretti lhe disse certo dia, em que ele sorria com desprezo para seu boné de pele de gato: “Ande com Derossi para ver se aprende a ser homem!”. Ontem, queixou-se ao professor porque o calabrês encostou o pé em sua perna. O professor perguntou ao calabrês: “Fez de propósito?”. “Não, senhor”, respondeu francamente. E o professor: “Você leva tudo a mal, Nobis”. E Nobis com aquela sua pose: “Vou contar pro meu pai”. Aí, o professor furioso: “Seu pai vai ficar contra você, como já aconteceu antes. Além do mais, nesta escola, quem julga e pune é só o professor”. Depois, acrescentou, suavemente: “Vamos, Nobis, mude sua atitude, seja bom e educado com seus colegas. Observe, aqui há filhos de operários e de senhores importantes, de ricos e de pobres, e todos se querem bem, tratam-

se como irmãos, como de fato o são. Por que você também não faz como os outros? Custaria tão pouco passar a ser querido por todos e você mesmo ficaria muito mais feliz!... Não tem nada para responder?”. Nobis, que escutava com seu habitual sorriso de desprezo, respondeu friamente: “Não, senhor”. “Sente-se”, disse o professor, “lamento, é um garoto sem coração.” Parecia ter acabado assim, mas Tijolinho, que estava na primeira carteira, virou seu rosto redondo para Nobis, que estava na última, e lhe mostrou o focinho de coelho tão divertido que a turma inteira caiu na risada. O professor brigou com ele. E até Nobis sorriu: sorriso de quem não se toca.

Os feridos no trabalho

13, segunda-feira

Nobis pode fazer dupla com Franti: nenhum dos dois se comoveu, hoje de manhã, perante o espetáculo que presenciaram nossos olhos. Saindo da escola, eu estava com meu pai, olhando certos brincalhões da segunda série, que se jogavam de joelhos no chão, deslizando sobre o gelo com seus mantos e bonés, levando os maiores tombos, quando vimos chegando lá do fim da rua uma multidão, apressada, todos sérios e assustados, falando em voz baixa. No meio deles, havia três guardas municipais. Atrás dos guardas, dois homens carregando uma maca. A garotada correu de todos os lados. A multidão avançava em nossa direção. Na maca, estava estendido um homem, branco feito cadáver, com a cabeça de lado sobre o ombro, cabelo desalinhado e cheio de sangue, perdendo mais sangue pela boca e orelhas. E junto à maca seguia uma mulher com uma criança nos braços, que parecia doida, gritando de vez em quando: “Morreu! Morreu!”. Atrás da mulher vinha um rapaz, com uma prancheta debaixo do braço, soluçando. “Que aconteceu?”, perguntou meu pai. Um vizinho respondeu que era um pedreiro, havia caído do quarto andar, enquanto trabalhava. Os carregadores se detiveram um instante. Muitos viraram a cara horrorizados. Vi a professorinha da pluma vermelha, que apoiava minha professora da primeira série, quase desmaiada. Ao mesmo tempo, senti que me batiam no cotovelo: era Tijolinho, pálido, que tremia da cabeça aos pés. Certamente, ele pensava no pai. Também pensei nele. Pelo menos, enquanto estou na escola, fico tranquilo porque sei que meu pai está em casa, sentado à mesa, longe de qualquer perigo. Porém, quantos de meus colegas têm pais que trabalham em cima de pontes altíssimas ou perto de rodas de máquinas, a quem um gesto, um passo em falso pode custar a vida! São como tantos filhos de soldados, cujos pais lutam em várias batalhas. Tijolinho olhava,

olhava e tremia cada vez mais, meu pai percebeu e disse: “Vá para casa, menino, vá ficar ao lado de seu pai, você vai encontrá-lo são e salvo”. O garoto foi embora, virando-se a cada passo. Enquanto isso, a multidão se pôs de novo em movimento, e a mulher gritava, de rasgar a alma: “Morreu! Morreu! Morreu!”. “Não, não morreu”, lhe repetiam de todos os lados. Porém, ela não ligava e se arrancava os cabelos. Foi quando ouvi uma voz desdenhosa que dizia: “Você ri!”, e na hora vi um barbudo, olhando Franti na cara, que ainda sorria. Então, o homem derrubou o boné dele no chão com um tapa, dizendo: “Descubra a cabeça, seu degenerado, quando passa um ferido no trabalho!”. A multidão já tinha passado e dava para ver, no meio da rua, um longo rastro de sangue.

O prisioneiro

17, sexta-feira

Certamente este é o caso mais estranho do ano! Ontem de manhã, meu pai me levou aos arredores de Moncalieri, para ver uma casa para alugar no próximo verão, porque este ano não vamos a Chieri. E descobriu que a chave estava com um professor que trabalha como secretário do dono. Ele nos mostrou a casa, depois nos levou até seu quarto, onde nos deu de beber. Em cima da mesa, entre os copos, havia um tinteiro de madeira, em forma cônica, esculpido de maneira singular. Vendo que meu pai o examinava, o professor disse: “Esse tinteiro é precioso para mim; se soubesse, senhor, a história desse tinteiro!”. Então, começou a contá-la. Há muito tempo, ele era professor em Turim e, durante um inverno inteiro, foi dar aulas aos presos em presídios públicos. Dava as aulas na igreja da cadeia, que é um edifício redondo; em volta dele, nas muralhas mais altas e descuidadas, há várias janelinhas quadradas, fechadas com duas barras de ferro cruzadas, e cada uma corresponde, por dentro, a uma cela minúscula. Ele dava aulas passeando pela igreja fria e escura, e seus alunos ficavam debruçados naqueles buracos, com os cadernos apoiados nos ferros, mostrando apenas o rosto na sombra, faces ocultas e zangadas, com barbas desgrenhadas e cinzentas, com olhos vidrados de homicidas e ladrões. Dentre tantos, havia um, no número 78, que ficava mais atento que os outros e estudava muito, e mirava o professor com olhar cheio de respeito e gratidão. Era um jovem de barba preta, mais desgraçado do que má pessoa, um marceneiro que, num ímpeto de cólera, havia arremessado uma plaina contra o patrão, que há tempos o perseguia, ferindo-o mortalmente na cabeça. Por isso, fora condenado a vários anos de reclusão. Em três meses, aprendeu a ler e a escrever e lia sem parar: quanto mais aprendia, mais parecia tornar-se bom e arrepender-se de seu delito. Certo dia, antes de terminar a lição, ele

sinalizou para o professor, pedindo que se aproximasse da janelinha e lhe anunciou com tristeza que, no dia seguinte, teria de ir embora de Turim para cumprir a pena nos cárceres de Veneza. Depois de dizer adeus, implorou com voz humilde e comovida que deixasse apertar sua mão. O professor estendeu-lhe a mão, e ele a beijou, dizendo: “Obrigado! Obrigado!”. E desapareceu. O professor retirou a mão, molhada de lágrimas. Daí, não o viu mais. Passaram-se seis anos. “Eu pensava em qualquer coisa, menos naquele desgraçado”, disse o professor, “quando, anteontem de manhã, vejo chegar em minha casa um desconhecido com uma grande barba preta, já um pouco grisalha, malvestido, que me diz: ‘O senhor é o professor tal de tal?’. ‘Quem é?’, lhe pergunto. ‘Sou o preso do número setenta e oito’, me responde, ‘o senhor me ensinou a ler e a escrever, seis anos atrás. Não sei se lembra, na última lição, me deu a mão. Já cumpri minha pena e cá estou... para pedir que me conceda a graça de aceitar uma lembrança, uma coisinha que produzi na prisão. Quer aceitá-la para se lembrar de mim, senhor professor?’ Fiquei parado, mudo. Ele pensou que eu não quisesse aceitar e me olhou, como para dizer: ‘Seis anos de sofrimento não são suficientes para limpar minhas mãos?’. E com expressão tão viva de dor me olhou, que logo estendi a mão para pegar o objeto. Aqui está.” Olhamos atentamente o tinteiro: parecia ter sido lavrado com a ponta de um prego, com imensa paciência. Trazia esculpida uma pena sobre um caderno, com a escrita: “Ao meu professor – Lembrança do número 78 – Seis anos”. Embaixo, em caracteres miúdos: “Estudo e esperança...”. O professor não disse mais nada; fomos embora. Porém, em todo o trajeto de Moncalieri até Turim, não pude afastar da cabeça aquele prisioneiro debruçado na janelinha, aquele adeus ao professor, aquele simples tinteiro produzido na cadeia que dizia tantas coisas e acabei sonhando com ele à noite, e ainda pensava nele hoje de manhã... longe de imaginar a surpresa que me esperava na escola! Assim que me ajeitei na nova carteira, ao lado de Derossi, depois de copiar o problema de aritmética da prova mensal, contei a meu colega toda a história do prisioneiro e do tinteiro e como este havia sido feito, com a pena atravessada no caderno e aquela inscrição em volta: “Seis anos”! Derossi estremeceu com aquelas palavras e começou a olhar para mim e para Crossi,

o filho da verdureira, sentado na carteira da frente, com as costas para nós, absorto em seu problema. “Calado!”, disse depois, em voz baixa, me pegando pelo braço. “Não sabe? Crossi me disse, anteontem, ter visto, de relance, um tinteiro nas mãos do pai que voltou dos Estados Unidos: um tinteiro cônico, lavrado à mão, com um caderno e uma pena.” “É isso.” “Seis anos.” “Ele dizia que o pai estava nos Estados Unidos.” “Estava era preso.” Crossi era pequeno no tempo do crime, não se lembra, a mãe dele o enganou; ele não sabe de nada; não podemos deixar escapar uma palavra sobre isso!” Fiquei sem palavras, de olhos fixos em Crossi. E então Derossi resolveu o problema e o passou num pedaço de papel por baixo da carteira para Crossi. Tirou-lhe da mão *O enfermeiro de “tata”*, nosso conto mensal, que o professor entregara para ser copiado, para fazê-lo no lugar dele. Ofereceu-lhe peninhas, acariciou-lhe as costas, me fez prometer por minha honra que não diria nada a ninguém. E, quando saímos da escola, disse rápido: “Ontem, o pai veio buscá-lo, deve vir hoje também, faça como eu”. Saímos para a rua, o pai de Crossi estava lá, meio distante: um homem de barba preta, já meio grisalha, malvestido, com um rosto sem cor e pensativo. Derossi apertou a mão de Crossi, de modo a ser visto e lhe disse alto: “Até logo, Crossi”, e lhe passou a mão no queixo, fiz o mesmo. Ao fazer aquilo, Derossi ficou roxo e eu também. E o pai de Crossi nos olhou atentamente, com uma mirada benévola, mas na qual transparecia uma expressão de inquietude e de suspeita, que nos deu um aperto no coração.

O ENFERMEIRO DE *TATA*

CONTO MENSAL

Certa manhã, num dia chuvoso de março, um garoto vestido de camponês, ensofado e enlameado, com um embrulho de panos debaixo do braço, se apresentava ao porteiro do Hospital Central de Nápoles e perguntava pelo pai, mostrando uma carta. Tinha um rosto bonito, de um moreno pálido, olhos pensativos e lábios grossos entreabertos, que deixavam ver dentes branquíssimos. Vinha de uma aldeia nos arredores de Nápoles. Seu pai, que saíra de casa um ano antes para procurar trabalho na França, havia voltado à Itália e desembarcara poucos dias antes em Nápoles, onde adoeceu de repente e só teve tempo de escrever um bilhete para a família, anunciando seu retorno e dizendo que dava entrada no hospital. Sua mulher, desolada com aquela notícia, não podendo sair de casa, pois estava com uma filha doente e outra mamando, enviara a Nápoles o filho mais velho, com algumas moedas, para cuidar do pai, seu *tata*,^{20} como se diz por lá; o garoto tinha andado quinze quilômetros.

O porteiro, ao ver a carta, chamou um enfermeiro e lhe disse que conduzisse o jovem até o pai.

– Qual pai? – perguntou o enfermeiro.

O rapaz, trêmulo, com medo de uma notícia triste, disse o nome.

O enfermeiro não se lembrava daquele nome.

– Um velho operário vindo de fora? – perguntou.

– Operário, sim – respondeu o jovem, cada vez mais ansioso –, nem tão velho. Vindo de fora, sim.

– Há quanto tempo entrou no hospital? – perguntou o enfermeiro.

O garoto deu uma olhada na carta. “Tem cinco dias, acho.”

O enfermeiro ficou pensando um pouco. Depois, como se lembrasse de repente:

– Ah! – exclamou – No dormitório, a cama do fundo.

– Está muito doente? Como está? – perguntou angustiado o garoto.

O enfermeiro olhou para ele, sem responder. Depois disse: “Venha comigo”.

Subiram dois lances de escada, foram até o fundo de um corredor comprido e se encontraram diante da porta aberta de um salão, onde se estendiam duas filas de camas. “Venha”, repetiu o enfermeiro, entrando. O rapaz se animou e o seguiu, lançando olhares assustados à direita e à esquerda, para os rostos pálidos e murchos dos doentes, alguns dos quais tinham os olhos fechados, parecendo mortos; outros olhavam para cima com olhos grandes e fixos, também espantados. Muitos gemiam feito crianças. O ambiente era escuro, o ar impregnado do cheiro acre dos remédios. Duas irmãs de caridade circulavam com frascos nas mãos.

Quando chegaram ao fundo, o enfermeiro parou na cabeceira de uma cama, abriu a cortina e disse: “Aqui está seu pai”.

O menino começou a chorar e, derrubando o embrulho, abandonou a cabeça no ombro do pai, segurando com uma das mãos o braço imóvel estendido em cima da cobertura. O doente não se mexeu.

O menino se levantou, olhou o pai e caiu no choro de novo. Então, o doente lhe dirigiu um longo olhar e pareceu reconhecê-lo. Mas seus lábios não se mexeram. Pobre *tata*, quanto tinha mudado! O filho nunca o teria reconhecido. Os cabelos tinham embranquecido, a barba estava grande, o rosto inchado, vermelho forte, com a pele esticada e brilhante, olhos miudinhos, lábios grossos, a fisionomia toda alterada: só tinha dele a testa e o arco das sobrancelhas. Respirava com dificuldade.

– *Tata*, papai! – disse o garoto. – Sou eu, não me reconhece? Sou Cicillo, o seu Cicillo, vindo da aldeia, mamãe me mandou vir. Olhe bem para mim, não me reconhece? Diga alguma coisa.

Porém o doente, depois de olhar atentamente para ele, fechou os olhos.

– *Tata! Tata!* O que você tem? Sou seu filho, o seu Cicillo.

O doente não se mexeu mais e continuou a respirar com dificuldade.

Então, chorando, o garoto pegou uma cadeira, sentou e ficou esperando, sem tirar os olhos do rosto do pai. “Um médico vai passar para fazer a visita”, pensava, “ele vai poder me dizer alguma coisa.” E mergulhou em seus pensamentos tristes, lembrando tantas coisas do pai, o dia da partida, quando deram o último adeus no navio, as esperanças que a família depositara naquela viagem, a desolação da mãe com a chegada da carta, até que pensou na morte, viu o pai morto, a mãe vestida de preto, a família na miséria. E assim ficou muito tempo. Quando uma leve mão lhe tocou o ombro, ele estremeceu: era uma freira. “O que tem meu pai?”, perguntou. “É seu pai?”, perguntou a irmã, docemente. “Sim, é meu pai, vim por causa dele. O que ele tem?” “Coragem, garoto”, respondeu a freira, “o médico já vem.” E se afastou sem dizer mais nada.

Após meia hora, ouviu uma campainha e viu, lá no fundo, o médico que entrava, acompanhado de um assistente. A freira e um enfermeiro os seguiam. Começaram a visita, parando em cada cama. Aquela espera parecia eterna para o garoto e, a cada passo do médico, aumentava sua angústia. Finalmente, chegou à cama vizinha. O médico era um velho alto e curvado, de rosto grave. Antes que ele deixasse o vizinho, o menino levantou-se e, quando se aproximou, começou a chorar.

O médico olhou para ele.

– É o filho do enfermo – disse a freira –, chegou hoje de manhã de sua aldeia.

O médico pousou a mão no ombro dele, depois se inclinou sobre o doente, sentiu o pulso, tocou-lhe a testa e fez algumas perguntas à freira, que respondeu: “Nada de novo”. Permaneceu meio pensativo, depois disse: “Continue como antes”.

Aí, o garoto tomou coragem e perguntou com voz de choro: “O que tem meu pai?”.

– Anime-se, meu filho – respondeu o médico, pondo de novo a mão no ombro dele. – Tem uma erisipela.^{21} É grave, mas ainda existe esperança. Cuide dele. A sua presença pode lhe fazer bem.

– Mas ele nem me reconhece! – exclamou o garoto, em tom desolado.

– Vai reconhecer... amanhã, talvez. Vamos ficar confiantes, tenha coragem.

O jovem queria fazer mais perguntas, mas não se atreveu. O médico seguiu adiante. E, então, ele começou sua vida de enfermeiro. Não podendo fazer mais nada, ajeitava as cobertas para o doente, de vez em quando tocava-lhe a mão, espantava os mosquitos, inclinava-se sobre ele a cada gemido e, quando a freira trazia de beber, retirava da mão dela o copo ou a colher e fazia ele o trabalho. Às vezes, o doente olhava em sua direção, mas não dava sinais de reconhecê-lo. Ao contrário, seu olhar se detinha mais tempo acima dele, especialmente quando punha o lenço nos olhos. E assim passou o primeiro dia. De noite, o garoto dormiu sobre duas cadeiras, num canto do salão e, pela manhã, retomou seu ofício piedoso. Naquele dia, teve a impressão de que os olhos do doente revelavam um princípio de consciência. À voz doce do menino, parecia que uma vaga expressão de gratidão brilhava por um instante em suas pupilas e, certa vez, mexeu um pouco os lábios como se quisesse dizer alguma coisa. Depois de um breve torpor, ao reabrir os olhos, parecia procurar seu pequeno enfermeiro. O médico, que passara duas vezes, notou relativa melhora. Ao anoitecer, quando lhe aproximou o copo da boca, o jovem acreditou ter visto desenhar-se sobre os lábios inchados um leve sorriso. Então, começou a se tranquilizar e a confiar. E, com esperança de ser entendido, pelo menos algumas partes, falava com ele, falava bastante: da mãe, das irmãs pequenas, da volta para casa e o estimulava, animando-o com palavras doces e amorosas. Embora, muitas vezes, duvidasse de que fosse ouvido, continuava a falar porque lhe parecia que, mesmo sem compreender, o doente escutava sua voz com certo prazer, aquela entoação insólita de afeto e de tristeza. E, assim, passou o segundo dia e o terceiro e o quarto, numa variação de melhoras leves e de pioras imprevistas. O garoto andava tão inteiramente absorvido em seus cuidados que beliscava um pouco de pão e queijo, trazidos pela freira, duas vezes por dia. E quase nem via o que se passava ao redor, os doentes moribundos, a chegada imprevista das irmãs no meio da noite, o pranto e os gestos de desolação dos visitantes que saíam

sem esperança, todas aquelas cenas dolorosas e lúgubres de um hospital que, em qualquer outra ocasião, teriam causado espanto e terror a ele e a qualquer outro. As horas e os dias passavam, e ele sempre lá com seu tata, atento, impaciente, palpitando a cada suspiro e a cada olhar, agitado sem descanso entre uma esperança que lhe aliviava a alma e um desconforto que gelava seu coração.

No quinto dia, imprevisivelmente, o doente piorou.

O médico, interrogado, sacudiu a cabeça, como para dizer que estava tudo acabado, e o garoto desabou na cadeira, soluçando sem parar. Todavia, uma coisa o consolava. Mesmo piorando, parecia que o doente vinha recuperando devagar um pouco de inteligência. Ele olhava o garoto cada vez mais firme e com uma expressão crescente de doçura, só queria beber e tomar remédios pelas mãos dele e continuava fazendo aquele movimento forçado dos lábios, como se quisesse pronunciar uma palavra. E, às vezes, o fazia de um jeito tão explícito que o filho lhe agarrava o braço com força, movido por uma esperança repentina, e dizia em tom quase alegre: “Coragem, coragem, tata, vai ficar bom, vamos embora, voltaremos para casa, junto da *mamma*, mais um pouco de energia!”.

Eram quatro da tarde e, nesse instante, o garoto passava por um daqueles ímpetos de ternura e de esperança quando, do outro lado da porta vizinha ao salão, ouviu passos e, logo, uma voz forte, duas palavras: “Adeus, irmã!”, que o fizeram saltar de pé, com um grito travado na garganta.

No mesmo instante, entrou um homem, com um embrulho grande na mão, seguido por uma freira.

O menino deu um grito agudo e ficou imóvel no lugar.

O homem se virou, olhou-o um momento, deu um grito também: “Cicillo!”, e correu a seu encontro.

O garoto caiu nos braços do pai, sufocado.

As freiras, os enfermeiros, o assistente, correram para ver e ficaram boquiabertos.

O menino não conseguia recuperar a fala.

– Oh! Meu Cicillo! – exclamou o pai, depois de ter fixado um olhar atento no doente, beijando o jovem sem parar. – Cicillo, meu filho, que aconteceu? Levaram você para a cama de outro. E eu que me desesperava por não o ver, depois que a *mamma* escreveu: já o mandei. Pobre Cicillo! Há quantos dias está aqui? Como foi isso? Eu me aguentei com pouco: já estou em forma. E sua mãe? E Concettella? E a caçulinha? Estou saindo deste hospital. Vamos embora. Senhor Deus! Quem ia adivinhar?

O menino tentou juntar quatro palavras para dar notícias da família. “Como estou contente!”, gaguejou. “Que dias terríveis passei!”, e não parava de beijar o pai.

Mas não se mexia.

– Vamos, então – disse o pai. – Chegaremos em casa hoje ainda – e puxou-o.

O garoto se virou para olhar seu doente.

– Mas... vem ou não? – perguntou o pai, admirado.

O jovem deu outra olhada para o doente, o qual, naquele momento, abriu os olhos e o observou.

Então, jorraram palavras da alma. “Não, *tata*, espere... é isso... não posso. Este velho, há cinco dias estou aqui, me olha sempre. Pensava que fosse você. Passei a gostar dele. Dou de beber a ele, quer que eu fique sempre por perto, está muito mal, tenha paciência, não tenho coragem, não sei, me dá muita pena, voltarei amanhã para casa, me deixe ficar mais um pouco, não seria bom abandoná-lo, veja como me olha, não sei quem é ele, mas gosta de mim, sozinho morreria, deixe-me ficar, querido *tata*!”

– Bravo, *piccirillo!*^a – gritou o assistente.

O pai permaneceu perplexo, olhando o garoto, depois olhou para o doente: “Quem é?”, perguntou.

– Um camponês como você – respondeu o assistente. – Veio de outro país, vocês entraram no hospital no mesmo dia. Foi trazido aqui inconsciente, não pôde dizer nada. Talvez tenha uma família distante daqui, filhos. Deve ter pensado que era um de seus filhos.

O doente continuava olhando para o menino.

O pai disse a Cicillo: “Fique”.

– Não vai ter de ficar por muito tempo – murmurou o assistente.

– Fique – repetiu o pai. – Você tem coração. Vou já para casa, para acalmar a mamma. Pegue uma moeda para alguma despesa. Tchau, filho querido, a gente se vê lá em casa.

Abraçou-o, olhou firme para ele, beijou-lhe a cabeça e partiu.

O garoto voltou para a beira da cama e o doente pareceu confortado. E Cicillo recomeçou a bancar o enfermeiro, porém sem chorar, com o mesmo cuidado, a mesma paciência de antes. Recomeçou a lhe dar água, arrumar suas cobertas, acariciar-lhe a mão, falar suavemente com ele, para lhe dar força. Cuidou dele no resto do dia, à noite, continuou no dia seguinte. Mas o doente ia piorando: seu rosto estava ficando violáceo; a respiração, pesada. Agitava-se, escapavam-lhe gritos desarticulados, a inflamação se fazia monstruosa. Na visita noturna, o médico disse que não passaria daquela noite. Aí, Cicillo redobrou seus cuidados e não o perdeu de vista nem por um minuto. E o doente olhava para ele, olhava e mexia os lábios, de leve, com grande esforço, como se quisesse dizer algo, e uma expressão de doçura extraordinária passava de vez em quando por seus olhos, que iam diminuindo, quase fechando. E naquela noite o garoto o velou até ver clarear pelas janelas o primeiro indício do dia e aparecer a freira. A mulher aproximou-se, deu uma olhada no doente e foi embora rapidinho. Poucos minutos depois, reapareceu com o médico assistente e com um enfermeiro, carregando uma lanterna.

– Está no fim – disse o médico.

O garoto segurou a mão do doente. Este abriu os olhos, fixou-o e voltou a fechá-los.

Nesse minuto, o garoto teve a sensação de que ele lhe apertava a mão. “Ele me apertou a mão!”, exclamou.

O médico ficou um instante inclinado sobre o enfermo, em seguida se levantou. A freira tirou um crucifixo da parede.

– Morreu! – gritou o menino.

– Vá, meu filho – disse o médico. – Seu trabalho santo terminou. Vá e tenha sorte, pois você merece. Deus há de protegê-lo. Adeus.

A freira, que tinha se afastado um momento, voltou com um buquê de violetas, tirado de um copo na janela, e ofereceu-o ao menino: “Não tenho nada mais para lhe dar. Leve isto como lembrança do hospital”.

– Obrigado – respondeu o garoto, pegando o maço lilás com uma das mãos e enxugando os olhos com a outra. – Mas tenho um caminho tão longo para fazer a pé... iam murchar logo. – Solto o maço e espalhou as violetas na cama, dizendo: “Deixoas como lembrança do meu querido morto. Obrigado, irmã, obrigado senhor doutor”. Virando-se para o morto: “Adeus...”. Enquanto buscava um nome para dar-lhe, voltou-lhe do coração aos lábios o nome doce com que o chamara durante cinco dias: “Adeus, pobre tata!”.

Dito isso, colocou seu embrulho debaixo do braço e, com passos lentos, morto de cansaço, foi embora. Amanhecia.

A oficina

18, sábado

Precossi veio ontem à noite me convidar para fazer uma visita a sua oficina, que fica na parte baixa da rua e, hoje de manhã, saindo com meu pai, pedi que me levasse até lá. Quando nos aproximávamos da oficina, Garoffi saiu correndo de lá, fazendo esvoaçar sua capa, que cobre as mercadorias. Agora sei onde ele vai raspar o ferro até virar limalha, que vende por jornais velhos, aquele traficante do Garoffi! Ao nos aproximarmos da porta, vimos Precossi, sentado num monte de tijolos, estudando a lição, com o livro nos joelhos. Levantou rápido e nos pediu para entrar: era um galpão cheio de pó de carvão, com as paredes apinhadas de martelos, tenazes, trancas, ferragens de todo tipo. E, num canto, ardia o fogo de um pequeno forno, em que um garoto soprava um fole. Precossi pai estava perto da bigorna, e um aprendiz mantinha uma barra de ferro no fogo. “Ah! Vocês aqui”, disse o ferreiro assim que nos viu, erguendo a viseira, “o garoto formidável que dá trens de presente! Veio ver como se trabalha aqui, não é? Vai ser atendido na hora.” E sorria ao dizer isso, não tinha mais aquela cara zangada, aqueles olhos revirados de outras ocasiões. O aprendiz colocou diante dele uma longa barra de ferro cuja ponta estava em brasa, e o ferreiro apoiou-a na bigorna. Estava fazendo uma daquelas barras de ferro, em forma de voluta, para balaustradas de terraços. Levantou um martelo grande e começou a bater, empurrando a parte incandescente de um lado para outro, entre uma ponta da bigorna e a parte do meio, revirando-a de vários modos. E era uma maravilha ver como, sob os golpes rápidos e precisos do martelo, o ferro se curvava, se torcia, pegava aos poucos a forma graciosa da folha enrugada de uma flor, feito um canudo de macarrão modelado com as mãos. Enquanto isso, seu filho nos observava, com certo ar de orgulho, como para dizer: “Vejam como meu pai trabalha!”. “O senhorzinho viu como se faz?”, me

perguntou o ferreiro, ao terminar, pondo na minha frente o ferro lavrado, que parecia o báculo de um bispo. A seguir, colocou-o de lado e pôs outra barra no fogo. “Realmente benfeito”, elogiou meu pai. E acrescentou: “De fato... aqui se trabalha, hem? A boa disposição voltou”. “Sim, voltou”, acrescentou o operário, enxugando o suor, enrubescendo um pouco. “E sabe quem fez que voltasse?” Meu pai fingiu não entender. “Aquele garoto notável”, disse o ferreiro, apontando para o filho com o dedo. “Aquele filho maravilhoso, que estudando honrava o pai, enquanto o pai... fazia asneiras e o tratava feito um animal. Quando vi aquela medalha... Ah! Meu miúdo, meu tampinha, venha cá para que eu veja bem esse seu rostinho!” O garoto veio correndo, o ferreiro pegou nele e o instalou na bigorna, mantendo-o debaixo das axilas, e lhe disse: “Limpe um pouco a fachada desta besta de pai”. E aí, Precossi cobriu de beijos a cara enegrecida do pai, até que ele também ficasse todo preto. “Assim é melhor”, disse o ferreiro e voltou com ele para o chão. “Assim é mesmo melhor, Precossi!”, exclamou meu pai, contente. E, despedindo-se do ferreiro e do filho, me levou para fora. Enquanto saía, Precossinho me disse: “Me desculpe”, e pôs no meu bolso um pacote de pregos. Convidei-o para vir assistir ao carnaval de minha casa. “Você deu a ele de presente o seu trem de ferro”, disse meu pai no caminho, “mas se fosse de ouro cheio de pérolas, teria sido ainda um presente pequeno para aquele santo filho que refez o coração do pai.”

O palhacinho

20, segunda-feira

A cidade inteira está fervendo por causa do carnaval, a ponto de explodir: em todas as praças se levantam barracas de saltimbancos e de jogos. E nós vemos, debaixo das nossas janelas, uma lona de circo, onde uma pequena companhia veneziana faz espetáculos com cinco cavalos. O circo está no meio da praça e, num canto, há três carroções, onde os saltimbancos dormem e trocam de roupa: três casinhas com rodas, janelinhas e, em cada uma delas, uma chaminé sempre fumegando. E entre as janelinhas estão estendidas fraldas de crianças. Uma mulher dá de mamar a um bebê, prepara comida e dança na corda. Coitados! As pessoas dizem “saltimbanco” em tom pejorativo, mas eles ganham o pão honestamente, divertindo a todos, e quanto trabalham! O dia inteiro, correm do circo para os carroções, vestidos só de camiseta, com tanto frio. Comem dois salgados na correria, em pé, entre uma representação e outra. E, às vezes, quando o circo já está cheio, se ergue um vento que arranca as lonas e apaga as luzes; aí, adeus espetáculo! Eles têm de devolver o dinheiro e trabalhar a noite toda para botar a barraca de novo em pé. Há dois rapazes que trabalham lá, e meu pai reconheceu o menor, enquanto atravessava a praça: é o filho do patrão, o mesmo que vimos dar saltos a cavalo, no ano passado, num circo da praça Vittorio Emanuele. Cresceu, deve estar com uns oito anos, é um menino bonito, tem um lindo rosto de moleque, redondo e moreno, cheio de cachos pretos que escapam do chapéu em forma de cone. Está vestido de palhaço, enfiado dentro de uma espécie de camisa branca com mangas, bordado de preto, e usa sapatinhos de lona. É um diabinho. Agrada a todos. Faz de tudo. De manhã cedo, podemos vê-lo enrolado num xale, carregando leite para sua casinha de madeira. Depois, vai pegar os cavalos na estrebaria da rua Bértola; traz nos braços o bebê; transporta arcos, cavaletes, barreiras,

cordas; limpa os carroções, acende o fogo e, nos momentos de descanso, está sempre grudado na mãe. Meu pai sempre o observa da janela e vive falando dele e da família, que parecem boa gente e gostam dos filhos. Certa noite, fomos ao circo: fazia frio, não tinha quase ninguém. Mas o palhacinho não parava de se agitar para manter alegre aquele punhado de gente: dava saltos mortais, se pendurava no rabo dos cavalos, caminhava plantando bananeira, tudo sozinho, e cantava, sempre sorridente, com seu lindo rostinho moreno. E o pai, que usava roupa vermelha e calções brancos, com botas altas e chicote na mão, tomava conta dele, mas andava triste. Meu pai ficou com pena e, no dia seguinte, conversou sobre isso com o pintor Delis, que veio nos visitar. Aquela gente se mata de trabalhar e vive no sufoco! Gosto tanto daquele menino! O que se poderia fazer por eles? O pintor teve uma ideia. “Escreva um bom artigo para a *Gazzetta*”, disse a ele, “você que sabe escrever, conte as façanhas do pequeno palhaço, e eu faço um retrato dele. Todos leem a *Gazzetta* e, pelo menos uma vez, aquilo vai encher de gente.” E assim fizeram. Papai escreveu um artigo, bonito e cheio de graça, relatando tudo o que vemos pela janela e dava vontade de conhecer e de ver o pequeno artista. E o pintor esboçou um retratinho semelhante e gracioso, que foi publicado no sábado de tarde. E pronto: na sessão de domingo, uma enorme multidão correu para o circo. Estava anunciado: “Apresentação em prol do palhacinho”. “Palhacinho” era como era chamado na *Gazzetta*. Meu pai me levou para as primeiras filas. Junto da entrada, haviam pregado a *Gazzetta*. O circo estava apinhado, muitos espectadores tinham o jornal na mão e o mostravam ao palhacinho, que ria, correndo de um lado para outro, todo feliz. Também o patrão estava contente. Imagine! Nunca, nenhum jornal lhe fizera tanta honra, e o caixa ficou cheio. Meu pai sentou-se ao meu lado. Entre os espectadores, encontramos conhecidos nossos. Perto da entrada dos cavalos, de pé, estava o professor de ginástica, aquele que lutou para o Garibaldi e, na nossa frente, na segunda fila, Tijolino, com sua cara redonda, sentado junto daquele gigante do pai... e, assim que me viu, fez o focinho de coelho. Um pouco mais adiante vi Garoffi, que contava os espectadores, calculando nos dedos quanto a Companhia poderia ter ganhado. Também estava nas

cadeiras das primeiras filas, não muito distante de nós, Robetti, aquele que salvou o menino do ônibus, com as muletas em cima dos joelhos, ao lado do pai, capitão de artilharia, que apoiava a mão no ombro dele. A apresentação começou. O palhacinho fez maravilhas no cavalo, no trapézio e na corda e, toda vez que saltava, todos batiam palmas e muitos lhe puxavam os cachos. Depois, outros se apresentaram: funâmbulos, malabaristas e cavalariços, vestidos com trapos e cintilantes de prata. Porém, quando o garoto não estava em cena, parecia que as pessoas se aborreciam. Em determinado momento, vi o professor de ginástica, parado à entrada dos cavalos, falando no ouvido do dono do circo, e este logo direcionou o olhar para os espectadores, como se procurasse alguém. Seu olhar parou em nós. Meu pai se deu conta, percebeu que o professor havia dito que era ele o autor do artigo e, para não receber agradecimentos, foi embora, dizendo: “Fique, Enrico, espero por você lá fora”. Depois de trocar algumas palavras com o pai, o palhacinho fez ainda outra apresentação: reto em cima do cavalo que galopava, trocou de roupa quatro vezes: de peregrino, de marinheiro, de soldado e de acrobata e, toda vez que passava perto de mim, me olhava. Quando desceu, começou a rodar pelo circo com o chapéu de palhaço entre as mãos e todos lhe jogavam dinheiro e balas dentro. Eu tinha duas moedas prontas, mas, quando passou por mim, em vez de passar o chapéu, puxou-o para trás, me olhou e foi adiante. Fiquei mortificado. Por que tinha feito aquela grosseria? O espetáculo terminou, o patrão agradeceu, e todos se levantaram, dirigindo-se para a saída. Eu estava no meio da multidão, quando senti que me tocavam com a mão. Me virei: era o palhacinho, com seu lindo rosto moreno e seus cabelos cacheados, que sorria: tinha as mãos cheias de balas. Entendi, então. “Quer aceitar estes doces do palhacinho?”^b Fiz sinal positivo e peguei três ou quatro. “Agora”, acrescentou, “aceite também um beijo.” “Me dê dois”, respondi e lhe ofereci a bochecha. Ele limpou o rosto branco de talco com a manga, pôs um braço em volta do meu pescoço, me carimbou dois beijos nas bochechas, dizendo: “Tome, e dê um para seu pai”.

O último dia de carnaval

21, terça-feira

Que triste cena vimos hoje de manhã no desfile de máscaras! Terminou tudo bem, mas podia ter acontecido uma grande desgraça. Na praça San Carlo, toda enfeitada com guirlandas amarelas, vermelhas e brancas, se comprimia uma grande multidão: circulavam máscaras de todas as cores, passavam carruagens douradas e embandeiradas, com formato de tenda, teatrinhos e barcas cheias de arlequins e de guerreiros, de cozinheiros, de marinheiros e de pastoras. Era uma tal confusão, que não se sabia para onde olhar; um barulhão de trombetas, de berrantes e de pratos turcos que arrebatava os ouvidos. E as máscaras das carruagens bebiam e cantavam, provocando as pessoas a pé e as que estavam nas janelas, que respondiam aos berros e atiravam furiosamente laranjas e confetes. E, mais além das carruagens e da multidão, até onde alcançava a vista, observava-se sacudir as bandeirinhas, cintilar os cascos, tremular os penachos, agitar as cabeçorras de papel machê, coberturas gigantescas, tubas enormes, armas extravagantes, tambores, castanholas, bonés vermelhos e garrafas: pareciam todos doidos. Quando nossa carruagem entrou na praça, ia à nossa frente uma outra magnífica, puxada por quatro cavalos cobertos de panos bordados a ouro, e toda enfeitada com guirlandas de rosas artificiais, sobre a qual havia quatorze ou quinze senhores, mascarados como fidalgos da corte francesa, usando seda cintilante, perucas brancas, chapéu de plumas debaixo do braço e espadins e um arranjo de laços e de rendas no peito: belíssimos. Cantavam todos juntos uma canção francesa e jogavam confetes para as pessoas, que batiam palmas e gritavam. De repente, à nossa esquerda, vimos um homem erguer sobre as cabeças da multidão uma menina de cinco ou seis anos, uma coitada que chorava desesperadamente, agitando os braços, parecia tomada por convulsões. O homem abriu caminho rumo à

carruagem dos senhores, um deles se inclinou e o primeiro disse bem alto: “Segure esta menina, perdeu a mãe, fique com ela no colo, a mãe não deve estar longe e vai vê-la. Não há outra solução”. O senhor pegou a menina nos braços, os demais pararam de cantar, a menina berrava se debatendo, o senhor tirou a máscara, a carruagem prosseguiu devagar. Nesse meio-tempo, como nos contaram depois, na extremidade oposta da praça, uma pobre mulher meio enlouquecida rompia a multidão a cotoveladas e empurrões, berrando: “Maria! Maria! Maria! Perdi minha filhinha! Roubaram minha filha! Sufocaram minha menina!”. E, havia quinze minutos, se atormentava, se desesperava daquele jeito, andando de um lado para outro, oprimida pela multidão, que demorava para lhe abrir passagem. Enquanto isso, o senhor da carruagem mantinha a menina apertada contra os laços e as rendas de seu peito, circulando o olhar pela praça e tentando acalmar a pobre criatura, que cobria o rosto com as mãos, sem saber onde estava, e chorava de partir o coração. O senhor estava comovido, se via que aqueles gritos lhe tocavam a alma. Os outros ofereciam laranjas e doces à menina; porém, ela tudo recusava, cada vez mais assustada e convulsa. “Procurem a mãe!”, gritava o senhor para a multidão, “procurem a mãe!” E todos se viravam para a esquerda e a direita; e a mãe não aparecia. Enfim, a poucos passos da esquina com a rua Roma, viu-se uma mulher lançar-se em direção à carruagem... Ah! Nunca vou esquecer! Não parecia mais uma criatura humana, tinha os cabelos desgrenhados, o rosto deformado, as roupas rasgadas. Pulou para a frente, soltando um berro que não se sabia se de alegria, de angústia ou de raiva e esticou as mãos como duas garras para apanhar a filhinha. A carruagem parou. “Aqui está ela”, disse o senhor, entregando a menina depois de beijá-la, e a pôs nos braços da mãe, que a apertou contra o peito com furor... Mas uma das mãozinhas ficou um segundo entre as mãos do senhor e este, tirando da direita um anel de ouro com um grande diamante e, num movimento rápido, já o encaixando num dos dedos da menina, disse: “Pegue, será seu dote de casamento”. A mãe ficou ali encantada, a multidão irrompeu em aplausos, o senhor recolocou a máscara, os passageiros retomaram o canto e a carruagem andou lentamente, no meio de uma tempestade de palmas e vivas.

Os garotos cegos

23, quinta-feira

Nosso professor está muito doente e um outro veio no lugar dele, da quarta série, que foi professor no Instituto dos Cegos. É o mais velho, tão branco que parece ter na cabeça uma peruca de algodão, e fala de um jeito especial, como se cantasse uma canção melancólica, com harmonia, e sabe muito. Assim que entrou na escola, ao ver um menino de olho vendado, aproximou-se da carteira e perguntou o que tinha. “Cuide bem dos olhos, garoto”, disse a ele. E, então, Derossi lhe perguntou: “Professor, é verdade que o senhor deu aulas para cegos?”. “Sim, durante vários anos”, respondeu. E Derossi pediu a meia-voz: “Conte alguma coisa para nós”.

O professor foi sentar-se à mesa.

Coretti disse alto: “O Instituto dos Cegos fica na rua Nizza”.

– Vocês dizem cegos, cegos – comentou o professor – assim, como se falassem de doentes e de pobres ou coisa que o valha. Mas será que entendem bem o significado dessa palavra? Pensem um instante: cegos! Não ver nada, nunca! Não distinguir o dia da noite, não ver nem céu nem sol nem os próprios pais, nada daquilo tudo que está em volta de nós e que se pode tocar; viver imersos numa escuridão perpétua, como sepultos nas vísceras da terra! Experimentem fechar os olhos e pensar que teriam de viver assim para sempre: logo vem uma aflição, um terror, parece que seria impossível resistir, que começariam a gritar, que enlouqueceriam ou morreriam. Contudo... são garotos raros, quando se entra pela primeira vez no Instituto dos Cegos, durante o recreio, e é possível ouvi-los tocar violinos e flautas por todos os lados, falar alto e rir, subir e descer escadas com passos rápidos e girar livremente por corredores e dormitórios, não se diria nunca que eles são aqueles desafortunados que são. É preciso observá-los bem. Há jovens de dezesseis a dezoito anos, robustos e alegres, que carregam a cegueira

com certa desenvoltura, com certo atrevimento quase. Mas isso se deduz da expressão ressentida e orgulhosa dos rostos, que devem ter sofrido tremendamente antes de resignar-se a essa desventura. Existem outros, com rostos pálidos e doces, nos quais se vê uma grande resignação, porém triste: e se percebe que, algumas vezes, em segredo, devem chorar ainda. Ah! Meus filhos. Pensem que alguns deles perderam a vista em poucos dias, que outros a perderam depois de anos de martírio e de muitas cirurgias terríveis, e que muitos nasceram assim, numa noite sem aurora para eles, entraram no mundo como numa tumba imensa, e nem sabem como é feito o rosto humano! Imaginem quanto devem ter sofrido e quanto sofrem ao pensar assim, confusamente, na diferença tremenda que existe entre eles e aqueles que enxergam, e perguntam a si próprios: “Por que esta diferença se não temos culpa alguma?”. Eu, que fiquei vários anos entre eles, quando me lembro daquela turma, de todos aqueles olhos congelados para sempre, de todas aquelas pupilas sem olhar e sem vida, e depois olho para vocês... me parece impossível que não sejam todos felizes. Pensem: há cerca de vinte e seis mil cegos na Itália! Vinte e seis mil pessoas que não veem luz, entendem, um exército que levaria quatro horas para desfilar sob nossas janelas!

O professor calou-se: não se ouvia respirar na sala. Derossi perguntou se era verdade que os cegos têm o tato mais apurado que nós.

O professor respondeu: “É verdade. Todos os demais sentidos acabam se refinando justamente porque, tendo de suprir entre todos o da vista, os outros sentidos são mais exercitados que os daqueles que podem ver. De manhã, nos dormitórios, um pergunta para outro: ‘Está fazendo sol?’. E quem é mais rápido para se vestir, logo sai para o pátio agitando as mãos pelos ares, para sentir o calor do sol e correr para dar a boa notícia: ‘Tem sol!’. Pela voz de uma pessoa fazem ideia de sua estatura. Nós julgamos o humor de uma pessoa com os olhos e eles, pela voz. Recordam entonações e sotaques durante anos. Percebem se num quarto há mais de uma pessoa, mesmo que só uma fale e as outras permaneçam imóveis. Com o tato captam se uma colher está limpa ou não. As meninas distinguem a lã tingida da natural. Andando em dupla pelas ruas, reconhecem quase todas as lojas

pelo cheiro, mesmo onde não se sentem cheiros. Brincam de pião e, ouvindo o barulho que faz ao rodar, conseguem pegá-lo sem se enganar. Fazem girar uma roda, jogam varetas, pulam corda, fabricam casinhas de pedras, colhem violetas como se as vissem, fazem tapetes e cestinhas, entrelaçando palha de várias cores, e tudo isso rápido e direito por causa do tato desenvolvido que possuem! O tato é a visão deles: um de seus maiores prazeres é o de tocar, de apertar, de adivinhar a forma das coisas, tocando-as. É comovente vê-los quando são levados ao museu industrial,^{22} onde os deixam tocar aquilo que desejam, e com que festa se jogam sobre os corpos geométricos, se atiram às maquetes de casas, aos instrumentos, com que alegria apalpam, esfregam, reviram entre as mãos todas as coisas, para *ver* como são feitas. Eles garantem *ver!*”.

Garoffi interrompeu o professor para perguntar-lhe se era verdade que os garotos cegos aprendem a fazer contas melhor que os outros.

O professor respondeu: “É verdade. Aprendem a calcular e a ler. Eles têm livros especiais, com caracteres em relevo, passam os dedos por cima, reconhecem as letras e dizem as palavras: leem fluentemente. E vocês precisam *ver*, coitados, como ficam vermelhos quando cometem um erro. Escrevem inclusive, sem tinta. Escrevem sobre um papel espesso e duro com um ponteiro de metal, que faz um monte de pontinhos fundos e agrupados segundo um alfabeto especial. E esses pontinhos saem em relevo no verso do papel, de modo que, virando a folha e passando os dedos sobre aqueles relevos, eles podem ler aquilo que escreveram e também a escrita de outros: fazem redações e trocam correspondência entre si. Da mesma maneira, escrevem os números e fazem contas. E calculam de cabeça, com incrível facilidade, não se deixando distrair pela visão das coisas, conforme acontece conosco. E se vocês vissem como são apaixonados por ouvir quando alguém lê, como ficam atentos, como lembram de tudo, como discutem entre si, mesmo os menores, sobre fatos da história e da língua, sentados em quatro ou cinco no mesmo banco, sem se virar um para o outro, conversando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto em voz alta e todos juntos, sem perder uma palavra, a tal ponto possuem um ouvido agudo e disponível! E dão mais importância que vocês às provas, posso garantir, e se afeiçoam

mais aos professores. Reconhecem seus mestres pelo passo e pelo cheiro, percebem se está de bom ou de mau humor, se está triste ou não, apenas pelo som de uma palavra. Querem que o professor toque neles, quando os encoraja e louva, e lhe apalpa as mãos para expressar sua gratidão. E se gostam entre si, são bons companheiros. Na hora do recreio, os mesmos ficam quase sempre juntos. Por exemplo, na escola das meninas, formam vários grupos, conforme o instrumento que tocam: violonistas, pianistas, flautistas, e nunca desafinam. Quando têm afeto por alguém, é difícil que mudem. Encontram grande conforto na amizade. Entre eles, se julgam honestamente. Têm um conceito claro e profundo do bem e do mal. Ninguém se exalta como eles ao escutar sobre uma ação generosa ou algum feito grandioso”.

Votini perguntou se tocam bem.

– Amam a música ardentemente – respondeu o professor. – É a alegria deles, música é sua vida. Algumas crianças cegas, assim que entram no instituto, são capazes de ficar três horas imóveis de pé, ouvindo tocarem. Aprendem com facilidade e, ao tocar, expressam paixão. Quando o professor diz a algum deles que não tem disposição para a música, ele sente uma grande dor, e se põe a estudar desesperadamente. Ah! Se vocês ouvissem a música lá dentro, se vissem como tocam de cabeça erguida, sorriso nos lábios, faces inflamadas, trêmulos de comoção, quase extáticos ao escutar aquela harmonia que espalham na escuridão infinita que os circunda, quanto entenderiam que a música é um consolo divino! E se rejubilam, brilham de felicidade, quando um professor lhes diz: “Você vai se tornar um artista”. Para eles, o primeiro em música, aquele que se sai melhor que todos ao piano ou no violino, é como um rei: amam-no, veneram-no. Quando estoura uma briga entre dois deles, vão até ele; se dois amigos discutem, é ele quem os reconcilia. Os menores, a quem ele ensina a tocar, o consideram um pai. Antes de ir dormir, vão todos lhe dizer boa noite. E falam o tempo inteiro de música. À noite, quando já estão na cama, quase todos cansados de estudar e trabalhar, meio sonolentos, ainda discutem em voz baixa sobre obras, maestros, instrumentos, orquestras. E para eles é um castigo tão grande serem privados da leitura ou da lição de

música, sofrem tanto com isso, que quase ninguém tem coragem de castigá-los desse modo. Aquilo que a luz é para nossos olhos, a música é para o coração deles.

Derossi perguntou se poderia ir vê-los.

– Podem – respondeu o professor –, mas vocês, garotos, não devem ir por enquanto. Irão mais tarde, quando tiverem condições de entender a grandeza daquela desventura e de sentir toda a piedade que ela merece. Por vezes, vocês veem meninos sentados em uma janela escancarada, desfrutando o ar fresco, com o rosto imóvel, parecendo olhar para a grande planície verde e para as lindas montanhas azuis que enxergamos... e pensar que nada veem, que jamais verão qualquer coisa de toda aquela imensa beleza, suas almas se oprimem como se tivessem ficado cegos naquele instante. E os cegos de nascença que, por jamais terem visto este mundo, não lamentam nada, pois não têm a imagem de nada, não provocam menos compaixão. Porém, existem garotos que ficaram cegos recentemente, que ainda se lembram de tudo, que compreendem bem tudo aquilo que perderam e esses têm ainda a dor de sentir escurecer na mente, um pouco a cada dia, as imagens mais queridas, de sentir como se morressem na memória as pessoas mais amadas. Certo dia, um desses garotos me disse, com tristeza inexprimível: “Gostaria de ter a visão uma vez mais, apenas um instante, para rever o rosto de mamãe, do qual nem lembro mais!”. E quando a mãe vai encontrá-los colocam a mão no rosto dela para sentir como é feito, e quase não se convencem de não poderem vê-la e chamam-na pelo nome muitas vezes como para implorar que se deixe, que se faça ver ao menos uma vez mais. Quantos saem de lá chorando, inclusive homens de coração duro! E, ao sair, parece que somos uma exceção, temos um privilégio quase não merecido, ver pessoas, coisas, o céu. Tenho certeza de que nenhum de vocês, saindo de lá, não estaria disposto a privar-se de um pouco da própria visão para dar ao menos um vislumbre àqueles pobres meninos, para quem o sol não tem luz e cuja mãe não tem rosto!

O professor doente

25, sábado

Ontem, no final da tarde, ao sair da escola, fui visitar meu professor. De tanto trabalhar, acabou doente. Todo dia, cinco horas de aulas, depois uma hora de ginástica, mais outras duas horas no turno da noite, o que significa dormir pouco, comer correndo e se esgoelar de manhã até de noite: estragou a saúde. Assim diz minha mãe. Minha mãe ficou no portão, subi sozinho e nas escadas cruzei com o professor da barbona preta – Coatti –, aquele que assusta todo mundo e não pune ninguém. Ele me olhou com olhos bem abertos, ensaiou voz de leão, de brincadeira, mas sem rir. Eu continuava rindo, ao tocar a campainha, no quarto andar: mas logo fiquei mal, quando a empregada me fez entrar num quarto pobre, meio escuro, onde estava meu professor. Ele jazia numa pequena cama de ferro, com a barba grande. Pôs uma das mãos na testa, para me ver melhor e exclamou com voz afetuosa: “Ó, Enrico!”. Aproximei-me da cama, ele me pôs a mão nas costas e disse: “Bom menino. Fez bem vindo visitar seu pobre professor. Estou mal, como vê, meu caro Enrico. E como vai a escola? Como andam seus colegas? Tudo vai bem, mesmo sem mim? Nem sentem falta deste velho professor, não é verdade?”. Eu queria negar, mas ele me interrompeu: “Vamos, sei que vocês não querem me ver doente”. E deu um suspiro. Eu observava algumas fotos na parede. “Está vendo”, ele me disse, “são todos alunos que me deram seus retratos, já faz mais de vinte anos. Bons garotos. Essas são minhas memórias. Quando morrer, vou dar minha última olhada para eles, para aquela garotada, com quem passei minha vida inteira. Você também vai me dar um retrato, quando terminar o ensino médio?” Depois, pegou uma laranja no criado-mudo e colocou-a em minhas mãos. “Não tenho nada mais para lhe dar”, disse, “é uma prenda de doente.” Eu olhava para ele, de coração pesado, não sei por quê. “Veja bem...”, recomeçou, “espero sair

desta, mas, se eu não me recuperar... trate de estudar mais aritmética, que é seu fraco: faça um esforço. Não se trata mais do que um primeiro esforço porque, às vezes, não é falta de compromisso, é um preconceito ou como quem diz, uma fixação.” Enquanto isso, respirava forte, era evidente o sofrimento. “Tenho febre alta”, suspirou, “estou mal arranjado. Portanto, preste atenção: insista na aritmética, nos problemas. Não conseguiu da primeira vez? Faça uma pausa e tente de novo. Ainda não dá? Mais uma pausa e recomece do início. E sempre em frente, com calma, sem afobar-se, sem perder a cabeça. Vá, agora; cumprimente sua mãe. E não suba novamente esta escadaria, nos vemos na escola. E, se não voltarmos a nos ver, lembre-se algumas vezes deste professor da terceira série, que gosta de você.” Diante dessas palavras, tive vontade de chorar. “Abaixe a cabeça”, ele me disse. Me inclinei na cabeceira, ele me beijou nos cabelos. E voei escadas abaixo, pois estava com vontade de abraçar minha mãe.

A rua

25, sábado

Eu o observava da janela, hoje à tarde, quando você voltava da casa do professor: você esbarrou numa mulher. Veja como anda pelas ruas. Existem deveres.

Se você mede seus passos e gestos dentro de uma casa, por que não deveria fazer o mesmo na rua, que é a casa de todos? Lembre-se, Enrico. Todas as vezes que encontrar um velho trôpego, um pobre, uma mulher com uma criança nos braços, um aleijado com muletas, um homem curvado carregando um peso, uma família vestida de luto, dê passagem com respeito: temos de respeitar a velhice, a miséria, o amor materno, a doença, o cansaço, a morte. Toda vez que vir uma pessoa que está a ponto de ser atropelada por uma carruagem, afaste-a: se for uma criança, faça uma advertência; pergunte sempre o que tem um menino que chora, pegue a bengala do velho que a deixou cair. Se duas crianças brigam, separe-as; se forem dois homens, vá embora, não assista ao espetáculo da violência brutal, que ofende e endurece os corações. E, quando passar um homem algemado entre dois guardas, não acrescente a sua curiosidade cruel à da multidão: ele pode ser um inocente. Pare de falar e de rir com seu colega, quando cruzar com uma maca de hospital, que talvez carregue um moribundo, ou com um cortejo fúnebre, pois amanhã pode sair um de sua casa. Olhe com reverência para todos aqueles garotos dos institutos que passam em dupla: cegos, mudos, raquíticos, órfãos, crianças abandonadas. Pense que são a desventura e a caridade humana que passam. Finja sempre não ver quando alguém tem uma deformidade repugnante ou ridícula. Apague sempre os fósforos acesos que encontrar pela frente, pois poderiam custar a vida de alguém.^{23} Responda sempre com gentileza ao transeunte que lhe pergunta por uma rua. Não olhe rindo para ninguém, não corra sem necessidade, não grite. Respeite a via pública. A educação de um povo se mede, antes de mais nada, pela consideração que ele dispensa à via pública. Quando você encontrar grosseria pelas ruas, há de encontrar grosseria dentro das casas. E estude as ruas; estude a cidade onde vive. Caso, algum dia, você precise ir para longe, ficará feliz se a tiver presente na memória, se puder voltar a

percorrê-la com o pensamento – a sua cidade – a sua pequena pátria – aquela que foi durante tantos anos o seu mundo – onde você deu os primeiros passos ao lado de sua mãe, experimentou as primeiras emoções, abriu a mente para as primeiras ideias, encontrou os primeiros amigos. Ela foi mãe para você: instruiu, divertiu e protegeu. Trate de estudá-la em suas ruas e em sua gente – de amá-la – e, quando você sentir que ela está sendo injuriada, defenda-a.

Seu pai

^a Ou *piccerello*, “menino” em dialeto napolitano.

^b O personagem fala em dialeto vênето: “Ti voría acetar sti confeti del pagiazeto?”.

MARÇO



As escolas noturnas

2, quinta-feira

Ontem, meu pai me levou para ver as turmas noturnas da nossa escola Baretto, que já estava iluminada, e os operários começavam a entrar. Na entrada, encontramos o diretor e os professores furiosos porque pouco antes a vidraça de uma janela havia sido quebrada por uma pedra: o bedel, dando um pulo, agarrara um garoto que passava. Então, se apresentou Stardi, que mora na frente da escola, dizendo: “Não foi ele, vi com meus olhos, foi Franti quem atirou”, e me disse: “Ai de você, se delatar!”, mas não tenho medo. E o diretor disse que Franti será expulso de uma vez por todas. Enquanto isso, controlava os operários que entravam em dupla ou em trios e já tinham entrado mais de duzentos. Eu nunca tinha reparado como é linda uma escola noturna! Havia garotos de mais de doze anos e homens com barba, que voltavam do trabalho, carregando livros e cadernos. Havia marceneiros, foguistas com a cara preta, pedreiros com mãos brancas de cal, jovens padeiros com cabelos cheios de farinha, e sentia-se cheiro de verniz, de couro, de piche, de óleo, odores de todas as profissões. Entrou também um grupo de homens da artilharia, vestidos de soldados, conduzidos por um caporal. Sentavam rapidamente nas carteiras, levantavam a tabuinha de baixo, onde metemos os pés, e logo inclinavam a cabeça sobre os estudos. Alguns iam até o professor, pedindo explicações com os cadernos abertos. Vi aquele jovem professor bem-vestido – “o advogadozinho” – com três ou quatro operários em volta da mesa, fazendo correções com a pena. E também o manco, rindo com um pintor que tinha levado para ele um caderno todo pintado de vermelho e azul-turquesa. Até meu professor estava trabalhando, já curado, e voltará amanhã para a escola. As portas das salas ficavam abertas. Estava maravilhado; quando começavam os exercícios, todos prestavam atenção, com olhos fixos.

Contudo, a maioria, segundo contava o diretor, para não chegar muito tarde, nem passava em casa para comer alguma coisa e ficava com fome. Os pequenos, depois de meia hora de escola, já estavam caindo de sono, alguns até adormeciam na carteira; e o professor os acordava, espetando-lhes a orelha com a pena. Mas os adultos, não, ficavam acordados, de boca aberta, ouvindo a lição, sem piscar os olhos. E me impressionava ver em nossas carteiras todos aqueles barbudos. Fomos até o andar de cima, e corri para a porta de minha turma e vi no meu lugar um homem com um bigodão e uma das mãos engessada, talvez tivesse se ferido numa máquina; mesmo assim se esforçava para escrever, devagar, bem devagar. Porém, o que mais gostei de ver foi que no lugar onde senta Tijolinho, na mesma carteira e no mesmo canto, estava seu pai, aquele pedreiro grande feito um gigante, lá meio apertado, com o queixo nos punhos e olhos no livro, tão concentrado que nem respirava. E não foi acaso porque, na primeira noite em que veio à escola, pediu ao diretor: “Senhor diretor, por favor, me ponha no mesmo lugar que meu focinho de coelho”, pois sempre chama o filho desse jeito... Meu pai me segurou lá até o final, e vimos na rua muitas mulheres, com crianças no colo, esperando os maridos, e, na saída, faziam a troca: os operários pegavam as crianças no colo, as mulheres seguravam os livros e cadernos, e assim iam para casa. Por alguns instantes, a rua ficou cheia de gente e de barulho. Depois, tudo silenciou, e não vimos nada além da figura comprida e cansada do diretor que se afastava.

A luta

5, domingo

Era de se esperar: Franti, expulso pelo diretor, quis se vingar e esperou Stardi num canto, depois da saída, quando ele passava com a irmã, a quem vai buscar todos os dias num instituto na rua Dora Grossa. Minha irmã Silvia, saindo da escola, viu tudo e voltou para casa assustada. Eis o que aconteceu. Franti, com seu boné de lona brilhante cobrindo uma orelha, correu na ponta dos pés atrás de Stardi e, para provocá-lo, deu um puxão na trança da irmã dele, puxou tão forte que quase a derrubou no chão. A menina deu um grito, o irmão se virou. Franti, que é muito mais alto e forte que Stardi, pensou: “Ele não vai dizer nada senão lhe dou uns cascudos”. Porém, Stardi não hesitou, pequeno e troncudo como é, se atirou de um salto para cima daquele grandalhão e começou a dar socos. Só que não conseguia atingi-lo e levava mais do que batia. Na rua, só havia meninas, ninguém podia separá-los. Franti o derrubou; mas ele logo se levantou e recomeçou, e Franti batendo como se fosse uma porta; num instante lhe arrancou meia orelha, machucou um olho, lhe fez sair sangue do nariz. Mas Stardi, duro, rugia: “Morro, mas você me paga”. E Franti continuava, pontapés e pancadas; Stardi, por baixo, cabeçadas e pontapés. Uma mulher gritou da janela: “Corajoso, o miúdo!”. Outras diziam: “É um garoto que defende a irmã”, “Coragem!”, “Dê umas boas nele”. E gritavam para Franti: “Prepotente, bandido!”. Franti também estava furioso, deu uma rasteira, Stardi caiu, e ele por cima: “Renda-se!”, “Não!”, “Renda-se!”, “Não!”. E num pulo ficou de pé, agarrou Franti pela cintura e, com um ímpeto furioso, derrubou-o na calçada, caindo com um joelho no peito dele. “Ah! O infame tem uma faca!”, gritou um homem, correndo para desarmar Franti. Porém, Stardi, fora de si, tinha agarrado o braço dele com as duas mãos e dado uma mordida tão forte no pulso, que derrubara a faca e a mão já estava sangrando. Outros tinham

corrido, conseguiram separá-los, levantaram os dois. Franti fugiu, mal-ajambrado. E Stardi ficou lá, rosto arranhado, de olho pisado – mas vencedor –, ao lado da irmã que chorava, enquanto alguns garotos recolhiam livros e cadernos espalhados. “Corajoso, o miúdo”, diziam em volta, “defendeu a irmã!” Porém, Stardi, que estava mais preocupado com a mochila do que com a vitória, começou a examinar livros e cadernos, para ver se não tinha algo faltando ou estragado, verificou a pena, botou tudo no lugar e, aí, tranquilo e sério como sempre, disse para a irmã: “Vamos rápido, que tenho um problema de quatro operações para resolver”.

Os pais dos garotos

6, segunda-feira

Hoje de manhã, o grande Stardi pai esperava o filho, com medo de que encontrasse Franti de novo. Mas dizem que Franti não volta mais porque vai para o reformatório Ergastolo.^{24} Hoje, havia muitos pais. Dentre eles, estavam o vendedor de lenha, o pai de Coretti, cópia um do outro, ágil, alegre, com seu bigodinho fino e um laço de duas cores na jaqueta. Já conheço quase todos os pais, de tanto que os encontrei. Há uma avó encurvada, com touca branca que, faça chuva ou ou faça sol, vem quatro vezes por dia acompanhar o neto da primeira série, traz o casaco e veste nele, arruma a gravata, tira a poeira, alisa o menino, olha os cadernos: dá para ver que não pensa em outra coisa, que não vê nada mais lindo no mundo. Também aparece muito o capitão de artilharia, pai de Robetti, o das muletas, que salvou um menino do ônibus e, como todos os colegas do filho, ao passar, o saúdam e cumprimentam, ele a todos retribui, não se esquece de ninguém, se abaixa para todos e, quanto mais são pobres e malvestidos, mais os saúda, e agradece a todos. Por vezes, também se veem coisas tristes: um senhor que não vinha fazia mais de um mês porque um dos filhos morrera mandava a empregada buscar o outro. Ontem, voltou pela primeira vez e, ao rever a turma do filho morto, foi para um canto e caiu em lágrimas, com as mãos no rosto: o diretor pegou-o pelo braço e o levou para a diretoria. Alguns pais e mães sabem o nome de todos os colegas de seus filhos. Há meninas das escolas próximas, alunas do Ensino Médio, que vêm esperar os irmãos. Há um senhor idoso, que era coronel e que, quando algum garoto deixa cair uma pena ou um caderno na rua, pega e devolve. Veem-se inclusive senhoras bem-vestidas que discutem assuntos da escola, trazem lenço na cabeça e cesta no braço, e dizem: “Ah! Desta vez o problema foi terrível!”, “Hoje de manhã, tinha uma lição de gramática que

não acabava nunca!”. E, quando alguém fica doente numa turma, todos sabem. Se o doente melhora, todos ficam alegres. E, justamente, hoje de manhã, havia oito ou dez senhoras e operárias, ao redor da mãe de Crossi, a verdureira, pedindo notícias de um pobre menino da turma de meu irmão, que mora no mesmo prédio e corre perigo de morrer. Parece que a escola torna todos iguais e amigos.

O número 78

8, quarta-feira

Ontem, vi uma cena comovente. Há vários dias, toda vez que a verdureira passava ao lado de Derossi, olhava, olhava para ele com uma expressão de grande afeto. Porque Derossi, após ter feito a descoberta do tinteiro e do prisioneiro número 78, passou a gostar do filho dela, Crossi, aquele de cabelo ruivo e com o braço seco, e o ajuda a fazer as tarefas na escola, sopra respostas para ele, lhe dá papel, penas, lápis: em suma, cuida dele como um irmão para compensá-lo daquela desgraça do pai, que lhe coube e da qual ele nem sabe. Há vários dias a quitandeira olhava para Derossi e não tirava os olhos dele, pois é boa pessoa, vive para o filho; e Derossi o ajuda a fazer boa figura, Derossi é um senhor e o primeiro da turma, lhe parece um rei, um santo. Olhava, parecendo que desejava lhe dizer algo e tinha vergonha. Enfim, ontem pela manhã, tomou coragem, pediu que parasse diante de um portão e disse: “Desculpe, o senhorzinho que é tão bom, que gosta tanto de meu filho, faça o favor de aceitar este presentinho de uma pobre mãe”. E tirou da cesta de verduras uma caixinha de papelão branco e dourado. Derossi enrubesceu e recusou, dizendo decidido: “Dê para seu filho, não aceito nada”. A mulher ficou mortificada e pediu desculpas, gaguejando: “Não queria ofender... são apenas balas”. Derossi continuou negando, sacudindo a cabeça. Então, timidamente, ela tirou da cesta um maço de rabanetes e disse: “Aceite ao menos estes, que estão frescos, para sua mãe”. Derossi sorriu e respondeu: “Não, muito obrigado, não quero nada: farei sempre tudo o que puder por Crossi, mas não posso aceitar nada. Obrigado, de qualquer modo”. “Mas não ficou zangado?”, perguntou a mulher, ansiosa. Derossi respondeu que não, sorrindo, e foi embora, enquanto ela exclamava toda contente: “Que garoto incrível! Nunca tinha visto nada parecido!”. E parecia tudo terminado. Mas então, às quatro horas, em vez da

mãe, se aproxima o pai de Crossi, com aquele olhar apagado e melancólico. Parou Derossi e, pelo modo como olhou para ele, logo entendeu que Derossi conhecia seu segredo. Olhou-o fixamente e disse com voz triste e afetuosa: “O senhor gosta de meu filhinho... Por que gosta tanto dele?”. Derossi ficou com o rosto em chamas. Gostaria de responder: “Gosto dele porque é um desgraçado, porque o senhor, o pai, também se desgraçou; mais do que ser culpado, o senhor pagou seu crime e é um homem de coração”. Mas lhe faltou coragem para dizê-lo; no fundo, ainda sentia medo e quase um arrepio na frente daquele homem que derramara o sangue de outro e ficara seis anos na cadeia. Mas ele adivinhou tudo e, baixando a voz, disse no ouvido de Derossi, quase tremendo: “Gosta do filho, mas não odeia... não despreza o pai, verdade?”. “Não, pelo contrário!”, exclamou Derossi com um silêncio na alma. E aí o homem fez um gesto impetuoso como para abraçá-lo, mas não se atreveu. Ao contrário, pegou com dois dedos um dos cachos louros, puxou-o e deixou que fosse embora. Pôs a mão na boca e beijou a palma da própria mão, olhando Derossi com olhos úmidos, como para dizer-lhe que aquele beijo era para ele. Em seguida, pegou o filho pela mão e saiu com passos rápidos.

Um pequeno morto

13, segunda-feira

O menino que está no pátio da quitandeira, aquele da primeira série, colega de meu irmão, morreu. A professora Delcati veio sábado à noite, toda aflita, dar a notícia ao professor. E logo Garrone e Coretti se ofereceram para ajudar a carregar o caixão. Era um menino estudioso, tinha recebido medalha na semana passada. Gostava do meu irmão, tinha lhe dado de presente um cofrinho quebrado: minha mãe o cumprimentava sempre, quando o encontrava. Usava um boné com duas tiras de pano vermelho. O pai é carregador na estrada de ferro. Ontem à noite, domingo, às quatro e meia, fomos à casa dele para ir ao velório. Moram no térreo. No pátio, já estavam muitos garotos da primeira série, cujas mães carregavam velas. Cinco ou seis professoras, alguns vizinhos. A professora da pluma vermelha e Delcati haviam entrado e podíamos vê-las por uma janelinha aberta, chorando. Ouvia-se a mãe do menino soluçar alto. Duas senhoras, mães de colegas do morto, levaram coroas de flores. Às cinco em ponto, nos pusemos a caminho. Na frente, ia um garoto carregando a cruz, seguido de um padre, depois vinha o caixão, pequenino, pobre criança!, coberto com um pano preto e com as coroas de flores das duas senhoras por cima. Ao pano preto, de um lado, prendemos a medalha e três menções honrosas que o menino ganhou durante o ano. Levavam o caixão Garrone, Coretti e dois meninos do pátio. Atrás do caixão, vinha primeiro Delcati, que chorava como se o morto fosse seu. Atrás dela, vinham as demais professoras, em seguida os garotos, alguns dos quais muito pequenos, que carregavam maços de violetas e olhavam o cortejo admirados, dando uma das mãos às mães, que levavam as velas para eles. Ouvi um que perguntava: “E agora, não vem mais à escola?”. Quando o caixão saiu do pátio, ouviu-se um grito desesperado da janela: a mãe do menino. De imediato, foi levada para

dentro. Na rua, encontramos garotos de um colégio que passavam em fila dupla e, ao verem o caixão com a medalha e as professoras, tiraram os bonés. Pobre menino, ele foi dormir para sempre com sua medalha. Nunca mais veremos seu bonezinho vermelho. Ele estava bem; morreu em quatro dias. No último dia, ainda se esforçou para levantar e fazer a lição de italiano e quis sua medalha junto dele, com medo de que a tirassem. Ninguém mais vai pegá-la, pobre garoto! Adeus, adeus. Vamos nos lembrar sempre de você na escola Baretti. Durma em paz, amigo.

A véspera de 14 de março

Hoje foi um dia mais alegre do que ontem. Treze de março! Véspera da entrega dos prêmios no teatro Vittorio Emanuele, festa grande e bonita de todos os anos. Porém, desta vez, os garotos não serão arrebanhados ao acaso para subir ao palco e entregar os certificados dos prêmios aos senhores que os distribuem. O diretor passou hoje cedo, antes de tocar o sinal de saída, e disse: “Meninos, uma bela notícia!”. Depois, chamou: “Coraci!” – o calabrês. Este se levantou. “Quer ser um daqueles que entregam os certificados dos prêmios às autoridades, amanhã, no teatro?” O calabrês disse que sim. “Bom”, disse o diretor, “assim, haverá também um representante da Calábria. E será uma coisa boa. Este ano, a prefeitura quis que os dez ou doze garotos que entregam os prêmios fossem de todas as regiões da Itália, escolhidos nas escolas públicas. Temos vinte seções com cinco sucursais: sete mil alunos, num número tão grande não foi difícil encontrar um garoto para cada região. Na escola Torquato Tasso, encontraram dois representantes das ilhas: um sardo e um siciliano. A escola Boncompagni deu um pequeno florentino, filho de um escultor em madeira; há um nascido em Roma, na escola Tommaseo. Vênetos, lombardos e romanholos havia muitos. Um napolitano nos dá a escola Monviso, filho de um oficial; nós damos um genovês e um calabrês, você, Coraci. Contando o piemontês, serão doze. Boa ideia, não lhes parece? Serão seus irmãos de todas as regiões da Itália que entregarão os prêmios. Prestem atenção: os doze vão subir ao palco todos juntos. Recebam-nos com aplausos. São jovens, mas representam o país inteiro como se fossem adultos; uma pequena bandeira tricolor é símbolo da Itália tanto quanto uma bandeira grande, não? Portanto, vocês vão aplaudir calorosamente. Mostrem que seus pequenos corações também se acendem, que as alminhas de dez anos também se exaltam perante a santa imagem da pátria.” Dizendo isso, saiu, e o professor comentou, sorrindo: “Assim, Coraci, você é o

representante da Calábria”. Então, todos bateram palmas, rindo, e, quando chegamos à rua, cercaram Coraci, pegaram-no pelas pernas, levantaram-no e o carregaram em triunfo, gritando: “Viva o representante da Calábria!”, de brincadeira, é claro, mas sem deboche, ao contrário, para festejar de coração, pois é um garoto de quem todos gostam. E ele sorria. E assim o carregaram até a esquina, onde encontraram um senhor de barba preta que começou a rir. O calabrés disse: “É meu pai”. Aí, a garotada jogou o filho nos braços dele e correu em várias direções.

A distribuição dos prêmios

14 de março

Por volta das duas horas, o imenso teatro estava cheio: plateia, galeria, frisas, palco principal, tudo apinhado de gente, milhares de rostos, garotos, senhoras, professores, operários, mulheres do povo, crianças. Era um agitar-se de cabeças e de mãos, uma vibração de plumas, de laços e de cachos, um murmúrio intenso e festivo, que causava alegria. O teatro estava todo enfeitado com tiras de panos vermelhos, brancos e verdes. Na plateia, haviam feito duas escadinhas: uma, à direita, por onde os premiados deveriam subir ao palco; e outra, à esquerda, por onde desceriam após receber o prêmio. Em frente ao palco, havia uma fila de poltronas vermelhas, e, no encosto daquela do meio, foram penduradas duas coroas de louro; no fundo do palco, um conjunto de bandeiras alinhadas; num lado, uma mesinha verde, com os certificados amarrados com pequenos laços tricolores. A banda estava na plateia, sob o palco; professoras e professores lotavam metade da primeira galeria, reservada para eles; os bancos e as coxias da plateia estavam apinhados com centenas de garotos que deviam cantar e tinham a letra da música nas mãos. No fundo e ao redor, iam e vinham professores e professoras que punham os premiados em filas, e estava cheio de parentes que davam uma última arrumada nos cabelos e o último toque nas gravatinhas dos estudantes.

Assim que entrei com meus parentes no palco lateral, vi do outro lado, em frente, a professora da pluma vermelha, que ria, com suas belas covinhas nas bochechas e, junto dela, a professora de meu irmão e a “freirinha”, toda vestida de preto, e minha boa professora da primeira superior; mas tão pálida, coitada, tossindo tão forte que se ouvia no teatro inteiro. Na plateia, encontrei logo aquela cara simpática de Garrone e a cabecinha loura de Nelli, que estava espremido contra as costas dele. Mais adiante vi Garoffi,

com seu nariz de coruja; agitava-se juntando os folhetos dos que seriam premiados, e dos quais já tinha um monte, para fazer alguma de suas trocas... coisa que só vamos saber amanhã. Perto da porta, estava o vendedor de lenha com a esposa, vestidos com roupas de festa, junto do filho, que tem um terceiro prêmio da segunda série: fiquei admirado de vê-lo sem o boné de pelo de gato e a malha chocolate. Desta vez, estava vestido feito um senhorzinho. Numa das galerias, vi por um instante Votini, com uma grande gola de renda: sumiu rápido. Quem estava no proscênio,^{25} cheio de gente, era o capitão de artilharia, pai de Robetti, o das muletas e que evitou que um menino fosse atropelado pelo ônibus.

Quando soaram duas horas, a banda atacou, e subiram pela escadinha da direita o prefeito, o inspetor, o assessor, o superintendente e vários outros senhores, vestidos de preto, que foram sentar-se nas poltronas, diante do palco. A banda parou de tocar. Adiantou-se o diretor da escola, saindo de canto, com uma vareta na mão. Ao fazer um aceno, todos os garotos da plateia se levantaram; ao segundo aceno, começaram a cantar. Eram setecentos jovens cantando uma belíssima canção: setecentos, cantando juntos, que lindo! Todos ouviam, imóveis: um canto suave, límpido, lento, que parecia um canto de igreja. Quando se calaram, todos aplaudiram; depois, todos em silêncio. A entrega dos prêmios estava para começar. Já tinha se dirigido ao palco meu professor baixinho da segunda série, com seu cabelo ruivo e olhos brilhantes, para ler os nomes dos premiados. Esperava-se que entrassem os doze garotos para entregar os certificados. Os jornais anunciaram com antecedência quem seriam os jovens de todas as províncias da Itália: todos sabiam e aguardavam, olhando curiosamente para o lugar por onde entrariam, inclusive o prefeito e os outros senhores, e o teatro inteiro silenciava...

De repente, se aproximaram do palco apressados, permanecendo enfileirados, os doze, sorridentes. O teatro em peso, três mil pessoas, explodiu, irrompendo num aplauso que parecia um trovão. Os garotos ficaram um instante meio aturdidos. “Aqui está a Itália!”, bradou uma voz no palco. Reconheci logo Coraci, o calabrês, vestido de preto, como sempre. Um senhor da inspetoria das escolas, que estava conosco, e conhecia todos,

indicava um a um para minha mãe: “Aquele miúdo louro é o representante de Veneza. O romano é aquele alto e de cabelo cacheado”. Havia dois ou três vestidos como senhores; os demais eram filhos de operários, todos bem-vestidos e limpos. O florentino, que era o menor, usava um cinturão azul. Passaram todos diante do prefeito, que beijou cada um na testa, enquanto um senhor ao lado dele dizia, devagar e sorrindo, os nomes das cidades: “Florença, Nápoles, Bolonha, Palermo...”, e, a cada um que passava, o teatro batia palmas. Em seguida, correram todos para a mesinha verde a fim de pegar os diplomas, e o professor começou a ler a lista, dizendo as escolas, as classes e os nomes, e os premiados começaram a subir e desfilar.

Os primeiros tinham acabado de subir, quando se ouviu nos bastidores uma música leve, bem leve de violinos, que não parou mais durante toda a premiação, uma ária suave e sempre igual, como um murmúrio de muitas vozes em surdina: as vozes de todas as mães, de todos os professores e professoras que, juntos, deram conselhos e advertiram e criticaram com amor. Enquanto isso, os premiados passavam, um depois do outro, diante dos senhores sentados, que entregavam os diplomas e a cada um diziam uma palavra ou faziam uma saudação. Das plateias e das galerias, os garotos aplaudiam toda vez que passava alguém muito pequeno ou que, pela roupa, parecia pobre, bem como aqueles que tinham cabeleiras cacheadas ou estavam vestidos de vermelho ou de branco.^{26} Passavam alunos da primeira série que, ao chegar lá, se confundiam e não sabiam para que lado se virar, e o teatro inteiro ria. Passou um com três palmos de altura, com um grande laço rosa nas costas, que mal andava, tropeçou no tapete e caiu, e o prefeito o recolocou de pé: todos riram e bateram palmas. Outro desabou escada abaixo, indo parar perto da plateia; ouviram-se gritos, mas ele não se machucou. Passaram estudantes de todo tipo, com cara de esperto, de assustado, outros com cara vermelha feito cereja, miúdos engraçados, que riam na cara de quem quer que fosse e, assim que voltavam para a plateia, eram agarrados por pais e mães que os levavam embora. Quando chegou a vez de nossa escola, aí sim que me diverti! Foram muitos que eu conhecia. Coretti, de roupa nova dos pés à cabeça, com seu lindo sorriso alegre, exibindo todos os dentes brancos; e vá lá saber quantos quilos de lenha havia

carregado naquela manhã! O prefeito, ao lhe entregar o diploma, perguntou o que era aquela marca vermelha que tinha na testa, mantendo, ao mesmo tempo, uma das mãos em suas costas; procurei os pais dele na plateia e vi que riam, cobrindo a boca com as mãos. A seguir, foi Derossi, vestido de azul-turquesa, com botões brilhantes, e todos aqueles cachos de ouro, ágil, desenvolto, de cabeça erguida, tão bonito, tão simpático, que tive vontade de lhe mandar um beijo; e todos aqueles senhores quiseram falar com ele e apertar-lhe a mão. Então, o professor gritou: “Giulio Robetti!”. E vimos avançar de muletas o filho do capitão da artilharia. Centenas de garotos sabiam do caso, a informação correu rápido, explodiu uma salva de palmas e gritos que fez tremer o teatro, os adultos se levantaram, as senhoras começaram a sacudir lenços e o garoto parou no meio do palco, assustado e trêmulo... O prefeito deu-lhe o prêmio e um beijo e, tirando do encosto da poltrona as pequenas coroas de louro ali pregadas, colocou-as nos pegadores das muletas... A seguir, o acompanhou até a lateral do proscênio, onde estava o capitão, pai dele, que o ergueu e o acomodou no seu lugar, em meio a uma gritaria ensurdecadora de bravos e vivas. Ao mesmo tempo, prosseguia aquela música leve e refinada de violinos, e os garotos continuavam desfilando: os da Escola da Consolata, quase todos filhos de feirantes; os da Escola de Vanchiglia, filhos de operários; os da Escola Boncompagni, cheia de filhos de camponeses; os da Escola Rayneri, que foi a última. Ao final, os setecentos estudantes da plateia entoaram outra canção belíssima. Depois, discursou o prefeito junto de um assessor, que terminou dizendo a todos: “... Mas não saiam daqui sem saudar aqueles que tanto se dedicam a vocês, que consagraram a vocês todas as forças da inteligência e do coração, que vivem e morrem por vocês. Lá estão eles!”. E indicou a galeria dos professores. Então, das galerias, dos palcos, da plateia, toda a garotada se levantou e estendeu os braços, ovacionando professoras e professores, os quais responderam agitando mãos, chapéus, lenços, todos de pé e comovidos. Depois disso, a banda tocou de novo, e o público mandou um último cumprimento caloroso aos doze garotos de todas as províncias da Itália, que se apresentaram em cena alinhados, de mãos dadas, sob uma chuva de maços de flores.

Briga

20, segunda-feira

Pois não foi por inveja de ele ter recebido o prêmio e eu não, que discuti com Coretti hoje de manhã. Não foi por inveja. Mas errei. O professor o colocou do meu lado, eu estava escrevendo no caderno de caligrafia; ele me deu uma cotovelada, fiz um garrancho e manchei até mesmo o conto mensal, *Sangue romanholo*, que tinha de copiar para Tijolinho, que está doente. Fiquei zangado e lhe disse um palavrão. Ele me respondeu sorrindo: “Não fiz de propósito”. Devia ter acreditado nele porque o conheço; só que não gostei do sorriso e pensei: “Agora que recebeu o prêmio, ficou metido!”, e, pouco depois, para me vingar, dei-lhe um empurrão que estragou uma página inteira. Aí, vermelho de raiva: “Você fez de propósito, sim!”, me disse e ergueu a mão, o professor viu, e ele a abaixou, acrescentando: “Espero você na saída!”. Fiquei mal, a raiva me fez ferver, me arrependi. Não, Coretti não podia ter feito aquilo de propósito. É boa gente, pensei. Me lembrei de quando o tinha visto na casa dele, como trabalhava, como cuidava da mãe doente e que festa tinha feito em minha casa e o quanto agradara a meu pai. Daria tudo por não lhe ter dito aquele palavrão, para não ter aprontado aquela. E lembrei do conselho que meu pai havia me dado. “Errou?” “Sim.” “Então, peça desculpas.” Mas isso eu não me atrevia a fazer, tinha vergonha de me humilhar. Eu o olhava de lado, via sua malha descosida nas costas, quem sabe por ter carregado lenha demais, e sentia que gostava dele, e dizia para mim mesmo: “Coragem!”. Porém, as palavras “me desculpe” ficavam paradas na garganta. Ele me olhava de atravessado, de vez em quando, e me parecia mais magoado que zangado. Mas aí, também olhava de atravessado, para mostrar não ter medo. Ele repetiu: “A gente se vê lá fora!”. E eu respondi: “A gente se vê lá fora”. Não me saía da cabeça o que tinha dito meu pai certa vez: “Se errar, se defenda, mas não bata!”. E dizia para mim

mesmo: “Vou me defender, mas não vou bater”. Ao mesmo tempo, eu estava triste, nem escutava mais o professor. Enfim, chegou a hora da saída. Quando fiquei sozinho na rua, vi que ele me seguia. Parei e esperei com a régua na mão. Ele se aproximou, levantei a régua. “Não, Enrico”, disse ele, com seu sorriso doce, afastando a régua, “vamos voltar a ser amigos como antes.” Fiquei admirado um instante, depois senti como se alguém me desse um empurrão pelas costas, e me vi nos braços dele. Me beijou e disse: “Nunca mais brigas entre nós, verdade?”. “Nunca mais! Nunca!”, respondi. E nos separamos, contentes. Ao chegar em casa, contei tudo a meu pai, pensando que gostaria, porém ele se zangou e disse: “Você devia ter sido o primeiro a lhe estender a mão, pois tinha errado”. E acrescentou: “Você não deve levantar a régua para um colega melhor que você, para o filho de um soldado!”. E, arrancando a régua da minha mão, quebrou-a em dois e jogou-a contra a parede.

Minha irmã

24, sexta-feira

Por que, Enrico, depois que papai já o tinha criticado por ter se comportado mal com Coretti, você ainda me fez aquela grosseria? Não imagina a dor que senti. Não sabe que, quando criança, eu ficava ao lado do seu berço horas a fio em vez de ir brincar com minhas amigas e que, quando você ficava doente, eu descia de minha cama para ver se tinha febre alta? Você que ofende sua irmã por acaso não sabe que, caso lhe acontecesse alguma desgraça, seria eu quem bancaria a mãe e cuidaria de você como de um filho? Não sabe que, quando papai e mamãe não estiverem mais conosco, serei eu a sua melhor amiga, a única com quem poderá falar de nossos mortos e da sua infância; e que, se necessário fosse, eu trabalharia para você, Enrico, para ganhar o nosso pão e fazê-lo estudar; e que vou amá-lo mesmo adulto, vou segui-lo com meu pensamento mesmo quando você estiver longe, pois crescemos juntos e temos o mesmo sangue? Enrico, pode ter certeza, quando você for um homem, se lhe acontecer alguma desgraça, se estiver sozinho, pode ter certeza de que vai me procurar, de que virá até mim para dizer: “Silvia, minha irmã, me deixe ficar ao seu lado, vamos falar de quando éramos felizes, lembra? Falemos de nossa mãe, de nossa casa, daqueles belos dias distantes”. Enrico, você vai encontrar sempre esta irmã de braços abertos. Sim, querido Enrico, e me desculpe se o critico. Não vou me lembrar de nenhum erro seu e mesmo que você me crie outros problemas, que me importa? Será sempre meu irmão, não vou me lembrar de nada além de ter te carregado nos braços, de ter amado papai e mamãe com você, de tê-lo visto crescer, ter sido por tantos anos sua mais querida companheira. Você vai me escrever um bilhete sobre isso neste caderno, que gostaria de ler antes de anoitecer. E, para lhe mostrar que não estou zangada, copiei o conto mensal, Sangue romanholo, que você devia copiar para o Tijolinho doente: procure na gaveta da esquerda de sua mesinha, escrevi tudo de noite, enquanto você dormia. Escreva uma coisa bonita, Enrico, estou implorando.

Sua irmã Silvia

Não sou digno de beijar suas mãos.

Enrico

SANGUE ROMANHOLO

CONTO MENSAL

Naquela noite, a casa de Ferruccio estava mais quieta que de costume. O pai, que tinha uma lojinha, fora a Forlí fazer compras, e a esposa o acompanhara com Luigina, uma das filhas, para levá-la ao médico, pois precisava operar um olho, e só deveriam voltar na manhã seguinte. Faltava pouco para a meia-noite. A mulher que vinha trabalhar de dia partira ao anoitecer. Em casa, ficou apenas a avó, paralítica das pernas, e Ferruccio, um garoto de treze anos. Era uma casinha simples, térrea, a um tiro de fuzil de um lugarejo perto de Forlí,^{27} cidade da Romanha; por perto, não havia mais que uma casa abandonada, atingida dois meses antes por um incêndio, onde se via ainda a tabuleta de uma hospedaria. Atrás da casinha, havia uma pequena horta, cercada por uma sebe, para a qual dava um portãozinho rústico: a porta da loja, que também servia de porta da casa, se abria para a rua. Ao redor se espalhava o campo solitário, vastos campos lavrados, com plantações de amoreiras.

Faltava pouco para a meia-noite, chovia, ventava. Ferruccio e sua avó, ainda de pé, estavam na sala de jantar; entre esta e a horta havia um quartinho cheio de móveis velhos. Ferruccio voltara para casa às onze, depois de ter ficado fora várias horas, e sua avó o havia esperado acordada, ansiosa, pregada a uma poltrona de braços, em que costumava passar o dia inteiro, e às vezes até a noite inteira, dado que um problema de respiração não lhe permitia ficar deitada.

Chovia, e a chuva batia com o vento contra as vidraças; a noite estava muito escura. Ferruccio voltara cansado, cheio de lama, com a jaqueta rasgada e com a marca de uma pedrada na testa. Tinha brincado de jogar pedras com amigos, brigaram, como de costume. Para piorar, jogou e perdeu todo o dinheiro e deixou o boné num fosso.

Embora a cozinha só fosse iluminada por uma pequena lanterna a óleo, colocada na ponta de uma mesa, a pobre mulher viu logo, da sua poltrona, em que condições se encontrava o neto, em parte adivinhara, em parte obrigara-o a confessar suas diabruras.

Ela amava aquele garoto do fundo da alma. Depois de ouvir tudo, caiu no choro.

– Não! – disse, depois de um longo silêncio. – Você não tem coração, como você pode fazer isso para sua velha avó? Não tem coração por se aproveitar da ausência dos pais para me provocar tamanha dor. Me deixou sozinha o dia inteiro! Não teve a menor pena. Preste atenção, Ferruccio! Você está pegando uma estrada ruim, que vai levá-lo a um final triste. Já vi outros começarem como você e acabarem mal. Se você começa a fugir de casa, sai brigando por aí, perde dinheiro... de pedrada se passa para facada; do jogo, para outros vícios; e dos vícios... ao furto.

Ferruccio estava ouvindo, de pé a três passos de distância, apoiado num móvel, queixo no peito, sobrancelhas enrugadas, ainda fervendo de raiva por causa da briga. Tinha uma mecha de lindos cabelos castanhos atravessada na testa e olhos azuis imóveis.

– Do jogo ao furto – repetiu a velha, continuando a chorar. – Pense bem, Ferruccio. Pense naquele bandido nosso vizinho, Vito Mozzoni, que agora vive como vagabundo lá na cidade. Aos vinte e quatro anos, já foi duas vezes para a cadeia, matou do coração a pobre mãe, que eu conhecia, e o pai fugiu para a Suíça por desespero. Pense naquele triste indivíduo, a quem o pai nem cumprimenta, sempre com bandidos piores que ele, até o dia em que cair na prisão de novo. Bom, eu o conheci garoto, começou como você. Pense que você vai obrigar seus pais a terminar do mesmo jeito.

Ferruccio em silêncio. Não sentia o coração nem um pouco apertado, ao contrário; sua rebeldia vinha mais da energia e da audácia que possuía que de má índole. E o pai o acostumara mal, porque, no fundo, ao considerá-lo capaz dos melhores sentimentos, e também, submetendo-o a uma prova, dos gestos mais nobres e generosos, deixava a rédea solta para que ganhasse juízo por conta própria. Era bom, antes de desobediente: mas

era muito mais teimoso e difícil, mesmo quando se doía de arrependimento por não deixar escapar palavras boas que nos fazem perdoar: “Sim, errei, não vou mais fazer isso, prometo, desculpe”. Às vezes, tinha uma alma cheia de ternura, porém o orgulho não permitia vê-la.

– Ah! Ferruccio! – continuou a avó, ao vê-lo tão calado. – Você não me diz nem uma palavra de arrependimento? Veja o estado em que me encontro, à espera da morte. Você não podia ter coragem de me ferir, fazer sofrer a mãe de sua mãe, tão velha, perto de morrer; sua pobre avó, que lhe quer tanto bem, que cuidava de você toda noite quando tinha poucos meses e que nem comia para te ninar, sabe disso! Eu dizia sempre: “Este será meu consolo!”. E agora você me faz morrer! Do fundo do coração, daria o pouco de vida que me resta para ver você de novo bonzinho, obediente como antes... lembra quando eu levava você à igreja, Ferruccio? Você me enchia os bolsos de pedrinhas e de capim, eu o trazia de volta, dormindo? Naquele tempo, você gostava tanto desta *nonna*. E agora, paralítica, preciso de seu afeto como de ar para respirar, pois não tenho mais ninguém no mundo, pobre mulher quase morta que estou. Meu Deus!...

Ferruccio estava a ponto de lançar-se sobre a avó, vencido pela emoção, quando lhe pareceu ouvir um barulho leve, um barulhinho no cômodo ao lado, que dava para a horta. Mas não distinguiu se eram os batentes sacudidos pelo vento ou outra coisa.

Apurou o ouvido.

A chuva aumentava.

O barulho se repetiu. A avó também ouviu.

– O que foi? – perguntou a velha, depois de um instante, perturbada.

– A chuva – respondeu o garoto.

– Então, Ferruccio – atacou a velha, enxugando os olhos –, me promete que vai ser bom, que não vai mais fazer chorar a coitada da sua avó...

Um novo barulho de leve a interrompeu.

– Não parece a chuva! – exclamou, ficando pálida, – ... Vá lá ver!

Mas logo acrescentou: “Não, fique aqui!”, e agarrou Ferruccio pela mão.

Ambos ficaram sem respirar. Só escutavam o barulho da água.

Depois, os dois tiveram um arrepio.

Tiveram a impressão de ouvir uma correria de passos no quartinho.

– Quem está aí? – perguntou o jovem, segurando a respiração com esforço.

Ninguém respondeu.

– Quem está aí? – perguntou Ferruccio de novo, gelado de medo.

Mal pronunciara aquelas palavras, e ambos deram um grito de terror. Dois homens haviam pulado na sala, um agarrou o garoto e tapou-lhe a boca; o outro segurou a velha pela garganta. O primeiro disse: “Quieto, se não quiser morrer!”. E o segundo: “Silêncio!”. E levantou uma faca. Os dois traziam um pedaço de pano no rosto, com buracos nos olhos.

Por um momento, nada se ouviu além da respiração ofegante dos quatro, e o barulho da chuva. A velha ofegava e tinha os olhos esbugalhados.

O que segurava o garoto perguntou-lhe no ouvido: “Onde seu pai guarda o dinheiro?”.

O garoto respondeu com um fio de voz, batendo os dentes: “Ali... no armário”.

– Venha comigo... – disse o homem.

E o arrastou até o quarto, segurando-o firme pela garganta. Lá havia um lampião, no chão.

– Onde é o armário? – perguntou.

O garoto, sufocado, mostrou o armário.

Então, para manter preso o garoto, o homem o colocou de joelhos na frente do armário e, apertando com força o pescoço dele, entre as pernas, podendo estrangulá-lo caso gritasse e, mantendo a faca entre os dentes e o lampião em uma das mãos, tirou do bolso um ferro pontudo, meteu-o na fechadura, mexeu, estourou-a, arrancou os batentes, revirou tudo com raiva, encheu os bolsos, fechou, voltou a abrir, escarafunchou de novo. Segurou outra vez o garoto como antes e o jogou para um lado, onde o outro mantinha a velha assustada, em convulsão, de cabeça virada e boca aberta.

Este perguntou, em voz baixa: “Achou?”.

O companheiro respondeu: “Achei”.

E acrescentou: “Cuide da saída”.

O que estava com a velha correu até a porta da horta para ver se vinha alguém e sussurrou: “Pode vir”.

O que tinha ficado na casa e ainda segurava Ferruccio mostrou a faca ao garoto e à velha, que tornava a abrir os olhos, dizendo: “Nem um pio, senão volto para acabar com vocês!”.

E fixou os dois por um instante.

A essa altura, ouviu-se ao longe, da estrada, um canto de várias vozes.

O ladrão virou rapidamente a cabeça para a saída e, nesse movimento brusco, caiu-lhe o pano da cara.

A velha deu um grito: “Mozzoni!”.

– Maldita! – reagiu o ladrão, identificado. – Vai morrer!

E foi de faca erguida contra a velha, que desmaiou no ato.

O assassino preparou o golpe.

Porém, com um movimento rapidíssimo, soltando um grito desesperado, Ferruccio se lançara sobre a avó, cobrindo-a com o corpo. O assassino fugiu, derrubando a mesa e virando a luz, que se apagou.

O jovem deslizou lentamente sobre a avó, caindo de joelhos, e ficou naquela posição, com os braços ao redor da cintura dela e a cabeça entre os seios.

Passaram-se alguns instantes; estava escuro e o canto dos camponeses ia se afastando pelo campo. A velha voltou a si.

– Ferruccio! – chamou com uma voz que mal se escutava, batendo os dentes.

– Vovó – respondeu o menino.

A velha se esforçou para falar, mas o terror lhe travava a língua.

Ficou um tempo em silêncio, tremendo bastante. Conseguiu perguntar.

– Foram embora?

– Sim.

– Não me mataram – murmurou a velha com voz sufocada.

– Não... está salva – disse Ferruccio, em voz baixa. – Está salva, querida vovó. Pegaram dinheiro. Mas papai... tinha levado quase tudo com ele.

A avó deu um suspiro.

– Vovó – disse Ferruccio, sempre ajoelhado, apertando-a pela cintura –, querida vovó... gosta de mim, não?

– Ó Ferruccio, filho querido – respondeu ela, pondo a mão na cabeça dele –, que susto você deve ter passado! Senhor Deus misericordioso! Acende um pouco a luz... Não, vamos ficar no escuro, ainda estou com medo.

– Vovó – respondeu o garoto –, eu sempre lhe dei problemas...

– Não, Ferruccio, não diga isso, nem penso mais nisso, esqueci tudo, gosto tanto de você!

– Sempre criei confusão – continuou, Ferruccio, com dificuldade, com a voz trêmula – mas... sempre gostei da senhora. Você me perdoa?... Me perdoe, vovó.

– Sim, filhinho, perdoo de todo o coração. Imagine se não o perdoo. Levante-se, meu menino. Não vou mais me zangar com você. Você é bom, tão bom! Vamos acender a luz. De pé, Ferruccio.

– Obrigado, vovó – com a voz cada vez mais fraca. – Agora... estou contente. Vai se lembrar de mim, vovó... não é mesmo? Vai se lembrar sempre de mim... do seu Ferruccio.

– Meu Ferruccio! – exclamou a velha, assustada e inquieta, pondo-lhe as mãos nas costas e inclinando a cabeça, como para ver seu rosto.

– Lembre-se de mim – murmurou ainda o garoto com uma voz que parecia um sopro. – Dê um beijo em minha mãe... meu pai... Luigina... Adeus, vó...

– Por tudo que há neste mundo, o que há com você?! – gritou a velha, apalpando angustiada a cabeça do menino que se abandonara sobre os joelhos. E, depois, com toda a voz que tinha na garganta, desesperadamente: “Ferruccio! Ferruccio! Ferruccio! Meu menino! Meu amor! Anjos do Paraíso, socorro!”.

Porém, Ferruccio não respondeu mais. O pequeno herói, salvador da mãe de sua mãe, atingido por uma facada nas costas, entregara a bela e audaciosa alma a Deus.

Tijolinho moribundo

18, terça-feira

O pobre aprendiz de pedreiro está muito doente; o professor nos aconselhou a visitá-lo e combinamos ir juntos, Garrone, Derossi e eu. Stardi também teria vindo, mas, como o professor nos passou de lição a tarefa de descrever o monumento a Cavour, ele disse que precisava ver o monumento para fazer uma descrição mais exata. Assim, convidamos também aquele exibido do Nobis, que respondeu: “Não, de jeito nenhum”. Votini também se desculpou, talvez com medo de sujar a roupa com cal. Fomos na saída das quatro. Chovia a cântaros. Pela rua, Garrone parou e disse, com a boca cheia de pão: “Que vamos comprar?”, fazendo tilintar duas moedas no bolso. Cada um deu duas moedas, e compramos três laranjas grandes. Subimos até o sótão. Diante da porta, Derossi tirou a medalha e colocou-a no bolso, perguntei o porquê: “Não sei, para não fazer pose... me parece mais educado entrar sem medalha”. Batemos na porta, o pai veio abrir, aquele homenzarrão que lembra um gigante; tinha a cara tão alterada que parecia assustado. “Quem são vocês?”, perguntou. Garrone respondeu: “Colegas de Antonio, da escola. Viemos trazer três laranjas”. “Ah! Pobre Tonino”, exclamou o pedreiro, balançando a cabeça, “receio que não vá chupar estas laranjas!”, e enxugou os olhos com o dorso da mão. Entramos num quarto, vimos Tijolinho que dormia num canto, numa pequena cama de ferro; a mãe estava caída ao pé dele, com o rosto entre as mãos, e se virou assim que nos viu; de um lado pendiam pincéis, uma picareta e um crivo para cal. Aos pés do enfermo, a jaqueta do pedreiro, branca de gesso. O coitado estava magro, pálido, pálido demais, com o nariz afilado, respirando pouco. Caro Tonino, tão bom e alegre, meu companheirinho, quanta pena senti, daria tudo para vê-lo fazer caretas de novo, pobre aprendiz! Garrone pôs uma laranja no travesseiro, junto ao rosto: o cheiro o acordou, pegou a fruta e

logo a deixou, olhando fixo para Garrone. “Sou eu”, disse ele, “Garrone, me reconhece?” Deu um sorriso que mal se viu e, com dificuldade, ergueu a mão curta da cama, estendendo-a a Garrone, que a pegou entre as suas, apoiou nela a bochecha, dizendo: “Coragem, ânimo, Tijolinho, já, já você vai ficar bom e voltará para a escola. E o professor vai nos pôr para sentar juntos, combinado?”. Porém o garoto não respondeu. A mãe explodiu em soluços: “Coitado do meu Tonino! Meu pobre Tonino! Tão corajoso e bom, e Deus quer levá-lo embora!”. “Quieta!”, gritou o pedreiro, desesperado, “calada, pelo amor de Deus ou perco a cabeça!” Aí, nos disse, atabalhado: “Vão, meninos, vão embora, obrigado. O que mais querem aqui? Obrigado, voltem para casa”. O doente tinha fechado os olhos e parecia morto. “O senhor precisa de alguma coisa?”, perguntou Garrone. “Não, filho, obrigado”, respondeu o pai, “voltem para casa.” E, dizendo isso, empurrou-nos para a saída e fechou a porta. Estávamos no meio da escadaria, quando ouvimos gritar: “Garrone! Garrone!”. Voltamos correndo todos os três. “Garrone!”, gritou o pedreiro com a cara animada, “ele chamou você pelo nome, havia dois dias que não falava, chamou duas vezes, quer você, venha já. Santo Deus, se fosse um bom sinal!” “Até mais tarde”, nos disse Garrone, “eu fico”, e entrou na casa com o pai. Derossi estava com os olhos cheios de lágrimas. Eu lhe disse: “Está chorando pelo Tijolinho? Ele falou, vai ficar bom”. “Com certeza”, respondeu Derossi, “mas eu não pensava nele... pensava em Garrone, em como é bom, que bela alma tem!”

O conde Cavour

29, quarta-feira

É a descrição do monumento ao conde Cavour que você tem de fazer.^{28} Pode fazer. Mas, agora, você não é capaz de entender quem foi o conde Cavour. Por enquanto, basta saber disto: durante vários anos, ele foi o primeiro-ministro do Piemonte, foi ele quem mandou o exército piemontês para a Crimeia, para reforçar, com a vitória da Cernaia, nossa glória militar, conquistada na derrota de Novara. Foi ele quem fez baixar dos Alpes cento e cinquenta mil franceses para expulsar os austríacos da Lombardia. Foi ele quem governou a Itália no período mais solene de nossa revolução e que, naqueles anos, deu o impulso mais forte à santa empresa da unificação da pátria, ele, com seu engenho luminoso, com a constância invencível, com atuação mais que humana. Muitos generais passaram horas terríveis no campo de batalha, mas ele passou outras ainda mais terríveis no gabinete, quando sua enorme obra podia ruir de um momento para outro, feito um frágil edifício num terremoto. Foram horas, noites de luta e de angústia que ele enfrentou, a ponto de ficar louco ou de sentir a morte no coração. E foi esse gigantesco e impetuoso trabalho que lhe encurtou a vida em vinte anos. Mesmo assim, devorado pela febre que deveria levá-lo à fossa, ainda lutava desesperadamente contra a doença, para fazer alguma coisa pelo país. “É estranho”, dizia cheio de dores no leito de morte, “não sei mais ler, não posso mais ler.” Enquanto lhe tiravam sangue e a febre aumentava, pensava na pátria, dizendo imperiosamente: “Curem-me! Minha mente obscurece, preciso de todas as minhas faculdades para tratar de questões graves”. Quando já estava nos estertores, e a cidade inteira se agitava, ele dizia, angustiado: “Tenho muitas coisas para dizer-lhe, majestade, muita coisa para lhe mostrar. Mas estou doente, não posso, não posso”, e se afligia. Seu pensamento febril voltava sempre ao Estado, para as novas províncias italianas que tinham se unido a nós, para as tantas coisas que faltava fazer. Quando foi tomado pelo delírio: “Eduquem a infância”, exclamava entre suas ânsias, “eduquem a infância e a juventude... governem com liberdade”. E o delírio crescia, a morte estava em cima dele, e ainda invocava com

palavras ardentes o general Garibaldi, com quem tinha suas diferenças, Veneza e Roma, que ainda não estavam livres, tinha visões amplas do futuro da Itália e da Europa. Imaginava uma invasão estrangeira, perguntava onde estavam os destacamentos do exército e seus generais, trepidava por nós, pelo seu povo. Sua maior dor não era sentir que a vida se lhe esvaía, era ver que a pátria escapava, que ainda necessitava dele, e pela qual havia corroído em poucos anos as forças desmesuradas de seu milagroso organismo. Morreu com o grito da batalha na garganta, e sua morte foi tão grandiosa quanto sua vida. Agora, pense um pouco, Enrico, o que é nosso trabalho, que tanto nos pesa, o que são nossas dores e nossa própria morte, comparados com as tarefas, os empenhos formidáveis, as agonias tremendas daqueles homens que carregam o mundo nas costas! Pense nisso, quando passar diante daquela imagem de mármore, e diga-lhe: “Glória!”, do fundo do coração.

Seu pai

ABRIL



Primavera

1º., sábado

Primeiro de abril! Só faltam três meses. Esta foi uma das manhãs mais bonitas do ano. Na escola, fiquei contente porque Coretti me disse para irmos daqui a dois dias ver a chegada do rei,^{29} com seu pai, *que o conhece*. E porque minha mãe prometeu me levar no mesmo dia para visitar o orfanato da via Valdocco. Fiquei contente também porque Tijolino está melhor, e porque, ontem à noite, de passagem, o professor disse a papai: “Ele melhorou, vai indo bem”. E hoje foi uma linda manhã de primavera. Das janelas da escola, dava para ver o céu azul, as árvores do jardim forradas de brotos, e as casas com janelas escancaradas, cheias de vasos e floreiras verdejantes. O professor não ria, porque nunca ri, mas estava de bom humor, tanto que quase nem lhe aparecia aquela ruga traçada com régua no meio da testa; explicava um problema no quadro, gracejando. E se via que estava feliz por respirar o ar do jardim que entrava pelas janelas abertas, com um cheiro refrescante de terra e de folhas, que nos fazia pensar em passeios no campo. Enquanto explicava, se ouvia de uma rua vizinha um ferreiro que martelava na bigorna e, na casa em frente, uma mulher que ninava o filho. Longe, no quartel de Cernaia, soavam as trombetas. Todos pareciam contentes, até Stardi. Em certo momento, um ferreiro começou a bater mais forte e a mulher a cantar mais alto. O professor interrompeu-se e prestou atenção. Depois, disse com tranquilidade, olhando para fora: “O céu a sorrir, uma mãe a cantar, um homem trabalhando, garotos estudando... eis algumas coisas bonitas”. Ao sair, vimos que as pessoas estavam alegres: todo mundo andava em fila, pisando forte e cantarolando, como na véspera de um feriado prolongado. As professoras se divertiam; aquela da pluma vermelha dava pulinhos atrás de suas crianças feito uma menina. E os pais dos estudantes conversavam rindo, e a mãe de Crossi, a

quitandeira, trazia nas cestas montes de maços de violetas, que perfumavam o saguão da entrada. Não me lembro de sentir tanta satisfação como nesta manhã, ao ver minha mãe me esperando na rua. Eu disse a ela, indo ao seu encontro: “Estou contente, o que será que me deixou tão feliz hoje?”. E ela respondeu, sorrindo, que era a bela estação e a boa consciência.

Rei Umberto

3, segunda-feira

Às dez em ponto, meu pai viu Coretti pela janela, o vendedor de lenha, e seu filho, que me esperavam na praça, e me disse: “Aí estão eles, Enrico, vá ver o rei”.

Desci feito um raio. Pai e filho andavam mais rápido que de costume e não me pareceu que fossem tão semelhantes como hoje de manhã: o pai tinha na jaqueta a medalha ao mérito, no meio de outras duas comemorativas, e os bigodes penteados e finos como dois alfinetes.

Sáimos rumo à estação ferroviária, aonde o rei devia chegar às dez e meia. Coretti pai fumava cachimbo e esfregava as mãos. “Vocês sabiam”, perguntava, “que não o vejo desde a guerra de 1866? Uma bagatela de quinze anos e seis meses. Primeiro, três anos na França, depois em Mondoví. E aqui, onde podia vê-lo, nunca aconteceu que o encontrasse, quando ele vinha à cidade. É, coincidências existem...”

Ele chamava o rei de Umberto, como a um camarada, “Umberto comandava a décima sexta divisão”, “Umberto tinha vinte e dois anos”, “Umberto montava a cavalo assim assado.”

– Quinze anos! – dizia alto, apressando o passo. – Quanta vontade de revê-lo. Deixei-o príncipe e, agora, revejo um rei. Também eu mudei: passei de soldado a vendedor de lenha. – E ria...

O filho perguntou: “Se ele o visse, seria capaz de reconhecê-lo?”.

Ele caiu na risada.

– Você é maluco – respondeu. Só se ele fosse dois. Ele, Umberto, era apenas um. Nós éramos como moscas. E imagina se podia ficar olhando um por um.

Desembocamos na via Vittorio Emanuele; havia muita gente indo para a estação. Passava uma companhia dos Alpes, com trombetas. Passaram dois

carabineiros a cavalo, galopando. O céu estava tão límpido que resplandecia.

– Sim! – exclamou Coretti pai, animando-se –, é mesmo um prazer revê-lo, o general da minha divisão. Como envelheci rápido! Parece que foi ontem que eu carregava a mochila e o fuzil no meio daquela confusão, na manhã do dia 24 de junho, quando estávamos para entrar em campo. Umberto ia e vinha com seus oficiais, enquanto trovejava o canhão, distante. E todos olhavam para ele, dizendo: “Tomara que ele não receba balas também!”. Estava longe de imaginar que, em pouco tempo, me encontraria tão perto, diante das lanças dos ulanos austríacos,^{30} de fato a quatro passos de distância, meus filhos. Era um dia lindo. O céu parecia um espelho, um calorão! Vamos ver se dá para entrar.

Tínhamos chegado à estação: havia uma multidão, carruagens, guardas, carabineiros, grupos com bandeiras. Uma banda do regimento estava tocando. Coretti pai tentou entrar sob os pórticos; foi impedido. Então, pensou em posicionar-se na primeira fila da multidão que se aglomerava na saída e, abrindo espaço a cotoveladas, conseguiu nos empurrar para a frente também. Porém, a multidão, em ondas, ia de um lado para outro. O vendedor de lenha olhava a primeira pilastra dos pórticos, onde os guardas não deixavam ninguém parar. “Venham comigo”, disse de repente e, puxando-nos pelas mãos, atravessou com dois saltos o espaço vazio e foi se plantar lá, de costas para a parede.

Chegou logo um guarda, dizendo: “Aqui não pode ficar ninguém”.

– Sou do quarto batalhão do quadragésimo nono regimento de infantaria – respondeu Coretti, mostrando a medalha.

O guarda olhou para ele e disse: “Pode ficar”.

– Estou dizendo! – exclamou Coretti triunfante. – É como uma palavra mágica dizer *quarto do quadragésimo nono*! Será que eu não tenho direito de ver mais à vontade meu general, eu que lutei no mesmo quadrado que ele?! Se antes podia vê-lo de perto, me parece justo vê-lo de perto agora também. E digo general! Ele foi comandante do meu batalhão durante uma meia hora

porque naquela ocasião era ele quem comandava, ele era o centro, e não o major Ubrich, por Deus!”

Nesse meio-tempo, via-se no salão de espera e também do lado de fora um vaivém agitado de senhores e de oficiais, e, diante da porta, alinhavam-se as carruagens, com cocheiros vestidos de vermelho.

Coretti perguntou ao pai se o príncipe Umberto mantinha a espada na mão, quando estava no quadrado.

– Certamente ficava de arma em punho – respondeu – para aparar alguma lança, que podia vir para cima dele ou de qualquer outro. Ah! Demônios desenfreados: vieram para cima de nós como a ira de Deus. Circulavam entre os grupos, entre os quadrados, entre os canhões, que pareciam ser movidos por um furacão, perfurando tudo. Era uma confusão de cavalaria ligeira de Alessandria, lanceiros de Foggia, de soldados da infantaria, de ulanos, de atiradores, um inferno em que não se entendia mais nada. Ouvi gritarem: “Alteza! Alteza!”, vi as baionetas caladas sobre nós, descarregamos os fuzis, uma nuvem de poeira escondeu tudo... Até que a poeira se diluiu... O chão estava coalhado de cavalos e de ulanos feridos e mortos. Virei-me para trás e vi entre nós Umberto, a cavalo, que olhava em volta, tranquilo, com ar de comando: “Algum dos meus rapazes está arranhado?”. E devolvemos um “Viva!” para ele, feito doidos. Bom Deus, que momento!... O trem está chegando.

A banda tocou, os oficiais acorreram, a multidão se ergueu na ponta dos pés.

– Bom, ele não vai sair rápido – disse um guarda –, alguém vai mandar um discurso.

Coretti pai não se aguentava.

– Ah! Quando me lembro – disse – eu o vejo sempre lá. Resistiu às vítimas do cólera e aos terremotos e sei lá ao que mais; também nesses casos, foi extraordinário. Mas gravei minha imagem dele naquela ocasião, entre nós, com a expressão tranquila. E tenho a certeza de que ele também se lembra do quarto do quadragésimo nono, mesmo agora sendo rei, e de que gostaria de nos reunir a todos num banquete, os que estiveram junto

dele naqueles momentos. Agora, há generais e senhores importantes e outros militares; lá, só havia pobres soldados. Se desse para trocar umas palavrinhas, cara a cara! Nosso general de vinte e dois anos, nosso príncipe, que dependia de nossas baionetas... São quinze anos sem vê-lo... O nosso Umberto! Essa música faz ferver meu sangue, palavra de honra.

Uma explosão de gritos o interrompeu, milhares de chapéus voaram pelos ares, quatro senhores vestidos de preto saíram da primeira carruagem.

– É ele! – gritou Coretti e ficou embasbacado. Depois, disse baixinho: – Nossa Senhora, como está grisalho!

Todos tiramos os chapéus: a carruagem da frente vinha devagar, em meio à multidão que berrava e sacudia os chapéus. Olhei para Coretti pai. Pareceu-me outro: mais alto, sério, meio pálido, teso contra a pilastra.

A carruagem parou bem diante de nós, a um passo da pilastra: “Viva!”, gritaram muitas vozes.

– Viva! – gritou Coretti, depois dos outros.

O rei o encarou e deteve o olhar um instante sobre as três medalhas.

Coretti perdeu a cabeça e berrou: “Quarto batalhão do quadragésimo nono!”.

O rei, que já tinha virado para outro lado, tornou a olhar em nossa direção e, fixando Coretti nos olhos, estendeu a mão para fora da carruagem.

Coretti deu um pulo para a frente e apertou a mão dele. A carruagem prosseguiu, a multidão irrompeu e nos dividiu, perdemos de vista Coretti pai. Foi só um instante. Logo o reencontramos, arfando, de olhos úmidos, chamando o filho pelo nome, com a mão para o alto. O filho correu para ele, que gritou: “Aqui, filhote, que ainda estou com a mão quente!”, e passou a mão no rosto dele, dizendo: “Isto é um carinho do rei”.

E permaneceu assim, em transe, de olhos fixos na carruagem distante, sorrindo, com o cachimbo na mão, no meio de um grupo de curiosos que olhavam para ele. “É um dos que lutaram no quadrado do quadragésimo nono”, diziam. “É um soldado que conhece o rei. E o rei o reconheceu.” “Foi para ele que deu a mão.” “Suplicou uma mercê ao rei”, disse outro mais alto.

– Não – retrucou Coretti, virando-se bruscamente – eu não pedi nada.
Outra coisa lhe daria, se me pedisse...
Todos olharam para ele.
E ele disse simplesmente: “O meu sangue”.

O orfanato

4, terça-feira

Minha mãe, conforme prometera, me levou ontem, depois do café da manhã, ao orfanato de Corso Valdocco, para deixar com a diretora a irmã mais nova de Precossi. Eu nunca tinha visto um orfanato. Como eles me divertiram! Havia duzentos meninos e meninas, tão pequenos, que os nossos, da primeira série, são adultos comparados a eles. Chegamos justamente quando entravam em fila no refeitório, onde havia duas mesas compridas com vários buracos redondos e, em cada buraco, um prato escuro, cheio de arroz e feijão e uma colher de estanho do lado. Ao entrar, alguns caíam de maduro no chão e ficavam ali, até que as professoras corresse para levantá-los. Muitos paravam diante de um prato, pensando que era o seu lugar, e logo engoliam uma colherada, mas chegava uma professora e dizia: “Adiante!”. E eles davam três ou quatro passos e outra colherada goela abaixo e, assim, até chegar ao próprio lugar, depois de ter afanado meio prato de sopa. Enfim, à força de empurrar, de gritar: “Rápido! Rápido!”, puseram-nos todos em ordem e começaram a oração. Porém, aqueles das filas internas, que, para rezar, tinham de ficar de costas para os pratos, viravam a cabeça para controlar o que era seu, a fim de que ninguém avançasse e rezavam assim: de mãos juntas e olhos para os céus, mas com o coração na comida. Finalmente, começaram a comer, que espetáculo curioso! Um comia com duas colheres, outro se engasgava com as mãos; outros pegavam os feijões um por um e os colocavam nos bolsos; outros os atiravam no uniforme e os amassavam, para fazer uma papa. Havia inclusive quem não comesse para ver as moscas voando, e alguns ainda tossiam e gargalhavam para todos os lados. Parecia um galinheiro. Mas era engraçado. As duas filas das meninas davam boa impressão, todas com o cabelo preso no alto da cabeça com muitas fitinhas vermelhas, verdes, azuis. Uma

professora perguntou a uma fila de oito meninas: “Onde nasce o arroz?”. As oito escancararam a boca cheia de sopa e responderam cantando em uníssono: “Nas-ce na á-gua”. Depois, a professora comandou: “Mãos para cima!”. E aí foi legal ver todos aqueles bracinhos levantados que, meses antes, ainda estavam nos cueiros, e todas aquelas mãozinhas agitando-se, como borboletas brancas e rosadas.

Em seguida, saíram para o recreio. Mas, antes, todas pegaram suas sacolinhas com a merenda, que estavam penduradas nas paredes. Saíram para o jardim e se espalharam, tirando os alimentos: pão, ameixas secas, um pedacinho de queijo, um ovo cozido, pequenas maçãs, um punhado de feijões cozidos, uma asa de frango. Num instante, o jardim inteiro ficou coberto de migalhas, como se tivessem espalhado alpiste para passarinhos. Comiam das maneiras mais estranhas, feito coelhos, ratos, gatos: roendo, lambendo, chupando. Um menino tinha um biscoito preso ao peito e o ungia com uma nêspira, como se lustrasse uma espada. Algumas meninas amassavam na mão queijinhos moles, que escorriam entre os dedos, feito leite, e desciam pelas mangas abaixo e elas nem se davam conta. Corriam e brincavam de pega-pega com maçãs e pães entre os dentes, feito cachorros. Vi três delas que cavavam com gravetos dentro de um ovo, pensando descobrir tesouros, e espalhavam pedaços pelo chão, depois juntavam migalha por migalha, com enorme paciência, como se fossem pérolas. E aqueles que traziam uma comida diferente eram espremidos por uma roda de oito ou dez com a cabeça inclinada, olhando no cestinho, como se vissem a lua no fundo de um poço. Uns vinte se juntaram em volta de um gordinho que trazia nas mãos um pacotinho de açúcar, todos fazendo cortesias para serem autorizados a mergulhar ali o seu pedaço de pão, e ele permitia isso apenas para alguns e para outros, que insistiam, dava um dedo para ser lambido.

Nesse meio-tempo, minha mãe tinha vindo para o jardim e falava ora com um ora com outro. Muitos giravam em torno dela, ou melhor, iam ao lado dela, pedindo um beijo com o rosto esticado para cima, como se olhassem para um terceiro andar, abrindo e fechando a boca, como se lhe pedissem o seio. Um deles lhe ofereceu um gomo de laranja mordiscado,

outro, uma torrada, e uma menina lhe deu uma folha. Outra menina lhe mostrou muito séria a ponta do dedo mínimo, onde, olhando bem, via-se um inchaço microscópico, provocado pela chama de uma vela. Punham-lhe debaixo dos olhos, como grandes maravilhas, insetos minúsculos, que não sei como conseguiam vê-los e pegá-los, e metades de rolhas, botões de camisa, florezinhas arrancadas dos vasos. Um menino, com a cabeça enfaixada, que queria ser ouvido a qualquer custo, lhe contou o caso de um tombo e não sei se ela entendeu uma palavra. Outro pediu que minha mãe se inclinasse e lhe disse no ouvido: “Meu pai faz escovas”. Ao mesmo tempo, aqui e ali ocorriam mil desgraças, que faziam várias professoras correr: meninas que choravam por não conseguirem desfazer o nó de um lenço, outras que disputavam a unhas e gritos duas sementes de maçã, um menino que caíra de boca num banquinho virado e soluçava por aquele tombo, sem conseguir se levantar.

Antes de ir embora, minha mãe pegou três ou quatro no colo e, então, apareceram de todos os lados querendo colo também, com as caras sujas de gema de ovo e de laranjada. E este segurava nas mãos dela e aquele pegava num dedo para ver o anel, outro a corrente do relógio, outro queria agarrá-la pelas tranças. “Veja”, diziam as professoras, “que estão estragando seu vestido.” Mas minha mãe nem ligava para o vestido e continuou a beijá-los, e eles a envolviam cada vez mais, os que estavam perto, com braços estendidos como se quisessem subir, os mais afastados, tratando de se aproximar, e todos gritando: “Adeus! Adeus! Adeus!”. Enfim, consegui fugir do jardim. E aí todos correram para pôr a cara entre os ferros do portão para vê-la passar e punham o braço para fora para cumprimentá-la, oferecendo ainda pedaços de pão, bocadinhos de nêspira e crostas de queijo, gritando em coro: “Adeus! Adeus! Adeus! Volte amanhã! Volte outro dia!”. Correndo, minha mãe passou de novo uma das mãos sobre aquela centena de mãozinhas estendidas, como por cima de uma guirlanda de rosas vivas, até finalmente alcançar a rua, toda coberta de migalhas e de manchas, amarrotada e despenteada, com uma das mãos cheia de flores e os olhos rasos de lágrimas, contente, como se tivesse saído de uma festa. E ainda se

ouvia o barulho lá de dentro, como um matraquear de passarinhos, que diziam: “Adeus! Adeus! Venha de novo, *madama!*” .{31}

Na ginástica

5, quarta-feira

Como o tempo continuava muito bom, nos fizemos mudar da ginástica no pátio coberto para a dos aparelhos, no jardim. Ontem, Garrone estava no gabinete do diretor, quando apareceu a mãe de Nelli, aquela senhora loura sempre vestida de preto, pedindo para dispensar o filho dos novos exercícios. Cada palavra lhe custava grande esforço e, com uma das mãos na cabeça do filho, disse ao diretor: “Ele não aguenta...”. Porém, Nelli se mostrou tão mortificado por ser excluído da aula... sofrer mais aquela humilhação... “Vai ver, mamãe”, dizia, “consigo fazer como os outros.” A mãe olhava para ele, com ar de piedade e de afeto. Depois, comentou hesitando: “Temo os colegas...”, querendo dizer, “temo que zombem de você”. Mas Nelli respondeu: “Não estou ligando... e tem Garrone: se ele não rir, tudo bem”. E, então, deixaram que ele viesse. O professor, aquele da ferida no pescoço, que lutou com Garibaldi, nos conduziu logo até as barras verticais, que são muito altas, e era preciso subir até o alto e ficar rigidamente no eixo transversal. Derossi e Coretti subiram feito macacos, mesmo o pequeno Precossi subiu rápido, embora atrapalhado por aquele jaquetão que lhe bate nos joelhos e, para fazê-lo rir, enquanto subia, todos repetiam seu estribilho: “Me desculpem, me desculpem”. Stardi bufava, estava vermelho feito um pimentão, cerrava os dentes, parecendo um cachorro com raiva. Mas, mesmo com o risco de estourar, chegaria lá em cima, como de fato chegou; e Nobis também, e quando atingiu o topo assumiu uma atitude de imperador. Votini, porém, rolou duas vezes, mesmo com o uniforme novo com listras azuis, feito especialmente para ginástica. Para subir mais fácil, tinham lambuzado as mãos com piche grego, colofônia, como é chamada. E sabemos que é aquele traficante do Garoffi quem arranja para todos, em pó, vendendo-a por uma moeda o cartucho e

ganhando bem. Depois, foi a vez de Garrone, que subiu mastigando pão, como se nada fosse, e creio que seria capaz de levar um de nós nas costas, de tanto que é forte aquele touro jovem. Depois de Garrone, veio Nelli. Assim que o viram pendurar-se nas barras com suas mãos longas e finas, muitos começaram a rir e a debochar. Mas Garrone cruzou os braços grossos no peito e com um olhar fulminante ao redor, mostrando que daria quatro tabefes mesmo na frente do professor, todos pararam de rir no ato. Nelli começou a se pendurar; era difícil para ele, coitado, ficou com a cara roxa, o suor escorria pela testa. O professor disse: “Pode descer”. Mas ele, não, se esforçava, se obstinava; eu esperava vê-lo estrebuchar no chão de um momento para outro, meio morto. Coitado do Nelli! Imaginei que, se eu fosse como ele, e minha mãe me visse, como ela teria sofrido, pobre da minha mãe. E, pensando nisso, gostava tanto de Nelli, teria feito qualquer coisa para que conseguisse subir; empurrá-lo por baixo, sem ser visto. Enquanto isso, Garrone, Derossi, Coretti diziam: “Vamos, vamos, força, Nelli, mais um pouco, coragem!”. E Nelli fez ainda um esforço violento, soltando um gemido, e se encontrou a dois palmos do eixo. “Muito bem!”, gritaram os outros. “Coragem! Mais um impulso!” E eis que Nelli se agarrou à barra. Todos bateram palmas. “Parabéns!”, disse o professor, “mas já chega, desce.” Só que Nelli quis subir até o alto como os demais e, forçando um pouco mais, conseguiu pôr os cotovelos na barra, depois os joelhos e os pés: enfim, ergueu-se reto e, resfolegando e sorrindo, olhou para nós. Aplaudimos de novo e aí ele olhou para a rua. Virei-me para aquela direção e, através das plantas que cobrem a grade do jardim, vi a mãe dele que passeava na calçada, sem se atrever a olhar. Nelli desceu e todos fizeram festa: estava excitado, corado, olhos brilhantes, nem parecia o mesmo. Na saída, quando a mãe veio ao seu encontro e perguntou meio inquieta, abraçando-o: “Então, meu filho, como foi? Como foi?”, todos os colegas responderam juntos, “Muito bem! Subiu igual a nós. É forte, sabia? É ágil. Faz tal e qual os outros”. Dava gosto ver, nesse instante, a alegria daquela senhora! Quis nos agradecer e não conseguiu, apertou a mão de três ou quatro, deu um beijo em Garrone, levou o filho embora e vimos os dois caminhando depressa um

trecho, falando e gesticulando entre si, ambos contentes, como nunca ninguém os tinha visto.

O professor de meu pai

11, terça-feira

Que passeio gostoso fiz ontem com meu pai! Foi assim. Anteontem, no jantar, lendo o jornal, meu pai soltou um grito de alegria. Depois disse: “E eu pensando que ele tivesse morrido há vinte anos! Sabiam que ainda está vivo meu primeiro professor primário, Vincenzo Crosetti, com oitenta e quatro anos? Estou lendo aqui que o Ministério lhe deu uma medalha de honra ao mérito por sessenta anos de ensino, ses-sen-ta a-nos, ouviram? E só parou de lecionar há dois. Pobre Crosetti! Está a uma hora de trem daqui, em Condove, no vilarejo onde morava nossa antiga jardineira da casa de Chieri”. E acrescentou: “Enrico, vamos visitá-lo”. E no resto da noite só falou dele. O nome do professor lhe trazia à memória mil coisas de quando era jovem, seus primeiros colegas, sua mãe já morta. “Crosetti!”, exclamava. “Ele tinha quarenta anos quando fui seu aluno. Parece que o vejo ainda hoje. Um homenzinho já meio curvado, de olhos claros, com a barba sempre feita. Severo, mas com boas maneiras, que gostava de nós como um pai e não nos perdoava nada. Tinha começado como camponês, mudou de vida à custa de estudos e privações. Um homem educado. Minha mãe o apreciava e meu pai o tratava como amigo. Como foi parar, de Turim, em Condove? Certamente não vai me reconhecer. Não importa, eu vou reconhecê-lo. Passaram-se quarenta e quatro anos! Enrico, são quarenta e quatro anos: vamos visitá-lo amanhã.”

E ontem de manhã, às nove horas, estávamos na estação de Susa. Gostaria que Garrone também tivesse vindo, mas ele não pôde: a mãe está doente. Era um lindo dia de primavera. O trem corria entre prados verdes e sebes floridas, e aspirava-se um ar perfumado. Papai estava contente e, de vez em quando, punha um braço em volta do meu pescoço e me falava como a um amigo, olhando para os campos. “Pobre Crosetti!”, dizia, “ele foi o

primeiro homem que acreditou em mim e me deu oportunidades, depois de meu pai. Nunca esqueci certos conselhos que me deu e também certas críticas duras, que me faziam voltar para casa com a garganta seca. Tinha mãos grossas e curtas. Ainda o vejo entrando na escola, pondo a bengala num canto, pendurando o casacão, sempre com o mesmo gesto. E todos os dias o mesmo humor, sempre consciencioso, cheio de boa vontade e atento, como se a cada dia desse aula pela primeira vez. Lembro-me dele como se agora mesmo o escutasse gritando comigo: ‘Bottini, ei, Bottini! O indicador e o dedo médio nessa pena!’. Terá mudado muito em quarenta e quatro anos.”

Assim que chegamos a Condove, fomos procurar nossa antiga jardineira de Chieri, hoje dona de uma lojinha numa ruela. Nós a encontramos com seus filhos, ela fez muita festa, deu-nos notícias do marido, que deve estar voltando da Grécia, onde trabalhou por três anos, e da filha primogênita, que está no instituto de surdos-mudos, em Turim. A seguir, nos mostrou o caminho para a casa do professor, que todos conhecem.

Saímos do vilarejo e subimos uma estradinha, flanqueada por sebes floridas.

Meu pai não falava mais, parecia completamente absorvido em suas lembranças e, de vez em quando, sorria e sacudia a cabeça.

De repente, parou e disse: “Aqui está; aposto que é ele”.

Vinha em nossa direção, pela estradinha, um velho miúdo, de barba branca, chapéu de aba larga, apoiando-se numa bengala: arrastava os pés e as mãos tremiam.

– É ele – repetiu meu pai, apertando o passo.

Quando chegamos perto, paramos. O velho também parou e observou meu pai. Tinha ainda o rosto fresco, e os olhos claros e vivazes.

– O senhor – perguntou papai, tirando o chapéu – é o professor Vincenzo Crosetti?

O velho também tirou o chapéu e respondeu: “Sim”, com voz meio trêmula, mas sonora.

– Bem – disse meu pai, pegando-lhe uma das mãos –, permita a um ex-aluno apertar sua mão e perguntar-lhe como está. Vim de Turim para vê-lo.

O velho olhou para ele, admirado. Depois disse: “Muito honrado... não sei... quando foi meu aluno? Desculpe. Seu nome, por favor”.

Meu pai disse o nome, Alberto Bottini, e o ano em que havia sido aluno dele, e onde, e acrescentou: “O senhor não se lembra de mim, é natural. Mas eu o reconheço tão bem!”.

O professor inclinou a cabeça e olhou para o chão, pensando e murmurou duas ou três vezes aquele nome; papai olhava para ele com olhos fixos e sorridentes.

De repente, o velho ergueu o rosto, com os olhos arregalados e lentamente: “Alberto Bottini? Filho do engenheiro Bottini? Aquele que morava na praça da Consolata?”.

– Em pessoa – respondeu, estendendo as mãos.

– Então... – disse o velho – me permita, caro senhor, me permita – e, dando um passo, abraçou meu pai; sua cabeça branca lhe chegava só até o ombro. Meu pai apoiou a bochecha na testa dele.

– Tenha a bondade de vir comigo – disse o professor.

E, sem dizer mais nada, virou-se e retomou o caminho de casa. Em poucos minutos, chegamos a um terreno, diante de uma casinha com dois portões, e um deles era cercado por um muro esbranquiçado.

O professor abriu o segundo e nos fez entrar numa sala. Eram quatro paredes brancas; num canto, uma cama de cavaletes, com uma coberta xadrez em branco e azul. Em outro, havia uma mesa com alguns livros, quatro cadeiras e um velho mapa na parede; sentia-se um cheiro bom de mel.

Sentamos os três. Meu pai e o professor se olharam por instantes, em silêncio.

– Bottini! – exclamou enfim o professor, olhando para o chão de tijolos, onde o sol desenhava um tabuleiro. – Sim, me lembro bem. Sua mãe era uma pessoa tão boa! No primeiro ano, o senhor sentou um período na primeira carteira à esquerda, perto da janela. Não é isso? Posso ver seus cabelinhos

encaracolados. – Pensou um pouco mais. – Era um garoto vivo, hem? Bastante. No segundo ano, ficou doente, com laringite. Lembro-me do dia em que o levaram de volta para a escola, magro, embrulhado num xale. Passaram-se quarenta anos, não é? O senhor foi tão bom que ainda se lembra de seu velho professor. E sabe, nos últimos anos, vieram outros ex-alunos encontrar comigo aqui: um coronel, sacerdotes, vários senhores. – Perguntou a meu pai qual era sua profissão. Continuou. – Fico contente, do fundo do coração. Eu lhe agradeço. Fazia já algum tempo que não via mais ninguém. E tenho medo de que seja o último, caro senhor.

– O que está dizendo! – exclamou meu pai. – O senhor está bem, ainda em forma. Não deve dizer isso.

– Não – respondeu o professor – está vendo este tremor? – e mostrou as mãos. – Isso é um mau sinal. Começou faz três anos, quando eu ainda dava aulas. A princípio, não liguei, pensei que passaria. Mas ficou e foi piorando. Chegou um dia em que não pude mais escrever. Ah! Aquele dia, a primeira vez em que rabisquei o caderno de um aluno, foi um golpe no coração, caro senhor. Fui adiante ainda por algum tempo: depois, não aguentei mais. Após sessenta anos de ensino, tive de dar adeus à escola, aos alunos e ao trabalho. Foi duro, sabe, foi muito duro. Na minha última aula, todos me acompanharam até em casa, me fizeram festa. Porém, eu estava triste, entendia que minha vida tinha acabado. Um ano antes, tinha perdido minha mulher e meu único filho. Fiquei só com dois sobrinhos camponeses. Agora, vivo com algumas centenas de liras de pensão. Não faço mais nada, os dias parecem não ter fim. Como pode ver, só me ocupo em folhear velhos livros da escola, coletâneas de jornais escolares, alguns livros que ganhei. Ali estão – apontou para sua coleção de livros –, ali se encontram minhas lembranças, todo o meu passado... Não tenho mais nada no mundo.

Aí, num tom imprevistamente alegre: “Quero lhe fazer uma surpresa, caro senhor Bottini”.

Levantou-se e, aproximando-se da mesa, abriu uma gaveta comprida, que continha muitos pacotinhos amarrados com barbante, cada um com uma data de quatro números. Depois de procurar um pouco, abriu um deles,

revirou vários papéis, puxou uma folha amarelada e a entregou a meu pai. Era um trabalho escolar de quarenta anos atrás! Estava escrito no começo: “Alberto Bottini. Ditado. 3 abril 1838”. Meu pai reconheceu sua caligrafia grande de quando jovem e começou a ler, sorrindo. De repente, seus olhos ficaram úmidos. Fiquei de pé, perguntando o que era.

Ele me passou um braço na cintura e me dando um abraço: “Está vendo esta folha? Aqui, são as correções de minha mãe. Ela sempre me reforçava os ‘eles’ e os ‘tês’. E as últimas linhas são todas dela. Tinha aprendido a imitar minha letra e, quando eu ficava cansado e com sono, acabava o trabalho para mim. Minha santa mãe!”.

E beijou a página.

– E aqui – disse o professor, mostrando os demais envelopes – as minhas memórias. Todo ano, guardava um texto de cada um de meus alunos, estão todos bem amarrados e numerados. Às vezes, folheio ao acaso e leio uma linha aqui, outra mais adiante, e me voltam mil coisas, tenho a sensação de reviver o tempo que se foi. Quanto tempo passou, caro senhor! Fecho os olhos e vejo rostos e mais rostos, uma turma depois da outra, centenas e centenas de garotos, quantos já terão morrido. De muitos, me lembro bem: em especial os muito bons e os muito ruins, daqueles que me deram muitas alegrias e daqueles que me fizeram passar momentos tristes. Porque também tive víboras, com tantos alunos! Mas, agora, entenda, é como se já estivesse no outro mundo e quero bem a todos, sem distinção.

Voltou a sentar-se e pegou uma de minhas mãos entre as dele.

– E sobre mim – perguntou meu pai, sorrindo – não se lembra de nenhuma molecagem?

– Sobre você? – respondeu o velho, sorrindo também. – Não, não me ocorre nada, agora. Isso não significa que não tenha aprontado comigo. Mas o senhor tinha juízo, era sério para sua idade. Lembro da grande afeição que sua mãe tinha pelo senhor... Mas foi muito bom, bastante gentil em vir me visitar! Como pôde deixar seus negócios para vir à casa de um velho professor?

– Escute, senhor Crosetti – respondeu meu pai, animado –, lembro-me da primeira vez em que minha mãe me levou à sua escola. Era a primeira vez que ia se separar de mim durante duas horas, e me deixar fora de casa, em outras mãos que não as de meu pai. Ou seja, nas mãos de um desconhecido. Para aquela boa criatura, minha entrada na escola era como a entrada no mundo, a primeira de uma série de separações necessárias e dolorosas: era a sociedade que lhe arrancava o filho, pela primeira vez, para não voltar a devolvê-lo inteiro nunca mais. Estava comovida, e eu também. Entregou-me ao senhor com a voz trêmula e, ao sair, me cumprimentou de novo pela janelinha da porta, com os olhos cheios de lágrimas. E, justo naquele momento, o senhor fez um gesto com a mão, pondo a outra no peito, como para dizer: “Senhora, confie em mim”. Bom, aquele simples ato, seu olhar, do qual percebi que o senhor havia captado todos os sentimentos, todos os pensamentos de minha mãe, aquele olhar que expressava: “Coragem!”, aquele ato que era uma honesta promessa de proteção, de afeto, de indulgência, jamais o esqueci, ficou marcado em mim para sempre. E foi aquela lembrança que me fez vir de Turim; e aqui estou, depois de quarenta e quatro anos, dizendo-lhe obrigado, caro professor.

O professor não respondeu; acariciava os meus cabelos com a mão, e sua mão tremia, tremia, pulava do cabelo para a testa, da testa para as costas.

Entretanto, meu pai olhava para aquelas paredes nuas, aquela cama pobre, um pedaço de pão e uma garrafinha de azeite que estavam na janela e parecia querer dizer: “Coitado do professor, após sessenta anos de trabalho, isso é toda a sua recompensa?”.

Porém, o bom velho estava contente e recomeçou a falar com vivacidade da nossa família, de outros professores daqueles anos e dos colegas de escola de meu pai. Ele se lembrava de alguns, de outros não; e cada um dava ao outro notícias desse e daquele, até que papai interrompeu a conversa para convidar o professor a descer até o vilarejo e almoçar conosco. Ele respondeu animado: “Eu lhe agradeço, agradeço muito”, mas parecia incerto. Meu pai segurou as mãos dele e insistiu. “E como farei para comer”, disse o professor, “com estas mãos dançando deste jeito? É uma penitência

também para os outros!” “Vamos ajudá-lo, professor”, retrucou meu pai. E então ele aceitou, sacudindo a cabeça e sorrindo.

– Hoje é um dia especial – disse, ao fechar a porta da rua. – Especial de verdade, senhor Bottini! Garanto que vou me lembrar dele enquanto viver.

Papai deu um braço para o mestre, e este me pegou pela mão e descemos pela estradinha. Encontramos duas meninas descalças que conduziam vacas e um garoto que passou correndo, com uma grande quantidade de palha nas costas. O professor informou que eram estudantes da segunda série, de manhã, levavam os animais para pastar e trabalhavam no campo descalços e, à noite, punham sapatos e iam para a escola. Não encontramos mais ninguém. Em poucos minutos, chegamos ao hotel, ocupamos uma mesa grande, o professor sentou no meio e logo começamos a comer. O hotel era silencioso igual a um convento. O professor estava muito alegre, e a comoção fazia aumentar o tremor; quase não podia comer. Meu pai cortava a carne para ele e partia o pão e punha sal. Para beber, precisava segurar o copo com as duas mãos e, mesmo assim, batia nos dentes. Todavia, falava bem, animado, sobre os livros que lera quando jovem, citava horários escolares de antigamente, elogios feitos pelos superiores, regulamentos dos últimos anos, sempre com o rosto sereno, um pouco mais vermelho que antes e com a voz alegre e o riso quase juvenil. E meu pai olhava para ele com a mesma expressão com que o surpreendo olhando para mim, em casa, quando pensa e sorri sozinho, o rosto inclinado para um lado. O professor derramou vinho no peito; papai enxugou com o guardanapo. “Não, senhor, não permito!”, dizia, rindo. Misturava palavras em latim e, por fim, ergueu o copo que lhe dançava nas mãos e exclamou, sério: “À sua saúde, caro senhor engenheiro, aos filhos e à memória de sua boa mãe!”. “À sua, caro mestre!”, respondeu meu pai, apertando a mão dele. E, atrás, o hoteleiro e os outros observavam e sorriam de um jeito como se estivessem contentes com aquela festa que faziam ao professor da sua cidadezinha.

Sáimos depois das duas e o professor quis nos acompanhar à estação. Meu pai lhe deu de novo o braço, e ele me pegou pela mão; entreguei a bengala. As pessoas paravam para olhar, pois todos o conheciam; alguns o

cumprimentavam. Em determinada altura, ouvimos de uma janela várias vozes de meninos, que liam juntos, soletrando. O velho parou, parecendo ficar triste.

– É isso, senhor Bottini – disse –, o que me dá pena. Ouvir a voz dos alunos dentro da escola e eu estar fora, existe outro no meu lugar. Ouvi esta música durante sessenta anos, já fazia parte de meu coração... Agora, fiquei sem família. Não tenho mais filhos.

– Não, professor – retrucou papai, retomando a caminhada –, o senhor ainda tem muitos filhos, espalhados pelo mundo, que se lembram do senhor, como eu lembrei.

– Não, não – respondeu o professor, triste –, não tenho mais escola, não tenho mais filhos. E, sem filhos, hei de viver pouco. Logo vai soar minha hora.

– Não diga isso, mestre, nem pensar – disse meu pai. – De qualquer modo, já fez bem a tanta gente! Dedicou sua vida a atividade tão nobre!

O velho professor inclinou um instante a cabeça branca acima dos ombros de meu pai e me apertou a mão.

Tínhamos entrado na estação. O trem ia partir.

– Adeus, professor! – disse meu pai, beijando-o no rosto.

– Adeus, obrigado, adeus – respondeu o professor, pegando com suas mãos trêmulas uma das mãos de meu pai e apertando-a sobre o coração.

Quando o beijei, senti o rosto molhado. Meu pai me empurrou no trem e, no momento de subir, trocou rapidamente o tosco bastão do professor por sua bengala com punho de prata e suas iniciais, dizendo-lhe: “Para se lembrar de mim”.

O velho tentou desfazer a troca: papai já estava dentro e tinha fechado a janela.

– Adeus, meu bom professor!

– Adeus, filho – respondeu o mestre, enquanto o trem partia –, que Deus o abençoe pela alegria que trouxe a este velho.

– Até a próxima! – gritou meu pai, com voz comovida.

Mas o velho baixou a cabeça, como se dissesse: “Não nos veremos mais”.

– Sim, sim – papai repetiu –, até a próxima.

E ele respondeu, erguendo a mão trêmula para o céu: “Lá em cima!”.

E desapareceu de nossa vista assim, de mãos para cima.

Convalescença

20, quinta-feira

Quem diria, enquanto voltava tão alegre daquele lindo passeio com papai, que eu ficaria sem ver nem campo nem céu por dez dias! Fiquei muito doente, correndo risco de morrer. Ouvi mamãe soluçando, vi meu pai pálido, olhando-me fixamente, Silvia e meu irmão discutindo em voz baixa, e o médico, de óculos, que andava sempre por aqui, dizendo coisas que eu não entendia. Coitada de minha mãe! Passaram-se três ou quatro dias dos quais quase nada me lembro, como se tivesse vivido um sonho confuso e obscuro. Me lembro de ter visto ao lado da cama minha professora da primeira série, que se esforçava em abafar a tosse com o lenço, para não me perturbar. Lembro-me do professor que se debruçou para me beijar e me espetou a barba no rosto; e ainda vi passar, numa espécie de névoa, a cabeça ruiva de Crossi, os cachos louros de Derossi, o calabrés vestido de preto e Garrone, que me levou uma tangerina com folhas e saiu correndo porque a mãe dele estava doente. Mais tarde, despertei como de um sono bem demorado e percebi que estava melhor ao ver que meus pais sorriam e ao ouvir Silvia cantarolar. Que triste sonho foi aquele! Enfim, comecei a melhorar um pouco a cada dia. Veio me visitar o Tijolinho, que me fez rir pela primeira vez com sua careta de coelho. E como o imita bem, agora que está com o rosto mais fino por causa da doença, coitado! Veio Coretti, veio também Garoffi, que me ofereceu dois bilhetes da nova rifa para “um canivete com cinco surpresas”, comprado de um vendedor ambulante da rua Bértola. Ontem, enquanto eu dormia, veio Precossi e pôs a bochecha em minha mão, sem me acordar, e, como vinha da oficina do pai com o rosto preto de carvão, deixou uma marca na manga, o que me deu um enorme prazer, quando acordei. Como ficaram verdes as árvores em poucos dias! E quanta inveja sinto dos garotos que vejo correndo para a escola com livros e cadernos, quando meu

pai me leva à janela. Em breve, também voltarei: estou impaciente para rever os colegas, minha carteira, o jardim, as ruas... saber tudo o que aconteceu neste período; retornar aos livros e cadernos, até parece que faz um ano que não os vejo! Coitada de minha mãe, como emagreceu e ficou pálida. Que cara cansada tem meu pai. E meus queridos colegas, que vieram me visitar e, caminharam na ponta dos pés, e me beijaram na testa! Fico triste só de pensar que algum dia nos separaremos. Com Derossi e com alguns outros talvez eu continue estudando junto: mas e os demais? Uma vez terminada a quarta série, adeus: não nos veremos mais; não vou mais vê-los ao meu lado quando adoecer. Garrone, Precossi, Coretti, bravos garotos, tão bons colegas, nunca mais!

Os amigos operários

20, quinta-feira

Por que, Enrico, nunca mais? Vai depender de você. Ao terminar a quarta série, você vai para o ginásio, e eles serão operários; mas vocês permanecem na mesma cidade, quem sabe por muitos anos. E por que, então, não se veriam de novo? Quando você estiver na universidade ou no liceu, pode procurar por eles em suas oficinas ou lojas, e será um prazer reencontrar os companheiros de infância – adultos – no trabalho. Quero ver se você não vai procurar Coretti e Precossi onde quer que estejam. Você vai, sim, e passará horas com eles, e verá, estudando a vida e o mundo, quantas coisas poderá aprender com eles, coisas que ninguém jamais lhe ensinará sobre os ofícios e os círculos sociais deles e também sobre este país. E veja que, caso não conserve tais amizades, difícil será conquistar outras similares, isto é, amizades fora da classe a que pertence. Assim, você corre o risco de viver numa única classe, e quem frequenta só uma classe social é como um estudioso que só lê um livro. Desde agora, queira conservar esses bons amigos, depois que se separarem e, desde agora, trate de cultivá-los justamente por serem filhos de operários. Observe, os homens das classes superiores são os oficiais, e os operários são os soldados do trabalho. Porém, tanto na sociedade como no exército, o soldado não é menos nobre que o oficial, porque a nobreza está no trabalho e não no ganho; no valor e não na hierarquia. Contudo, se existe uma superioridade de mérito, ela está na parte do soldado, do operário, que extraem da própria obra menor proveito. Portanto, trate de amar, respeitar sobretudo, entre seus colegas, os filhos dos soldados do trabalho: trate de honrar neles as canseiras e os sacrifícios dos pais. Ignore as diferenças de fortuna e de classe, sobre as quais os oportunistas regulam sentimentos e cortesias. Considere que saiu das veias dos trabalhadores das oficinas e dos campos quase todo aquele sangue bendito que redimiu nossa pátria. Ame a Garrone, ame a Precossi, ame a Coretti, ame seu Tijolino, os quais guardam em seus pequenos peitos operários nobres corações e jure a si mesmo que nunca nenhuma mudança de destino poderá arrancar estas santas amizades infantis de sua alma. Jure que, se dentro de quarenta anos, passando numa estação de

trens, reconhecer no uniforme de um maquinista seu velho Garrone, de cara preta... ah, nem precisa jurar, tenho certeza de que você vai pular na máquina e irá abraçá-lo calorosamente. Mesmo se você for um senador deste Reino.

Seu pai

A mãe de Garrone

25, terça-feira

De volta à escola, uma triste notícia. Havia vários dias, Garrone não frequentava as aulas porque sua mãe estava gravemente doente. No sábado à noite, morreu. Ontem de manhã, assim que entrou na escola, o professor informou: “Coube a Garrone a maior desgraça que pode golpear um filho: a mãe dele morreu. Amanhã, ele volta à escola. Eu peço a vocês desde agora: respeitem a dor terrível que dilacera sua alma. Quando ele entrar, tratem de cumprimentá-lo com afeto e seriamente; nada de brincadeiras, ninguém vai rir à custa dele, ficou claro?”. E, hoje de manhã, pouco mais tarde que os demais, entrou Garrone. Senti um frio no coração quando o vi. Muito pálido, olhos vermelhos, mal se aguentava em pé, parecia ter ficado um mês doente, quase irreconhecível, todo vestido de preto; dava pena. Ninguém abriu a boca, todos olharam para ele. Assim que entrou, ao rever a escola, onde sua mãe vinha buscá-lo quase diariamente, a carteira sobre a qual ela se inclinara tantas vezes nos dias de prova, fazendo recomendações, e onde ele tantas vezes pensara nela, ansioso para correr ao seu encontro, teve um ataque de choro desesperado. O professor o puxou para abraçá-lo e disse: “Chore, chore mesmo, garoto, e tenha coragem. Sua mãe não está mais aqui, mas vela por você, ainda o ama, ainda vive ao seu lado e, algum dia, você vai revê-la, porque é uma alma boa e honesta como ela”. Dito isso, acompanhou-o até a carteira, para sentar-se a meu lado. Não me atrevia a olhar para ele. Pegou livros e cadernos nos quais não mexera por muitos dias e, abrindo o livro de leitura onde há uma vinheta que representa mãe e filho de mãos dadas, caiu no choro de novo, inclinando a cabeça sobre o braço. O professor nos fez sinal para deixá-lo assim e começou a dar sua aula. Eu queria lhe dizer alguma coisa, não sabia o quê. Botei a mão no braço dele e sussurrei: “Não chore, Garrone”. Ele não respondeu e, sem levantar a

cabeça da carteira, pôs sua mão sobre a minha e ficou desse jeito. Na saída, ninguém falou com ele, todos passaram de lado, com respeito e em silêncio. Vi minha mãe à espera e corri para abraçá-la, porém ela me repeliu, mirando Garrone. Logo entendi; depois percebi que Garrone, sozinho, olhava para mim. E me observava com um olhar de inexprimível tristeza, querendo dizer: “Você abraça sua mãe e eu não vou mais fazer isso. Você ainda tem sua mãe, a minha morreu!”. Então, compreendi por que minha mãe me afastara e saí sem lhe dar a mão.

Giuseppe Mazzini

29, sábado

Hoje, de novo, Garrone veio para a escola pálido e com olhos inchados de chorar; e não ligou muito para os presentinhos que tínhamos posto na carteira para consolá-lo. E o professor havia levado uma página de livro para ler, para animá-lo. Primeiro, nos alertou para que fôssemos no dia seguinte, ao meio-dia, à prefeitura para assistir à entrega da medalha de mérito civil a um garoto que salvara uma criança no rio Pó e que, na segunda-feira, ele iria nos ditar a descrição da festa, no lugar do conto mensal. Em seguida, virando-se para Garrone, ainda de cabeça baixa, disse: “Faça um esforço e escreva você também o que seleccionei”. Pegamos as canetas e o professor começou a ditar.

“Giuseppe Mazzini nasceu em Gênova, em 1805, e morreu em Pisa, em 1872; grande alma patriótica, grande engenho como escritor, inspirador e apóstolo pioneiro da revolução italiana. Por amor à pátria, ele passou quarenta anos pobre, exilado, perseguido, errante, heroicamente convicto de seus princípios e propósitos. Giuseppe Mazzini, que adorava a mãe e que dela recebera tudo o que em sua alma forte e gentil havia de mais elevado e puro, assim escreveu a um amigo fiel, para consolá-lo da maior de todas as desventuras. Eis, mais ou menos, suas palavras: ‘Amigo, você não verá mais sua mãe nesta terra. Esta é a terrível verdade. Não viajo para encontrá-lo porque esta dor é uma das mais solenes e santas que precisamos enfrentar e vencer sozinhos. Entende o que pretendo dizer com estas palavras: *É preciso vencer a dor?* Vencer aquilo que a dor tem de menos santo, de menos purificador, aquilo que, em vez de melhorar a alma, só faz enfraquecê-la e diminuí-la. Porém, a outra parte da dor, a parte nobre, aquela que engrandece e eleva a alma, essa deve permanecer com você, sem o abandonar. Aqui, nada substitui uma boa mãe. Nas dores, no consolo que a

vida ainda pode lhe oferecer, nunca se esqueça disso. Você deve lembrar-se dela, amá-la sempre, ficar triste com sua morte de um modo digno dela. Amigo, ouça: a morte não existe, não é nada. Nem se pode compreendê-la. A vida é a vida, e segue a lei da vida: o progresso. Ontem, você tinha uma mãe nesta terra; hoje tem um anjo alhures. Tudo o que é bom sobrevive, aumenta em potência, comparado à vida terrena. Incluindo o amor de sua mãe. Agora, ela o ama mais que nunca. E você é responsável por suas ações perante ela, ainda mais do que antes. Depende de você, de suas ações encontrá-la, revê-la em outra existência. Portanto, você deve, por amor e reverência a ela, tornar-se melhor e dar-lhe alegrias. Doravante, em cada ato, você terá de se perguntar: ‘Minha mãe aprovaria isso?’. A transformação dela pôs no mundo um anjo da guarda diante do qual você tem de demonstrar cada ato seu. Seja forte e bondoso; resista à dor desesperada e vulgar; tenha a tranquilidade dos grandes sofrimentos nas almas sublimes, é isso que ela deseja’.”

– Garrone! – acrescentou o professor, – *Seja forte e tranquilo: é isso que ela deseja. Entende?*

Garrone fez que sim com a cabeça, enquanto lhe caíam grossas lágrimas nas mãos, no caderno e na carteira.

MÉRITO CIVIL

CONTO MENSAL

Ao sinal do meio-dia, estávamos com o professor diante do palácio da prefeitura, para assistir à entrega da medalha do mérito civil ao garoto que resgatou um companheiro no rio Pó.

No terraço da fachada tremulava uma grande bandeira tricolor.

Entramos no pátio do palácio.

Já estava cheio de gente. Via-se, no fundo, uma mesa com uma tapeçaria vermelha, e papéis em cima e, atrás, uma fila de poltronas douradas para o prefeito e para o Comitê; lá estavam os funcionários da prefeitura com o uniforme azul-celeste e meias brancas. À direita do pátio, estava perfilado um destacamento de guardas-civis exibindo muitas medalhas e, junto deles, um regimento de guardas aduaneiros; do outro lado, bombeiros com roupa de gala e muitos soldados dispersos, que tinham vindo assistir: soldados de cavalaria, *bersaglieri*, artilheiros. No entorno, havia senhores, gente comum, alguns oficiais, mulheres e jovens, que se acotovelavam. Nós nos apertamos num canto, onde já se amontoavam alunos de outras escolas, com os respectivos professores, e estava perto de nós um grupo de garotos do povo, na faixa dos dez aos dezoito anos, rindo e falando alto e dava para perceber que eram todos da cidade Borgo Pó, companheiros ou conhecidos daquele que receberia a medalha. No alto, nas janelas, debruçavam-se funcionários da prefeitura; o balcão da biblioteca também estava apinhado de pessoas que se apertavam contra a balaustrada; e, na do lado oposto, acima do portão de entrada, amontoava-se grande número de garotas das escolas públicas, muitas filhas de militares,^a com seus lindos véus azul-celeste. Parecia um teatro. Todos falavam alegremente, olhando de vez em quando para a tapeçaria vermelha, esperando que

aparecesse alguém. A banda tocava baixo, no fundo do pórtico. Nas paredes altas, batia o sol. Era bonito.

De repente, todos começaram a aplaudir do pátio, das sacadas, das janelas.

Estiquei-me na ponta dos pés para ver.

A multidão que estava atrás da mesa vermelha se abriu e um homem e uma mulher foram à frente. O homem trazia um garoto pela mão.

Era o que havia salvado o companheiro.

O homem era o pai dele, pedreiro, vestido com roupa de festa. A mulher – sua mãe –, pequena e loura, estava vestida de preto. O garoto, louro e também miúdo, usava jaqueta cinza.

Ao ver aquela gente toda e ao ouvir uma explosão de palmas, os três ficaram parados, sem ousar se mexer nem piscar. Um funcionário empurrou-os até a mesa, à direita.

Ficaram todos calados um instante, e de novo explodiram aplausos de todos os lados. O garoto olhou para cima, nas janelas, e depois para o balcão das *filhas dos militares*. Segurava o boné entre as mãos, parecia não entender bem onde estava. Me deu a impressão de se parecer um pouco com Coretti, de rosto, só que era mais corado. Os pais continuavam com os olhos pregados no chão.

Enquanto isso, todos os garotos de Borgo Pó, que estavam perto de nós, empurravam-se para a frente, gesticulando para o companheiro para se fazerem notar, chamando-o em voz baixa: “Pin! Pin! Pinot!”.^b De tanto chamar, fizeram-se ouvir. O garoto encarou a todos e escondeu o sorriso no boné.

Em determinado momento, todos os guardas se puseram em *alerta*.

O prefeito entrou, acompanhado de vários senhores.

Todo de branco, com uma faixa tricolor, o prefeito aproximou-se da mesa, permaneceu de pé; os outros, por trás e dos lados.

A banda parou de tocar. O prefeito fez um sinal, todos fizeram silêncio.

Ele começou a falar. Não entendi bem as primeiras palavras, mas entendi que relatava os feitos do garoto. Depois, sua voz se espalhou tão

clara e sonora por todo o pátio, que não perdi nenhuma palavra. “... Quando viu na margem o companheiro que se debatia no rio, já tomado pelo terror da morte, tirou a roupa e correu sem titubear nem um instante. Gritaram para ele: ‘Você vai se afogar!’, não respondeu, tentaram impedi-lo, se soltou. Chamaram-no pelo nome, já estava dentro d’água. O rio estava cheio, o risco era enorme, mesmo para um adulto. Porém, ele se lançou contra a morte, com toda a força de seu pequeno corpo e do seu grande coração: alcançou e segurou em tempo o desgraçado, que já estava debaixo d’água, e o trouxe à tona. Lutou furiosamente com a onda que tentava arrastá-los, com o companheiro que tentava agarrá-lo; várias vezes submergiu e emergiu em seus esforços desesperados; teimoso, convicto de seu propósito, não como um garoto que deseje salvar outro, mas feito homem, como um pai que luta para salvar o filho, que é sua esperança e sua vida. Enfim, Deus não permitiu que uma proeza tão generosa fosse inútil. O jovem nadador arrebatou a vítima do rio gigante e levou-a para a margem, e lhe deu ainda, com outros, os primeiros socorros. Depois disso, voltou para casa, sozinho e tranquilo, contando ingenuamente seu feito. Meus senhores! Belo, venerável é o heroísmo no homem. Mas, no jovem, em quem nenhum escopo de ambição ou de outro interesse existe ainda; no jovem, que precisa ter muito mais ousadia por ter menos força; no jovem, de quem nada exigimos, que não é obrigado a nada, que já nos parece tão nobre e amável quando compreende e reconhece o sacrifício dos outros, mesmo se não o fizer com suas próprias mãos; no jovem, o heroísmo é divino. Nada mais direi, senhores. Não quero enfeitar com louvores supérfluos uma grandeza tão simples. Ei-lo aqui diante de vocês, o salvador valoroso e gentil. Soldados, cumprimentem-no como irmão; mães, abençoem-no como um filho; jovens, lembrem-se de seu nome, imprimam seu rosto na mente para que ele não se apague nunca mais de suas memórias e corações. Aproxime-se, garoto, em nome do rei da Itália, eu lhe dou a medalha de mérito civil.”

Um viva altíssimo, lançado em conjunto por muitas vozes, ecoou no palácio.

O prefeito pegou a medalha sobre a mesa e colocou-a no peito do garoto. Depois, abraçou-o e beijou-o.

A mãe pôs uma das mãos nos olhos, o pai mantinha o queixo sobre o peito.

O prefeito apertou a mão dos dois e, segurando o decreto da condecoração, amarrado com fita, entregou-o à mulher.

Dirigindo-se ao garoto, afirmou: “Que a lembrança deste dia glorioso para você, tão feliz para seus pais, o conserve a vida inteira no caminho da virtude e da honra. Adeus!”.

O prefeito saiu, a banda tocou, e tudo parecia terminado, quando o destacamento dos bombeiros se abriu e um menino de oito ou nove anos, levado adiante por uma mulher que se escondeu, lançou-se na direção do condecorado e caiu-lhe nos braços.

Uma nova explosão de vivas e aplausos fez ribombar o pátio: todos entenderam de imediato, aquele era o menino salvo no rio Pó que vinha agradecer a seu salvador. Depois de beijá-lo, pendurou-se no braço dele para acompanhá-lo até a rua. Os dois à frente, os pais atrás, dirigiram-se para a saída, passando com dificuldade pela gente que abria caminho: guardas, jovens, soldados, mulheres, todos misturados. Todos se empurravam para a frente e se levantavam na ponta dos pés para ver o garoto; os que estavam perto tocavam na mão dele. Quando ele passou diante dos jovens alunos, todos jogaram os bonés para cima. Aqueles de Borgo Pó fizeram uma grande barulheira, puxando-o pelos braços e pela jaqueta, gritando: “Pin!, viva Pin! Bravo Pinot!”. Eu o vi passando bem próximo de mim. Seu rosto estava aceso, contente: a medalha tinha a fita branca, vermelha e verde. A mãe chorava e ria; o pai torcia o bigode com uma das mãos, e tremia muito, como se tivesse febre. E nas janelas e nas sacadas continuavam debruçados, aplaudindo. De repente, quando estavam prestes a entrar sob o pórtico, veio da sacada das filhas dos militares uma verdadeira chuva de amores-perfeitos, maçãs de violetas e margaridas, que caíram sobre a cabeça do garoto, do pai, da mãe e se espalharam pelo chão. Muitos começaram a recolhê-las, entregando-as à mãe. E a banda no fundo tocava baixinho uma ária belíssima, que parecia o canto de muitas vozes prateadas que se afastavam lentamente ao longo das margens de um rio.

^a Alunas de uma instituição de ensino, específica para filhas de militares, inaugurada em 1868.

^b Diminutivo de Giuseppino (Giuseppe na região de Turim).

MAIO



As crianças paralíticas

5, sexta-feira

Hoje faltei porque não me sentia bem, e minha mãe me levou ao instituto das crianças paralíticas, aonde foi para deixar uma filha do porteiro: mas não me deixou entrar na escola...

Você não entendeu, Enrico, por que não o deixei entrar? Para não deixar você diante daquelas crianças desgraçadas, dentro da escola, feito uma exibição, um garoto saudável e robusto; elas já têm muitas ocasiões de comparações dolorosas. Que coisa triste! Quando entrei, as lágrimas me vieram do coração. Eram cerca de sessenta, entre meninos e meninas... Fracos ossos torturados! Pobres pés, pés encolhidos e tortos! Débeis corpos malformados! Logo observei vários rostos graciosos, olhos cheios de inteligência e afeto; havia uma menina, cujo nariz era fino e o queixo, pontudo, que parecia uma velhota, mas seu sorriso era de uma suavidade celestial. Algumas, vistas de frente, são bonitas, parecem não ter defeitos. Porém, assim que se viram... a gente sente o coração apertado. Estava lá o médico fazendo visitas. Colocava-as nos bancos e levantava as roupas para tocar as barrigas inchadas e as juntas disformes: elas não se envergonham, coitadas. Via-se que eram crianças acostumadas a ser despidas, examinadas, viradas para todos os lados. E pensar que agora se encontram no período menos adverso da doença, já não sofrem tanto. Mas quem pode afirmar o que sofreram na primeira deformação do corpo, quando, com a doença se desenvolvendo, viram diminuir o afeto em torno delas, abandonadas durante horas num canto qualquer, mal alimentadas e, por vezes, vítimas de zombarias ou atormentadas por meses de curativos ou aparelhos ortopédicos inúteis! Nesse momento, graças aos cuidados, à boa alimentação e à ginástica, muitas melhoram. A professora estimulou a ginástica. Doía-lhe, em certos exercícios, vê-las esticar pernas enfaixadas, amarradas em pedaços de madeira, calejadas, deformadas. Dava vontade de beijar aquelas perninhas! Muitas não conseguiam se levantar do banco e permaneciam ali, cabeça apoiada no braço,

acariciando a muleta; outras, agitando os braços, ficavam sem fôlego, voltando a sentar, pálidas. Porém, sorriam para disfarçar tanto esforço. Ah, Enrico, vocês que não valorizam a saúde e ainda lhes parece pouco serem saudáveis! Eu pensava nos lindos rapazes, fortes e exuberantes, que as mães levam para passear em triunfo, orgulhosas da beleza deles. Tive vontade de segurar aquelas cabeças, apertá-las contra meu peito, desesperadamente. Teria dito, caso estivesse sozinha, não saio mais daqui, quero consagrar minha vida a vocês, servi-las, ser mãe de vocês até meu último dia... Enquanto isso, cantavam: com vozes frágeis, doces, tristes, que atingiam a alma, e a professora as elogiava, alegrando-as. E, ao passar entre os bancos, beijavam-lhe as mãos e braços, expressando enorme gratidão por quem cuida delas; são muito afetuosas. E também inteligentes, aqueles anjos estudam, me disse a professora. Uma mestra jovem e afável, que traz no rosto cheio de bondade certa expressão de melancolia, reflexo das desventuras que acolhe e consola. Querida jovem! Entre tantas criaturas que ganham a vida com seu trabalho, não existe ninguém que o faça de maneira mais santa do que você, minha filha.

Sua mãe

Sacrifício

9, terça-feira

Minha mãe é boa, e Silvia se parece com ela, tem o mesmo coração grande e amoroso. Ontem, eu copiava uma parte do conto *Dos Apeninos aos Andes*, que o professor nos deu para cada um copiar um trecho de tão longo que é. Silvia entrou na ponta dos pés e me disse rápido: “Venha comigo falar com mamãe. De manhã, ouvi os dois discutindo; papai foi mal nos negócios, anda angustiado, mamãe tentava animá-lo. Estamos em apuros, entende? Não há mais dinheiro. Papai dizia que vai precisar fazer sacrifícios para se recuperar. Agora, nós também temos de fazer sacrifícios, sabia? Você está preparado? Bom, falo com mamãe, você concorda e lhe promete que há de fazer tudo que eu disser”. Depois, me pegou pela mão e me levou até nossa mãe, que costurava, pensativa, sentei numa ponta do sofá e Silvia na outra. E ela disse: “Escute, mãe, preciso falar com você. Temos de conversar”. Mamãe nos olhou admirada. E Silvia começou: “Papai está sem dinheiro, não?”. “O que está dizendo?”, respondeu mamãe, enrubescendo. “Não é verdade! O que você sabe disso? Quem lhe disse?” “Estou sabendo”, disse Silvia, decidida. “Bom, escute, mamãe, nós também devemos fazer sacrifícios. Você tinha me prometido um leque para o final de maio, e Enrico esperava sua caixa de lápis de cor: não queremos mais nada, não queremos desperdícios, ficaremos contentes do mesmo jeito, entende?” A mãe tentou falar, mas Silvia contestou: “Assim será, já decidimos. E, enquanto papai não tiver dinheiro, não queremos fruta nem outras coisas. A sopa nos basta e, de manhã, comeremos pão; vamos gastar menos e prometemos que você vai nos ver sempre contentes. Concorda, Enrico?”. Respondi que sim. “Contentes do mesmo modo”, insistiu Silvia, fechando a boca de mamãe com uma das mãos. “E, caso sejam necessários outros sacrifícios, no vestir ou qualquer outra coisa, vamos fazer tudo com boa vontade, podemos até

vender nossos presentes. Dou tudo que tenho, fico no lugar da empregada, não vamos mandar nada para fazer fora, trabalharemos com você o dia inteiro, farei tudo o que você quiser, estou disposta a tudo. A tudo!”, exclamou, abraçando minha mãe, “para que vocês dois não tenham mais desgosto, até vê-los de novo tranquilos, de bom humor como antes, com Silvia e Enrico, que tanto gostam de vocês, que dariam a vida por vocês.” Nunca tinha visto minha mãe tão contente como ao escutar essas palavras. Nunca nos tinha beijado assim na testa, rindo e chorando, sem conseguir falar. Depois, garantiu a Silvia que ela havia entendido mal, que, por sorte, não estávamos em situação tão difícil como ela imaginava e agradeceu cem vezes, ficou alegre a noite inteira, até meu pai chegar e lhe contar tudo. Ele não abriu a boca, coitado! Hoje, no café da manhã... sentimos satisfação e tristeza; encontrei debaixo do guardanapo a caixa de lápis de cor prometida e Silvia, seu leque.

O incêndio

11, quinta-feira

De manhã, eu havia terminado de copiar minha parte do conto *Dos Apeninos aos Andes* e procurava um tema para a redação livre que o professor nos pedira, quando ouvi uma gritaria estranha pelas escadas e, logo depois, entraram em casa dois bombeiros, que pediram licença a meu pai para verificar as estufas e as chaminés, porque havia uma fumaça nos telhados e não dava para ver de onde vinha. Papai respondeu: “Vamos lá”. E, embora não tivéssemos fogo aceso em lugar nenhum, eles começaram a andar pelos quartos, encostando os ouvidos nas paredes, para sentir se havia indícios de fogo nas aberturas que conduzem aos outros andares.

E meu pai me disse, enquanto circulavam pelos quartos: “Enrico, eis um tema para sua redação, os bombeiros. Tente escrever o que lhe conto. Eu os vi trabalhando dois anos atrás, ao sair do teatro Balbo, já era noite alta. Entrando na rua Roma, vi uma luz esquisita e um monte de gente que corria: uma casa estava pegando fogo, labaredas e nuvens de fumaça irrompiam pelas janelas e pelo teto. Homens e mulheres surgiam nas sacadas e desapareciam, lançando gritos desesperados. Havia um grande tumulto diante da porta. A multidão gritava: ‘Estão queimando vivos! Socorro! Bombeiros!’”. Nesse momento, chegou uma carroça, pularam quatro bombeiros, os primeiros que foram encontrados no quartel, e se lançaram casa adentro. Assim que entraram, uma cena horrenda: uma mulher, berrando, apareceu numa janela do terceiro andar, agarrou-se à grade, passou por cima dela, segurando-se firme, ficou como se pendurada no ar, as costas do lado de fora, curvada por conta da fumaça e as chamas que escapavam do quarto e quase lhe queimavam a cabeça. A multidão rompeu em gritos. Os bombeiros, que pararam por engano no segundo andar com os inquilinos horrorizados, já tinham quebrado uma parede e pulado num

quarto, quando cem gritos lhes advertiram: ‘No terceiro! No terceiro andar!’. Voaram para o terceiro andar. Ali, era um redemoinho infernal, vigas caindo, corredores tomados por chama e fumaça sufocante. Para chegar aos cômodos, onde os moradores estavam trancados, o único caminho era pelo telhado. Logo foram para cima e, um minuto depois, viu-se uma espécie de fantasma negro pular sobre as telhas, no meio da fumaça. Era o bombeiro-chefe, o primeiro a chegar. Porém, para alcançar a parte do telhado correspondente ao quatinho fechado pelo fogo, era preciso passar sobre um espaço minúsculo entre uma água-furtada e a calha: o restante ardia, e aquele pedacinho estava coberto de neve e de gelo, não havendo onde se agarrar. ‘Impossível passar!’, gritava a multidão de baixo. O bombeiro avançou pela beira do telhado. Todos se arrepiaram e ficaram olhando sem respirar: ‘Passou’, soou um viva estrondoso. Ele retomou a corrida e, chegando ao ponto ameaçado, começou furiosamente a dar golpes de machado em telhas, traves, vigas, a fim de abrir um buraco para descer. Enquanto isso, a mulher continuava suspensa na janela, o fogo ameaçava sua cabeça, mais um minuto e teria caído na rua. O buraco foi aberto; viu-se o bombeiro pegar na corda e entrar, seguido pelos colegas. No mesmo instante, uma altíssima escada retrátil apoiou-se no beiral da casa, diante das janelas de onde saíam chamas e berros de enlouquecer. Mas todos pensavam que já fosse tarde: ‘Ninguém mais se salva’, gritavam. ‘Os bombeiros estão pegando fogo.’ ‘Acabou.’ ‘Morreram.’ De repente, apareceu na janela a figura negra do bombeiro-chefe, iluminada do alto pelas chamas; a mulher se pendurou no pescoço dele. Ele agarrou-a pela cintura com os dois braços, ergueu-a, depositou-a dentro do quarto. A multidão soltou um grito de mil vozes, que encobriu o barulho do incêndio. E os outros? E para descer? A escada, apoiada no telhado diante de outra janela, estava meio longe do beiral. Como poderiam se firmar ali? Enquanto se dizia isso, um dos bombeiros saiu pela janela, pôs o pé direito no beiral e o esquerdo na escada e assim, firme e ereto, abraçando um por um os moradores que os colegas lhe passavam de dentro, entregava-os a um companheiro que tinha subido da rua e que, bem firme nos degraus, fez com que descessem, um depois do outro, auxiliados por outros bombeiros

posicionados embaixo. Passou primeiro a mulher da sacada, depois uma menina, outra mulher, um velho. Estavam todos salvos. Depois do velho, desceram os bombeiros que tinham ficado dentro: o último a descer foi o chefe, que fora o primeiro a entrar em ação. A multidão os recebeu com uma explosão de palmas, mas, quando apareceu o último, a vanguarda dos salvadores, aquele que enfrentara o abismo antes dos colegas, aquele que teria morrido, se alguém tivesse de morrer, a multidão o saudou como um vencedor, gritando e estendendo os braços num impulso afetivo de admiração e gratidão e, em poucos segundos, seu nome – Giuseppe Robbino – repercutiu em mil bocas... Entendeu? Isso é coragem, a coragem do coração, que não raciocina, que não vacila, que vai diretamente onde ouve o grito de quem morre. Algum dia, vou levá-lo para ver os exercícios dos bombeiros, e lhe apresentarei o bombeiro-chefe Robbino, imagino que você ficaria contente de conhecê-lo, não?”.

Respondi que sim.

– Aqui estão – disse meu pai.

Virei-me de repente. Concluída a inspeção, os dois bombeiros atravessavam a sala para sair.

Meu pai apontou para o menor, que tinha divisas,^{32} e me disse: “Aperte a mão do bombeiro-chefe Robbino”.

O bombeiro parou e me deu a mão, sorrindo: nos cumprimentamos e ele saiu.

– E lembre-se bem disso – meu pai falou – porque, dentre as milhares de mãos que você irá apertar pela vida afora, talvez não haja dez que valham a dele.

DOS APENINOS AOS ANDES

CONTO MENSAL

Há muito tempo, um garoto genovês de treze anos, filho de operário, partiu de Gênova para a América – sozinho – a fim de procurar a mãe.

Ela partira dois anos antes para Buenos Aires, capital da Argentina, para trabalhar em casa de gente rica e assim ganhar em pouco tempo o suficiente para reerguer a família, que, devido a várias desgraças, caíra na pobreza e em dívidas. Não são poucas as mulheres corajosas que fazem viagem tão longa com o mesmo objetivo e que, graças aos bons salários de lá para o serviço, retornam à pátria, em poucos anos, com alguns milhares de liras. A pobre mãe chorou lágrimas de sangue ao se separar dos filhos, um de dezoito e outro de onze anos. Porém, partiu cheia de coragem e de esperança. A viagem correu bem; assim que chegou a Buenos Aires, encontrou logo, por meio de um comerciante genovês, primo do marido, estabelecido ali havia bastante tempo, uma boa família argentina, que lhe pagava muito e a tratava bem. E, durante algum período, manteve correspondência regular com os parentes. Conforme combinado entre eles, o marido remetia as cartas ao primo, que as encaminhava para a mulher, e esta entregava as respostas a ele, que as mandava para Gênova, acrescentando algumas linhas. Ganhando oitenta liras por mês e gastando nada consigo mesma, enviava para casa, a cada três meses, uma bela soma, com a qual o marido, homem disciplinado, ia pagando as dívidas mais urgentes, recuperando sua boa reputação. Nesse meio-tempo, trabalhava e vivia contente, esperançoso de que a mulher voltasse em breve, pois a casa parecia vazia sem ela e, especialmente o filho caçula, que tanto amava a mãe, ficava triste, não se conformava com sua ausência.

Decorrido um ano da partida, após uma carta breve em que ela dizia não estar muito bem de saúde, não receberam mais notícias. Escreveram

duas vezes ao primo, que não respondeu. Escreveram para a família argentina, em cuja casa ela trabalhava. Talvez a carta não tenha chegado porque haviam errado o nome no endereço, não houve resposta. Temendo alguma desgraça, escreveram ao consulado italiano em Buenos Aires, pedindo que a procurassem. Depois de três meses, o consulado respondeu que, apesar do aviso publicado nos jornais, ninguém se apresentara. E não podia ser diferente, por uma razão bem simples: desejando salvar a reputação dos parentes, que pensava manchar trabalhando como doméstica, a boa mulher dera um nome falso à família argentina. Passaram-se outros meses e nada de notícias. Pai e filho estavam consternados; o caçula, oprimido por uma tristeza que não podia vencer. Que fazer? A quem recorrer? A primeira ideia do pai foi partir, ir procurar a esposa na América. E o trabalho? Quem iria sustentar os filhos? E tampouco podia viajar o filho mais velho, que começava a ganhar alguma coisa e era necessário à família. E viviam aquela angústia, repetindo diariamente frases dolorosas ou se entreolhando em silêncio. Certa noite, Marco, o caçula, afirmou decidido: “Vou para a América procurar minha mãe”. O pai baixou a cabeça, triste, e nem respondeu. Era uma ideia bonita, mas impossível. Com treze anos, sozinho, fazer uma viagem à América do Sul, que durava um mês! Porém, o garoto insistiu, pacientemente. Insistiu naquele dia e no seguinte, insistia todos os dias, com tranquilidade, raciocinando com o bom-senso de um adulto. “Outros viajaram”, dizia, “e até menores que eu. Uma vez embarcado, chego lá como qualquer outro. E lá, só preciso procurar a loja de nosso primo. Com tantos italianos, algum deles vai me mostrar o caminho. Encontrado o primo, encontro minha mãe e, se não o encontro, vou até o consulado procurar a família argentina. O que quer que aconteça, lá não falta trabalho: também eu encontrarei trabalho, pelo menos para voltar para casa.” E assim, pouco a pouco, quase persuadiu o pai, que lhe queria bem e sabia que tinha juízo e coragem, que estava habituado à pobreza e que tais qualidades seriam duplicadas em seu coração com o objetivo de encontrar a mãe, por ele tão adorada. Aconteceu ainda que um comandante de navio, amigo de um conhecido, ao ouvir falar do caso, conseguiu para ele um bilhete de terceira classe rumo à Argentina. Aí, depois de mais alguma

hesitação, o pai consentiu, e a viagem foi organizada. Encheram uma bolsa de roupas, puseram algumas moedas no bolso dele, deram-lhe o endereço do primo e, numa linda noite de abril, embarcou. “Querido Marco, meu filho”, disse o pai, dando-lhe um beijo de despedida, com lágrimas nos olhos, na escada do navio a vapor que estava partindo, “muita coragem. Você parte por um motivo sagrado, Deus o ajudará.”

Pobre Marco! Ele tinha o coração forte e preparado para as provas mais duras na viagem. Porém, quando viu sumir no horizonte a sua bela Gênova e se encontrou em alto-mar, naquele grande navio entupido de camponeses emigrantes, sem conhecer ninguém, com aquela bolsa pequena, que continha toda sua fortuna, foi tomado por um desânimo imprevisto. Durante dois dias, ficou na proa, encolhido feito um cachorro, quase sem comer, oprimido por uma grande vontade de chorar. Todo tipo de pensamento triste lhe passava pela cabeça e, o mais triste, o mais terrível, era o mais obstinado em voltar: a ideia de que a mãe estivesse morta. Nos momentos de sono, interrompidos e difíceis, ele via sempre a cara de um desconhecido, que olhava para ele com ar de compaixão e depois lhe dizia no ouvido: “Sua mãe morreu”. Então, acordava sufocando um grito. Contudo, passando o estreito de Gibraltar, à primeira visão do oceano Atlântico, recuperou algum ânimo e a esperança. Mas foi um alívio breve. Aquele mar imenso e sempre igual, o calor crescente, a tristeza de toda aquela pobre gente que o cercava, o sentimento da própria solidão tornaram a derrubá-lo. Os dias que se sucediam, vazios e monótonos, se misturavam na memória, como acontece com os doentes. Parecia que estava no mar havia um ano. E toda manhã, ao despertar, sentia um peso novo por estar ali sozinho, no meio daquela imensidão de água, viajando para a América. Os lindos peixes-voadores que caíam de vez em quando no navio, aquele maravilhoso pôr do sol dos trópicos, com enormes nuvens cor de brasa e de sangue e aquelas fosforescências noturnas que parecem acender o oceano inteiro feito um mar de lava, não lhe davam a impressão de ser coisas reais, mas sim de maravilhas vistas em sonho. Enfrentou dias com mau tempo, durante os quais ficou fechado no dormitório, onde tudo dançava e desabava, em meio a

um coro espantoso de lamentos e de palavrões: chegou a pensar que tinha chegado sua hora. E outros, de mar calmo e amarelado, de calor insuportável, de tédio infinito: horas intermináveis e sinistras, durante as quais os passageiros exaustos, deitados imóveis nas tábuas, pareciam mortos. E a viagem não acabava nunca: mar e céu, céu e mar, hoje como ontem, amanhã como hoje – ainda – sempre – eternamente. E durante longas horas, ele permanecia apoiado no parapeito, olhando aquele mar sem fim, pensando vagamente na mãe, até que os olhos se fechassem e a cabeça caísse de sono. E aí revia aquele rosto desconhecido que olhava para ele com piedade e lhe repetia no ouvido: “Sua mãe está morta!”. E a voz tornava a despertá-lo em tumulto, para que recomeçasse a sonhar de olhos abertos, olhando o horizonte imutável.

A viagem durou vinte e sete dias! Porém, os últimos foram os melhores. O tempo estava bom e o ar, fresco. Ele proseou com um velho lombardo, que ia para a América encontrar o filho, agricultor nos arredores de Rosário. Tinha contado tudo sobre a família, e o velho repetia, de vez em quando, batendo-lhe com a mão na nuca: “Coragem, *bagai*,^a você vai encontrar sua mãe com boa saúde e contente”. Essa companhia o confortava, seus pressentimentos tinham passado de tristes para alegres. Sentado na proa, junto do velho camponês que fumava cachimbo, sob um lindo céu estrelado, entre grupos de emigrantes que cantavam, ele imaginava mil vezes a chegada a Buenos Aires, via-se em certa rua, onde encontrava a loja, ia ao encontro do primo: “Como está minha mãe? Onde ela está? Vamos rápido! Vamos rápido”. Corriam juntos, subiam uma escadaria, abria-se uma porta...

E aqui o solilóquio mudo parava, sua imaginação se perdia num sentimento de ternura impossível de exprimir, que o fazia puxar, às escondidas, uma medalhinha que tinha no pescoço, e murmurar suas orações, beijando-a.

No vigésimo sétimo dia depois da partida, chegaram. Era um lindo amanhecer vermelho de maio, quando o navio lançou âncoras no imenso rio

da Prata, numa das margens do qual se estende a vasta cidade de Buenos Aires, capital da República Argentina. Aquele tempo esplêndido lhe pareceu de bom augúrio. Estava fora de si de tanta alegria e de impaciência: sua mãe estava a poucos quilômetros de distância! Dentro de poucas horas, iria encontrá-la. E ele já estava na América, no Novo Mundo e tivera a ousadia de vir sozinho!

Toda aquela viagem longuíssima lhe parecia então ter passado num instante. Parecia que tinha voado, sonhado e acordado naquele ponto. E estava tão feliz, que quase não se admirou nem se afligiu, quando procurou nos bolsos e não encontrou os dois montinhos em que dividira seu tesouro, a fim de ficar mais seguro de que não perderia tudo. Fora roubado: só lhe restavam poucas liras, mas que lhe importava, agora que estava perto da mãe? Com sua bolsa na mão, desceu com outros italianos num pequeno barco a vapor que os conduziu até perto da margem, baixou do navio num barco que trazia o nome de *Andrea Doria*, desembarcou no píer, despediu-se do amigo lombardo e dirigiu-se a passos largos para a cidade.

Ao chegar à esquina da primeira rua, parou um homem e pediu para lhe indicar o caminho até a rua de las Artes. Tinha parado justamente um operário italiano. Este o examinou com curiosidade e perguntou se sabia ler. O garoto respondeu que sim. “Bom”, disse o operário, apontando a rua de onde vinha, “vá sempre reto, lendo o nome das ruas em cada esquina: vai acabar encontrando a sua.” O garoto agradeceu e pegou a via que se abria em frente.

Era uma rua reta e interminável, mas estreita; ladeada por casas baixas e brancas, que parecia a de uma vilazinha; cheia de gente, de carruagens, fazendo um barulho ensurdecador, e, em vários pontos, tremulavam bandeiras de várias cores, com placas em letras grandes, registrando partidas de navio para cidades desconhecidas. Em diversos trechos do caminho, olhando para a direita e para a esquerda, ele viu duas outras ruas que fugiam em linha reta até perder de vista, sempre flanqueadas por casas baixas e brancas, cheias de gente e de carruagens, e cortadas ao fundo da linha reta pela interminável planície americana, similar ao horizonte do mar. A cidade lhe parecia infinita: tinha a sensação de que poderia caminhar

dias e semanas vendo sempre ruas como aquelas por todos os lados e de que a América inteira tivesse de ser descoberta. Olhava atentamente o nome das ruas: nomes estranhos, difíceis de ler. A cada rua nova, sentia bater o coração, pensando que fosse a sua. Olhava todas as mulheres com a ideia de encontrar a mãe. Viu uma mulher à frente que fez seu sangue ferver: alcançou-a, observou-a: era uma negra. Andava que andava, apressando o passo. Chegou a uma encruzilhada, leu e ficou parado na calçada. Era a rua de las Artes. Dobrou, viu o número 117, a loja do primo ficava no número 175. Apressou ainda mais o passo, quase corria: diante do 171, teve de parar para recuperar o fôlego. E disse para si mesmo: “Minha mãe! Mamãe! É mesmo verdade que verei você em instantes!”. Correu, chegou a uma pequena mercearia. Era aquela. Enfiou a cabeça: viu uma mulher com cabelos grisalhos e óculos.

– Que deseja, garoto? – perguntou ela em espanhol.

– Não é esta – disse o garoto, falando com dificuldade – a loja de Francesco Merelli?

– Francesco Merelli morreu – respondeu a mulher em italiano.

O garoto sentiu um aperto no peito.

– Morreu quando?

– Faz um tempo – respondeu a mulher –, alguns meses. Fez maus negócios, fugiu. Dizem que teria ido para Bahia Blanca, muito longe daqui. E morreu assim que chegou. Esta loja é minha.

O garoto empalideceu.

Depois, falou rapidamente:

– Merelli conhecia minha mãe, que trabalhava aqui para o senhor Mequinez. Só ele poderia me dizer onde ela anda. Vim para a América procurar minha mãe. Merelli lhe mandava nossas cartas. Tenho de encontrar minha mãe.

– Pobre filho – respondeu a mulher –, não sei. Posso perguntar ao garoto que vive no pátio. Ele conhecia o jovem que fazia uns serviços para Merelli. Pode ser que saiba de alguma coisa.

Foi até o fundo da loja e chamou o garoto, que veio logo. “Me responda uma coisa”, perguntou a lojista, “você sabe se o menino de Merelli às vezes ia entregar cartas a uma doméstica, na casa de *figli del paese*?”{33}

– Na casa do senhor Mequinez – respondeu o garoto – sim, senhora, às vezes. No final da rua de las Artes.

– Ah, senhora, obrigado! – gritou Marco. – Me diga o número... não sabe? Peça para ele me acompanhar. Venha rápido comigo, garoto: ainda tenho dinheiro.

E disse isso com tanto fervor que, sem esperar o pedido da mulher, o garoto respondeu: “Vamos”, e saiu na frente com passos ligeiros.

Quase correndo, sem dizer uma palavra, foram até o final da comprida rua, passaram pela entrada de uma casinha branca e pararam diante de um lindo portão de ferro, por onde se via um pequeno pátio, cheio de vasos com flores. Marco apertou a campainha.

Apareceu uma jovem.

– Aqui mora a família Mequinez, certo? – perguntou ansiosamente o garoto.

– Morava – respondeu a senhorita, falando em italiano à espanhola. – Agora, estamos nós, Zeballos.

– E para onde foram os Mequinez? – perguntou Marco, com o coração aos pulos.

– Mudaram para Córdoba.

– Córdoba! – exclamou Marco. – E onde é Córdoba? E a empregada doméstica que eles tinham, minha mãe! A empregada era minha mãe! Levaram minha mãe com eles?

A jovem olhou para ele e disse:

– Não sei. Talvez meu pai saiba, pois os conheceu quando partiram. Espere um momento.

Entrou e voltou em seguida com o pai, um senhor alto, de barba grisalha. Este olhou fixamente aquele tipo simpático de pequeno marinheiro genovês, com cabelo louro e nariz aquilino e perguntou em mau italiano: “Sua mãe é genovesa?”.

Marco respondeu que sim.

– Bom, a empregada genovesa foi com eles, tenho certeza.

– E para onde foram?

– Córdoba, uma cidade.

O garoto suspirou. Depois, disse resignado: “Então... vou até Córdoba”.

– Ah, *pobre niño!* – exclamou o senhor, olhando para ele com ar de piedade. – Pobre garoto! Córdoba fica a centenas de quilômetros daqui.

Marco ficou pálido feito um morto e, com uma das mãos, se apoiou no portão.

– Vejamos, vejamos – disse então o senhor, movido por compaixão, abrindo o portão –, entre um momento, vamos ver se podemos fazer alguma coisa. Sente-se. – Acomodou o garoto, fez com que contasse sua história, ouviu atentamente, ficou pensativo um instante, depois disse, resolutivo: “Você não tem dinheiro, não é?”.

– Ainda tenho... um pouco – respondeu Marco.

O senhor pensou mais cinco minutos, sentou-se a uma mesinha, escreveu uma carta, fechou-a, entregou-a ao garoto, dizendo: “Escute, *italianito*. Vá com esta carta até a Boca. É uma cidadezinha meio genovesa, a duas horas de estrada. Todos saberão lhe indicar o caminho. Lá, procure por este senhor, a quem é dirigida a carta, e que é conhecido por todos. Entregue a ele esta carta. Ele fará com que você viaje amanhã para a cidade de Rosário, e irá recomendá-lo a alguém por lá, que cuidará para que você possa prosseguir a viagem até Córdoba, onde encontrará a família Mequinez e sua mãe. E também pegue isto”. E pôs na mão dele algumas liras. “Vá e tenha coragem. Aqui, você tem contrerrâneos por toda parte, não vai ficar abandonado. *Adiós.*”

O garoto lhe disse “obrigado”, sem encontrar outras palavras, saiu com sua bolsa e, despedindo-se do pequeno guia, pôs-se lentamente a caminho, rumo à Boca, cheio de tristeza e de estupor, na grande cidade barulhenta.

Tudo aquilo que lhe aconteceu daquele momento em diante até a noite do dia seguinte lhe ficou gravado na memória de um jeito confuso e vacilante como um delírio de febre, de tão cansado que estava, além de perturbado e humilhado. E, no dia seguinte, ao escurecer, depois de ter dormido à noite num quartinho de uma casa da Boca, junto de um estivador – após passar quase o dia inteiro sentado num amontoado de madeira, meio alucinado diante de milhares de navios, barcaças e pequenos vapores –, se encontrava na popa de um grande barco a vela, carregado de frutas, que partia para a cidade de Rosário, conduzido por três robustos genoveses bronzeados de sol, cuja voz e cujo amado dialeto que falavam lhe restituíram certo conforto ao coração.

Partiram, e a viagem durou três dias e quatro noites, e foi uma surpresa contínua para o pequeno viajante. Dias e noites subindo aquele maravilhoso rio Paraná, em relação ao qual o nosso grande Pó não passa de um riacho; e o comprimento da Itália, multiplicado por quatro, não alcança o do seu curso. O barco navegava lentamente contra aquela massa de água desmesurada. Passava entre ilhas compridas, antes refúgios de serpentes e jaguares, cobertas de laranjas e de salgueiros, como se fossem bosques flutuantes. Ora embocava canais estreitos, dos quais parecia não poder sair, ora desembocava em vastas extensões de água, com o aspecto de grandes lagos tranquilos; depois, de novo entre ilhas, por canais entrelaçados de um arquipélago, em meio a enormes tufos de vegetação. Reinava um profundo silêncio. Por longos trechos, as margens e as águas solitárias e vastíssimas formavam a imagem de um rio desconhecido, onde aquela simples vela era a primeira a se aventurar. Quanto mais avançavam, mais o surpreendia aquele rio monstruoso. Ele imaginava que sua mãe estava na nascente e que a navegação poderia durar anos. Duas vezes ao dia, comia um pouco de pão com carne salgada, junto dos barqueiros, os quais, ao vê-lo triste, nunca lhe dirigiam a palavra. De noite, dormindo debaixo das cobertas, acordava às vezes, bruscamente, admirado com a luz limpidíssima da lua que embranquecia as águas imensas e as margens distantes: e aí seu coração se apertava.

– Córdoba! – ele repetia aquele nome – Córdoba! – como o nome de uma daquelas cidades misteriosas, das quais ouvira falar nas fábulas. Depois, pensava: “Mãe passou por aqui, viu estas ilhas, estas margens”, e então não lhe pareciam tão estranhos e solitários aqueles lugares em que o olhar de sua mãe tinha pousado... À noite, um dos barqueiros cantava. Aquela voz lhe fazia lembrar as canções da mãe, quando, ainda criança, o ninava. Na última noite, ao escutar aquele canto, soluçou. O barqueiro se interrompeu. Depois lhe gritou: “Ânimo, ánimo, figæu!^b Por todos os demônios! Um genovês que chora por estar longe de casa! Genoveses giram o mundo, gloriosos e triunfantes!”. Diante dessas palavras, ele se recompôs, sentiu a voz do sangue genovês, e levantou a cabeça com orgulho, batendo o punho no timão. “Bem, sim”, disse a si mesmo, “mesmo que eu tivesse de girar o mundo inteiro, viajar ainda centenas de quilômetros a pé, iria em frente, até encontrar minha mãe. Nem que chegasse moribundo e caísse morto a seu pés! Desde que volte a vê-la, uma vez mais. Coragem!” E com esse ímpeto chegou, ao despontar de uma rosada e fria manhã, diante da cidade de Rosário, situada na margem alta do Paraná, onde se espelhavam nas águas os mastros embandeirados de uma centena de navios de vários países.

Pouco depois do desembarque, subiu até a cidade, com sua bolsa na mão, para procurar um senhor argentino para quem seu ajudante da Boca enviara um cartão de visitas com algumas palavras de recomendação. Entrando em Rosário, lhe pareceu penetrar uma cidade já conhecida. Eram aquelas ruas intermináveis, retas, flanqueadas por casas baixas e brancas, atravessadas em todas as direções, acima dos telhados, por feixes de fios telegráficos e telefônicos, que pareciam teias de aranha gigantes; e um enorme atropelo de gente, cavalos, carruagens. A cabeça se confundia; quase acreditou estar entrando de novo em Buenos Aires e ter de procurar outra vez o primo. Circulou durante quase uma hora, indo e vindo, com a impressão de voltar sempre à mesma rua e, de tanto perguntar, encontrou a casa de seu novo ajudante. Tocou a campainha. Surgiu na porta um grandalhão louro, carrancudo, com cara de feitor e lhe perguntou com maus modos e pronúncia estrangeira:

– O que deseja?

O garoto disse o nome do patrão.

– O patrão – respondeu o feitor – viajou ontem à noite para Buenos Aires com toda a família.

O garoto ficou sem palavras.

Depois, gaguejou. – Mas eu... não tenho ninguém aqui! Estou sozinho! – e entregou o bilhete.

O feitor pegou, leu e disse com seu jeito grosso: “Não sei que fazer. Vou entregá-lo dentro de um mês, quando voltar”.

– Mas eu estou sozinho! Eu preciso! – exclamou o garoto, com voz de quem implora.

– Ei! Saia daqui – disse o outro –, como se já não houvesse número suficiente de sua laia em Rosário! Vá mendigar na Itália.

E lhe fechou o portão na cara.

O garoto ficou ali petrificado.

Depois, levantou devagar a bolsa e saiu, com o coração angustiado, com a cabeça confusa, assaltado de repente por mil pensamentos terríveis. O que fazer? Aonde ir? De Rosário para Córdoba era um dia de viagem de trem. Ele não tinha mais do que algumas liras. Tirando o que teria de gastar naquele dia, não lhe sobraria quase nada. Onde encontrar dinheiro para pagar a viagem? Podia trabalhar! Mas como, a quem pedir trabalho? Pedir esmolas! Ah!, não, ser rechaçado, insultado, humilhado como há pouco, não, nunca, nunca mais, antes morrer! E, diante dessa ideia, vendo pela frente a longuíssima rua que se perdia ao longe, na planície sem fim, sentiu fugir de novo a coragem, lançou a bolsa na calçada, sentou em cima com as costas no muro, e inclinou o rosto entre as mãos, sem chorar, numa atitude desolada.

As pessoas, ao passar, tropeçavam nos pés dele; as carruagens tomavam a rua com barulho; alguns garotos paravam para olhar. Ficou assim um tempo.

Até ser sacudido por uma voz que lhe disse entre italiano e lombardo: “O que foi, garotinho?”.

Ergueu os olhos diante daquelas palavras e logo pulou em pé, soltando uma exclamação de maravilha: “O senhor aqui!”.

Era o velho camponês lombardo com quem tinha feito amizade no navio.

A surpresa do camponês não foi menor que a dele. Porém, o garoto nem lhe deu tempo de interrogá-lo e contou rapidamente seus casos. “Agora, estou sem dinheiro; pois é, preciso trabalhar, me encontre um trabalho para eu poder juntar algumas liras. Faço de tudo: carrego coisas, varro ruas, posso executar várias tarefas, até trabalhar na roça; me contento de viver com pão seco, desde que possa partir logo, encontrar minha mãe, me faça esta caridade, trabalho, encontre algum trabalho para mim, senhor, pelo amor de Deus, não aguento mais!”

– Diacho! Diabos! – disse o camponês, olhando em volta e coçando o queixo. – Que história é essa?... Trabalhar... é fácil dizer. Vejamos. Será que não conseguimos juntar trinta liras entre tantos *patriotti*?

O garoto olhava para ele, confortado por um pingo de esperança.

– Venha comigo – disse o camponês.

– Aonde? – perguntou o garoto, pegando de novo a bolsa.

– Venha comigo.

O camponês se mexeu, Marco o seguiu, andaram juntos um bom pedaço, sem conversar. O camponês parou na porta de uma hospedaria que tinha uma tabuleta com uma estrela e a inscrição: “*La estrella de Italia*”. Enfiou a cara dentro e, virando-se para o garoto, disse alegremente: “Chegamos num bom momento”. Entraram num galpão, onde havia várias mesas e muitos homens sentados que bebiam, falando alto. O velho lombardo chegou perto da primeira mesa e, pelo modo como cumprimentou os seis fregueses que lá estavam, se entendia que estivera na companhia deles até pouco antes. Tinham a cara avermelhada e batiam copos, falando e rindo.

– Camaradas – foi direto o lombardo, ficando em pé e apresentando Marco – trago um jovem *patriotta*, que veio sozinho de Gênova para Buenos Aires, em busca da mãe. Em Buenos Aires lhe disseram: “Aqui não está, foi

para Córdoba”. Veio de barco para Rosário, três dias e três noites, com um bilhete de apresentação. Ao mostrar esse papel, lhe fazem uma desfeita. Não tem um centavo. Está sozinho feito um desesperado. É um *bagai* corajoso. Vejamos, não vai custar tanto a passagem para ir até Córdoba encontrar a mãe. Vamos abandoná-lo aqui feito um cão?

– De jeito nenhum! Que ninguém diga isso! – gritaram todos juntos, batendo o punho na mesa. – Um *patriotta*! Venha cá, menino. Nós estamos aqui, nós os imigrantes! Vejam que lindo garoto! Camaradas, abram os bolsos. Bravo! Veio sozinho! É mesmo atrevido! Bebe um gole, *patriotta*. Vamos mandá-lo até sua mãe, não se preocupe. – E um lhe dava um beliscão, outro, um tapa nas costas, um terceiro segurava sua bolsa. Outros imigrantes levantaram das mesas vizinhas para ouvir; a história do garoto circulou pela hospedaria. Do cômodo vizinho, vieram três fregueses argentinos: em menos de dez minutos, o lombardo que passava o chapéu contou quarenta liras. – Está vendo – disse então, virando-se para o garoto – como tudo se resolve rápido na América? Bebe! – gritou outro, dando-lhe um copo de vinho – à saúde de sua mãe! – Todos ergueram os copos. E Marco repetiu: – À saúde de minha mãe... – Porém, um soluço de alegria lhe fechou a garganta e, deixando o copo na mesa, abraçou o velho.

Na manhã seguinte, ao nascer do dia, já tinha partido para Córdoba, atrevido e risonho, cheio de bons pressentimentos. Porém, não existe alegria que resista muito diante de certos aspectos da natureza: o tempo estava cinzento; o trem, meio vazio, corria por uma planície imensa, sem sinal de casas. Ele estava sozinho num vagão comprido que parecia um daqueles de carregar feridos. Olhava à direita, olhava à esquerda e só via uma solidão sem fim, pontilhada por pequenas árvores disformes, troncos e ramos tortos, em posições jamais vistas, quase de ira e angústia. Uma vegetação escura, rarefeita e triste, dando à planície uma aparência de cemitério infinito. Cochilava meia hora, voltava a olhar; era sempre o mesmo espetáculo. As estações ferroviárias eram solitárias, casas de eremitas e, quando o trem parava, não se ouvia voz alguma; pensava estar sozinho num trem perdido, abandonado no meio do deserto. Tinha a

impressão de que cada estação devia ser a última e de que entraria em seguida nas terras misteriosas e assustadoras dos selvagens. Uma brisa gelada mordida o rosto dele. Ao embarcá-lo em Gênova, no final de abril, seus parentes não tinham pensado que, na América, ele encontraria o inverno e o vestiram com roupas de verão. Depois de algumas horas, começou a sentir frio e, com frio, o cansaço dos dias passados, cheios de emoções violentas e de noites sem dormir e atrapalhadas. Caiu no sono e depois de um bom tempo, acordou arrepiado: estava se sentindo mal. E aí foi tomado por um vago terror de ficar doente e de morrer na viagem, e de ser jogado no meio daquela planície desolada, onde seu cadáver seria dilacerado por cães e aves de rapina, como alguns corpos de cavalos e de vacas que via ao longo da estrada, e dos quais afastava o olhar, chateado. Nesse mal-estar inquieto, no meio daquele silêncio tétrico da natureza, sua imaginação se excitava e ficava sombria. Tinha mesmo certeza de que encontraria a mãe em Córdoba? E se não tivesse ido para lá? E se aquele senhor da rua de las Artes estivesse enganado? E se tivesse morrido? Com tais pensamentos voltou a dormir, sonhou estar em Córdoba de noite, ouvindo gritar de todas as portas e janelas: “Não está! Não está! Não está!”. Acordou sobressaltado, horrorizado, e viu no fundo do vagão três homens barbudos, com ponchos de várias cores, que olhavam para ele, falando baixo e lhe bateu a suspeita de que fossem assassinos desejando acabar com ele, para lhe roubar a bolsa. Ao frio, ao mal-estar, somou-se o medo. O delírio perturbador escapou do controle. Os três homens não paravam de olhar para ele e um deles andou em sua direção. Então, ele se descontrolou e correndo ao encontro deles de braços abertos, gritou: “Não tenho nada. Sou um garoto pobre. Venho da Itália, vim procurar minha mãe, estou sozinho; não me façam mal!”. Eles entenderam logo, tiveram pena, cumprimentaram-no e o tranquilizaram, dizendo-lhe muitas palavras que não entendia. E, vendo que trincava os dentes de frio, puseram sobre ele um de seus ponchos e o acomodaram para dormir. E adormeceu ao anoitecer. Quando o acordaram, estavam em Córdoba.

Ah! Respirou fundo e, num ímpeto, pulou fora do vagão muito animado! Perguntou a um empregado da estação onde era a casa do engenheiro Mequinez; ouviu o nome de uma igreja e a casa ficaria ao lado. O garoto saiu em disparada. Era noite. Entrou na cidade. E teve a sensação de entrar em Rosário pela segunda vez, ao ver as ruas retas, flanqueadas por outras ruas retilíneas e compridas. Havia pouca gente e, na claridade de raros lampiões, encontrava caras estranhas, de uma cor desconhecida, entre preto e esverdeado. Levantando o olhar de vez em quando, via igrejas com arquiteturas bizarras, desenhando-se enormes e negras contra o firmamento. A cidade estava escura e silenciosa. Porém, após ter atravessado aquele imenso deserto, parecia alegre. Interpelou um padre, logo encontrou a igreja com a casa ao lado, tocou a campainha com a mão trêmula e, com a outra, pressionou o peito para diminuir as batidas do coração, que dava pulos.

Uma velha veio abrir, com uma luz na mão.

O garoto não conseguiu falar. “O que deseja?”, perguntou a mulher, em espanhol.

– O engenheiro Mequinez – disse Marco.

A velha cruzou os braços no peito e respondeu, sacudindo a cabeça:

– Você também veio atrás do engenheiro Mequinez! É hora de acabar com isso; já são três meses de insistência. Não basta ter saído nos jornais, será preciso divulgar pelas esquinas que o senhor Mequinez mudou para Tucumán!

O garoto fez um gesto de desespero. E ficou furioso. “Então é uma maldição ou, quem sabe, vou morrer nas ruas, procurando minha mãe. Vou acabar doido ou então me mato! Meu Deus! Como é nome do lugar? A que distância fica daqui?”

– Coitado! – respondeu a velha –, um pulinho: setecentos ou oitocentos quilômetros, no mínimo.

O garoto cobriu o rosto com as mãos: “E agora... que fazer?”.

– Que posso dizer, pobre filho – respondeu a mulher –, não sei.

Mas logo teve uma ideia e acrescentou:

– Pensando bem; faça o seguinte. Vire à direita, na terceira porta, vai encontrar um pátio; ali mora um *capataz*, um comerciante, que viaja amanhã cedo para Tucumán com suas *carretas* e seus bois. Verifique se pode levar você, em troca de algum serviço. Talvez lhe dê um lugar num dos carros; vá rápido.

O garoto pegou a bolsa, agradeceu e, dois minutos depois, estava num vasto pátio clareado por lanternas, onde vários homens trabalhavam, carregando sacos de trigo em carros enormes, parecidos com casas de saltimbancos, com coberturas redondas e rodas altíssimas. E um homem alto e bigodudo, envolto numa espécie de manto xadrez branco e preto, com botas grandes, dirigia as atividades. O menino se aproximou e fez timidamente um pedido, pois vinha da Itália em busca da mãe.

O *capataz*, que significa chefe (o condutor daquela caravana), deu uma olhada dos pés à cabeça e respondeu secamente: “Não tenho lugar”.

– Tenho quinze liras – respondeu o garoto, suplicante. – Eu lhe dou o dinheiro e posso trabalhar durante a viagem. Vou buscar água e capim para os animais, posso fazer qualquer serviço. Um pouco de pão me basta. Arranje um lugar para mim, senhor!

O *capataz* tornou a fitá-lo: “Não há lugar e ademais... não vamos a Tucumán, vamos a Santiago del Estero. Em certo ponto, teríamos de deixá-lo, e você teria ainda um bom pedaço a pé”.

– Andaria até o dobro! – exclamou Marco. – Posso andar, isso não é problema; chegarei de qualquer jeito. Por caridade, me arranje um lugar, não me deixe aqui sozinho!

– É uma viagem de vinte dias.

– Não importa.

– É uma viagem dura!

– Aguento tudo!

– Terá de viajar sozinho!

– Não tenho medo de nada. Desde que encontre minha mãe. Tenha compaixão!

O capataz encostou uma lanterna no rosto dele e observou-o. Depois disse: “Está bem”.

O garoto lhe beijou a mão.

– Esta noite, você vai dormir num dos carros – acrescentou o capataz. – Amanhã, às quatro da madrugada, vou acordá-lo. *Buenas noches*.

Às quatro da madrugada, à luz das estrelas, a longa fila de carros se pôs em marcha, fazendo barulho: cada carro puxado por seis bois, todos seguidos por um grande número de animais para troca. O garoto, acomodado dentro de um dos carros, em cima de sacos, logo voltou a dormir, profundamente. Quando acordou, o comboio estava parado num lugar solitário, debaixo do sol, e todos os homens, os *peones*, sentados em volta de um pedaço de vitela que cozinhava ao ar livre, enfiado numa espécie de espetão plantado no chão, ao lado de uma fogueira agitada pelo vento. Comeram todos juntos, dormiram e voltaram a partir. E assim a viagem continuou, no ritmo de uma marcha de soldados. Toda manhã se punham a caminho às cinco, paravam às nove, repartiam às cinco da tarde, tornavam a parar às dez. Os *peones* andavam a cavalo e estimulavam os bois com varas compridas. O garoto acendia o fogo para o assado, dava de comer aos animais, limpava lanternas, carregava água de beber. Aquela terra lhe passava pela frente como uma visão indistinta: bosques vastos com pequenas árvores escuras, aldeias com casas esparsas, fachadas vermelhas e recortadas; espaços vastíssimos, talvez antigos leitos de grandes lagos salgados, esbranquiçados de sal até onde a vista alcançava. E, por todos os quadrantes, planície, solidão, silêncio. De vez em quando encontravam dois ou três viajantes a cavalo, seguidos por um bando de cavalos soltos, que passavam a galope, feito um redemoinho. Os dias eram todos iguais, como no mar: tediosos e intermináveis. Pelo menos, o tempo estava firme. Todavia, os *peones*, como se o garoto fosse um criado, ficavam cada dia mais exigentes; alguns o tratavam com brutalidade, ameaçavam-no. Todos se faziam servir sem escrúpulos; obrigavam-no a carregar enormes fardos de forragem; mandavam-no buscar água a grande distância. E ele, morto de cansaço, nem

podia dormir de noite, sacudido violentamente pelos solavancos bruscos dos carros de boi e pelo arranhar estridente das rodas e de seus eixos de madeira. Para completar, quando ventava, uma terra fina, avermelhada e gordurosa, que tudo envolvia, penetrava no carro, entrava debaixo das roupas, enchia os olhos e a boca, o impedia de ver e respirar, sem parar, opressivo, insuportável. Exausto pelas canseiras e pela insônia, esfarrapado e sujo, emporcalhado e maltratado de manhã até a noite, o garoto ficava cada vez mais abatido e teria perdido o ânimo se o *capataz*, de tempos em tempos, não lhe dirigisse uma boa palavra. Com frequência, num canto do carro, escondido, chorava com o rosto apoiado na bolsa, que só guardava trapos. Todas as manhãs, se levantava mais fraco e sem forças e, olhando os campos, vendo sempre aquela planície sem limites e implacável, um oceano de terra, dizia para si: “Oh! Não vou resistir até hoje à noite, não vou conseguir chegar! Ainda hoje morro pelo caminho!”. E o cansaço aumentava, os maus-tratos se multiplicavam. Certa manhã, porque tinha demorado com a água, na ausência do *capataz*, um dos homens bateu nele. E daí passaram a fazê-lo por hábito; quando lhe davam uma ordem, davam-lhe sopapos, dizendo: “Tome este, vagabundo!”, “Leve este para sua mãe!”. Sentia o coração explodir, ficou doente, passou três dias no carro, com uma coberta por cima, tremendo de febre, sem ver ninguém, exceto o *capataz*, que lhe dava de beber e lhe tocava o pulso. E aí se acreditou perdido, invocando a mãe desesperadamente, chamando-a cem vezes pelo nome: “Oh, minha mãe! Mamãe! Me ajude! Apareça, pois estou morrendo! Querida mãe, que nunca mais verei! Pobre mãe, que vai me encontrar morto pelo caminho!”. E juntava as mãos no peito e rezava. Afinal, melhorou, graças aos cuidados do *capataz*. Mas a recuperação da saúde trouxe o dia mais terrível da viagem, aquele em que teria de ficar sozinho. Viajavam havia mais de duas semanas. Quando chegaram ao ponto em que a estrada de Tucumán se afasta daquela que vai para Santiago del Estero, o *capataz* anunciou que teriam de se separar. Deu-lhe umas indicações quanto ao caminho, amarrou-lhe a bolsa nas costas, para não incomodá-lo ao caminhar e, de um modo seco, talvez com receio de se comover, despediu-se dele. O garoto só teve tempo de lhe beijar um braço. Até os outros homens, que o tinham

tratado tão duramente, parecem ter sentido um pouco de piedade ao vê-lo ficar tão sozinho e deram adeus, afastando-se. E ele retribuiu o aceno com a mão, ficou olhando o comboio até que se perdesse na poeira vermelha dos campos, depois seguiu seu rumo, triste.

Desde o princípio, uma coisa o reconfortou. Após tantos dias de viagem através daquela planície interminável e sempre igual, ele via pela frente uma cadeia de montanhas altíssimas, azuis, com picos brancos, que lhe faziam lembrar os Alpes e lhe provocavam uma espécie de aproximação com sua terra. Eram os Andes, a espinha dorsal do continente americano, uma cadeia imensa que se estende da Terra do Fogo até o mar glacial do polo Ártico a cento e dez graus de latitude. E também o confortava sentir que o ar ia ficando cada vez mais quente; e isso acontecia porque, em direção ao norte, começava a se aproximar das regiões tropicais. Pelo longo caminho, achava pequenos grupos de casas, com uma vendinha, e comprava alguma coisa para comer. Encontrava homens a cavalo; às vezes, via mulheres e garotos sentados no chão, imóveis e sérios, rostos completamente novos para ele, cor de terra, de olhos vesgos, com ossos salientes nas bochechas; e que o fixavam, seguindo-o com os olhos, virando a cabeça devagar, feito máquinas. Por vezes, era tomado de compaixão por si mesmo e chorava em silêncio, ao caminhar. Depois, pensava: “Oh, como sofreria minha mãe, se soubesse que tenho medo!”, e tal pensamento lhe dava coragem. Depois, para afugentar o medo, lembrava tantas coisas dela, trazia suas palavras à mente, antes de partir de Gênova, e o modo pelo qual ajeitava os cobertores debaixo de seu queixo, quando estava na cama, e como, às vezes, quando era criança, o pegava no colo, dizendo: “Fique um pouco comigo”, e assim permanecia muito tempo, com a cabeça apoiada na sua, pensando, pensando. E repetia para si mesmo: “Será que vou revê-la, algum dia, mamãe querida? Chegarei ao fim desta viagem, mãe?”. E caminhava, caminhava, no meio de árvores desconhecidas, e de vastas plantações de cana, nas pradarias sem fim, sempre com aquelas grandes montanhas azuis pela frente, que recortavam o céu sereno com seus picos altíssimos. Passaram-se quatro dias – cinco – uma semana. Suas forças diminuía

rápido, os pés sangravam. Enfim, certa tarde, ao cair do sol, lhe disseram: “Tucumán fica a oito quilômetros daqui”. Deu um grito de alegria e apressou o passo, como se tivesse readquirido num instante todo o vigor perdido. Mas foi uma breve ilusão. As forças o abandonaram de repente e caiu na beira de uma fossa, acabado. Porém, seu coração batia contente. O céu, cheio de estrelas esplêndidas, nunca lhe parecera tão lindo. Ele as contemplava, acomodado no capim para dormir, e pensava que, talvez naquele instante, sua mãe o observasse. E dizia: “Minha mãe, por onde anda? O que está fazendo agora? Está pensando no seu filho, está pensando em Marco, que está tão perto de você?”.

Pobre Marco, caso pudesse ver em que estado se encontrava sua mãe, teria feito um esforço sobre-humano para seguir andando e chegar junto dela algumas horas antes. Estava doente, de cama, num quarto térreo de uma casa senhorial, onde residia toda a família Mequinez, que gostava dela e lhe dava grande assistência. A mulher já andava meio doente quando o engenheiro Mequinez teve de partir de maneira imprevista de Buenos Aires e não se recuperara com o bom clima de Córdoba. Ademais, a falta de resposta das cartas para o marido e para o primo, o pressentimento sempre vivo de alguma desgraça, a ansiedade contínua em que vivera, indecisa entre partir e ficar, esperando uma notícia funesta a cada dia, fizeram que piorasse muito. Por fim, surgiu uma doença gravíssima, uma hérnia intestinal supurada. Há quinze dias não se levantava; era preciso uma cirurgia para salvá-la. E, naquele momento, enquanto Marco a invocava, estavam ao lado de sua cama os patrões, argumentando delicadamente para que se deixasse operar, mas ela continuava se negando, aos prantos. Um excelente médico de Tucumán viera na semana anterior, em vão. “Não, caros senhores”, dizia ela, “não vale a pena: não tenho mais forças para resistir, morreria sob os instrumentos do cirurgião. É melhor que me deixem morrer assim. Já não ligo para esta vida. Tudo está acabado para mim; é melhor que morra antes de saber o que aconteceu com minha família.” E os patrões dizendo que não, que tomasse coragem, que, das últimas cartas, mandadas diretamente para Gênova, receberia resposta, que fizesse a operação, que fizesse isso pelos

filhos. Porém, pensar nos filhos só fazia agravar com angústia o desânimo profundo que a derrubava fazia algum tempo. Aquelas palavras traziam mais choro: “Meus filhos! Meus filhos!”, repetia, juntando as mãos. “Quem sabe se estão vivos? Melhor que eu morra também. Agradeço muito aos senhores, tão generosos, de coração. Mas é melhor que eu morra; não vou ficar boa nem com a operação, tenho certeza. Obrigada por tantos cuidados, meus senhores. É inútil que o médico volte amanhã. Quero morrer. Meu destino é morrer aqui. Está decidido.” E eles seguiam consolando-a, repetindo: “Não, não diga isso”. E pegavam na mão dela e lhe imploravam. Em resposta, fechava os olhos, acabada, e caía num torpor, como se estivesse morta. E os patrões ficavam ali mais um pouco, com a luz fraca da vela, olhando com piedade aquela mãe admirável que, para salvar a família, tinha vindo morrer a dez mil quilômetros de sua pátria, morrer depois de sofrer tanto, pobre mulher, tão honesta, tão boa, tão desventurada.

No dia seguinte, de manhã cedo, bolsa nas costas, curvado e manco, mas cheio de ânimo, Marco entrava em Tucumán, uma das mais jovens e florescentes cidades argentinas. Pareceu-lhe rever Córdoba, Rosário, Buenos Aires: sempre as mesmas ruas retas e compridas, com casas baixas e brancas. Novidade, uma vegetação magnífica, um ar perfumado, uma luz maravilhosa, com céu límpido e profundo, nunca antes vistos. Seguindo em frente, reencontrou a agitação febril que tomara conta dele em Buenos Aires. Observava as janelas e as portas das casas, mulheres passando, com a esperança de encontrar a mãe; gostaria de interrogar todos e não se atrevia a parar ninguém. Todos, das portas, se viravam para olhar aquele jovem esfarrapado e sujo, que evidentemente vinha de tão longe. E ele procurava entre as pessoas um rosto que inspirasse confiança para lhe dirigir aquela pergunta tremenda, quando viu uma tabuleta escrita em italiano. Dentro da loja, havia um homem de óculos e duas mulheres. Aproximou-se devagar da porta e, tomando coragem, perguntou: “Saberiam me dizer onde mora a família Mequinez?”.

– Do ingeniero Mequinez? – retrucou o comerciante.

– Do engenheiro Mequinez – respondeu o garoto, com um fio de voz.

– A família Mequinez – disse o lojista – não está em Tucumán.

Um grito de dor, desesperado, como se uma pessoa fosse apunhalada, fez eco àquela pergunta.

O comerciante e as mulheres se levantaram, vizinhos acorreram: “Qual é o problema, garoto?”, perguntou o homem, puxando-o para dentro e fazendo com que se sentasse. Não há motivo para desespero, os Mequinez estão perto, a poucas horas de Tucumán!

– Onde? – gritou Marco, pulando como se fosse um ressuscitado.

– A vinte e cinco quilômetros daqui – continuou o homem – na beira do rio Saladillo, onde estão construindo uma grande fábrica de açúcar, numa vila, ali mora o senhor Mequinez, todos sabem, você chega lá em poucas horas.

– Estive lá faz um mês – disse um jovem, atraído pelo grito.

Marco olhou para ele ansioso e lhe perguntou, empalidecendo:

– Viu por lá a empregada do senhor Mequinez, a italiana?

– A *jenovesa*? Sim, vi.

Marco irrompeu num soluçar convulso, entre o riso e o pranto.

E, num ímpeto decidido, “Como se vai para lá? Por favor, vou já, me mostrem o caminho!”.

– Mas é um dia de caminhada – disseram todos em coro –, você está cansado, deve repousar, viaje amanhã cedo.

– De jeito nenhum! – respondeu. – Digam-me por onde seguir, não espero nem um minuto mais, vou agora, nem que morra pelo caminho!

Como teimava tanto, não se opuseram mais, “Deus o acompanhe!”, disseram. “Siga o caminho da floresta. Boa viagem, *italianito*!” Um homem o acompanhou até fora da cidade, indicou-lhe o caminho, deu-lhe alguns conselhos e ficou olhando enquanto partia. Em poucos minutos, o garoto sumiu, mancando, com sua bolsa nas costas, além das árvores densas que bordejavam a estrada.

Aquela noite foi difícil para a doente. Sentia dores atrozes, que lhe arrancavam urros animalescos e lhe provocavam delírios. As mulheres que cuidavam dela perdiam a cabeça. A patroa aparecia de vez em quando, atormentada. Começaram a temer que, mesmo que se deixasse operar, o médico que viria na manhã seguinte chegaria muito tarde. Porém, nos momentos em que não delirava, se percebia que o maior tormento não eram as dores do corpo, e sim a lembrança da família distante. Cansada, derrotada, com o rosto disforme, punha as mãos no cabelo, num gesto desesperado e gritava: “Meu Deus! Morrer tão longe, morrer sem tornar a vê-los! Meus filhos, que vão ficar sem mãe, minhas criaturas, sangue do meu sangue! Meu Marco, tão pequeno, deste tamanho, tão bom e afetuoso! Vocês não imaginam o garoto que é! Senhora, se soubesse, não conseguia arrancá-lo do pescoço, ele soluçava sem parar, parecia adivinhar que nunca mais me veria, coitado, querido Marco! Se eu tivesse morrido, então, enquanto se despedia de mim, se tivesse morrido fulminada! Sem mãe, coitado, ele que tanto me amava, que tanto precisava de mim, sem mãe, na miséria, terá de mendigar, meu Marco, de estender a mão, esfomeado! Deus eterno! Não! Não quero morrer! O médico! Chamem rápido o doutor! Venha, me corte, me arranque o peito, me enlouqueça, mas me salve a vida! Quero ficar boa, viver, partir, fugir, amanhã, agora! O médico! Socorro! Socorro!”. E as mulheres lhe seguravam as mãos, rezando, faziam com que se acalmasse, falavam de Deus e de esperança. Aí, ela caía num abatimento mortal, chorando, mãos nos cabelos, gemendo feito uma menina, lançando um lamento prolongado e murmurando, com intervalos: “Minha Gênova, Minha casa! Aquele mar imenso... Marco, querido: onde estará você, minha cria?”.

Era meia-noite, e o seu pobre Marco, depois de passar várias horas na beira de uma vala, exausto, caminhava agora por uma densa floresta de árvores gigantescas, monstros da natureza, parecendo pilastras de catedral que entrelaçavam a uma altura maravilhosa suas enormes copas prateadas sob a lua. Por vezes, naquela semiescuridão, ele via miríades de troncos de todas as formas, retos, inclinados, tortos, cruzados em estranhas posições de ameaça e de luta; alguns, derrubados feito torres caídas, com um só golpe

e cobertos por uma vegetação confusa, como uma multidão furiosa que disputa os troncos palmo a palmo; outros, reunidos em grandes grupos na vertical e serrados como feixes de lanças titânicas, cuja ponta tocava as nuvens: uma grandeza soberba, uma desordem prodigiosa de formas colossais, o espetáculo mais majestosamente terrível que já lhe oferecera a natureza. Em determinados momentos, era tomado por grande estupor. Porém, sua alma se reanimava pela mãe. E, esgotado, pés sangrando, sozinho no meio daquela floresta assustadora, via casas de tempos em tempos, que pareciam formigueiros perto daquelas árvores. E via também búfalos dormindo ao longo da estrada. Estava esgotado, mas parecia não sentir o cansaço; estava sozinho, mas não tinha medo. A grandeza da floresta engrandecia sua alma. A proximidade da mãe lhe dava a força e a ousadia de um adulto; a lembrança do oceano, dos sustos, das dores enfrentadas e vencidas, das fadigas duradouras, da férrea constância, lhe faziam levantar a cabeça. Todo o seu sangue genovês, forte e nobre, lhe refluiu até o coração, numa onda ardente de orgulho e audácia. E uma coisa nova persistia: a imagem até então obscura e fraca da mãe, pelos dois anos de ausência, ia se clareando; ele revia seu rosto íntegro e nítido, como havia muito não acontecia, parecia próximo, iluminado, falante; ele revia os mais vagos movimentos de seus olhos e lábios, todas as suas atitudes, todos os seus gestos, todas as sombras de seus pensamentos. E, empurrado por tais lembranças, apressava o passo. E um novo afeto, uma ternura indescritível crescia nele, no coração, trazendo lágrimas calmas. E prosseguia nas trevas, falava com ela, dizia palavras que murmuraria nos ouvidos dela dentro em pouco: “Mamãe, aqui estou, não vou mais deixar você, voltaremos juntos para casa, vou ficar ao seu lado no navio, pertinho de você, e ninguém vai nos separar mais”. E nem percebia que, nas copas das árvores gigantes, ia morrendo a luz argentina da lua na brancura delicada da aurora.

Às oito da manhã, o médico de Tucumán – um jovem argentino – já estava junto da doente, na companhia de um assistente, tentando pela última vez persuadi-la a se deixar operar; e reforçavam seus pedidos o engenheiro e a esposa. Tudo inútil; sentido-se exausta, não acreditava mais na operação.

Ela estava certa de morrer durante a cirurgia ou poucas horas depois, e sofreria em vão dores ainda mais atrozes do que as de agora. O médico repetia: “A operação é segura, a salvação é certa, basta um pouco de coragem. E a morte também será certa, caso se recuse!”. Eram palavras desperdiçadas. “Não”, respondia com voz fraca, “tenho coragem para morrer, só não aguento mais sofrer inutilmente. Obrigada, senhor doutor. Este é meu destino.” O médico, desanimado, desistiu. Ninguém mais falou. Aí, a mulher virou o rosto para a patroa e, com voz de moribunda, fez seus últimos pedidos. “Cara senhora”, disse soluçando, com esforço, “mande minhas poucas economias e roupas para minha família... pelo consulado. Espero que estejam todos vivos. O coração me tranquiliza nestes derradeiros momentos. Por favor, escreva... que sempre pensei neles, sempre trabalhei para eles... para os meninos... e que minha dor foi não tornar a vê-los... mas morro resignada... abençoando a todos; e entrego a meu marido... e ao filho mais velho... e ao meu pequeno Marco... que ficou em meu coração até o último instante...” Exaltando-se, gritou de mãos juntas: “Marco! Meu filho! Minha vida!...”. Virando os olhos cheios d’água viu que a patroa tinha ido embora; fora chamada furtivamente. O patrão também desaparecera; restavam as enfermeiras e o assistente. Ouvia-se no quarto vizinho um barulho apressado de passos, murmúrio de vozes e exclamações contidas. A enferma firmou os olhos na porta, esperando. Após alguns minutos, apareceu o médico, com uma cara estranha. E também os patrões, com cara diferente. Os três olharam para ela de maneira singular e trocaram algumas palavras em voz baixa. Pareceu-lhe que o médico dizia: “Melhor já”. A doente não entendia.

– Iosefa – disse a senhora Mequinez com voz trêmula –, tenho uma boa notícia para lhe dar. Prepare o coração.

A mulher olhou atentamente.

– Uma notícia – continuou a senhora, cada vez mais agitada – que lhe dará grande alegria.

A doente arregalou os olhos.

– Prepare-se – prosseguiu a patroa – para ver uma pessoa... por quem você sente um bem enorme.

A mulher sacudia a cabeça de modo vigoroso, olhando ora a mulher, ora a porta, com olhos brilhantes.

– Uma pessoa – acrescentou a patroa, pálida – que acabou de chegar... inesperadamente.

– Quem é? – perguntou com voz estridente, semelhante à de alguém assustado.

Um instante depois lançou um grito altíssimo, sentando na cama, e ficou imóvel, olhos arregalados e mãos nas têmporas, como diante de uma aparição sobre-humana.

Marco, esfarrapado e sujo, estava parado no umbral, acompanhado pelo médico.

A mulher berrou três vezes: “Deus! Deus! Meu Deus!”.

Marco deu um salto, ela abriu os braços descarnados e, apertando-o contra o peito com a força de uma tigresa, perdeu o controle num riso violento, vindo de profundos soluços sem lágrimas, que fizeram com que recaísse sufocada no travesseiro.

Recuperou-se e gritou louca de alegria, beijando-o sem parar: “Como veio parar aqui? Por quê? É você mesmo? Como cresceu! Quem trouxe você? É você, Marco? Não é um sonho? Deus meu! Diga alguma coisa!”. Depois, mudou de tom de repente: “Não! Não fale! Espere!”. E, virando-se para o médico: “Rápido, doutor. Quero ficar boa. Estou pronta. Não perca um minuto. Tirem Marco daqui. Não é nada, filho. Depois você me conta. Mais um beijo. Aqui estou, doutor”.

Marco foi levado embora. Os patrões e as mulheres saíram, o cirurgião e o assistente fecharam a porta.

Mequinez tentou levar Marco para um cômodo distante; impossível, ele parecia pregado no chão.

– O que é? – perguntou. – O que tem minha mãe? O que vão fazer com ela?

Então, Mequinez, devagar, tentando tirá-lo dali:

– Ouça, sua mãe está doente, precisa de uma pequena operação, vou explicar tudo, venha comigo.

– Não – respondeu o garoto, teimando. – Vou ficar aqui; me explique aqui.

O engenheiro media as palavras, puxando-o; o garoto começava a se assustar e a tremer.

De repente, um grito agudíssimo, como o grito de um ferido de morte, ressoou pela casa inteira.

O garoto respondeu com outro grito desesperado: “Minha mãe morreu!”.

O médico apareceu na porta e anunciou: “Sua mãe está salva”.

O garoto olhou para ele um instante e se lançou aos seus pés, soluçando: “Obrigado, doutor!”.

Mas o médico levantou-o com um gesto decidido: “Foi você, jovem herói, quem salvou sua mãe”.

Verão

24, quarta-feira

Marco, o genovês, é o penúltimo pequeno herói que conheceremos neste ano; só falta um mês para chegar junho. Haverá apenas mais duas provas mensais, vinte e seis dias de aula, seis quintas-feiras e cinco domingos. Já se começa a sentir o clima de final de ano escolar: as árvores do jardim, frondosas e floridas fazem uma bela sombra nos aparelhos de ginástica. Os estudantes já usam roupas de verão. Agora, é uma delícia ver a saída das turmas, como tudo é diferente dos meses anteriores. As cabeleiras até a nuca caíram: as cabeças estão raspadas e os pescoços nus; chapeuzinhos de palha de vários modelos, com fitas que chegam à coluna dorsal; camisas e gravatinhas de todas as cores; os pequenos usando alguma coisa em vermelho ou azul: um mostrador de relógio, uma bainha, um pompom, nem que seja um simples pedacinho de pano colorido pregado pela mamãe, para fazer boa figura, incluindo os mais pobres; e muitos vão à escola sem chapéu, como fugidos de casa. Alguns vestem o uniforme branco da ginástica. Um aluno da professora Delcati usa vermelho da cabeça aos pés, feito um camarão cozido. Muitos aparecem vestidos de marinheiro. O mais lindo é o Tijolinho, que pôs um chapelão de palha, parece um abajur, e é uma risada só, quando faz caretas sob o chapéu. Também Coretti trocou seu boné de pelo de gato e usa um velho boné de viajante, de seda cinza. Votini apareceu com uma espécie de roupa à escocesa, todo elegante; Crossi exhibe o peito nu; Precossi dança dentro de um avental azul-turquesa de ferreiro. E Garoffi? Agora que teve de tirar o capote que ocultava o seu comércio, deixa à mostra os bolsos cheios de todo tipo de bugigangas de camelô, e também listas de loteria. Agora, todos mostram aquilo que carregam: leques feitos com retalhos, gomos de cana, flechas para atirar nas aves, pedaços de grama, besouros que saem dos bolsos e vão se arrastando pelas jaquetas.

Muitos levam maços de flores para as professoras. Elas também estão vestidas para o verão, com cores alegres, exceto a “freirinha”, sempre de preto. E a professorinha da pluma vermelha continua com a pluma vermelha e tem agora alguns laços rosados no pescoço, todos amassados pelas patinhas dos alunos, que a fazem sempre rir e correr. É a estação das cerejas, das borboletas, das músicas pelas alamedas e dos passeios no campo. Vários alunos da quarta série fogem para tomar banho no Pó; todos já estão com o coração nas férias; todo dia saem da escola mais impacientes e contentes que no dia anterior. Só tenho pena de ver Garrone de luto e minha professora da primeira série, cada vez mais desanimada e branca, tossindo sempre mais forte. Agora, caminha encurvada e me cumprimenta tão triste!

Poesia

26, sexta-feira

Você começa a compreender a poesia da escola, Enrico. Contudo, por enquanto, ainda não vê a escola por dentro; ela vai lhe parecer mais bonita e poética dentro de trinta anos, quando você vier trazer seus próprios filhos e vai vê-la de fora como a vejo agora. Esperando a sua saída, ando pelas ruas silenciosas, em volta do edifício, e presto atenção nas janelas do térreo, fechadas com persianas. De uma janela, ouço a voz de uma professora dizendo: “Ah! Este corte do tê, assim não pode, meu filho! O que diria seu pai?...”. Na janela vizinha, é a voz grossa de um professor que dita lentamente: “Comprou cinquenta metros de tecido... por quatro liras e cinquenta o metro... revendeu por...”. Mais adiante, é a professorinha da pluma vermelha que lê em voz alta: “Aí, Pietro Micca com a mecha acesa...”.^{34} Da sala vizinha, vem uma espécie de chilrear de uma centena de pássaros, o que significa que o professor saiu da sala um instante. Vou em frente e, ao virar a esquina, escuto um estudante chorando e a voz da professora que o repreende e consola. De outras janelas, ecoam versos, nomes de homens importantes e bons, trechos de frases que recomendam virtude, amor pela pátria, coragem. Seguem-se momentos de silêncio, em que se diria que o edifício está vazio, e não parece possível que dentro estejam setecentos garotos. Depois, ouvem-se explosões de hilaridade, provocadas pela brincadeira de um professor bem-humorado... E, quem passa, se detém para ouvir, e todos dirigem um olhar de simpatia para aquele edifício generoso, que guarda tanta juventude e tantas esperanças. Em seguida, é um estrépito surdo que se ouve, um bater de livros e pastas, um atropelo de pés, um rumor que se propaga de turma para turma e de baixo para cima, como na difusão imprevista de uma notícia: o bedel anuncia o final das aulas. E, diante desse barulho, uma multidão de mulheres, homens, moças e jovens se comprimem dos dois lados da porta, esperando filhos, irmãos, sobrinhos e netos, enquanto das portas das salas pulam fora, como jorrando no salão, os meninos menores, pegando casacos e chapéus, fazendo uma confusão e saltitando em volta, até que o bedel ponha um por um para dentro outra vez. E finalmente saem, em longas

filas, batendo os pés. Então, de todos os parentes, começa a chuva de perguntas: “Você conseguiu fazer a lição?”, “Tem muita tarefa para casa?”, “Qual é o exercício para amanhã?”, “Quando vai ser a prova mensal?”. Até mesmo as mães que não sabem ler abrem os cadernos, verificam os problemas, perguntam pelas notas: “Somente oito?”, “Dez com louvor?”, “Nove nesta lição?”. E se inquietam e se alegram e interrogam os professores, falam de programas e de provas. Como é lindo tudo isso, como é grandioso, e que imensa promessa significa para o mundo!

Seu pai

A surda-muda

28, domingo

O mês de maio não podia acabar melhor do que com a visita desta manhã. Ouvimos uma campainha insistente, corremos todos. Escutamos meu pai dizendo em tom maravilhado: “Qual Giorgio?”. Era Giorgio, nosso jardineiro de Chieri, que está morando com a família em Condove, recém-chegado de Gênova, onde desembarcara no dia anterior, de retorno da Grécia, após três anos de trabalho nas ferrovias. Trazia um grande embrulho nos braços. Está meio envelhecido, mas conserva o rosto vermelho e jovial.

Papai queria que ele entrasse, respondeu que não e logo perguntou, com expressão séria: “Como vai minha família? Como anda Gigia?”.

– Bem, até poucos dias, bem – respondeu minha mãe.

Giorgio deu um grande suspiro: “Oh! Deus seja louvado! Não tinha coragem de aparecer no instituto de surdos-mudos sem ter notícias dela. Deixo aqui o pacote e vou buscá-la. Faz três anos que não vejo minha filha! Três anos sem ver nenhum dos meus!

Meu pai disse: “Acompanhe-o”.

– Mais uma palavra, desculpe – disse o jardineiro do patamar.

Mas meu pai o interrompeu: “E os negócios?”

– Bem – respondeu –, graças a Deus. Algum dinheiro consegui trazer. Queria perguntar como vai a educação da mudinha, me conte um pouco. Quando a deixei, era um pobre animal, coitada. Acontece que acredito pouco nesses colégios. Aprendeu a escrever? Minha mulher me escrevia: “Ela está aprendendo a falar, faz progressos”. Porém, eu respondia, de que vale aprender a falar se eu não sei fazer a língua de sinais? Como a gente vai se entender, pobre miúda? Aquilo é bom para falar entre eles, um desgraçado com outro. Como funciona, então? Como é?

Meu pai sorriu e respondeu: “Não lhe digo nada, vá ver. Vá correndo, não lhe roube nem mais um minuto”.

Saímos; o instituto fica perto. No caminho, a grandes passos, o jardineiro me contava, entristecendo. “Ah! Minha pobre Gigia! Nascer com essa desgraça! Nunca fui chamado de ‘pai’ por ela, ela nunca se ouviu chamar de ‘filha’ por mim, nunca pronunciou nem ouviu uma palavra no mundo! E graças a Deus que encontrou um senhor caridoso que assumiu as despesas do instituto. Mas mesmo assim... antes dos oito anos não pôde entrar. Faz três anos que está fora de casa. Agora, está para completar onze. Ela cresceu, me diga, cresceu? Tem bom humor?”

– Você já vai ver – repeti, apressando o passo.

– Mas onde fica esse instituto? – perguntou. – Minha mulher acompanhou a menina, quando eu já tinha viajado. Acho que é por estes lados.

Chegamos. Entramos direto na sala de reuniões. Um porteiro veio ao nosso encontro: “Sou o pai de Gigia Voggi”, disse o jardineiro. “Minha filha, rápido, rápido.” “Estão no recreio”, respondeu o porteiro, “vou avisar a professora.” E foi embora.

O jardineiro não podia mais falar nem ficar quieto; olhava os quadros nas paredes, sem ver nada.

A porta se abriu, entrou uma professora vestida de preto, trazendo uma menina pela mão.

Pai e filha se olharam um instante e depois se lançaram nos braços um do outro, dando um grito.

A garota estava vestida de xadrezinho branco e vermelho, com um avental cinza. É mais alta que eu. Chorava e mantinha o pai abraçado com toda a força.

O pai se soltou e se pôs a olhar para ela da cabeça aos pés, com lágrimas nos olhos, resfolegando como se tivesse corrido muito, e exclamou: “Ah! Como você cresceu! Que linda! Minha querida, minha pobre Gigia! Minha mudinha! A senhora é a professora? Diga a ela pra me fazer os sinais,

alguma coisa devo entender e irei aprendendo pouco a pouco. Diga a ela pra me dizer alguma coisa com gestos”.

A professora sorriu e disse em voz baixa para a garota: “Quem é este homem que veio ver você?”.

E a garota, com uma voz grossa, estranha, desafinada como a de um selvagem que falasse nossa língua pela primeira vez, mas pronunciando de modo claro e sorrindo, respondeu: “É-o-meu-pa-pai”.

O jardineiro deu um passo atrás e gritou, feito doido: “Fala! Como é possível! É possível, você está falando? Mas você fala, minha filha, é mesmo? Me diga, fala?”. E, de novo, abraçou-a e beijou-a na testa três vezes. “Mas não é com gestos que falam, senhora professora, não é com os dedos, assim? Que significa isto?”

– Não, senhor Voggi – respondeu a professora –, não é com gestos. Aquele era o método antigo. Aqui se ensina com o método novo, com o método oral. Como o senhor não sabia disso?

– Eu não sabia de nada! – respondeu o jardineiro, assombrado. – Fiquei fora três anos! Ou me escreveram e eu não entendi. Sou um cabeça oca. Minha filha, então você me entende? Escuta minha voz? Me responde, pode me ouvir? Está ouvindo o que digo?

– Não, bom homem – disse a professora –, a fala ela não ouve, porque é surda. Pelo movimento dos lábios ela entende quais são as palavras que o senhor diz; funciona assim, mas ela não escuta suas palavras nem aquelas que lhe diz. Pronuncia tudo porque lhe ensinamos, letra por letra, como deve posicionar os lábios e mover a língua, e como deve se esforçar com o peito e com a garganta para emitir a voz.

O jardineiro não compreendeu e ficou de boca aberta. Ainda não acreditava.

– Me diga, Gigia – perguntou à filha, falando no ouvido dela – está feliz porque seu pai voltou? E levantou o rosto, esperando a resposta.

A garota olhou para ele pensativa e nada disse.

O pai permaneceu perturbado.

A professora riu, depois disse:

– Bom homem, ela não responde porque não viu os movimentos de seus lábios; o senhor falou no ouvido dela! Repita a pergunta, mantendo o rosto firme diante dela.

O pai, olhando-a bem na cara, repetiu: “Está feliz que seu pai tenha voltado? Que não vai mais embora?”.

A garota, que havia prestado atenção em seus lábios, tentando inclusive ver dentro da boca, respondeu francamente: “Sim, es-tou contente, que voltou, que não vai embora... nunca mais”.

O pai abraçou-a num ímpeto e logo, acelerado, para ter certeza, encheu-a de perguntas.

– Como se chama sua mãe?

– An-tonia.

– Como se chama sua irmã caçula?

– A-de-laide.

– Como se chama este colégio?

– Dos sur-dos-mu-dos.

– Quanto é duas vezes dez?

– Vinte.

Enquanto pensávamos que risse de alegria, de repente, começou a chorar. Mas era também alegria.

– Ânimo – lhe disse a professora –, tem motivos para se alegrar, não para chorar. Está vendo que faz chorar sua filha. Então, o senhor está contente?

O jardineiro agarrou a mão da professora e beijou-a duas ou três vezes, dizendo: “Obrigado, obrigado, cem vezes obrigado, mil vezes obrigado, cara senhora professora! E me desculpe se não sei dizer outra coisa!”.

– E não só fala – informou a professora –, sua filha sabe escrever. Sabe fazer contas. Conhece o nome de todos os objetos de uso diário. Sabe um pouco de história e de geografia. Agora, está na classe normal; quando tiver feito mais dois anos, vai saber muito mais. Sairá daqui sabendo muito mais. Sairá daqui em condições de escolher uma profissão. Já temos surdos-mudos em lojas, atendendo clientes, e cumprindo suas tarefas como os outros.

O jardineiro ficou completamente aturdido. Parecia que suas ideias se confundiam outra vez. Olhou a filha e coçou a cabeça. Sua expressão pedia outra explicação.

Então, a professora virou-se para o porteiro e disse: “Vá chamar uma menina da turma preparatória”.

O homem voltou pouco depois com uma surda-muda de oito ou nove anos, com poucos dias de instituto.

– Esta – disse a professora – é uma daquelas a quem ensinamos os primeiros passos. Eis como se faz. Quero que diga “e”. Preste atenção. – A professora abriu a boca, como se abre para pronunciar a vogal “e”, e fez sinal à menina para que abrisse a boca do mesmo jeito. A menina obedeceu. Então, a professora acenou para que articulasse. Ela pôs a voz para fora, mas, em vez de “e”, pronunciou “o”. – Não – disse a professora –, não é isso. – E, segurando as duas mãos da criança, colocou uma aberta na garganta e a outra no peito, e repetiu: “e”. A menina, sentindo com as mãos o movimento da garganta e do peito da professora, reabriu a boca como antes e pronunciou muito bem: “e”. Do mesmo modo, a professora lhe fez dizer o cê e o dê, mantendo sempre as duas mãozinhas no peito e na garganta. – O senhor entendeu agora? – perguntou.

O pai havia entendido e parecia mais maravilhado que antes. “E vocês ensinam a falar desta maneira?”, perguntou após um minuto de reflexão, olhando para a professora. “Vocês têm paciência para ensinar a falar pouco a pouco, a todos eles, um por um? Vocês são umas santas; verdadeiros anjos do Paraíso. Não existe recompensa para vocês, que mais posso dizer? Me deixem um pouco com minha filhinha, cinco minutos só comigo.”

E, sentando com a menina num canto, começou a perguntar e ela a responder, ele ria com olhos lacrimosos, batendo os punhos nos joelhos, pegava na mão da filha, olhava para ela, fora de si de tão contente em ouvi-la, como se fosse uma voz que viesse do céu. Depois, perguntou à professora: “Será que eu poderia agradecer ao senhor diretor pessoalmente?”.

– O diretor não está – respondeu a professora. – Há outra pessoa a quem o senhor deveria agradecer. Aqui, cada menina é entregue a uma companheira mais velha, que lhe serve de irmã, de mãe. A sua foi confiada a uma surda-muda de dezessete anos, filha de um padeiro, que é uma criatura ótima; há dois anos, ajuda sua menina a se vestir, arruma as roupas dela, lhe faz companhia. Luigia, como se chama a sua mamma aqui do instituto?

A garota sorriu e respondeu: “Cate-rina Gior-dano”, e acrescentou, virando-se para o pai: “Mui-to, mui-to boa”.

O porteiro, que saíra ao sinal da professora, retornou imediatamente com uma surda-muda loura, robusta, de rosto alegre, também vestida de xadrezinho avermelhado e avental cinza. Parou na porta e enrubesceu; inclinou a cabeça, rindo. Tinha corpo de mulher, mas parecia uma criança.

A filha de Giorgio correu ao encontro da maior, pegou-a pelo braço feito uma criança e mostrou-a para o pai, dizendo com sua voz grossa: “Ca-te-ri-na Gior-dano”.

– Ah! A moça tão dedicada! – exclamou o pai e estendeu a mão para cumprimentá-la, mas se retraiu, repetindo: “Boa garota. Que Deus abençoe você, que lhe dê tudo de bom, que a faça sempre feliz e a toda sua família, uma jovem assim tão boa, minha pobre Gigia; é um operário honesto, um simples pai de família que lhe deseja muitas felicidades do fundo do coração!”.

A garota maior acariciava a menor, sempre de rosto baixo e sorrindo. E o jardineiro continuava olhando para ela, como se fosse uma *madonna*.

– Hoje, pode levar sua filha – anunciou a professora.

– Com certeza! – respondeu o jardineiro. – Vou levá-la para Condove e, amanhã cedo, voltaremos. Imagine se não vamos juntos! – A menina foi se vestir. – Depois de três anos sem vê-la – retomou o jardineiro. – E agora, fala! Vamos já pra Condove. Antes, quero dar uma volta por Turim com minha mudinha pelo braço, quero que todos a vejam, quero levá-la à casa de amigos para que possam ouvi-la! Ah, que dia lindo! Isso se chama consolação! Aqui, o braço do papai, Gigia! – A menina, que tinha voltado com um casaquinho e uma touca, lhe deu o braço.

– Obrigado a todos! – disse o pai, ao sair. – Agradeço a todos com toda a força de minh'alma! Voltarei para agradecer a todos.

Ficou um instante pensativo, afastou-se bruscamente da menina, voltou atrás, procurando algo no bolso interno, e gritou: “Bom, sou um pobre-diabo, mas aqui está, deixo vinte liras para o instituto, um marengo de ouro novinho!”.

E, dando uma batida na mesa, lá deixou o luís de ouro.^{35}

– Não, não, bom homem – disse a professora comovida. – Pegue seu dinheiro; não posso aceitá-lo. Não cabe a mim. Verá depois com o diretor. Tampouco ele há de aceitar, tenha certeza. O senhor lutou muito para conseguir isso; seremos igualmente gratos ao senhor.

– Não, eu deixo – retrucou o jardineiro, teimoso –, depois a gente vê.

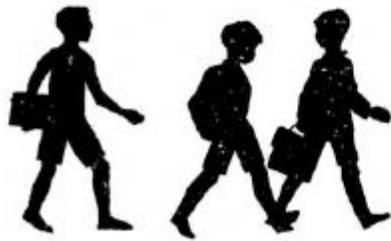
Porém, a professora recolocou a moeda no bolso dele, sem que ele tivesse tempo para devolvê-la.

Aí, ele se conformou, baixando a cabeça. Às pressas, mandou um beijo com a mão para a professora e para a senhorita, retomou o braço da filha, passou pela porta, dizendo: “Venha, venha, minha filha, minha mudinha querida, meu tesouro!”.

E a menina exclamou com seu vozeirão: “Que lindo sol!”.

^a “Garoto”, em um dos dialetos da Lombardia.

^b “Filho meu”, em dialeto genovês.



Garibaldi

3 de junho:

amanhã é a festa nacional

Hoje é dia de luto nacional: ontem à noite, morreu Garibaldi. Sabe quem era? Foi aquele que libertou dez milhões de italianos da tirania dos Bourbon.^{36} Morreu aos setenta e cinco anos, nasceu em Nice, filho de um capitão de navio. Aos oito anos, salvou a vida de uma mulher; aos treze, salvou um barco cheio de amigos que naufragava; aos vinte e sete, tirou das águas de Marselha um jovem que se afogava; aos quarenta e um, salvou do incêndio um navio em pleno oceano. Ele combateu dez anos, na América do Sul, pela liberdade de um povo estrangeiro, lutou em três guerras contra os austríacos, pela libertação da Lombardia e de Trentino, defendeu Roma contra os franceses em 1849. Libertou Palermo e Nápoles em 1860 e voltou a lutar por Roma em 1867. Em 1870, combateu os alemães em defesa da França. Ele possuía a chama do heroísmo e o gênio da guerra. Participou de quarenta combates e venceu trinta e sete. Quando não estava em combate, trabalhou para viver ou se isolou numa ilha solitária para cultivar a terra. Ele foi professor, marinheiro, operário, comerciante, soldado, general e ditador. Era grande, simples e bom. Odiava todos os opressores, amava todos os povos, protegia todos os fracos; não tinha outra aspiração exceto fazer o bem, recusava honrarias, desprezava a morte, adorava a Itália. Quando lançava um grito de guerra, legiões de homens valentes acorriam até ele, vindos de todos os quadrados: senhores deixavam os palácios; operários, as oficinas; jovens, as escolas, para ir combater ao sol de sua glória. Na guerra, usava uma camisa vermelha. Era forte, louro e belo. Nos campos de batalha, era um raio; nos afetos, uma criança; nos sofrimentos, um santo. Mil italianos morreram pela pátria, felizes ao morrer, por vê-lo passar ao longe, vitorioso; milhares se teriam deixado matar por ele; milhões o abençoaram e outros continuarão a fazê-lo. Morreu. O mundo inteiro chora por ele. Por enquanto, você não pode compreender. Porém, você vai ler sua proeza, vai sempre ouvir falar dele, durante toda a vida. E, conforme você for crescendo, a imagem que tiver dele também crescerá. Quando for

adulto, vai vê-lo como um gigante; e quando você não estiver mais no mundo, quando os filhos de seus filhos e aqueles que tiverem sido gerados por eles não mais viverem, novas gerações ainda verão bem alta a cabeça luminosa de redentor dos povos, coroada com os nomes das vitórias, como um círculo de estrelas, e a alma e o rosto de cada italiano resplandecerão ao pronunciar esse nome.

O exército

11, domingo:

festa nacional adiada por sete dias pela morte de Garibaldi

Fomos à praça Castello para ver a parada dos soldados, que desfilaram perante o comandante do exército, no meio de duas alas de gente do povo. À medida que eles desfilavam, ao som das fanfarras e das bandas, meu pai me mostrava os regimentos e as glórias das bandeiras. Primeiro, passaram os alunos da academia, aqueles que serão oficiais do corpo de engenheiros e da artilharia, cerca de trezentos, vestidos de preto, passaram com a elegância atrevida e desenvolta de soldados e de estudantes. Depois deles, desfilou a infantaria: a brigada Aosta, que combateu em Goito e em San Martino, e a brigada Bérgamo, que combateu em Castelfidardo, quatro regimentos, companhia atrás de companhia, milhares de borlas vermelhas, feito guirlandas duplas compridas, com flores cor de sangue, esticadas e sacudidas pelos dois chefes, e carregadas através da multidão. Depois da infantaria, seguiram-se os soldados da engenharia, os operários de guerra, com penachos de crina preta e com divisas carmim. Enquanto eles desfilavam, viam-se vir atrás deles centenas de longas plumas eretas, que superavam as cabeças dos espectadores: eram os alpinos, defensores das portas da Itália, todos altos, rosados e fortes, com chapéus à calabresa e golas de um belo verde vivo, cor do capim das montanhas deles. Ainda estavam desfilando os alpinos, quando correu um tremor pela multidão, e os *bersaglieri*, o antigo décimo segundo batalhão, os primeiros que entraram em Roma, pela brecha de Porta Pia, morenos, rápidos, vivazes, com os penachos esvoaçantes, passaram feito uma onda de uma torrente negra, fazendo ecoar na praça toques agudos de trombeta, que pareciam gritos de alegria. Porém, a fanfarra deles foi coberta por um estrépito rasgado e pesado, que anunciou a artilharia de campo. Então, vieram soberbamente,

sentados em estrados altos, puxados por trezentas duplas de cavalos impetuosos, os belos soldados de cordões amarelos, e passaram também compridos canhões de bronze e de aço, cintilantes, sobre carretas leves, que pulavam e faziam barulho; tremia a terra. E, depois, surgiu lenta, grave, linda em sua aparência cansada e rude, com seus soldados grandalhões, com suas mulas poderosas, a artilharia de montanha, que leva o susto e a morte até onde os pés de um homem podem chegar. Enfim, passou a galope, com os elmos ao sol, faiscando de prata e ouro, enchendo o ar de tinidos e de relinchos, o belo regimento *Genova cavalleria*, que provocou redemoinhos em dez campos de batalha, de Santa Lucia a Villafranca. “Como é lindo!”, exclamei. Mas meu pai quase me reprimiu por tal frase, dizendo: “Não considere o exército um belo espetáculo. Todos estes jovens, cheios de força e de esperança, podem ser chamados de um dia para o outro a defender nosso país e, em poucas horas, caírem todos dilacerados por balas e metralhas. Sempre que ouvir gritar numa festa “Viva o exército, viva a Itália”, tenha em mente, para além dos regimentos que passam, um campo coberto de cadáveres e alagado de sangue e, então, o viva ao exército sairá do mais profundo do seu coração, e a imagem da Itália vai lhe parecer mais severa e maior”.

Itália

13, terça-feira

Reverencie assim a pátria, nos dias de festa: “Itália, minha pátria, nobre e cara terra, onde meu pai e minha mãe nasceram e serão sepultados, onde espero viver e morrer, onde meus filhos crescerão e morrerão. Bela Itália, grande e gloriosa há muitos séculos, unida e livre há poucos anos, que difundiu tanta luz de intelectos divinos sobre o mundo, e por quem tantos homens valentes vão morrer nos campos e tantos heróis, nos patíbulo. Mãe augusta de trezentas cidades e de trinta milhões de filhos, eu, criança que ainda não a compreendo nem conheço por inteiro, eu a venero e amo com toda a minh’alma e tenho orgulho de ter nascido aqui e de me chamar seu filho. Amo seus mares esplêndidos e seus Alpes sublimes, amo seus monumentos solenes e suas memórias imortais, amo sua glória e sua beleza. Eu a amo e venero integralmente, bem como esta parte querida onde, pela primeira vez, vi o sol e escutei seu nome. Amo todas as partes com um afeto único e com igual gratidão: Turim valorosa, Gênova soberba, erudita Bolonha, Veneza encantadora, poderosa Milão. Também amo com a mesma reverência filial: Florença gentil e Palermo terrível, Nápoles imensa e bela, Roma eterna e maravilhosa. Amo você, pátria sacra! E juro que amarei todos os seus filhos como irmãos, juro que sempre honrarei no meu coração os seus grandes homens, vivos e mortos. Serei um cidadão industrioso e honesto, voltado constantemente à tarefa de me tornar nobre, para ser digno de você, contribuindo com minhas mínimas forças para fazer que desapareçam de seu rosto a miséria, a ignorância, a injustiça, o delito e para você poder viver e se expandir tranquila na majestade de seu direito e de sua força. Juro servi-la como puder: com minha inteligência, meus braços e meu coração, humilde e ousadamente, e juro que, se chegar o dia em que terei de dar meu sangue e minha vida por você, darei meu sangue e morrerei, gritando aos céus o seu santo nome e mandando meu último beijo para sua bandeira bendita”.

32 graus

16, sexta-feira

Nos cinco dias que se passaram depois da festa nacional, o calor aumentou três graus. Agora, estamos em pleno verão, todos começam a ficar cansados, todos perdem os lindos tons róseos da primavera; os pescoços e as pernas se afinam, as cabeças titubeiam e os olhos se fecham. Nelli, que sofre muito com o calor e adquiriu um rosto de cera, às vezes adormece profundamente, com a cabeça no caderno. Porém, Garrone está sempre atento para lhe pôr um livro aberto na frente, em pé, para que o professor não o veja. Crossi apoia seu cabeção vermelho na carteira de um jeito estranho, como se tivesse sido separado do busto e depositado ali. Nobis se lamenta por sermos muitos, prejudicando-lhe o ar. Que esforço é preciso fazer agora para estudar! Vejo pela janela de minha casa aquelas lindas árvores que fazem uma sombra tão escura, onde eu poderia correr com a maior gana, e sinto tristeza e raiva por ter de me limitar entre carteiras. Depois, me animo ao ver minha mãe que me olha sempre, quando saio da escola, para verificar se estou pálido; e me diz a cada página da lição de casa: “Ainda tem forças?”; e toda manhã, às seis, ao me acordar para as aulas: “Coragem! Só faltam uns poucos dias; depois, você estará livre e vai descansar, andar pela sombra das alamedas”. Sim, ela tem razão em me fazer lembrar dos garotos que trabalham nos campos sob a inclemência do sol ou nas pedras de calcário dos rios, que cega e queima, e aqueles das fábricas de vidro, que ficam imóveis o dia inteiro, com o rosto inclinado em cima de uma chama de gás; e todos acordam antes de nós e nem têm férias. Então, coragem! E também nisso Derossi é o primeiro, pois não sofre com o calor nem com o frio, está sempre vivo, alegre com seus cachos louros, como no inverno, estuda sem se cansar, mantém alertas todos à sua volta, como se refrescasse o ar com sua voz. E há mais outros dois, sempre ligados

e atentos: aquele teimoso do Stardi, que espeta o próprio focinho para não dormir e, quanto mais fica cansado e mais aumenta o calor, com mais força cerra os dentes e arregala os olhos, parecendo querer devorar o professor; e aquele traficante do Garoffi, muito ocupado em fabricar leques de papel vermelho, enfeitados com figurinhas de caixa de fósforos, para vender a dois centavos a unidade. Porém, o melhor é Coretti: levanta às cinco para ajudar o pai a carregar lenha! Às onze, na escola, não consegue ficar de olhos abertos e a cabeça cai sobre o peito. E se sacode, se dá uns tapas na nuca, pede licença para sair e lavar a cara, se faz chacoalhar e pede beliscões aos vizinhos. Todavia, hoje de manhã, não resistiu e caiu num sono de chumbo. O professor o chamou bem alto: “Coretti!”. Ele não ouviu. O professor, irritado, repetiu: “Coretti!”. Então, o filho do carvoeiro que mora ao lado da casa dele se levantou e disse: “Trabalhou das cinco até as sete, carregando feixes de lenha”. O professor o deixou dormir e continuou a lição por uma meia hora. Depois, foi até a carteira de Coretti e, devagarzinho, soprando no rosto dele, acordou-o. Ao ver o professor na sua frente, recuou, assustado. Mas o professor pegou a cabeça dele entre as mãos e lhe disse, beijando-o nos cabelos: “Não o critico, meu filho. Não é sono de preguiça: é sono de cansaço”.

Meu pai

17, sábado

Certamente nem o seu companheiro Coretti nem Garrone responderiam aos pais deles como você fez hoje à tarde. Enrico! Como é possível? Você precisa jurar que isso não vai acontecer de novo, enquanto eu viver. Toda vez que, diante de uma crítica de seu pai, lhe vier uma resposta mal-educada aos lábios, pense naquele dia, que chegará sem falta, em que ele vai chamá-lo ao pé da cama para dizer: “Enrico, vou deixá-lo”. Meu filho, quando você ouvir a voz dele pela última vez, e mesmo muito tempo depois, quando chorar sozinho em seu quarto abandonado, entre aqueles livros que ele nunca mais abrirá, então, você se lembrará de ter faltado ao respeito com ele, e perguntará a si mesmo: “Como é possível?”. Aí, você vai entender que ele sempre foi o seu melhor amigo e que, quando era obrigado a puni-lo, sofria mais que você e que só fez você chorar para o seu bem. Aí, você se arrependerá e o beijará chorando sobre aquela mesa onde ele sempre trabalhou, dedicando a vida aos filhos. Agora, você ainda não percebe; ele guardou tudo para si próprio, exceto sua bondade e amor. Você nem sabe que, às vezes, ele anda tão cansado que pensa ter apenas mais alguns dias de vida e, nesses momentos, só fala de você, não tem outro medo no coração além de deixá-lo pobre e sem proteção! E quantas vezes, pensando nisso, entra no seu quarto enquanto você dorme e fica lá olhando para você à luz de uma vela, depois faz um esforço e, cansado e triste como está, volta a trabalhar! E você nem sabe que, com frequência, ele o procura e está com você porque tem uma amargura no coração, desprazeres que tocam a qualquer homem no mundo, ele o procura como amigo, para se confortar e esquecer, e precisa do seu afeto, para reencontrar serenidade e ânimo. Assim, pense na dor que deve ser para ele quando, em vez de encontrar afeto em você, encontra frieza e irreverência! Não se deixe mais macular com tamanha ingratidão! Pense que, mesmo se você fosse bom como um santo, nunca poderia compensá-lo o suficiente pelo que já fez e faz continuamente por você. E pense também: não se pode estar seguro da vida, uma desgraça poderia roubar seu pai ainda jovem, dentro de dois anos, três meses, amanhã. Ah, meu pobre Enrico, como mudaria

tudo ao seu redor; como lhe pareceria vazia, desolada esta casa com sua mãe vestida de preto. Vá, meu filho; procure seu pai, ele está no escritório, vá na ponta dos pés para ele não ouvir você entrando, vá pousar sua cabecinha nos joelhos dele, pedindo perdão e bênção.

Sua mãe

No campo

19, segunda-feira

Meu bom pai me perdoou de novo, deixou que eu fosse ao passeio no campo que havíamos combinado, na quarta-feira, com o pai de Coretti, o vendedor de lenha. Todos precisavam de um pouco do ar das colinas. Foi uma festa. Ontem, às duas horas, nos encontramos na praça do Statuto: Derossi, Garrone, Garoffi, Precossi, Coretti pai e filho e eu, com nossas provisões de frutas, salames e ovos cozidos. Tínhamos também copos para piquenique e copos de alumínio; Garrone levava uma cabaça com vinho branco;^{37} Coretti, o cantil de soldado do pai cheio de vinho tinto; e o pequeno Precossi, com seu avental de ferreiro, trazia debaixo do braço um pão redondo de dois quilos. Fomos de ônibus até a igreja da Gran Madre di Dio e, depois, morro acima, pelas colinas. Havia tanto verde, tanta sombra e frescor! Rolávamos no capim, afundávamos a cara nos riachos, pulávamos as sebes. Coretti pai nos seguia de longe, jaqueta nas costas, fumando seu cachimbo de gesso e, de vez em quando, nos ameaçava com a mão, para não furarmos as calças. Precossi assobiava; eu nunca o havia escutado assobiar. Coretti filho fazia de tudo pelo caminho; sabe fazer de tudo, aquele homenzinho, com um canivete de cabo do tamanho de um dedo: rodinhas de pedra para moinhos, garfos, regadores. E ainda queria carregar as coisas dos outros, já estava tão carregado que suava por todos os poros, mas sempre ágil feito um cabrito. Derossi parava a cada momento para nos dizer o nome das plantas e dos insetos: não sei como consegue saber tantas coisas. E Garrone comia pão em silêncio; porém, não dá mais aquelas mordidas alegres de antes, coitado, depois que perdeu a mãe. Continua do mesmo jeito, tem um bom coração: quando um de nós tomava distância para pular um buraco, ele corria do outro lado para oferecer as mãos; e, como Precossi tinha medo de vacas, pois quando pequeno fora chifrado,

toda vez que passava uma, Garrone ficava na frente dele. Subimos até Santa Margherita, e depois, descemos pelos declives aos saltos, rolando, esfolando... a bunda. Precossi topou numa moita, rasgou o avental e ficou ali, envergonhado, com seu farrapo pendurado. Garoffi, que sempre tem alfinetes na jaqueta, costurou para não deixar ver nada, enquanto os outros provocavam: “Desculpe, desculpe”, e depois, recomeçou a correr. Pelo caminho Garoffi não perdia tempo: colhia ervas para a salada, lesmas, e toda pedra que brilhasse um pouco punha tudo nos bolsos, pensando que guardava ouro e prata. E sempre correndo, rolando, subindo em árvores, na sombra e no sol, para cima e para baixo por todas as elevações e atalhos, até que chegamos agitados e sem fôlego ao alto da colina, onde, sobre o capinzal, nos sentamos para lanchar. Descortinavam-se uma planície imensa e os Alpes azuis com seus picos brancos. Todos estavam morrendo de fome, o pão parecia desaparecer. Coretti pai nos dava porções de salame em folhas de abóbora.^{38} E aí começamos a conversar sobre os professores, os colegas que não puderam vir e as provas. Precossi se envergonhava um pouco ao comer, e Garrone lhe enfiava na boca o melhor de sua parte, à força. Coretti estava sentado ao lado do pai, com as pernas cruzadas: pareciam dois irmãos, em vez de pai e filho, vendo-os assim tão próximos, ambos vermelhos e sorridentes, com aqueles dentes brancos. O pai bebia com gosto, esvaziava até mesmo os copos que deixávamos pela metade e dizia: “Para vocês que estudam, o vinho faz mal; são os vendedores de lenha que precisam disso!”. Depois, pegava e sacudia o filho pelo nariz, dizendo para nós: “Garotos, queiram bem a este aqui, que é uma flor de criatura, posso garantir!”. E todos riam, exceto Garrone. E ele prosseguia, bebendo: “Que pena! Agora, vocês estão todos juntos, como grandes camaradas; dentro de alguns anos, quem sabe, Enrico e Derossi serão advogados ou professores ou sei lá o quê, e os outros quatro estarão numa loja ou numa oficina, só o diabo sabe onde. E, então, passar bem, camaradas”. “Que nada!”, contestou Derossi, “para mim, Garrone será sempre Garrone, Precossi será sempre Precossi e o mesmo vale para os outros, nem que se tornem czares da Rússia. Aonde eles forem, irei eu também.” “Bendito seja!”, exclamou Coretti pai, levantando o cantil; “assim que se fala, Santo

Deus! Toquem aqui! Viva os grandes companheiros e viva também a escola, que torna vocês uma família só, tenham ou não uma!” Tocamos todos no cantil dele com os diferentes copos e bebemos pela última vez. E ele: “Viva o quadrado do quadragésimo nono!”, gritou, pondo-se de pé, e mandando o último gole, “e se vocês também tiverem de participar de batalhas, tratem de ser fortes como nós, garotos!” Já era tarde; descemos correndo e cantando, caminhando de braços dados longos trechos, até chegarmos ao Pó, quando anoitecia e milhares de vaga-lumes voavam. E só nos separamos na praça do Statuto, depois de combinar que nos encontraríamos de novo no domingo para ir ao Vittorio Emanuele assistir à distribuição dos prêmios aos alunos dos cursos noturnos. Que lindo dia! Como eu teria voltado para casa contente, se não tivesse encontrado minha pobre professora! Encontrei-a ao descer as escadarias de nossa casa, quase no escuro, e, assim que me reconheceu, pegou-me com as duas mãos, dizendo-me no ouvido: “Adeus, Enrico, lembre-se de mim”. Percebi que chorava. Subi e disse à minha mãe: “Encontrei minha professora”. “Estava indo para a cama”, respondeu minha mãe, de olhos vermelhos. E acrescentou com enorme tristeza, olhando fixamente para mim: “Sua professora... está muito doente”.

A distribuição de prêmios para os operários

25, domingo

Conforme havíamos combinado, fomos juntos ao Teatro Vittorio Emanuele para ver a distribuição de prêmios para os operários. O teatro estava enfeitado como no 14 de março e lotado, quase todo por famílias de operários, e a plateia era ocupada por alunos e alunas das escolas de canto, os quais cantaram um hino aos soldados mortos na Crimeia, tão lindo que, ao terminar, todos se levantaram aplaudindo e gritando, e eles tiveram de dar um bis. Em seguida, começaram a desfilar os premiados diante do prefeito, inspetor de alunos, que distribuíram livros, talões da caixa econômica, diplomas e medalhas. Num canto da plateia, vi Tijolinho ao lado da mãe e do outro lado sentava-se o diretor e, atrás dele, a cabeça vermelha do meu professor da segunda série. Desfilaram primeiro os alunos das escolas noturnas de desenho, os ourives, os operários que trabalham a pedra, os litógrafos e também os marceneiros e pedreiros. Depois, passaram os da escola de comércio e os do liceu musical, destacando-se as jovens operárias, vestidas de gala, saudadas com forte aplauso, retribuído com sorrisos. Por fim, vieram os alunos das escolas primárias noturnas, e aí começou a ficar mais bonito. Vinham alunos de todas as idades, de todos os ofícios e vestidos de várias maneiras. Homens de chapéu cinza, garotos das fábricas, operários com grandes barbas pretas. Os pequenos eram desenvoltos, os homens estavam pouco à vontade; as pessoas batiam palmas para os mais velhos e para os mais jovens. Mas ninguém ria, como faziam em nossa festa: viam-se todas as faces atentas e sérias. Diversos premiados tinham esposas e filhos na plateia, e havia crianças que, ao verem passar os pais, chamavam-nos pelo nome em voz alta e os apontavam com a mão, rindo alto. Passaram camponeses, carregadores: esses eram da escola Buoncompagni. Da escola da Cittadella passou um engraxate, que papai

conhece, e o prefeito lhe entregou um diploma. Depois dele, veio um homem gigante, que tive a impressão de já tê-lo visto antes... Era o pai de Tijolino, que acabava de ganhar o segundo prêmio! Me lembrei de quando o tinha visto no sótão, junto do filho doente, e procurei-o na plateia: coitado, olhava para o pai com olhos lacrimejantes e, para esconder a comoção, fazia caretas. Nesse instante, ouvi uma explosão de aplausos, olhei para o palco: havia um pequeno limpador de chaminés, de cara lavada, mas com as roupas do trabalho, e o prefeito falava com ele, segurando sua mão. Depois do limpador de chaminés, veio um cozinheiro. Depois, passou para receber a medalha um varredor da prefeitura, da escola Raineri. Não sei definir o que eu sentia no coração, era uma espécie de afeto e de grande respeito, eu pensava no quanto haviam custado aqueles prêmios a todos esses trabalhadores, pais de família, cheios de preocupações, pensava nas canseiras somadas ao trabalho cotidiano, nas horas retiradas ao sono, tão necessário, e também nos esforços da inteligência não habituada ao estudo e nos esforços das mãos grosseiras, judiadas pelo trabalho! Passou um aprendiz, a quem se via que o pai tinha emprestado o paletó para a ocasião, e lhe sobravam as mangas, a ponto de precisar dobrá-las ali no palco a fim de pegar o prêmio, e muitos riram, mas o riso foi sufocado por palmas. Em seguida, veio um velho careca de barba branca. Passaram soldados de artilharia, aqueles que frequentavam o curso noturno de nossa escola, depois, guardas alfândegários, guardas municipais, aqueles que vigiam nossas escolas. Ao final, os alunos da escola noturna cantaram de novo o hino aos mortos na Crimeia; desta vez, com tamanha emoção, com uma força afetiva direta do coração, que as pessoas quase não aplaudiram, saíram todos comovidos, lentamente e sem fazer barulho. Em poucos instantes, a rua inteira ficou cheia. Diante da porta do teatro, estava o limpador de chaminé com o prêmio encadernado na cor vermelha e vários senhores que falavam com ele. Muitos se cumprimentavam de uma calçada para outra; operários, garotos, guardas, professores. Meu professor da segunda série saiu entre dois soldados de artilharia. E viam-se mulheres de operários com crianças nos braços, as quais levavam nas mãozinhas o diploma do pai e os mostravam, felizes.

Minha professora morta

27, terça-feira

Enquanto estávamos no Teatro Vittorio Emanuele, minha pobre professora morria. Ela morreu às duas horas, uma semana após ter visitado minha mãe. Ontem de manhã, o diretor veio anunciar na escola. E disse: “Os que foram seus alunos sabem como ela era boa, como gostava dos meninos, era mãe para eles. Não está mais conosco. Há tempos, uma doença terrível a consumia: se não precisasse trabalhar para ganhar o pão, poderia ter se tratado e, quem sabe, se curado. Pelo menos, teria prolongado a vida por alguns meses, se tivesse tirado férias. Porém, preferiu ficar com os estudantes até o último dia. Na tarde de sábado, dia 17, despediu-se deles, com a certeza de não voltar a vê-los: deu bons conselhos, beijou todos e foi embora, soluçando. Agora, ninguém mais irá vê-la. Lembrem-se dela, meus filhos”. O pequeno Precossi, que fora aluno dela na primeira série, apoiou a cabeça na carteira e começou a chorar.

Ontem à tarde, quando acabaram as aulas, fomos juntos à casa da falecida, para acompanhá-la até a igreja. Na rua, já esperava um coche fúnebre com dois cavalos e muita gente falava baixinho. Lá estavam o diretor, todos os professores e mestras de nossa escola, e também de outras, onde ela ensinara anos antes; estavam presentes quase todos os alunos de sua turma, conduzidos pelas mães, que carregavam círios, e muitíssimos de outras turmas, e umas cinquenta alunas da escola Baretto, algumas levando coroas e outras, buquês de rosas. Muitos maços de flores já estavam no carro fúnebre, ao qual penduraram uma coroa grande com acácias, lendo-se em letras negras: “À nossa mestra, das ex-alunas da 7^a. série”. E, debaixo da coroa grande, estava pendurada uma pequena, oferecida pelos meninos. Na multidão, viam-se muitas empregadas domésticas, enviadas pelos patrões, segurando velas, e até dois criados de uniforme, com um círio aceso, e um

senhor rico, pai de um aluno, mandara sua carruagem, forrada de seda azul. Todos se acotovavam diante da porta. Muitas garotas enxugavam as lágrimas. Esperamos um pouco, em silêncio. Finalmente, desceram o caixão. Ao verem colocá-lo no carro, alguns meninos começaram a chorar alto, e um deles começou a gritar, como se só então entendesse que a professora tinha morrido, sendo tomado por um soluço tão convulsivo que tiveram de levá-lo para outro lugar. A procissão se organizou lentamente e se pôs em movimento. Iam à frente as filhas do Retiro da Conceição, vestidas de verde; depois, as filhas de Maria, todas de branco, com laços azuis. Em seguida, os padres; atrás do coche fúnebre, professores e mestras, os meninos da primeira série e todos os demais. E, por fim, a multidão. As pessoas se debruçavam nas janelas e nas portas e, ao ver todos aqueles garotos e a coroa, diziam: “É uma professora”. Inclusive entre as mulheres que acompanhavam os menores, algumas choravam. Chegando à igreja, tiraram o caixão da carruagem e o depuseram no meio da nave, diante do altar-mor: as professoras colocaram as coroas por cima, os meninos o cobriram de flores, e as pessoas ao redor, com as velas acesas, começaram a cantar e a rezar, na igreja grande e escura. De repente, quando o padre pronunciou o último “amém”, as velas se apagaram, e todos saíram apressados, deixando a professora sozinha. Coitada, tão boa comigo, tão paciente, havia pelejado por tantos anos! Ela deixou seus poucos livros para seus alunos; para um, deixou um tinteiro; para outro um quadrinho, tudo o que possuía. E, dois dias antes de morrer, disse ao diretor que não deixasse os alunos mais jovens acompanhar o enterro, pois não queria que chorassem. Fez o bem, sofreu e morreu. Pobre professora, que acabou sozinha na igreja escura! Adeus! Adeus para sempre, minha boa amiga, doce e triste lembrança de minha infância.

Obrigado!

28, quarta-feira

Minha professora quis terminar o ano escolar: foi embora três dias antes de as aulas acabarem. Depois de amanhã, voltaremos à sala de aula para ouvir o último conto mensal, *Naufrágio*, e aí... acabou. Sábado, 1º de julho, provas. Portanto, passou mais um ano, o quinto. E, caso não tivesse morrido minha professora, teria passado bem. – Penso naquilo em que eu sabia em outubro e me parece, hoje, saber bastante mais: tenho tantas coisas novas na cabeça; consigo dizer e escrever melhor aquilo que penso; poderia até fazer contas para gente muito maior do que eu e que não sabe e ajudá-la nos trabalhos. E entendo muito mais, compreendo quase tudo aquilo que leio. Estou contente... E quantos me estimularam e me ajudaram a aprender, de várias maneiras, em casa, na escola, na rua, em todos os lugares aonde fui e vi alguma coisa! Agora, agradeço a todos. Primeiro a você, caro professor, tão indulgente e afetuoso, e para quem cada novo aprendizado foi um trabalho do qual ora me alegro. Agradeço a você, Derossi, companheiro admirável, que, com boa vontade em explicações rápidas, me fez entender tantas coisas difíceis e superar obstáculos nas provas. E também a você, Stardi, admirável e forte, me mostrando como se consegue tudo com vontade ferrenha. E a você, Garrone, bom e generoso, que torna igualmente generosos e bons todos aqueles que convivem com você. E também a vocês, Precossi e Coretti, sempre me dando exemplo de coragem nos sofrimentos e de serenidade no trabalho. Agradeço a vocês e a todos os outros. Mas, sobretudo, agradeço a você, papai, meu primeiro professor e amigo, que me deu conselhos tão bons e me ensinou tanto, enquanto trabalhava por mim, escondendo sempre suas tristezas e buscando, de várias maneiras, facilitar meus estudos. E a você, mamãe, anjo da guarda amado e bendito, que desfrutou de todas as minhas alegrias e sofreu todas as minhas amarguras,

que estudou, se cansou, chorou comigo, cuidou de mim e me mostrou o céu.
Me ajoelho diante dos dois, como no tempo de criança pequena, e agradeço
a vocês com toda a ternura que puseram em minha alma nestes doze anos de
sacrifício e amor.

NAUFRÁGIO

ÚLTIMO CONTO MENSAL

Há muitos anos, em uma manhã de dezembro, saía do porto de Liverpool um grande navio a vapor, levando a bordo mais de duzentas pessoas, das quais setenta eram tripulantes. O capitão e quase todos os marinheiros eram ingleses. Entre os passageiros, vários italianos: três mulheres, um padre, um grupo de músicos. O navio rumava para a Ilha de Malta; o tempo estava nublado.

Junto aos viajantes da terceira classe, na proa, havia um garoto italiano de uns doze anos, pequeno para a idade, mas robusto; um rosto corajoso e severo de siciliano. Estava sozinho perto do mastro de traquete, sentado num monte de cordas, ao lado de uma mala velha com suas coisas, sobre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto escuro e os cabelos, negros e ondulados, chegavam quase às costas. Estava malvestido, com um cobertor rasgado nos ombros e uma velha bolsa de couro a tiracolo. Pensativo, olhava em volta: passageiros, navio, marinheiros que passavam correndo e o mar revolto. Tinha o aspecto de alguém recém-saído de uma desgraça familiar: no rosto de criança, uma expressão de homem.

Pouco depois da partida, um dos marinheiros do navio, italiano, cabelos grisalhos, apareceu na proa, levando uma menina pela mão e, parando diante do pequeno siciliano, lhe disse: “Mario, eis uma companheira de viagem”.

Afastou-se.

A menina sentou no monte de cordas, junto do garoto.

Olharam-se.

– Para onde você vai? – perguntou o siciliano.

Ela respondeu:

– Para Malta, por Nápoles.

Depois, acrescentou: “Vou encontrar meu pai e minha mãe, que me esperam. Me chamo Giulietta Faggiani”.

Ele não disse nada.

Após alguns minutos, tirou da bolsa um pedaço de pão e frutas secas; a menina tinha biscoitos; comeram.

– Alegria! – gritou o marinheiro italiano, passando rapidamente – Vai começar a dança.

O vento vinha subindo, o navio sacudia com força. Os dois jovens, que não enjoavam no mar, nem ligaram. A menina sorria. Tinha mais ou menos a idade do companheiro, só que era bem mais alta: rosto moreno, sutil, meio sofrida, vestida mais que modestamente. Cabelos curtos e cacheados, lenço vermelho na cabeça e brincos de prata nas orelhas.

Comendo, trocaram histórias. O garoto era órfão: o pai, operário, morrera em Liverpool pouco antes, e o cônsul italiano o devolvera à sua terra, Palermo, onde lhe restavam parentes distantes. A menina fora levada a Londres, no ano anterior, por uma tia viúva que gostava muito dela e a quem seus pais – pobres – a haviam confiado por um período, certos da promessa de uma herança. Meses depois, a tia morreu sem deixar centavo algum. Também ela recorrera ao cônsul, que a expedira para a Itália. Ambos haviam sido entregues ao marinheiro italiano. “Assim”, concluiu a menina, “meus pais acreditavam que eu fosse voltar rica, mas volto como antes. Apesar disso, gostam de mim, e meus irmãos também, tenho quatro, todos pequenos. Sou a mais velha; vão fazer muita festa quando me virem. Vou entrar na ponta dos pés... Que mar violento.”

Depois, perguntou ao garoto:

– Você vai morar com parentes?

– Sim, se me aceitarem – respondeu.

– Não gostam de você?

– Não sei.

– Vou fazer treze anos no Natal – disse a menina.

Aí, começaram a falar do mar e das pessoas que ali se encontravam. Ficaram perto um do outro o dia inteiro, trocando uma palavra de vez em quando. Os passageiros pensavam que fossem irmãos. A menina tricotava uma meia, o garoto pensava, e o mar se encapelando. À noite, na hora de dormir, a menina disse a Mario: “Durma bem”. “Ninguém vai dormir bem, crianças!”, exclamou o marinheiro passando às carreiras, chamado pelo capitão. O garoto estava para retribuir com um “boa-noite”, quando um jato d’água inesperado o molhou com violência e jogou-o contra um assento. “Mamma mia, ele está sangrando!”, gritou a menina, lançando-se sobre ele. Os passageiros, que fugiam para baixo, nem perceberam. Ela se ajoelhou ao lado de Mario, tonto com a pancada, limpou a testa ensanguentada e, tirando o lenço dos cabelos, amarrou-o em volta da cabeça dele, depois apertou-a no peito para dar nó nas pontas, manchando de sangue o vestido amarelo, acima da cintura. Mario se sacudiu e levantou. “Está melhor?”, perguntou a menina. “Não tenho mais nada”, respondeu ele. “Durma bem”, disse Giulietta. “Boa noite”, respondeu Mario. E desceram por duas escadinhas próximas até o dormitório.

O marinheiro acertara: ainda nem haviam dormido, estourou uma tempestade assustadora. Foi como um assalto imprevisto de cavalões furiosos que, em poucos instantes, arrebentou um mastro e carregou feito folhas três dos barcos suspensos nos guindastes e quatro bois que estavam na proa. No interior do navio, surgiu uma confusão dos diabos, um estrondo, uma gritaria, choros e rezas de arrepiar cabelos. Durante a noite, a tempestade só fez aumentar sua fúria. Ao amanhecer, aumentou ainda mais. Ondas gigantescas, que flagelavam a embarcação de lado, irrompiam na coberta e despedaçavam, varriam, jogando de tudo no mar. A chapa que cobria a casa de máquinas foi arrebentada e a água entrou feito um dilúvio, os fogos se apagaram, os maquinistas fugiram. Grandes correntes impetuosas penetravam por todos os lados. Uma voz sonora gritou: “Às bombas!”. Era a voz do capitão. Os marinheiros obedeceram. Porém, uma pancada de mar, sacudindo o navio por trás, arrebentou parapeitos e portinholas, trazendo uma avalanche de água para dentro.

Todos os passageiros, mais mortos que vivos, haviam se refugiado no salão.

Num determinado momento, surgiu o capitão.

– Capitão! Capitão! – gritos em uníssono. – Que vamos fazer? A quantas andamos? Há esperança? Salve-nos!

O capitão esperou que todos silenciassem e disse com frieza: “Vamos nos conformar!”.

Somente uma mulher lançou um grito: “Piedade!”. Ninguém mais ousou dizer nada. O terror havia gelado a todos. Muito tempo se passou assim, num silêncio de túmulo. Todos se olhavam, rostos sepulcrais. O mar continuava furioso, sempre mais ameaçador. O navio balançava pesadamente. Num dado momento, o capitão tentou jogar no mar um dos barcos de salvamento: entraram cinco marinheiros, o barco desceu, mas uma onda o revirou, dois dos marinheiros se afogaram na hora, entre eles o italiano. Os demais, com muito esforço, lograram pendurar-se nas cordas e subiram a bordo.

Depois disso, os próprios marinheiros perderam a coragem. Duas horas depois, o navio já estava imerso na água até a altura das guarnições.

Enquanto isso, um espetáculo tremendo ocorria na coberta. As mães, desesperadas, apertavam os filhos ao seio, os amigos se abraçavam e diziam adeus, alguns desciam até as cabines, para morrer sem ver o mar. Um viajante deu um tiro de pistola na cabeça e caiu de bruços na escada do dormitório, onde deu o último suspiro. Muitos se agarravam freneticamente, mulheres se contorciam em convulsões terríveis. Muitos se ajoelhavam em volta do padre. Ouvia-se um coro de soluços, de lamentos infantis, de vozes agudas e estranhas e, aqui e ali, havia pessoas imóveis como estátuas, imbecilizadas, com os olhos dilatados, mas sem ver nada, faces de cadáveres e de loucos. Os dois jovens, Mario e Giuletta, abraçados a um mastro do navio, olhavam o mar fixamente, feito doidos.

O mar se acalmara um pouco; porém, o navio continuava afundando, devagar. Só restavam alguns minutos.

– A chalupa ao mar! – gritou o capitão.

Uma chalupa, a última, foi jogada na água e quatorze marinheiros, com três passageiros, nela desceram.

O capitão permaneceu a bordo.

– Desça conosco! – gritaram de baixo.

– Devo morrer no meu posto – respondeu o capitão.

– Vamos conseguir encontrar um navio – gritaram os marinheiros –, vamos nos salvar. Desça. Está perdido.

– Eu fico.

– Há um lugar ainda! – gritaram então os marinheiros, virando-se para os demais passageiros. – Uma mulher!

Avançou uma mulher, apoiada pelo capitão. Mas, vendo a distância em que se encontrava da chalupa, não teve coragem de dar o salto e caiu na coberta. As outras mulheres estavam quase todas desmaiadas ou pareciam moribundas.

– Um garoto! – gritaram os marinheiros.

Com aquele grito, o garoto siciliano e sua companheira, que haviam ficado como petrificados por um estupor sobre-humano, despertaram imprevisivelmente pelo instinto da vida, afastaram-se do mastro e se jogaram na amurada do navio, gritando juntos: “Eu, eu!”, e tentaram ambos se enfiar ali, como duas feras furiosas.

– O menor! – gritaram os marinheiros. – O barco está sobrecarregado! O menor!

Ao ouvir tal palavra, a garota, como fulminada, deixou cair os braços e, imóvel, fitou Mario com olhos mortos.

Mario olhou para ela um instante – viu a mancha de sangue em seu peito, lembrou – o relâmpago de uma ideia divina lhe passou pelo rosto.

– O menor! – gritavam em coro os marinheiros, com imperiosa impaciência, – Vamos embora!

E então, Mario, com uma voz que não parecia mais a sua, gritou: “Ela é mais leve. Você vai, Giuletta, você tem pai e mãe! Eu sou sozinho! Dou meu lugar para você! Pule!”.

– Jogue essa menina no mar! – gritaram os marinheiros.

Mario agarrou Giulietta pela cintura e jogou-a no mar.

A menina deu um grito e mergulhou; um marinheiro agarrou-a por um braço e puxou-a para dentro da barca.

O garoto ficou firme na beira do navio, de cabeça erguida, cabelos ao vento, imóvel, tranquilo, sublime.

O barco se mexeu bem a tempo de escapar do movimento vertiginoso das águas, produzido pelo navio que afundava, e que ameaçou arrastá-lo.

Então, a menina, até ali quase sem sentidos, ergueu os olhos para o garoto e caiu no choro.

– Adeus, Mario! – gritou entre soluços, com os braços estendidos para ele. – Adeus! Adeus! Adeus!

– Adeus! – respondeu o garoto, erguendo a mão.

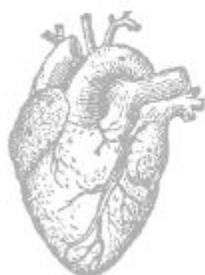
O barco se afastava com velocidade pelo mar agitado, sob o céu tétrico. Ninguém mais gritava no navio. A água já tomava as amuradas da cobertura superior.

De repente, o garoto caiu de joelhos, com as mãos juntas e os olhos para o céu.

A garota cobriu o rosto.

Quando levantou a cabeça de novo, lançou os olhos no mar; o navio já não estava lá.

JULHO



A última página de minha mãe

1º., sábado

Enfim, o ano terminou, Enrico; e é bom que fique como lembrança do último dia a imagem do garoto sublime, que deu sua vida pela amiga. Agora que você está prestes a se separar de professores e colegas, tenho de lhe dar uma triste notícia. A separação não durará só três meses, será para sempre. Seu pai, por razões profissionais, terá de ir embora de Turim, e nós vamos com ele. Partiremos no próximo outono. Você terá de entrar numa escola nova. Será pesado para você, não? Porque tenho certeza de que você ama sua antiga escola, onde, durante alguns anos, em período integral, você teve a alegria de ter estudado; onde você viu por tanto tempo, na hora de sempre, os mesmos garotos, os mesmos professores, os mesmos pais e seu pai e sua mãe, que o esperavam sorrindo; sua antiga escola, onde sua inteligência se desenvolveu, onde você encontrou companheiros tão bons, onde cada palavra que você ouviu tinha por objetivo o seu bem, e onde nenhuma experiência foi inútil! Assim, leve este afeto com você, e dê um adeus do coração a todos os garotos. Alguns enfrentarão desgraças, logo perderão pai e mãe; outros vão morrer jovens; talvez outros precisem derramar nobremente seu sangue em batalhas; muitos serão bons e honestos operários, pais de famílias trabalhadoras e honestas como eles. E quem sabe algum deles não prestará grandes serviços ao país, tornando glorioso seu nome. Portanto, separe-se deles com afeto: deixe um pouco de sua alma naquela grande família, na qual você entrou criança e de onde sai adolescente, e que seu pai e sua mãe amam tanto porque lá você foi tão querido. A escola é uma mãe, Enrico: tirou-o de meus braços quando você mal falava, e agora, me devolve grande, forte, bom, estudioso. Abençoada seja a escola, e não a esqueça nunca, meu filho. É impossível que você a esqueça. Você vai se tornar um homem, viajar pelo mundo, vai ver cidades imensas e monumentos maravilhosos e vai se esquecer de muitos deles. Mas aquele modesto edifício branco, com aquelas persianas fechadas, e aquele pequeno jardim, onde desabrochou a primeira flor de sua inteligência, você vai vê-lo até o último dia de vida, como eu verei a casa em que ouvi a sua voz pela primeira vez.

As provas

4, terça-feira

Finalmente, é época das provas. Nas ruas ao redor da escola, não se ouve falar de outra coisa: estudantes, pais, mães, inclusive governantas. Provas, pontos, tema, média, reprovado, aprovado, todos dizem as mesmas palavras. Ontem de manhã, foi redação, hoje, aritmética. Era comovente ver todos os pais levando os filhos para a escola, dando os últimos conselhos pela rua, e muitas mães acompanhavam os filhos até as carteiras, para verificar se havia tinta nos tinteiros e para experimentar as penas, e ainda se viravam da saída, recomendando: “Ânimo! Atenção! Preste atenção!”. Nosso professor assistente era Coatti, aquele com a barbona preta, que faz voz de leão e não castiga ninguém. Havia alunos brancos de medo. Quando o professor abriu o envelope da prefeitura e puxou o problema, não se ouvia respiro algum. Ele ditou o problema alto, fixando um e outro com olhares terríveis; mas se percebia que, se pudesse ditar também a solução, para que todos passassem, teria feito isso com um grande prazer. Após uma hora de trabalho, muitos começavam a se agitar, pois o problema era difícil. Um chorava. Crossi dava socos na cabeça. E muitos não têm culpa de não saber, coitados, porque não tiveram tempo suficiente para estudar, e foram negligenciados pelos pais. Mas havia a providência. Era preciso ver como Derossi fazia esforços para ajudá-los, como se empenhava em passar um resultado e sugerir uma operação, sem ser apanhado, preocupado com todos, parecendo ser ele nosso professor. Inclusive Garrone, que é forte em aritmética, ajudava a quem podia e ajudou até Nobis que, atrapalhado, estava todo gentil. Stardi ficou imóvel mais de uma hora, com os olhos no problema e com os punhos nas têmporas, e depois fez tudo em cinco minutos. O professor circulava no meio das carteiras, dizendo: “Calma, calma! Fiquem calmos!”. E, quando via alguém desanimado, para fazê-lo rir

e dar-lhe ânimo, escancarava a boca como se fosse devorá-lo, imitando um leão. Por volta das onze, olhando para baixo pelas persianas, vi muitos pais indo e vindo nas calçadas, impacientes. Lá estava o pai de Precossi, com seu camisolão azul, fugido da oficina, ainda com a cara suja de preto. Não faltavam a mãe de Crossi, a verdureira; a mãe de Nelli, vestida de preto, que não parava quieta. Pouco antes do meio-dia, chegou meu pai e levantou os olhos para minha janela: querido papai! Ao meio-dia, havíamos acabado. E, na saída, foi um espetáculo. Todos em cima da garotada, perguntando, revirando os cadernos, comparando com os exercícios dos colegas. “Quantas operações?” “Qual a soma?” “E a subtração?” “E a resposta?” “E a vírgula dos decimais?” Os professores andavam de um lado para outro, chamados de cem lugares. Meu pai me tirou logo da mão o rascunho, olhou e disse: “Está bem”. Junto de nós estava o ferreiro Precossi, que olhava o trabalho do filho, meio inquieto, e não compreendia. Virou-se para papai: “Poderia me dizer o resultado?”. Meu pai leu a cifra. Ele olhou; batia. “Muito bem, pequeno!”, exclamou, todo contente; e meu pai e ele se olharam um momento, com um sorriso aberto, como bons amigos; meu pai lhe estendeu a mão, ele a apertou. E se separaram, dizendo: “Até a prova oral”. “Até.” Poucos passos depois, ouvimos uma voz em falsete que nos fez virar a cabeça – era o ferreiro, que cantava.

A prova final

7, sexta-feira

Hoje de manhã, fizemos a prova oral. Às oito horas, estávamos todos na sala e, às 8h15, começaram a chamar quatro de cada vez ao salão, onde havia uma mesa grande coberta com uma toalha verde e, em volta, o diretor e quatro professores, incluindo o nosso. Fui um dos primeiros a serem chamados: coitado do professor! Hoje de manhã, percebi como gosta da gente. Enquanto os demais nos interrogavam, ele só tinha olhos para nós; ficava perturbado, quando nos via indecisos na resposta, se tranquilizava quando dávamos uma bela resposta, escutava tudo, e nos fazia mil sinais com as mãos e com a cabeça, para dizer: “bem”, “não”, “fique atento”, “mais devagar”, “ânimo”. Teria soprado tudo se pudesse falar. Se no lugar dele tivessem ficado, um depois do outro, os pais de cada aluno, não teriam feito melhor. Me deu vontade de gritar: “Obrigado!”, dez vezes, na frente de todo mundo. E, quando os outros professores me disseram: “Está bem, pode ir”, seus olhos cintilaram de alegria. Voltei logo à sala para esperar meu pai. Ainda estavam quase todos lá. Sentei ao lado de Garrone; não estava nem um pouco alegre. Pensava que era a última vez que estaríamos perto um do outro! Eu ainda não havia dito a Garrone que não faria a quarta série com ele, que teria de ir embora de Turim com meu pai; ele não sabia de nada. E estava ali, inclinado, com a cabeça voltada para a carteira, fazendo desenhos em volta de uma foto do pai, vestido de maquinista, que é um homem grandalhão, com um pescoço de touro e um ar sério e honesto, como o dele. Enquanto estava assim, curvado, com a camisa meio aberta, eu vi no peito nu e robusto a cruzinha de ouro que a mãe de Nelli lhe dera, ao saber que protegia seu filho. Mas era preciso contar que eu ia embora. Disse: “Garrone, no outono, meu pai vai embora de Turim, para sempre”. Ele me perguntou se eu também ia; respondi que sim. “Você não vai mais fazer a

quarta série com a gente?”, perguntou. Respondi que não. Aí, ele ficou um pouco sem falar, continuou seu desenho. Depois, perguntou, sem levantar a cabeça: “Você vai se lembrar de seus colegas da terceira série?”. “Sim”, eu disse, “de todos; mas de você... mais do que dos outros. Quem pode se esquecer de você?” Ele me fitou, sério, com um olhar que significava mil coisas e nada disse. Só me deu a mão esquerda, fingindo continuar a desenhar com a outra, e eu a apertei entre as minhas, aquela mão forte e leal. Naquele momento, entrou rápido o professor, de cara vermelha, e disse baixo, depressa, com a voz alegre: “Muito bem, até agora vai tudo bem, que continuem assim os que faltam; muito bem, garotos! Coragem! Estou muito contente”. E, para mostrar-nos sua alegria e divertir-nos, ao sair correndo, fingiu tropeçar e se apoiar na parede para não cair: ele, que nunca vimos rir! A coisa pareceu tão estranha que, em vez de rir, todos ficaram admirados; todos sorriram, ninguém riu. Bom, me deu pena e me enterneceu aquele gesto de alegria infantil. Aquele momento era seu prêmio, era a recompensa por nove meses de bondade, de paciência e também de mal-estar. Por isso trabalhou tanto tempo e foi dar aula doente tantas vezes, coitado! Aquilo e nada mais ele nos pedia em troca de tanto afeto e de tantos cuidados! Parece que sempre o verei fazendo esse gesto, quando me lembrar dele, durante muitos anos. E, quando eu for um homem, se ele estiver vivo e nos encontrarmos, falarei com ele sobre aquele gesto que tocou o coração, e lhe darei um beijo na cabeça branca.

Adeus

10, segunda-feira

Ao toque da campainha, nos encontramos todos pela última vez na escola, para ouvir o resultado dos exames e pegar os boletins escolares. A rua estava cheia de parentes, que tinham até invadido o salão, muitos tinham entrado nas salas, amontoando-se até a mesa do professor; na nossa, ocupavam todo o espaço entre a parede e as primeiras carteiras. Lá estava o pai de Garrone, a mãe de Derossi, o ferreiro Precossi, Coretti, a senhora Nelli, a quitandeira, o pai de Tijolinho, o pai de Stardi, muitos outros que eu nunca vira. Ouvia-se de todos os lados um murmúrio, uma ferveção, que parecia estarmos na praça. O professor entrou; fez-se um grande silêncio. Ele trazia a lista e começou a ler imediatamente: “Abatucci, aprovado, sessenta; Archini, aprovado, cinquenta e cinco; Tijolinho, aprovado; Crossi, aprovado”. Depois, leu alto: “Derossi Ernesto, aprovado, setenta e o primeiro lugar”. Os pais que ali estavam e todos os que o conheciam, disseram: “Parabéns, muito bem, Derossi!”, e ele deu uma sacudida em seus cachos louros, com seu sorriso desenvolto, olhando para a mãe, que acenou com a mão. Garoffi, Garrone, o calabrês, aprovados. Em seguida, três ou quatro foram reprovados, e um deles começou a chorar porque o pai, que estava na porta, lhe fez um gesto de ameaça. Porém, o professor disse ao pai: “Não, senhor, me desculpe, nem sempre é culpa, muitas vezes é azar. E este é o caso”. Depois leu: “Nelli, aprovado, sessenta e dois”. A mãe lhe mandou um beijo com o leque. “Stardi, aprovado com sessenta e sete”; mas, ouvindo aquela boa nota, ele nem sorriu, e não tirou os punhos das têmporas. O último foi Votini, que tinha vindo bem-vestido e penteado: aprovado. Lido o último, o professor se levantou e disse: “Jovens, esta é a última vez em que nos reunimos. Ficamos juntos um ano e agora terminamos bons amigos, não é? Lamento me separar de vocês, caros filhos”. Interrompeu-se; retomou: “Se,

em algum momento, me faltou paciência, se, às vezes, sem querer, fui injusto, demasiado severo, me desculpem”. “Não, não”, disseram os pais e vários estudantes, “não, senhor professor, nunca.” “Me desculpem”, repetiu o professor, “e continuem a gostar de mim. No próximo ano, não estarão mais comigo, mas voltarei a vê-los e vão ficar no meu coração para sempre. Até a próxima, garotos!” Depois de dizer isso, veio até nós e todos lhe estenderam a mão, levantando-se das carteiras, puxando-o pelos braços e pelas pontas do terno. Muitos deram beijos nele; cinquenta vozes juntas gritaram: “Até a próxima, professor!”, “Obrigado, senhor professor!”, “Saúde! Lembre-se de nós!”. Quando saiu, parecia bem comovido. Saímos todos num atropelo. Saíam das outras salas também. Era uma mistura, um barulho enorme de garotos e de parentes que diziam adeus a professores e mestras, e se cumprimentavam entre si. A professora da pluma vermelha tinha quatro ou cinco meninos num abraço e uns vinte à espera, que lhe tiravam o fôlego. Rasgaram metade do chapéu da freirinha e colocaram uma dúzia de maços de flores entre os botões do vestido preto e nos bolsos. Muitos faziam festa para Robetti, que naquele mesmo dia deixou as muletas. Só se ouvia: “Até o próximo ano!”, “Até vinte de outubro!”, “Até o dia dos Santos!”. Nós também nos despedimos. Ah! Como se esqueceram todos os dissabores nesse momento! Votini, que sempre tivera tanto ciúme de Derossi, foi o primeiro a ir ao encontro dele de braços abertos. Cumprimentei Tijolinho e o beijei no instante em que me fazia sua última careta, tão querido! Disse adeus a Precossi e a Garoffi, que me anunciou o resultado de sua última rifa e me deu um marcador de cerâmica, quebrado num canto; me despedi de todos. Foi lindo ver como Nelli se pendurou em Garrone; não conseguiam separá-los. Todos se amontoaram em volta de Garrone e foram tantos “adeus” e “até mais”, para tocá-lo, apertá-lo: quanta festa para aquele garoto formidável. E o pai, olhando, sorria. Garrone foi o último a quem abracei, na rua, sufocando meu soluço no seu peito: me deu um beijo na testa. Enfim, corri para meu pai e minha mãe. Papai perguntou: “Você se despediu de todos?”. Respondi que sim. “Se tem alguém a quem você fez alguma coisa errada, vá pedir desculpas. Há alguém assim?” “Ninguém”, respondi. “Então, adeus!”, disse meu pai com a voz

comovida, dando uma derradeira olhada para a escola. E minha mãe repetiu:
“Adeus!”. E eu me calei.

POSFÁCIO

O PEQUENO VIGIA E O BONDE PUXADO A CAVALO

ANTONIO FAETI

Depois das irônicas invectivas contra *Coração*, de Edmondo De Amicis, disparadas por Benedetto Croce e por Umberto Eco, criou-se em torno deste livro uma atmosfera incerta e absurda. Com frequência, isso impediu a leitura ou a releitura do texto com uma atenção filológica digna da sua importância tão relevante e inegável.

Sobre dois opositores severos e poderosos quase não se escreveu: a Igreja Católica e o Fascismo sempre trataram *Coração* como inimigo, combatendo-o de maneira dura e, ao mesmo tempo, traiçoeira e silenciosa. Para as instituições pedagógicas inspiradas pelo Vaticano, De Amicis sempre foi um adversário porque, na crônica detalhada de um longo ano escolar, não há nenhuma alusão a Deus, nada de catecismo, nem de calendário religioso.

E Mussolini, lembrando-se de sua fervorosa militância socialista e dos anos em que havia sido professor primário – aparentemente sem criticar De Amicis e sua obra –, delegou ao jornalista do diário *Il Popolo d'Italia* Roberto Forges Davanzati escrever o livro escolar mais nitidamente fascista. *Balilla Vittorio* (1930) logo se afirmou, página por página, adversário imediato de *Coração*.

A mais culta e inteligente das amantes de Mussolini, a escritora Margheritta Sarfatti (judia obrigada a refugiar-se na Argentina após a promulgação das leis raciais de 1938), na primeira biografia do ditador, *Dux* (1926), explica que o chefe do fascismo havia gostado muito de *Os miseráveis* (1862), de Victor Hugo, mas depois abandonou o livro em busca de novas propostas e novas ideias.

Em todas as seções socialistas, *Coração* e *Os miseráveis* eram reunidos na mesma prateleira. Tal proximidade dos livros resulta de uma interpretação.

Sobre ela seria necessário debruçar-se mais a fundo, pois enquanto Jean Valjean salva Cosette das humilhações de seus torturadores, desenha em simultâneo um possível “conto mensal”.

Se Mussolini entendera bem que precisava combater um livro escolar com outro livro escolar, muitos dos irônicos adversários de *Coração* deamicisiano jamais quiseram partir de uma incontornável premissa: trata-se, com efeito, de um “livro escolar”, que, enquanto tal, possui uma identidade, deve obedecer a determinadas regras e seguir uma ordem reiterada. Em sentido estrito, não pertence a uma história genérica da literatura juvenil, mas está absolutamente inserido num conjunto do qual fazem parte: *Giannetto* (1837), de Luigi Alessandro Parravicini; *Giannettino* (1877), de Carlo Collodi; *Memorie di un pulcino* [Memória de um pintinho, 1875], de Ida Baccini e vários outros textos bastante similares.

O gênio e a habilidade técnica de Edmondo De Amicis levaram-no a estudar, a confrontar e avaliar de maneira franca aquilo que se pode chamar de “funcionamento” do indispensável subsídio ou instrumento didático que estava a ponto de criar. Além disso, adota um curioso e sintomático procedimento criativo: nos meses em que escreveu *Coração*, também redigiu *Il romanzo di un maestro* [O romance de um professor, 1890], com o propósito evidente de transitar de uma trama à outra, baseando-se numa intenção carregada de vários pressupostos. O autor conheceu a escola muito bem e, enquanto socialista, julgava com extrema severidade a conduta de governos que, durante vinte e cinco anos – ou seja, desde a unificação da Itália –, tinham abandonado a escola às cobiças obscenas dos pequenos políticos locais: prefeitos, secretários, funcionários ávidos e ignorantes. Com seu *Coração*, desejava lançar um desafio duro contra um sistema corrupto, em que professoras corajosas se veem sexualmente assediadas por um desprezível secretário municipal: é o triste e famoso caso de Italia Donati, cujo suicídio provocará um debate do qual participará, inclusive, o professor socialista Cesare Lombroso, defensor da memória desta jovem induzida a matar-se para não ceder à prepotência.

Além do mais, De Amicis não combate apenas os imundos chantagistas locais. Estava, como tantos italianos de sua geração, muito amargurado,

desiludido e triste com o fim do sonho que iluminara seus vinte anos. Ele havia lutado em Custoza, encontrava-se, exatamente como mostram as cenas do filme *Sedução da carne* (1954), obra-prima de Luchino Visconti, no âmago da perda de quaisquer referências, o que pode acontecer durante uma batalha sangüinária.

E, em seu primeiro livro, *I bozzetti della vita militare* [Esboço da vida militar, 1868], desejou prestar uma homenagem vibrante ao “seu” exército, ao Exército Italiano, capaz de derrotar as poderosas forças imperiais em San Martino e também contra o cólera, em Nápoles, onde a terrível doença matava mais que os hulanos austríacos.

Um grande escritor como Giorgio Manganelli ironicamente repreendeu De Amicis por essa sua vocação tanatológica. Mas, entre guerras, doenças, fome, miséria, tinha visto tantos mortos a ponto de sentir-se obrigado a manifestar-se.

E um traço de fato inconfundivelmente seu era aquele que o induzia a experimentar em primeira pessoa, viver as situações com dedicação desesperada antes de narrá-las, justamente para poder narrar. Decidido a descrever a espantosa tragédia da emigração italiana, faz uma viagem pelos portos, acompanha pessoalmente o sofrimento de quem parte, imerso no escuro e na imundície, sem perder a esperança.

Quem ri de *Coração*, talvez se esqueça que “Dos Apeninos aos Andes”, o famoso conto mensal, explode da voz vivaz de todos aqueles que lhe relataram sofrimentos, medos, desânimos, chantagens, vergonhas.

Existe um esplêndido poema sobre a emigração, de Giovanni Pascoli, *Italy*, que deveria ser sempre justaposto a *Sull'Oceano* [No oceano, 1889], de De Amicis, para captar o sentido abrangente de uma dimensão imaginativa e de um estilo narrativo. Depois do *Pulcino*, de Baccini, e do *Minuzzolo* (1877), de Collodi, em *Coração* vai se encontrar não mais animaizinhos metafóricos e conhecedores da grande tradição de Esopo ou os moleques incontroláveis das praças florentinas, mas sim os pequenos pedreiros, os filhos dos marceneiros, garotos obrigados a ficar na loja quando deveriam estar indo à escola.

Porém, é preciso sublinhar que De Amicis não é um “realista” e tampouco um “naturalista”, mesmo quando relata, em *Primo Maggio* [Primeiro de Maio, 1980] ou no ensaio *Lotte civili* [Lutas civis, 1901], o contraste duríssimo que, na Itália recém-unificada, opõe operários a patrões. Ele não é um seguidor de Zola e sequer absorve a lição de Giovanni Verga. Possui um modo próprio de contar em que a obra lírica e até o cinema, nos últimos escritos, desempenham papel fundamental.

O autor executa, neste sentido, uma experimentação, o que explica qual seria sua “poética”. Quando, também em Turim, começam a circular bondes puxados por cavalos, viaja durante um ano inteiro com seu caderno e anota para depois escrever *La carrozza di tutti* [A carroça de todos, 1899], um livro cujas histórias de vida nascem de uma observação aguda, uma hora depois da outra. Aliás, neste sentido, ele se junta ao grande movimento literário da *Scapigliatura*, unindo-se aos escritores lombardos precursores do expressionismo, mais do que aos herdeiros do romantismo.

Um indício a ser considerado com muita atenção é constituído pela visita a Jules Verne. Do criador de Michel Strogoff, de Matias Sandorf, de Keraban, o teimoso, de Nemo, de Miss Branican, quer conhecer o funcionamento de um engenho narrativo prodigioso. E reporta com orgulhosa fidelidade o conteúdo daquele diálogo tão imprevisível (e tão pouco conhecido...).

Porque, na relação entre o narrador agudo e nítido de *Alle porte d'Italia* [Nas portas da Itália, 1884] e o irônico aventureiro de *A jangada* (1881) ou de *O soberbo Orenoco* (1897), existem indícios para entender quem descreveu e fez funcionar o “pequeno vigia lombardo”. Em 1886, apenas vinte anos depois de Custoza, de Lissa, de Castelfidardo (feito militar decisivo de 1860), havia memórias muito parecidas com aquelas que se encontravam nas obras-primas de John Ford, em que se alude à guerra civil, não havia muita certeza se, de fato, valia a pena lembrá-las. Tinha gente demais se identificando nas esplêndidas nostalgias em versos de Guido Gozzano, dedicadas a quem “não tinha participado”. Contudo, não faltavam os “nostálgicos”, prontos a esquecer as torturas praticadas contra nossos patriotas pelos horrendos carcereiros austríacos, para lamentar a eficácia

administrativa dos funcionários de Francesco Giuseppe.^{1} Havia até mesmo quem sentisse saudade da administração do Papa, cujo expoente liberal inglês, William Gladstone (1809-98), havia examinado bem para poder defini-la como digna apenas dos círculos infernais.

Deste traçoeiro e pérfido jogo, o lutador de Custoza não participa. Sabe perfeitamente bem ao que se lança, em 1886, ao publicar um “livro de texto” a ser usado nas escolas, um livro que terá de confrontar os diabinhos da Condessa de Ségur, as mulherzinhas, Remigio^{2} passeando pela França sem o constrangimento de uma família, o pequeno Lorde, Alice e o capitão de quinze anos de seu ídolo francês.^{3}

Edmondo, tão fascinado por ser definido “o belo oficial”, mesmo tendo se aposentado há tempos, escreveu um tratado sobre o uso da língua italiana que se intitula *L'idioma gentile* [O idioma amigo, 1905]. Assim, pôde criar também um pequeno vigia, um garoto que, morto, jaz enrolado na bandeira tricolor, enquanto os soldados que passam – os heróis das alturas de San Martino –, o cobrem de flores e de medalhas de honra ao mérito.

Ele sabe que criou um ícone, sabe que terá de acertar as contas com o menino morto por uma fuzilaria austríaca, enquanto fazia seu turno de guarda, em cima de uma árvore, como os soldados de verdade.

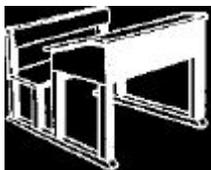
Irmão ideal do “pequeno (tocador de) tambor sardo”, o garoto lombardo também é irmão daquele “garoto da Calábria”, que o professor da Escola Baretta acolhe fazendo refletir os seus alunos, os protagonistas de *Coração*.

Quem ofende o jovem calabrês, diz o professor, ofende a todos os mártires do *Risorgimento*, ofende a Ciro Menotti e a Amatore Sciesa, os Irmãos Bandiera e Carlo Pisacane.

Benedetto Croce definiu De Amicis “Edmondo dos langores”, acusando-o de provocar lágrimas a qualquer custo.

Morava em Nápoles, dom Benedetto, naquela mesma Nápoles da qual o povo rebelado expulsou os nazistas, nos famosos “quatro dias”. E o herói mais brilhante da sublevação foi um menino, Gennaro Cagnozzo. Morreu

lutando contra a poderosa máquina de guerra criada por Hitler, porém, não encontrou um Edmondo capaz de relatar sua luta.



BIOBIBLIOGRAFIA

FICÇÃO

I bozzetti della vita militare (1868)
Novelle (1872)
Poesie (1880)
Gli Amici (1882)
Cuore (1886)
Sull'Oceano (1889)
Il romanzo di um maestro (1890)
Amore e ginnastica (1892)
Fra scuola e casa (1892)
La maestrina degli operai (1895)
Nel giardino della follia (1902)
Nel regno del Cervino (1906)
Nel regno dell'amore (1907)
Nuovi racconti e bozzetti (1908, póstumo)
Cinematografo cerebrale (1909, póstumo)
Primo Maggio (1980, póstumo)

LITERATURA DE VIAGEM

Ricordi del 1870-71 (1872)
Spagna (1872)
Olanda (1874)
Ricordi di Londra (1874)
Marocco (1876)
Constantinopoli (1879)

Ricordi di Parigi (1879)
Alle porte d'Italia (1884)
La lettera anonima (1896)
Le tre capitali: Torino-Firenze-Roma (1898)
La carrozza di tutti (1899)
Ricordi d'un viaggio in Sicilia (1908)

ENSAIOS

Pagine sparse (1877)
Ritratti letterari (1881)
Il vino (1890)
Questione sociale (1894)
Ai ragazzi, discorsi (1895)
Gli Azzurri e i Rossi (1897)
Speranze e glorie (1900)
Lotte civili (1901)
Capo d'anno (1902)
L'idioma gentile (1905)
Pagine allegre (1906)
Nuovi ritratti letterari e artistici (1908, póstumo)

MEMÓRIAS

Memorie (1900)
Ricordi d'infanzia e di scuola (1901)

TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES

outras obras do autor no Brasil

A Holanda, trad. Ferreira Martins. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.
Marrocos, trad. Manuel Pinheiro Chagas. São Paulo: Clube do Livro, 1947.
“O pequeno vigia lombardo”, in Diaulas Riedel (org.), *Maravilhas do conto italiano*, trad. Teophilo Booker Washington. São Paulo: Cultrix, 1959.

CORAÇÃO EM OUTROS IDIOMAS

edições disponíveis

Cuore: The Heart of a Boy, trad. Desmond Hartley. Londres: Peter Owen, 2005.
Le Livre Coeur, trad. Piero Caracciolo, Marielle Macé, Lucie Marignac e Gilles Pécout. Com ensaio de Umberto Eco. Notas e posfácio Gilles Pécout.
Paris: Éditions Rue d’Ulm, 2001.
Corazón, trad. Esther Benitez Eiroa. Madrid: Alianza, 2000.
Herz, trad. Elisabeth Schoop-Naef. Zurique: Artemis-Verlag, 1948.

ESTUDOS, ENSAIOS E CRÍTICAS

“Edmundo De Amicis”, in *Enciclopédia Brasileira Mérito*. São Paulo: Mérito, 1959, v. I, p. 591.

BASTOS, Maria Helena Camara. “Leituras de formação: *Coração*, de Edmundo De Amicis (1886)”. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Apresentado no I Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial (FCRB – UFF/PPGCOM/LIHED), 2004.

BOERO, Pino & Carmine DE LUCA. “Edmondo De Amicis: Storia di un cuore”, in *La letteratura per l’infanzia*. Bari: Laterza, 1995, pp. 57-64.

BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: Paragrafi eterodossi*. Modena: Mucchi, 1992.

CALVINO, Italo. “Nota introdutiva” a Edmondo De Amicis, *Amore e ginnastica*. Turim: Einaudi, 1971.

CAMBI, Franco. *Collodi, De Amicis, Rodari: Tre immagini d’infanzia*. Bari: Edizioni Dédalo, 1986.

- CAMPOS, Paulo Mendes. “Primeiras leituras”, in Marisa Lajolo & Regina Zilberman, *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- ECO, Umberto. “Elogio di Franti”, in Edmondo de Amicis, *Cuore: Libro per ragazzi*. Milão: Einaudi, 1992.
- FAETI, Antonio. “Um negócio obscuro: Escola e romance na Itália”, in Franco Moretti (org.), *O Romance, 1: A cultura do romance [2001]*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MORETTI, Franco. “Jardim-de-infância”, in *Signos e estilos da modernidade [1987]*, trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- PFROMM NETTO, Samuel et al. “Coração, de Edmundo de Amicis”, in *O Livro na Educação*. Rio de Janeiro: Primor/ MEC, 1974.
- POMPÊIA, Raul. “Lembranças da Semana”. *Jornal do Commercio*, 28 set. 1891. / In *Obras*, vol. IX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- SPREGELBURD, Roberta Paula. “De los Apeninos a los Andes: Las lecturas de Corazón en la escuela argentina”, in Héctor Rubén Cucuzza & Pablo Pineau (orgs.), *Para una história de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina: Del catecismo colonial a la razón de mi vida*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002, pp. 228-251.
- SQUAROTTI, Giorgio Barberi (org.). *Literatura italiana: Linhas, problemas, autores*. São Paulo: Edusp/ Nova Stella/ Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.
- TAMBURINI, Luciano. “Cuore riletto”, in Edmondo de Amicis, *Cuore: Libro per ragazzi*. Milão: Einaudi, 1992.
- VERÍSSIMO, José. “Um estudo sobre De Amicis”, in Edmundo De Amicis, *Coração: Diário de um menino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1894.

BIOGRAFIAS

- BROVEDANI, Jacques-Humbert. *Ed. de Amicis: l’homme et l’œuvre*. Rennes: Francis Simon, 1910.

CESANA, Walter. *Edmondo De Amicis negli anni cuneesi (1848-1862)*. Turim: Nerosubianco, 2008.

CINEMA E TELEVISÃO

Desde 1911, quando Umberto Paradisi filmou um curtametragem baseado no conto mensal “O tocador de tambor sardo”, *Corazón* teve mais de vinte adaptações para cinema e televisão, de diversas nacionalidades.

1939 *Corazón de niño* primeira adaptação latina para o cinema, dirigida pelos mexicanos Alejandro e Marco Aurelio Galindo.

1947 *Corazón* (Argentina), dirigido por Carlos Borcosque.

1948 primeira versão integral italiana do filme: *Cuore*, dos diretores Duilio Coletti e Vittorio De Sica.

1952 adaptação de “O tocador de tambor sardo”, dentro de *Altri tempi*, de Alessandro Blasetti.

1959 *Dagli Appennini alle Ande*, dirigido pelo italiano Folco Quilici.

1976 *Marco, dos Apeninos aos Andes*, desenho do japonês Isao Takahata.

1984 outra grande produção italiana de *Cuore*, das mãos de Luigi Comencini, é a mais recente para a televisão.

- 1 No livro, a primeira série corresponde a alunos com idade de seis e sete anos; segunda série de oito e nove; terceira série de dez e onze e assim por diante. [Todas as notas numeradas são do editor.]
- 2 O ano letivo na Itália começa no segundo semestre, em setembro ou outubro.
- 3 Reggio di Calabria é uma comuna – equivalente ao nosso “município” – localizada ao sul da Itália. Uma das cidades mais antigas do país (2 700 anos), guarda esculturas do período grego, o que lhe rendeu o apelido de “cidade do bronze”. Em agosto de 1860, Giuseppe Garibaldi e seu regimento resgataram a comuna de Napoleão Bonaparte na famosa Battaglia di Piazza Duomo (Batalha da praça Duomo). Neste discurso, o professor evoca o *Risorgimento*, movimento pró-unificação italiana, que ocorreu em dois períodos, 1848-49 e 1859-60, e culminou com a formação do Reino da Itália.
- 4 Referência à tomada de Veneza dos austríacos, já no final da campanha de unificação, pelo príncipe Umberto com apenas 22 anos, que viria a ser rei.
- 5 Aleijado, braço encurtado junto ao corpo.
- 6 Por iniciativa própria, alguns professores usavam o dia livre (quinta-feira) para passeios educativos com os alunos.
- 7 Esta praça foi construída durante a ocupação napoleônica onde antes ficavam os jardins do palácio real. Ao final da ocupação, o palácio começou a ser restaurado, mas o jardim continuou perdido, restando apenas alguns desenhos da planta original.
- 8 A praça Veneza não existe mais na cidade de Turim, devido a reformas urbanas.
- 9 Bandeira tricolor (verde, branca e vermelha), que será citada várias vezes ao longo do livro.
- 10 Guerra da Crimeia (1853-56): a coligação composta pelo Reino Unido, França, Império Turco-Otomano e o Piemonte-Sardenha (Itália) investiu contra o Império Russo para impedir sua expansão. As principais batalhas se deram na península da Crimeia, atual sul da Ucrânia. A cor

azul, que será citada outras vezes, remete à Casa de Savoia, que reinou na Itália de 1861 (pós-unificação) a 1946 (proclamação da República).

- 11 As duas batalhas aconteceram simultaneamente, em 24 de junho de 1859, com grandes baixas para ambos os lados. A de Solferino foi o principal confronto que marcou a segunda fase do Risorgimento. Franceses liderados por Napoleão III se uniram aos piemontes-sardenhos para expulsar os austríacos.
- 12 A farda austríaca era branca.
- 13 A primeira neve é usada aqui como atributo exuberante do inverno para explicitar aos meninos um sermão moral.
- 14 *Rigoletto* é uma ópera composta por Giuseppe Verdi, inspirada na obra de Vitor Hugo, *Le Roi s'amuse* [O rei se diverte]. A peça original fazia uma citação direta e sarcástica ao rei Francis I e foi censurada pela Áustria – que dominava a região, tanto quanto a Piemonte. Para ter a peça liberada, Verdi foi obrigado a modificá-la, transferindo o enredo para alguma família italiana. E assim surgiu *Rigoletto*, que guarda uma raiz francesa no nome, advinda de “rigolo”, que quer dizer engraçado. O personagem que leva o nome da ópera é um bufão que explicita de maneira irônica os defeitos do rei.
- 15 *Manicotto*, no original.
- 16 Formação em quadrado é uma estratégia de guerra citada por Nicolau Maquiavel em *A arte da guerra* e usada por muitos estadistas, como Napoleão Bonaparte. Este termo será repetido várias vezes ao longo do romance.
- 17 *Vibrato*: termo musical que designa um efeito vocálico oscilante da nota.
- 18 Pronta para ser usada.
- 19 Papel usado para tirar o excesso da escrita da caneta-tinteiro.
- 20 “Papai”, em dialeto napolitano. Ainda neste capítulo e também no conto mensal *Sangue romanholo* (“Março”), optou-se por deixar *mamma* (mamãe) e *nonna* (vovó) em italiano, como demonstração de afeto entre os personagens.

- 21 Doença de pele caracterizada por erupções vermelhas, inflamações e inchaço, que deformam o rosto, deixando a pessoa praticamente irreconhecível.
- 22 Real Museu Industrial de Turim, escola designada para a capacitação de operários, se tornou uma referência em curso de engenharia eletrotécnica (1886). Em 1905, juntou-se à Escola Politécnica de Turim.
- 23 Na época, a iluminação pública era a gás e a das casas à base de lampiões, acesos com fósforos.
- 24 Antiga fábrica de uniformes, foi transformada em hospedaria militar no início do século XIX, e, em seguida, num reformatório feminino. Apenas em 1845 virou casa correcional de menores.
- 25 Lugar no teatro entre o palco e a plateia.
- 26 As cores da bandeira italiana são verde, branco e vermelho, significando esperança, fé e caridade, respectivamente. O branco e o vermelho, citados nessa passagem, advêm do emblema da comuna de Milão. O verde era a cor do uniforme da guarda milanesa.
- 27 Hoje, Forlì-Cesena, ao norte da Itália.
- 28 Camilli Bensi de Cavour (1810-61), cidadão de Turim, foi primeiro-ministro da Itália em 1861. É considerado, junto a Mazzini e Garibaldi, um dos responsáveis pela unificação da Itália.

Em 1963, foi aberto um concurso para escolher o melhor projeto para o monumento. Dentre os 124 inscritos, foi escolhido o do Napolitano A. Cippolla. O conselho revogou a decisão e deu ao florentino G.B. Dupré a execução do monumento, inaugurado em 1873, polêmico, até hoje, por sua concepção clássica.
- 29 A visita do rei Umberto e da rainha Margherita a Turim, na verdade, aconteceu no dia 9 de novembro.
- 30 Do turco *uhlan*, cavalaria armada com lanças dos exércitos mongol e tártaro, no século XIII. Posteriormente, outros exércitos, como o polonês, o alemão, o russo e o austríaco, incorporaram esse tipo de tropa.
- 31 “Senhora,” em dialeto piemontês.

- 32 Emblema bordado nos uniformes militares que designa a patente daquele oficial.
- 33 Assim eram chamados os imigrantes italianos pelos argentinos. Neste capítulo, há a presença de muitos termos em espanhol que, por serem próximos ao português ou pelo contexto autoexplicativo, não se sentiu necessidade de nota.
- 34 Pietro Micca (1677-1706): soldado piemontês que usou de astúcia para afugentar os franceses durante um ataque a Turim, em 1706. As tropas francesas avançavam nas minas abertas embaixo da cidade e chegariam ao coração de Turim se Pietro Micca não tivesse explodido a saída com barris de pólvora. O soldado morreu em decorrência dos ferimentos e é lembrado, até hoje, como um mártir da resistência italiana. No romance, a frase original em italiano faz uma brincadeira com o nome do soldado e *miccia*, “mecha”: “Allora Pietro Micca con la miccia accesa [...]”.
- 35 “Marengo” e “luís” são denominações para a moeda de ouro ou prata com a efígie de Napoleão, criada em 1640.
- 36 Casa de Bourbon, família real europeia, desde o século XVI. Da linhagem espanhola, surgiu o reino das Duas Sicílias. O episódio referido na carta faz parte da anexação das Duas Sicílias ao Reino da Itália.
- 37 Era costume as crianças beberem vinho durante as refeições.
- 38 Assim como utilizamos a folha de bananeira para embrulhar e servir alimentos, na Itália é prática até hoje usarem as folhas de abóbora para a mesma finalidade.

POSFÁCIO

1 Francesco Giuseppe I d'Austria (1830-1916), nascido Franz Joseph, foi imperador da Áustria (1848-1916), rei da Hungria (1867-1916) e também rei da Lombardia.

2 Remigio (439-535), advindo de uma família nobre, foi um bispo empenhado na conversão dos franceses ao catolicismo, em pleno período de unificação política e social do reino. Foi ele quem converteu o então rei Franco Clovis, contribuindo para que o catolicismo se tornasse a religião oficial da recém-unificada França. Ao falecer, o bispo tornou-se santo, São Remigio.

3 Referência aos romances de Frances Hodgson Burnett, *O Pequeno Lorde* (1885-86), de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* (1865), e de Jules Verne, *Um capitão de quinze anos* (1878), respectivamente.

© Cosac Naify, 2013

Coordenação editorial AUGUSTO MASSI e ISABEL LOPES COELHO

Preparação LAURA RIVAS GAGLIARDI

Projeto gráfico original PAULO ANDRÉ CHAGAS

Revisão RAUL DREWNICK e ANA PAULA MARTINI

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Cuore, libro per ragazzi [1886]

A cura di Luciano Tamburini. Turim: Einaudi, 2001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amicis, Edmondo De [1846-1908]

Coração: Um livro para jovens: Edmondo De Amicis

Título original: *Cuore: libro per ragazzi*

Tradução: Nilson Moulin

Ilustrações: Serrote

São Paulo: Cosac Naify, 2013

ISBN 978-85-405-0421-9

I. Ficção italiana I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura italiana 853

COSAC NAIFY

Rua General Jardim, 770, 2º. andar

01223-010 São Paulo SP

[55 11] 3218 1444

cosacnaify.com.br

Atendimento ao professor [55 11] 3218 1473

FONTE Quadraat e Neutraface
PRODUÇÃO DIGITAL EquireTech



Capa

OUTUBRO

O primeiro dia de aula
O nosso professor
Uma desgraça
O garoto calabrês
Meus companheiros
Um episódio de generosidade
Minha professora da primeira série
Num sótão
A escola
O PEQUENO PATRIOTA DE PÁDUA
O limpador de chaminés
O Dia de Finados

NOVEMBRO

Meu amigo Garrone
O carvoeiro e o senhor
A professora de meu irmão
Minha mãe
Meu companheiro Coretti
O diretor
Os soldados
O protetor de Nelli
O primeiro da turma
O PEQUENO VIGIA LOMBARDO

Os pobres

DEZEMBRO

O traficante

Vaidade

A primeira neve

Tijolinho

Uma bola de neve

As professoras

Na casa do ferido

O PEQUENO ESCRITOR FLORENTINO

Força de vontade

Gratidão

JANEIRO

O professor substitute

A biblioteca de Stardi

O filho do ferreiro

Uma bela visita

Os funerais de Vittorio Emanuele

Franti, expulso da escola

O TOCADOR DE TAMBOR SARDO

Amor pela pátria

Inveja

A mãe de Franti

Esperança

FEVEREIRO

Uma medalha merecida
Bons motivos
Locomotiva
Soberba
Os feridos no trabalho
O prisioneiro
O ENFERMEIRO DE TATA
A oficina
O palhacinho
O último dia de carnaval
Os garotos cegos
O professor doente
A rua

MARÇO

As escolas noturnas
A luta
Os pais dos garotos
O número 78
Um pequeno morto
A véspera de 14 de março
A distribuição dos prêmios
Briga
Minha irmã
SANGUE ROMANHOLO
Tijolino moribundo
O conde Cavour

ABRIL

Primavera

Rei Umberto

O orfanato

Na ginástica

O professor de meu pai

Convalescença

Os amigos operários

A mãe de Garrone

Giuseppe Mazzini

MÉRITO CIVIL

MAIO

As crianças paralíticas

Sacrifício

O incêndio

DOS APENINOS AOS ANDES

Verão

Poesia

A surda-muda

JUNHO

Garibaldi

O exército

Itália

32 graus

Meu pai

No campo

A distribuição de prêmios para os operários

Minha professora morta

Obrigado!

NAUFRÁGIO

JULHO

A última página de minha mãe

As provas

A prova final

Adeus

POSFÁCIO: O pequeno vigia e o bonde puxado a cavalo, por Antonio Faeti

BIOBIBLIOGRAFIA

Notas

Créditos

Redes sociais